

Corpo de Delito

Patricia Daniels Cornwell

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O SEGUNDO VOLUME DA SÉRIE SCARPETTA

PATRICIA
CORNWELL



CORPO DE DELITO

PATRICIA
CORNWELL

CORPO DE DELITO

Tradução
CELSO NOGUEIRA



Para Ed, agente e amigo especial

Prólogo

13 de agosto

key west

Para M,

Passaram-se trinta dias, entre matizes de cores ensolaradas e mudanças de vento.

Penso demais, e não sonho.

Dedico a maioria das tardes a escrever no terraço do Louie's, olhando para o mar.

A água, estampada de verde-esmeralda nas restingas, azul no fundo.
O céu não

termina nunca, as nuvens movem-se brancas, sempre, como fumaça.
Uma brisa

constante atenua os ruídos dos banhistas e veleiros que ancoram para lá dos recifes.

O amplo telhado do terraço permite que eu fique à mesa, no fim da tarde, quando

costuma cair uma pancada súbita, sentindo o cheiro da chuva e vendo a água se

arrepiar como pelo alisado ao contrário. Chega a fazer sol e chuva, ao mesmo

tempo.

Ninguém me incomoda. Já pertenço à família do restaurante, como Zulu, o

labrador preto que corre espalhando água, atrás de Frisbees, e os gatos vadios que

se aproximam silenciosamente, para aguardar quem lhes sirvam as sobras. O vigia

de quatro patas do Louie's alimenta-se melhor que qualquer ser humano. Conforta-

me ver o mundo a tratar suas criaturas com gentileza. Não posso reclamar dos dias.

É das noites que tenho medo.

Quando meus pensamentos rastejam de volta para os vãos sombrios e espalham

suas teias terríveis, eu me perco nas ruas da Cidade Velha, atraída pelos bares

barulhentos como uma mariposa pela luz. Walt e pj sofisticaram meus hábitos

noturnos, até fazer deles uma arte. Walt volta para a pensão primeiro, ao anoitecer,

pois as vendas das joias em prata cessam depois que escurece, em Mallory Square.

Abrimos as garrafas de cerveja e aguardamos a chegada de pj. Depois saímos,

vamos de bar em bar, em geral terminando a noite no Sloppy Joe's. Estamos nos

tornando inseparáveis. Espero que os dois permaneçam inseparáveis, para sempre.

Seu amor não me espanta mais. Nada me espanta mais, fora a morte que vislumbro.

Homens emaciados e abatidos, olhos como se fossem janelas, pelas quais enxergo

almas atormentadas. A Aids é um holocausto, a consumir os atrativos desta pequena

ilha. Estranho que eu me sinta em casa, com os excluídos e moribundos. Talvez viva

menos que todos. Quando passo a noite em claro, escutando o zumbido da ventoinha

da janela, as imagens de como tudo acontecerá me assombram.

Sempre que ouço o telefone tocar, eu me lembro. Sempre que ouço alguém

conversando atrás de mim, eu me viro. De noite, verifico o closet, olho

atrás da

cortina e debaixo da cama. Depois escoro a porta com uma cadeira.

Meu Deus, não quero ir para casa.

Beryl

30 de setembro

key west

Para M,

Ontem, no Louie's, Brent surgiu no terraço, dizendo que o telefonema era para

mim. Meu coração disparou quando entrei, mas só havia ruídos de ligação

interurbana, e a linha caiu.

Imagina como fiquei! Tento me convencer de que ando paranoica demais. Ele teria

dito algo, para se deleitar com meu medo. Impossível que saiba onde estou,

impossível ter me localizado aqui. Um dos garçons chama-se Stu. Brigou

recentemente com um amigo, no norte, e mudou-se para cá. Talvez fosse o amigo no

telefone, e a ligação estivesse ruim. Pode ter perguntado por "Stu", e não por

"Straw", e quando atendi a linha caiu.

Gostaria de nunca ter revelado meu apelido a ninguém. Sou Beryl. Sou Straw.

Estou com medo.

O livro não está pronto. Meu dinheiro praticamente acabou, e o tempo piorou.

Venta ferozmente nesta manhã escura. Permaneci no quarto; se tentasse trabalhar no

Louie's, o vento levaria as folhas de papel para o mar. As luzes da rua piscaram. As

palmeiras lutam contra o vento, as folhas viradas como guarda-chuvas do avesso. O

mundo ruge, para lá da minha janela, como um animal ferido. E, quando a chuva bate

no vidro, parece que um exército escuro marcha contra Key West, para sitiá-la

cidade.

Devo partir em breve. Sentirei saudades da ilha. Sentirei saudades de você e de

Walt. Com eles sinto-me segura, protegida. Não sei o que vou fazer quando voltar a

Richmond. Talvez seja melhor mudar depressa, embora não saiba para onde ir.

Beryl

1

Depois de colocar as cartas de Key West de volta em seu envelope pardo, apanhei

um pacote de luvas cirúrgicas, guardei-as na mala preta, e tomei o elevador para

descer um andar, até o necrotério.

O piso frio do corredor fora esfregado, estava úmido; a sala de autópsia trancada,

inativa no momento. Na diagonal do elevador encontrava-se a geladeira de aço

inoxidável, e, ao abrir a porta maciça, fui recebida pelo sopro gelado de ar

nauseabundo, tão familiar. Localizei o cadáver sem me preocupar com a etiqueta de

identificação. Reconheci o pé miúdo que saía para fora do lençol branco. Já

conhecia cada centímetro do corpo de Beryl Madison.

Olhos azuis embaçados me contemplavam inertes, pelas pálpebras entreabertas. O

rosto frouxo exibia cortes pálidos, em sua maioria no lado esquerdo. No pescoço,

aberto até a espinha, viam-se os músculos rompidos que antes o sustentavam.

Próximos uns aos outros, do lado esquerdo do peito, contei nove ferimentos a faca,

furos similares a botões vermelhos, quase perfeitamente verticais. Facadas

desferidas em rápida sequência, uma após a outra, com tamanha violência que o

cabo deixara marcas na pele. Os cortes no antebraço mediam entre um e doze

centímetros de comprimento. Contando as duas facadas nas costas, e excluindo as

perfurações no peito e a garganta aberta, cheguei a um total de vinte e sete cortes,

todos eles infligidos quando a moça tentava desviar de uma lâmina larga, afiada.

Não precisaria de fotografias ou diagramas do corpo. Ao fechar os olhos, eu via o

rosto de Beryl Madison. Recordava em detalhe a revoltante violência cometida

contra seu corpo. O pulmão esquerdo fora perfurado quatro vezes. As artérias

carótidas, praticamente seccionadas. Aorta, artéria pulmonar e pericárdio foram

atingidos. Ela já estava morta, para todos os efeitos, quando o maníaco praticamente

a decapitou.

Eu procurava algum sentido naquilo. Alguém a ameaçara de morte. Ela fugira

para Key West, aterrorizada até a alma. Não queria morrer. Na noite de seu retorno a

Richmond, fora assassinada.

Por que permitiu que ele entrasse em sua casa? Meu Deus, por quê?

Repondo o lençol, empurrei o corpo para o fundo da geladeira, junto com os

outros cadáveres. No dia seguinte, àquela hora, ela já teria sido cremada, e as

cinzas, enviadas para a Califórnia. Beryl Madison faria trinta e quatro anos no mês

seguinte. Não tinha ninguém no mundo, nenhum parente vivo, ao que constava.

Exceto uma meia-irmã em Fresno. A porta pesada se fechou.

O asfalto do estacionamento, nos fundos do escritório do médico-legista titular,

estava quente, reconfortante sob meus pés, e sentia o cheiro dos dormentes

creosotados da ferrovia vizinha, sob o sol forte atípico. Estávamos no final de

outubro, no dia das bruxas.

A porta dupla estava escancarada, um de meus assistentes do necrotério molhava

o concreto com uma mangueira. Brincalhão, ele desviou o jato em

minha direção, o

suficiente para que algumas gotas respingassem na canela.

“Ei, doutora Scarpetta, vai matar o serviço hoje?”, gritou.

Passava um pouco das quatro. Eu raramente saía antes das seis.

“Quer uma carona para algum lugar?”, acrescentou.

“Muito obrigada, já tenho transporte”, respondi.

Nasci em Miami. Conhecia a região onde Beryl se escondera durante o verão.

Quando fechei os olhos, vi as cores intensas de Key West. Verde, azul, crepúsculos

magníficos, só Deus mesmo para produzi-los. Beryl Madison não deveria ter voltado

para casa nunca.

Um ltd Crown Victoria zero-quilômetro, reluzente como se fosse de vidro preto,

entrou lentamente no estacionamento. Esperava o Plymouth capenga de sempre, e

leveei um susto quando o vidro da janela do Ford novinho deslizou, zumbindo. “Está

esperando o ônibus, por acaso?” O espelho escuro refletia minha expressão de

surpresa. O tenente Pete Marino tentou um ar *blasé*, quando a porta se abriu com um

estalo eletrônico.

“Estou impressionada”, falei, examinando o interior luxuoso.

“Fui promovido.” Ele acelerou um pouco. “Que tal?”

Depois de aturar calhambeques por muitos anos, Marino finalmente conseguira um

carrão.

Notei o orifício no painel, quando tirei um cigarro. “Andou usando a lâmpada de

leitura, ou apenas o barbeador elétrico?”

“Dei azar”, queixou-se. “Um malandro roubou o acendedor. No lava-rápido, sabe?”

Logo no primeiro dia em que saí com o carro, dá para acreditar? Fiquei furioso

porque a máquina entortou minha antena; dei uma bronca no encarregado...”

Às vezes, Marino agia como minha mãe.

“... e nem percebi que haviam roubado o acendedor, droga.” Ele parou, enfiando a

mão no bolso, enquanto eu revirava a bolsa, atrás de uma caixa de fósforos.

“Doutora, você não disse que ia parar de fumar?”, perguntou, irônico, ao passar o

isqueiro Bic.

“E vou mesmo”, resmunguei. “Amanhã.”

Na noite da morte de Beryl Madison eu havia saído para ver uma ópera pomposa,

e depois beber num pub inglês que extrapolava nos preços. Meu par, um juiz

aposentado, foi perdendo a pompa conforme exagerava na bebida. Não levei o pager.

Incapaz de me localizar, a polícia convocara Fielding, meu principal assistente, a

comparecer à cena do crime. Aquela seria minha primeira visita à casa da escritora

assassinada.

Windsor Farms não era bem o tipo de bairro em que se poderia esperar que

ocorresse um crime tão hediondo. Casas grandes, distantes da rua, exibiam gramados

impecáveis. Em sua maioria, contavam com alarme contra ladrões e ar-condicionado,

o que eliminava a necessidade de deixar a janela aberta. O dinheiro não comprava a

eternidade, mas garantia um certo nível de segurança. Não me recordava de um caso

anterior de homicídio em Farms.

“A moça tinha bastante dinheiro, obviamente”, comentei, quando Marino parou

num cruzamento.

Uma senhora de cabelos brancos conduzia um cão maltês pela coleira, e olhou

para nós quando o cachorro cheirou um tufo de grama, preparando-se para o

inevitável.

“Um monte de pelos inútil”, ele disse, encarando desdenhosamente a senhora e

seu cachorro, que retomavam o passeio. “Odeio esses bichos. Latem até dizer chega,

mijam em qualquer lugar. Se é para ter cachorro, que seja bravo, pelo menos.”

“Muitas pessoas só desejam companhia”, falei.

“É.” Ele fez uma pausa, e retomou o tema anterior. “Beryl Madison tinha dinheiro,

nasceu em berço de ouro. Pelo jeito, torrou boa parte das economias lá em Queer

West. Ainda não terminamos o levantamento da papelada que ela deixou.”

“Mas ela gastou tudo?”

“Pelo jeito, não”, ele respondeu. “Descobrimos que ganhava bem, como escritora

— era um sucesso. Usava vários pseudônimos. Adair Wilds, Emily Stratton, Edith

Montague.” Os reflexos escuros se viraram para mim, novamente.

Nenhum dos nomes soava familiar, exceto Stratton. “Seu nome do meio era

Stratton”, lembrei.

“Daí o apelido, Straw.”

“Isso e o cabelo louro”, * completei.

Beryl tinha cabelo loiro, cor de mel, com reflexos dourados sob o sol. Miúda, seus

traços eram bem delicados, refinados. Em vida, devia chamar atenção. Difícil dizer.

Eu só conhecia uma única foto dela, viva. A da carteira de motorista.

“Quando falei com a meia-irmã”, Marino explicou, “descobri que os amigos

chamavam Beryl de Straw. O destinatário de suas cartas de Keys conhecia o apelido,

tenho a impressão.” Ele ajustou o para-sol. “Não consigo imaginar um motivo para

que ela tenha xerocado as cartas. Puxa vida, conhece alguém que tire cópias da

correspondência pessoal que envia?”

“Você acaba de mostrar que a moça tinha mania de registrar tudo”, comentei.

“Isso mesmo. O que me intriga. Suponha que o maluco a tenha ameaçado por

vários meses. Como agia? O que dizia? Não sabemos, pois ela não gravou os

telefonemas, nem escreveu a respeito. A moça tira cópias das cartas pessoais, mas

não anota nada quando um sujeito ameaça matá-la. Não faz sentido, creio.”

“Nem todo mundo pensa como nós.”

“Bem, tem gente que nem *pensa*, quando se vê no meio de uma confusão, e não

quer que ninguém saiba do que se trata”, ele retrucou.

Embicando no acesso, ele estacionou em frente à porta da garagem. O mato

crescera muito, salpicado de hastes longas de dentes-de-leão, que balançavam com a

brisa. Um aviso de vende-se havia sido colocado em cima da caixa de correio. A fita

amarela, lacrando a porta da frente, ainda indicava que ali ocorrera um crime.

“O carro dela está na garagem”, Marino disse, ao descer. “Um Honda Accord ex

preto, novinho. Alguns detalhes do carro podem ser interessantes para você.”

Paramos no acesso, olhando em volta. Os raios oblíquos do sol aqueciam meus

ombros e minha nuca. No ar frio do outono, apenas o zumbido dos insetos rompia o

silêncio. Respirei fundo, lentamente. Senti-me, de repente, muito cansada.

A casa, em estilo moderno, exibia linhas retas de uma simplicidade

rigorosa.

Janelas grandes ocupando toda a fachada, deques de tábua no piso inferior que

lembravam um convés de navio. Construída em pedra e madeira escura, era o

projeto típico para agradar a um casal jovem de posses: cômodos amplos, pé-direito

alto, muito dinheiro gasto em espaços inúteis. A viela, Windham Drive, terminava

logo em seguida. Por isso ninguém viu nem ouviu nada, só quando já era tarde

demais. Carvalhos e pinheiros cercavam a casa, pelos lados, isolando a residência

de Beryl dos vizinhos. Nos fundos, o declive acentuado de um barranco pontilhado

de pedras grandes e arbustos terminava numa área de mata, que se estendia até onde

a vista alcançava.

“Puxa vida. Aposto que ali tem até cervo”, Marino disse, olhando para a floresta.

“Impressionante, né? A gente olha pela janela, num lugar desses, e acha que é o dono

do mundo. Já imaginou que lindo, quando neva? Eu adoraria morar num lugar assim.

Acender a lareira no inverno, pegar um gole de conhaque e olhar a paisagem pela

janela. Ser rico deve ser ótimo.”

“Principalmente quando a pessoa está viva para aproveitar.”

“De fato”, ele disse.

As folhas secas estalaram sob nossos pés, quando nos aproximamos da

casa pela

face oeste. A porta da frente, ao nível do deque, possuía visor tipo olho mágico, que

me fitava vazio. Marino jogou fora o cigarro, que descreveu um arco sobre a grama,

e enfiou a mão no bolso da calça azul-clara. O paletó desabotoado exibía a barriga

imensa, caída sobre o cinto, e a camisa aberta no peito enrugava-se em torno do

coldre.

Presa a uma etiqueta amarela, pois era uma das provas recolhidas, a chave para a

fechadura de segurança surgiu em suas mãos. Espantei-me com o tamanho delas.

Bronzeadas, rijas, mais pareciam luvas de beisebol. Jamais poderia ser dentista, ou

músico. Cinquentão, com cabelo grisalho ralo e rosto gasto como seus ternos, seu

porte ainda impressionava as pessoas. Policiais corpulentos como ele raramente se

envolvem em brigas. Os marginais olham, pensam duas vezes e metem o rabo entre

as pernas.

Paramos no retângulo de luz do vestíbulo, para calçar as luvas. A casa cheirava a

mofo e poeira, como costuma ocorrer com residências fechadas por muito tempo.

Embora a unidade de identificação do departamento de polícia de Richmond tivesse

examinado detalhadamente a cena do crime, nada estava fora de lugar. Marino

garantiu que o local estaria com a mesma aparência de dois dias atrás, quando

descobriram o corpo de Beryl.

“Como pode ver”, sua voz ecoou, “ela permitiu a entrada do elemento, com

certeza. Nenhum sinal de arrombamento; o alarme contra ladrões é de primeira, e não

disparou no momento da entrada do sujeito.” Apontando para o painel ao lado da

porta, acrescentou: “Agora está desativado. Mas funcionava perfeitamente, quando

chegamos. Fazia um barulho dos diabos, aliás foi por isso que a encontramos”.

Ele explicou, em seguida, que o homicídio fora descoberto em consequência de

um chamado por causa do alarme. Pouco depois das onze da noite, um dos vizinhos

de Beryl ligou para a polícia, avisando que o alarme já estava tocando havia meia

hora. Uma viatura que se encontrava nas proximidades compareceu ao local, e o

policial encontrou a porta aberta. Em poucos minutos pedia apoio pelo rádio, aos

berros.

Encontramos a sala de estar destruída, a mesa de centro tombada. Revistas, um

cinzeiro de cristal, algumas tigelas art déco e um vaso de flores se espalhavam sobre

o tapete oriental. Uma poltrona azul-clara de couro estava de cabeça para baixo. A

seu lado, uma almofada do sofá, da mesma cor. Na parede branca do

fundo, à

esquerda da porta que levava ao corredor, havia manchas escuras de sangue seco.

“O alarme possui retardador de tempo?”, perguntei.

“Claro. Quando se abre a porta, ele zumbe durante quinze segundos, permitindo

que a pessoa tecle o código antes que dispare a sirene.”

“Então ela deve ter aberto a porta, desativado o alarme, deixando que a pessoa

entrasse e depois ativado novamente o sistema, enquanto o visitante ainda estava

dentro da casa. Caso contrário, não teria disparado depois, quando ele saiu.

Interessante.”

“Claro”, Marino disse, “interessante pra cacete.”

Paramos na sala de estar, ao lado da mesa de café tombada, fosca de pó para

digitais. No chão havia revistas de circulação nacional e publicações sobre

literatura, tudo datado de vários meses.

“Encontrou jornais ou revistas recentes?”, perguntei. “Se ela comprou um jornal

local, isso pode ser importante. Vale a pena checar qualquer atitude posterior ao

desembarque.”

Percebi que seus músculos faciais se contraíam. Marino odiava quando imaginava

que eu pretendia ensiná-lo a fazer seu trabalho.

Ele disse: “Encontramos alguns, lá em cima, no quarto de dormir,

junto com a

mala e a pasta. Um *Herald*, de Miami, e o *Keynoter*, que traz basicamente anúncios

de imóveis em Keys. Acha que ela pensava em se mudar para lá? Os dois jornais

foram publicados na segunda-feira. Deve tê-los comprado no aeroporto, antes de

pegar o avião de volta para Richmond”.

“Gostaria muito de saber o que o corretor de imóveis dela tem a dizer...”

“Nada, o sujeito não tem nada a dizer”, ele interrompeu. “Nem fazia ideia de onde

Beryl poderia estar, e só mostrou a casa depois da partida da moça. Para um jovem

casal, que a considerou cara demais. Beryl queria trezentos mil pelo imóvel.” Ele

olhou em volta, o rosto impassível. “Aposto que dá para conseguir um desconto,

agora.”

“Beryl pegou um táxi no aeroporto, na noite em que chegou.”
Concentrei a

atenção nos detalhes.

Ele puxou um cigarro, com o qual apontou. “Encontramos o recibo ali, no

vestíbulo. Naquela mesinha perto da porta. Já interroguei o motorista do táxi; chama-

se Woodrow Hunnel. Uma besta quadrada. Disse que esperava passageiros na fila

do aeroporto. Ela fez sinal e entrou no carro, por volta das oito. Chovia a cântaros.

Deixou-a na porta da casa, cerca de quarenta minutos depois, e ela mesma carregou

a mala e a valise. Em seguida, o motorista foi embora. A corrida ficou em vinte e

seis dólares, incluindo a gorjeta. Em meia hora o sujeito voltou ao aeroporto, onde

pegou outro passageiro.”

“Tem certeza de tudo isso, ou está se fiando no que ele contou, apenas?”

“Certeza absoluta.” Ele bateu o cigarro no nó do dedo e girou o filtro com o

polegar e o indicador. “Checamos a história. Hunnel disse a verdade. Não tocou na

moça. Não teve tempo para tanto.”

Segui seus olhos até as marcas escuras perto da porta. O sangue provavelmente

manchara as roupas do assassino. Dificilmente um motorista de táxi sujo de sangue

conseguiria passageiros.

“Ela não passou muito tempo em casa”, falei. “Chegou por volta das nove, e o

vizinho deu parte às onze. O alarme tocou por meia hora. Quer dizer que o assassino

saiu daqui por volta das dez e meia.”

“É”, ele concordou. “Não consigo entender essa parte da história. A julgar pelas

cartas, ela estava se borrando de medo. Voltou para a cidade, trancou-se dentro de

casa, chegou a pôr o 38 em cima do balcão, na cozinha — vou lhe mostrar, quando

chegarmos lá. Depois, bumba! A campainha tocou? Só sabemos que, em seguida,

permitiu a entrada do tarado. Quando o sujeito estava dentro, ela acionou o alarme

de novo. Só pode ter sido alguém conhecido.”

“Eu não descartaria um estranho”, falei. “Se fosse um sujeito esperto, ela poderia

confiar nele, permitindo que entrasse, por algum motivo.”

“Tarde da noite?” Seus olhos se detiveram em mim, depois de examinar a sala.

“Acha que o cara vendia assinaturas de revistas ou chocolate, às dez da noite?”

Não respondi. Não sabia como.

Paramos na porta aberta, que dava para o corredor. “O sangue começou a correr

aqui”, Marino disse, olhando para as manchas escuras na parede. “Ele começou a

esfaqueá-la neste local. Calculo que a moça tenha corrido, e o sujeito a perseguiu,

golpeando-a com a faca.”

Recordei-me dos cortes no rosto, nas mãos e nos braços de Beryl.

“Meu palpite”, prosseguiu, “é que ele a atingiu no braço esquerdo, nas costas ou

no rosto, neste local. O sangue na parede espirrou da lâmina. Ele a cortou uma vez e,

quando ergueu a faca novamente, o sangue respingou na parede.”

As manchas elípticas tinham uma largura aproximada de seis milímetros,

adquirindo formato alongado na extremidade do arco, à esquerda do batente. Os

pingos de sangue descreviam uma curva de pelo menos três metros. O atacante

movera o braço com o ímpeto de um jogador de tênis. Senti a intensidade da

violência. Não se tratava apenas de raiva. Era algo muito pior. *Por que ela o deixou*

entrar?

“Tomando por base a localização desta mancha, creio que o maníaco encontrava-

se aqui”, Marino disse, postando-se a alguns metros da porta, ligeiramente à

esquerda. “Ergueu o braço para atacar outra vez, e o sangue da lâmina respingou na

parede. As marcas, como pode ver, começam neste ponto.” Ele apontou para as

manchas mais altas, quase no nível da sua cabeça. “Em seguida descem, parando a

menos de meio metro do piso.” Seus olhos desafiadores fixaram-se em mim. “Você a

examinou. O que acha? Destro ou canhoto?”

Os policiais sempre desejam descobrir isso. Não adianta explicar mil vezes que

não se pode saber com certeza. Eles sempre perguntam.

“Impossível dizer, com base apenas nas manchas de sangue”, falei, sentindo a

boca seca, com gosto de poeira. “Depende inteiramente da posição dele, em relação

à vítima. As facadas no peito entraram num ângulo ligeiramente inclinado, da

esquerda para a direita. Pode ser canhoto. Mas, novamente, isso depende da posição

em relação à vítima.”

“Só acho curioso que a maioria dos ferimentos provocados durante as tentativas

de defesa se localizem no lado esquerdo do corpo. Ela saiu correndo, certo? Ele a

atacou pela esquerda, e não pela direita. Suspeito que seja canhoto.”

“Isso depende das respectivas posições do atacante e da vítima”, insisti,

impaciente.

“Óbvio”, ele resmungou. “Tudo depende de alguma coisa.”

O assoalho do corredor era de madeira. As marcas de giz indicavam os pingos de

sangue no chão, até a beira da escada, a uns três metros à esquerda. Beryl fugira por

ali, na direção da escada. O choque e o terror sobrepujaram a dor. Na parede à

esquerda, a cada passo, ou quase, vi borões ensanguentados de seus dedos

cortados. Na fuga, ela tentava se apoiar e equilibrar.

As manchas escuras se distribuíam pelo chão, pelas paredes, chegavam a sujar o

teto. Beryl correrá até o fim do corredor, no andar de cima, onde ficou acuada, por

um momento. Naquele trecho havia muito sangue. A caçada prosseguiu, quando a

moça, aparentemente, conseguiu entrar em seu quarto, onde tentou escapar subindo

na cama de casal. Naquele momento ela atirou a mala no atacante. Ou, mais

provável, a mala caiu no chão, quando ela subiu na cama. A polícia a

encontrou

sobre o tapete, aberta, os papéis espalhados. Inclusive as fotocópias das cartas

escritas em Key West.

“Localizaram outros papéis aqui?”, perguntei.

“Recibos, alguns guias turísticos, incluindo-se um mapa de ruas”, Marino

respondeu. “Posso tirar cópias de tudo, se desejar.”

“Por favor”, falei.

“Achamos também uma pilha de folhas datilografadas, na gaveta.” Ele mostrou o

local. “Provavelmente o texto que escreveu em Keys. Muitas notas nas margens, a

lápiz. Nada de digitais úteis. Algumas, borradas, ou parciais, pertenciam à vítima.”

Na cama só restava o colchão; o acolchoado e os lençóis encontravam-se no

laboratório. Ali ela começara a fraquejar, a perder o controle muscular, a

enfraquecer. Cambaleara até o corredor, novamente, caindo sobre o tapete oriental,

que eu já conhecia pelas fotos do lugar. No piso, vi manchas de sangue e

impressões. Beryl se arrastara até o quarto de hóspedes, depois do banheiro, onde

morreu, finalmente.

“Quer saber”, Marino dizia, “acho que ele a deixou correr um pouco, para se

divertir. Poderia tê-la agarrado e matado lá embaixo, na sala. Mas isso estragaria seu

prazer. Aposto que ria o tempo inteiro, excitado com o sangue, os gritos, as súplicas.

Ela desmaiou, quando entrou aqui. Acabou a graça. Final da história. Golpes fatais,
e pronto.”

O quarto era frio, decorado em amarelo-pálido como o sol no inverno. O assoalho

de madeira estava escuro, perto da cama. Manchas e estrias escuras também se

destacavam na parede clara. Nas fotos do corpo, Beryl aparecia de costas, com as

pernas abertas, os braços cobrindo a cabeça, o rosto virado na direção da cortina da

janela. Nua. Quando examinei as fotografias, inicialmente, não soube dizer como ela

era, nem identificar a cor do cabelo. Vi tudo vermelho. A polícia encontrou uma

calça comprida cáqui, ao lado do corpo. A blusa e a roupa íntima haviam

desaparecido.

“Aquele motorista de táxi — chamado Hunnel, ou algo assim —, ele se lembrava

de como Beryl estava vestida, quando a pegou no aeroporto?”, perguntei.

“Estava escuro”, Marino lembrou. “Ele não tinha certeza. Pelo que se lembra, a

moça vestia calça comprida e casaco. Sabemos que usava calça, quando foi atacada;

a calça cáqui que encontramos ao lado do corpo. E havia um casaco do conjunto,

sobre a cadeira, no quarto dela. Não creio que tenha trocado de roupa

ao chegar em

casa; tirou o casaco, apenas, e o jogou em cima da cadeira. O resto da roupa —

blusa, peças íntimas — foi levado pelo assassino.”

“Como souvenir”, pensei em voz alta.

Marino examinava o assoalho manchado, onde o corpo caíra.

Ele disse: “Calculo que o sujeito a derrubou, tirou-lhe a roupa e a estuprou, ou

tentou. Depois a esfaqueou e quase a decapitou. Uma pena, o resultado negativo dos

exames”. Ele se referia aos testes para indicar presença de esperma. “Podemos

esquecer a identificação pelo dna.”

“A não ser que haja sangue dele nas amostras recolhidas”, lembrei. “Caso

contrário, nada de dna.”

“E nem um fio de cabelo”, ele disse.

“Nenhum diferente do cabelo dela, pelo menos.”

O silêncio absoluto na casa tornava nossas vozes irritantes, altas. Para qualquer

lado que eu olhasse, via as manchas medonhas. As imagens passaram em minha

mente: facadas, marcas do cabo, o corte terrível no pescoço, como uma boca

vermelha escancarada. A poeira dificultava minha respiração. Sentia falta de ar.

Pedi: “Mostre onde estava a arma”.

Quando a polícia chegou à cena do crime, naquela noite, encontraram

o 38

automático de Beryl sobre o balcão da cozinha, perto do forno de micro-ondas. A

arma estava carregada, com a trava de segurança. Os fragmentos de digitais

analisados pelo laboratório pertenciam a ela.

“Guardava a caixa de balas na gaveta da mesa, ao lado da cama”, Marino disse.

“Provavelmente mantinha o revólver lá, também. Imagino que tenha levado as malas

para o andar de cima, para abri-las e tirar a roupa suja, que colocou no cesto do

banheiro. Depois guardou as malas no armário do quarto. A certa altura, no meio

disso tudo, apanhou a arma. Mostra, sem dúvida, que estava com os nervos à flor da

pele. Quer apostar que ela examinou todos os cômodos, antes de se acalmar um

pouco?”

“Eu teria agido assim”, comentei.

Ele olhou em torno. “Talvez tenha vindo até a cozinha para comer um lanche.”

“Talvez tenha pensado em comer, mas não o fez”, retruquei. “O conteúdo do

estômago era de cinquenta mililitros de fluido marrom escuro. Cerca de cinquenta

gramas de material completamente digerido antes de sua morte. Ou, melhor dizendo,

do momento do ataque. A digestão para nos momentos de angústia ou medo intenso.

Se ela tivesse acabado de lanchar, quando o assassino a pegou, o alimento ainda

estaria no estômago.”

“Não tem quase nada para comer aqui”, ele disse, como se isso fosse importante,

ao abrir a geladeira.

Encontramos lá um limão murcho, dois pacotes de manteiga, um queijo Havarti

embolorado, temperos e uma garrafa de água tônica. O freezer estava um pouco

mais bem servido. Só um pouco. Alguns peitos de frango, pratos congelados prontos

Le Menu, carne moída. Beryl, pelo jeito, não sentia prazer em cozinhar, fazia isso por

necessidade prática. Lembrei-me de minha cozinha. Aquela era melancolicamente

estéril. A poeira flutuava nos raios de luz que passavam pela persiana cinza que

protegia a janela em cima da pia. O ralo e a pia estavam secos, vazios. Os

eletrodomésticos, modernos, pareciam novos.

“A outra possibilidade é que tenha descido para tomar um drinque”, Marino

especulou.

“O teste stat, para álcool, deu negativo”, falei.

“Mas ela pode ter pensado nisso.”

Ele abriu a porta do armário que havia em cima da pia. Não se via um milímetro

de espaço vazio, nas prateleiras: Jack Daniel’s, Chivas Regal, Tanqueray, licores e

uma garrafa que atraiu a minha atenção. Na prateleira superior, na frente do

conhaque, vi um litro de rum haitiano Barbancourt quinze anos, caro como scotch

puro malte.

Removendo a garrafa com a mão protegida pela luva, coloquei-a sobre a bancada

da pia. Não havia selo, mas o lacre que protegia a tampa estava intacto.

“Duvido que tenha comprado esta bebida por aqui”, alertei Marino.
“Aposto que

trouxe de Miami, ou Key West.”

“Acha que ela comprou o rum na Flórida?”

“É possível. Sem dúvida, ela conhecia bebidas. Barbancourt é um colosso.”

“Não sabia que você era doutora em rum”, ele disse.

A garrafa de Barbancourt não estava empoeirada, ao contrário das outras, na

mesma fileira.

“Isso pode explicar sua descida à cozinha”, prossegui. “Talvez tenha vindo

guardar o rum. Talvez estivesse pensando em tomar um pouco antes de dormir,

quando alguém bateu à porta.”

“Sim, mas isso não explica por que deixou a arma no balcão, quando foi ver quem

era. Deduzimos que ela estava apavorada, certo? Ainda penso que esperava a visita

de alguém, que conhecia o tarado. Bem, havia muita bebida fina, aqui. Acha que a

moça tomava tudo sozinha? Não faz sentido. Dá a impressão de que recebia alguém,

de vez em quando, provavelmente um homem. Droga, poderia ser o tal de ‘M’, para

quem escrevia quando estava em Keys. Talvez esperasse por ele, na noite em que a

mataram.”

“Está querendo dizer que ‘M’ pode ser o assassino?”, falei.

“O que você pensa?”

Ele começava a me provocar, e o modo como manipulava o cigarro apagado me

dava nos nervos.

“Admito qualquer possibilidade”, respondi. “Por exemplo, também poderia dizer

que ela *não* esperava ninguém. Estava na cozinha, guardando o rum, possivelmente

pensando em experimentá-lo. Nervosa, mantinha a arma ao alcance da mão, sobre o

balcão. Assustou-se quando alguém tocou a campainha, ou bateu à porta...”

“Certo”, ele interrompeu, “estava nervosa, assustada. Então por que diabos deixou

o revólver na cozinha, quando foi até a porta?”

“Ela treinava?”

“Treinava?”, repetiu, quando nossos olhares se cruzaram. “Treinava o *quê?*”

“Tiro, oras.”

“Puxa... sei lá...”

“Caso não tivesse treinamento específico, portar uma arma não seria reflexo

natural, e sim uma decisão consciente. As mulheres carregam spray de

pimenta na

bolsa. São atacadas, e só se lembram do spray depois da ocorrência, pois defender-

se não é um reflexo.”

“Não sei...”

Eu sabia. Usava um Ruger 38 carregado com Silvertips, a munição mais cara e

destrutiva existente no mercado. Só pensaria em andar armada depois de treinar

muito. Frequentei o estande de tiro do departamento por vários meses. Quando

estava sozinha em casa, eu me sentia mais segura com a arma do que sem ela.

Além disso, na sala, ao lado da lareira, há ferros para cuidar do fogo, num suporte

de latão. Beryl lutou contra o atacante, ali mesmo, e nem pensou em se armar com

um atizador. Defender-se não era um reflexo, em seu caso. Só sabia fugir, subir

escada acima, ou se esconder em Key West.

Tentei explicar. “Creio que ela não estava acostumada com armas de fogo. A

campanha tocou. Sentiu medo, atrapalhou-se. Foi para a sala, espiou pelo olho

mágico. Confiava na pessoa que batia, quem quer que fosse. Permitiu sua entrada.

Esqueceu-se da arma.”

“Ou então esperava uma visita”, ele insistiu.

“É bem possível. Alguém que sabia que ela estava de volta.”

“Talvez *ele* soubesse”, falou.

“E talvez fosse ‘M’.” Falei o que ele queria escutar, enquanto guardava a garrafa

de rum no armário.

“Certo. Faz mais sentido assim, não acha?”

Fechei a porta do armário. “Ela passou meses apavorada com as ameaças,

Marino. Difícil acreditar que fosse um amigo íntimo, e que Beryl não desconfiaria de

nada.”

Ele se irritou, consultou o relógio e tirou outra chave do bolso. Não fazia o menor

sentido que Beryl abrisse a porta para um desconhecido. E menos ainda que uma

pessoa em quem confiasse a atacasse daquele jeito. *Por que ela o deixou entrar? A*

questão me atormentava.

Um caminho coberto ligava a casa à garagem. O sol desaparecera atrás das

árvores.

“Quero mostrar uma coisa”, Marino disse, destrancando a porta. “Só entrei aqui

pouco antes de telefonar para você. Poderia ter arrombado a garagem na noite do

crime, mas não vi razão para isso.” Ele deu de ombros largos, como a garantir que

realmente poderia derrubar uma porta, árvore ou contêiner de lixo, se o desejasse.

“Ela não entrou aqui desde sua viagem à Flórida. Levamos um tempo até encontrar a

maldita chave.”

Era a primeira garagem revestida de madeira que eu via na vida, com piso de

cerâmica italiana vermelha, caríssima.

“Isso tudo foi feito para servir de garagem?”, perguntei.

“Tem porta de garagem, certo?” Ele tirou outras chaves do bolso. “Um luxo, só

para manter o carro abrigado da chuva, não acha?”

A garagem estava abafada, cheirando a mofo, porém arrumada. Exceto pela pá e

pela vassoura no canto, não vi sinais das ferramentas de costume, do cortador de

grama e outros trastes que costumam ser guardados numa garagem. O local mais

parecia uma loja de automóveis, com o Honda preto estacionado no meio do piso de

cerâmica. O carro, de tão limpo e reluzente, passaria por novo, saído da loja.

Marino destrancou a porta do motorista e a abriu.

“Pronto. Fique à vontade”, disse.

Por um momento, permaneci sentada no banco de couro marfim, olhando pelo

para-brisa, para a parede revestida de madeira.

Afastando-se um pouco do carro, ele acrescentou: “Fique sentada, tá? Sinta o

clima, examine o interior do carro, diga o que lhe vier à cabeça”.

“Quer que eu dê a partida?”

Ele me passou a chave.

“Por favor, abra a porta da garagem. Caso contrário, morreremos asfixiados.”

Franzindo a testa ao olhar em volta, ele localizou o interruptor e acionou o portão

automático.

O carro pegou na hora. O motor ronronou gutural, uniforme. O rádio e o ar-

condicionado estavam ligados. O marcador de gasolina indicava um quarto de

tanque; o hodômetro, menos de dez mil quilômetros rodados. O teto solar

encontrava-se parcialmente aberto. No painel encontrei um tíquete de lavagem a

seco, datado de 27 de julho, quinta-feira. Beryl levava uma saia e um casaco para a

lavanderia e obviamente não retornara para buscá-los. No banco do passageiro havia

uma nota fiscal da mercearia, datada de doze de julho, às dez e quarenta da manhã,

quando adquirira um pé de alface, tomate, pepino, carne moída, queijo, suco de

laranja e balas de hortelã, por nove dólares e treze centavos, pagando com uma nota

de dez.

Ao lado da nota encontrei um envelope do banco, fino e comprido, branco, vazio.

Junto com ele, uma caixa marrom para óculos Ray-ban, também vazia.

No banco de trás havia uma raquete de tênis Wimbledon e uma toalha branca

embolada, que apanhei estendendo o braço. Em letras azuis bordadas

li: westwood

racquet club, o mesmo nome impresso na maleta vermelha de vinil que encontramos

no guarda-roupa de Beryl.

Marino deixou a surpresa para o final. Deduzi que já examinara todos aqueles

objetos, e pretendia que eu os visse *in situ*. Não constituíam provas de nada. O

assassino não entrara na garagem, em momento algum. Ele me provocava desde que

chegamos na casa. Um hábito seu que me deixava furiosa.

Desliguei o motor e desci do carro. A porta se fechou com um baque abafado,

pesado.

Ele me encarou, enigmático.

“Tenho algumas perguntas”, falei.

“Pode mandar.”

“Westwood é um clube fechado? Ela era sócia?”

Aquiesceu.

“Verificou quando reservou quadra pela última vez?”

“Sexta-feira, doze de julho, às nove da manhã. Tinha aula marcada. Fazia uma

aula por semana, e quase não jogava.”

“Pelo que me recordo, ela saiu de Richmond no sábado, treze de julho, pela

manhã, chegando a Miami pouco depois do meio-dia.”

Ele fez que sim, novamente.

“Portanto, ela teve aula e seguiu direto para a mercearia. Em seguida,

deve ter ido

ao banco. Seja como for, a certa altura, depois das compras, resolveu fugir da

cidade. Se soubesse que ia viajar no dia seguinte, não teria ido às compras. Não

teve tempo de comer todas as coisas que comprou, e não deixou a comida na

geladeira. Ao que parece, jogou tudo fora, exceto a carne moída e o queijo, e

provavelmente as balas de hortelã.”

“Parece razoável”, ele disse, imperturbável.

“E largou a caixa de óculos e as outras coisas em cima do assento do carro”,

prossigui. “Além disso, deixou o ar-condicionado e o rádio ligados, o teto solar

parcialmente aberto. Dá a impressão de que entrou na garagem, desligou o motor e

correu para dentro de casa, usando os óculos escuros. Imagino que tenha acontecido

alguma coisa, quando ela estava na rua, voltando da aula de tênis e das compras...”

“Claro. Sem dúvida alguma, aconteceu mesmo. Dê uma volta, olhe do outro lado

— especificamente, na porta do passageiro.”

Olhei.

O que vi desorganizou meus pensamentos, que se espalharam como bolas de

gude. Na pintura nova, reluzente, abaixo da maçaneta, alguém riscara um coração,

com o nome beryl no centro.

“Chega a dar arrepio, não é?”, ele disse.

“Se o sujeito fez isso enquanto o carro estava estacionado no clube, ou na

mercearia”, raciocinei, “alguém pode tê-lo visto.”

“Claro. Portanto, deve ter riscado o carro antes.” Ele parou, examinando

distraidamente o coração. “Quando foi que você olhou para a porta do passageiro de

seu carro pela última vez?”

“Há dias. Ou uma semana.”

“Ela foi até a mercearia.” Só então ele acendeu o maldito cigarro. “Não comprou

muita coisa.” Tragou fundo, com vontade. “E provavelmente as compras couberam

dentro de uma única sacola, certo? Quando minha esposa está com uma ou duas

sacolas, apenas, costuma colocá-las na frente, sobre o tapete ou no banco. Talvez

Beryl tenha dado a volta pelo lado do passageiro, para guardar as compras no carro.

Então viu o risco na pintura. Talvez soubesse que o sujeito havia feito o desenho

naquele dia. Talvez não. Pouco importa. Bastou para aterrorizá-la, deixá-la com os

nervos à flor da pele. Voltou para casa, passando, quem sabe, no banco, para tirar

dinheiro. E pegou o primeiro avião que saiu de Richmond, seguindo para a Flórida.”

Segui-o para fora da garagem, até seu carro. A noite descia depressa, esfriando o

ar. Ele ligou o motor, enquanto eu olhava fixamente para a janela lateral da casa de

Beryl. Seus ângulos se perdiam nas sombras, e os vidros estavam escuros. As luzes

da varanda e da sala de estar piscaram, de repente.

“Minha nossa”, Marino murmurou. “Como pode?”

“Um *timer*”, falei.

“Puxa vida.”

* Em inglês, *straw* significa palha. (N. T.)

2

Voltei para casa, acompanhada pela lua cheia que banhava Richmond. Nas longas

alamedas, apenas as crianças fantasiadas mais teimosas ainda comemoravam o dia

das bruxas. Os faróis do carro iluminavam as máscaras assustadoras das silhuetas

infantis. Pensei nas inúmeras vezes em que a campainha soou, sem ter sido atendida.

Minha casa era uma das favoritas, pois eu distribuía doces aos montes, não tendo

filhos para mimar. Quatro pacotes de chocolate intactos fariam a festa de meus

vizinhos na manhã seguinte.

O telefone começou a tocar enquanto eu subia a escada. Antes que a secretária

eletrônica fosse acionada, tirei o fone do gancho. Não reconheci a voz imediatamente, mas logo o timbre gelou meu coração.

“Kay? É Mark. Graças a Deus você está em casa...”

Mark James parecia falar de dentro de um tambor de óleo, e dava para ouvir o

ruído dos automóveis ao fundo.

“Onde está?”, falei com dificuldade, sabendo que traía meu nervosismo.

“Na via Noventa e Cinco, a cerca de oitenta quilômetros de Richmond.”

Sentei-me na beirada da cama.

“Em um telefone público”, ele completou. “Quero seu endereço.”
Depois de uma

outra leva de carros barulhentos, ele disse: “Preciso falar com você, Kay. Passei a

semana inteira em Washington, estou tentando localizá-la desde o fim da tarde.

Resolvi arriscar, e aluguei um carro para vir até aqui. Tudo bem?”.

Eu não sabia o que dizer.

“Pensei que poderíamos tomar um drinque juntos, pôr a conversa em dia”, disse o

homem que, no passado, partira meu coração. “Reservei um apartamento no

Radisson, no centro. Amanhã, logo cedo, há um voo de Richmond para Chicago.

Pensei que... Na verdade, temos um assunto sério para tratar.”

Não conseguia imaginar qual assunto Mark poderia querer discutir comigo.

“Tudo bem?”, ele perguntou novamente.

Não estava tudo bem coisa nenhuma! Mas eu disse apenas: “Claro, Mark. Será

um prazer revê-lo”.

Expliquei como chegar a minha casa, e fui para o banheiro lavar o rosto, enquanto

repassava o caso. Quinze anos ou mais haviam se passado desde o tempo em que

curbamos direito na mesma faculdade. Meu cabelo agora era mais cinzento do que

louro. Mark e eu não nos encontrávamos havia muito tempo. O azul de meus olhos,

nesse período, desbotara um pouco. O espelho, implacável, informava friamente que

eu jamais teria trinta e nove anos outra vez. Deveria considerar uma plástica facial.

Em minha memória, Mark mal passava dos vinte e quatro anos. A paixão que sentia

por ele me levou à dependência, e depois ao desespero absoluto. Quando acabou,

mergulhei no trabalho.

Ele ainda apreciava carros rápidos, que dirigia em alta velocidade. Menos de

quarenta e cinco minutos depois da ligação abri a porta e observei sua descida do

Sterling alugado. Era o mesmo Mark de minhas recordações, o mesmo corpo esbelto

a caminhar confiante sobre as pernas compridas. Galgou os degraus energicamente,

sorrindo de leve. Após um abraço apressado, permanecemos no vestibulo por um

momento, sem saber bem o que dizer.

“Ainda gosta de uísque?”, perguntei, finalmente.

“Nisso eu não mudei”, disse, acompanhando-me até a cozinha.

Preparei o drinque exatamente como costumava fazer no tempo da universidade.

Dose dupla de Glenfiddich, gelo, um pouco de club soda. Seus olhos me seguiram

pela cozinha, fixando-se nos dois copos sobre a mesa. Ele tomou um gole, olhou

para o copo e girou lentamente o gelo com os dedos, um gesto típico dele, quando

estava tenso. Observei-o por algum tempo, e me detive nos traços finos, nas maçãs

do rosto proeminentes, nos olhos cinzentos e claros. O cabelo escuro estava meio

grisalho nas têmporas.

Desviei a atenção para o gelo que girava no copo. “Trabalha num escritório de

Chicago, presumo.”

Reclinando-se na cadeira, ele ergueu os olhos e disse: “Cuido dos recursos,

raramente acompanho julgamentos e perícias. Encontro Diesner, às vezes. Ele me

contou que você estava aqui em Richmond”.

Diesner era médico-legista titular em Chicago. Participávamos de simpósios e de

vários comitês técnicos. Jamais mencionara seu relacionamento com Mark James, e

eu nem sequer imaginava como ele descobriu que eu conhecia Mark.

“Fiz a bobagem de contar que a conhecia da faculdade, e agora ele vive falando

em você para me provocar”, Mark explicou, como se lesse meu pensamento.

Nisso eu acreditava. Diesner, bravo como um bode velho, odiava advogados de

defesa. Seu desempenho durante os embates no tribunal tornaram-se lendários.

Mark dizia: “Como a maioria dos especialistas em medicina legal, ele favorece a

promotoria. Quem representa o bandido não presta. Diesner faz questão de me

procurar, e, como quem não quer nada, comenta seu último artigo, ou um caso

horripilante do qual participou. Doutora Scarpetta, a famosa legista”. Riu, mas seus

olhos o traíam.

“Não concordo com essa história de que favorecemos a promotoria”, retruquei.

“Quando as provas favorecem o acusado, o caso nem vai a julgamento. Isso causa

uma falsa impressão.”

“Kay, sei como tudo funciona”, ele disse, no tom conciliatório que eu conhecia tão

bem. “Tenho noção das coisas terríveis que você vê. No seu lugar, também desejaria

ferrar com os caras.”

“Claro. Você sabe tudo”, comecei a dizer. Retomávamos a velha discussão. Era

difícil acreditar. Em menos de quinze minutos, continuávamos a briga onde fora

interrompida. As desavenças mais sérias que tivemos diziam respeito a esse tema.

Formada em medicina, eu cursava direito em Georgetown quando conheci Mark.

Testemunhara o lado negro das pessoas, a crueldade, as tragédias absurdas. Tocara,

com as mãos enluvadas, as feridas abertas dos mortos e moribundos. Mark não

passava de um playboy, para quem um criminoso era o sujeito que riscou a pintura

de seu Jaguar. Escolhera o direito porque seu pai e avô haviam sido advogados. Eu

era católica; Mark, protestante. Eu era de origem italiana; ele, mais anglo-saxão que

o príncipe Charles. Nasci numa família pobre; sua infância transcorreu num dos

bairros mais chiques de Boston. Cheguei a imaginar que nosso casamento seria uma

dádiva dos céus.

“Você não mudou nada, Kay”, ele disse. “Ou quase nada. Irradia agora uma certa

firmeza, ou rigidez. Imagino que seja osso duro de roer no tribunal.”

“Não me considero rígida.”

“Não quis criticá-la. Só dizer que você está ótima.” Seus olhos passearam pela

cozinha. “E bem-sucedida. Está feliz?”

“Gosto da Virgínia”, respondi, incapaz de encará-lo. “Sofro muito no inverno, mas

imagino que você sofra mais ainda. Como consegue aguentar o frio de Chicago, seis

meses por ano?”

“Não aguento, se quer saber a verdade. Você odiaria. Uma flor de Miami, como

você, morreria em um mês.” Mark bebericou o uísque. “Não se

casou?”

“Casei.”

“Hum.” Ele franziu a testa, meditativo. “Tony não sei das quantas... eu me lembro

de quando começou a sair com Tony... Benedetti, certo? No fim do terceiro ano.”

Surpreendi-me que Mark tivesse notado. E, mais ainda, que se lembrasse. “Me

divorciei há muito tempo.”

“Lamento”, ele disse em voz baixa.

Estendi a mão para pegar meu copo.

“Tem saído com alguém legal?”, ele perguntou.

“No momento não. Nem legal nem nada.”

Mark não ria tanto quanto antes. Comentou, em tom neutro: “Quase me casei, faz

alguns anos, mas achei que não ia dar certo. Ou, para ser sincero, devo confessar

que entrei em pânico na última hora”.

Mal podia crer que ele jamais tivesse se casado. Mark deve ter lido meu

pensamento outra vez.

“Isso aconteceu depois da morte de Janet”, contou hesitante. “Eu *era* casado.”

“Janet?”

Vi que girava o gelo no copo, novamente. “Conheci Janet em Pittsburgh, depois

que saí de Georgetown. Trabalhava num escritório, no setor de direito tributário.”

Mark mudara muito. Ao observá-lo atentamente fui tomada de perplexidade. A

intensidade que um dia me atraía tanto se alterara. Havia algo de sombrio,

impenetrável.

“Acidente de automóvel”, explicou. “Num sábado à noite. Ela saiu para comprar

pipoca. Pretendíamos ver um filme na televisão. Um motorista embriagado veio pela

contramão, com os faróis apagados.”

“Minha nossa. Mark, lamento muito”, falei. “Deve ter sido terrível.”

“Aconteceu há oito anos.”

“Tiveram filhos?”, murmurei.

Ele fez que não.

Permanecemos algum tempo em silêncio.

“Meu escritório vai abrir uma filial em Washington, D.C.”, ele disse, quando

nossos olhares se cruzaram.

Não respondi.

“É possível que eu seja transferido para lá. Passamos por uma fase de expansão,

temos mais de cem advogados nas sucursais de Nova York, Atlanta e Houston.”

“E quando você vai se mudar?”, perguntei calmamente.

“Talvez no começo do ano.”

“Vai aceitar, mesmo?”

“Não aguento mais Chicago, Kay. Preciso sair de lá. Queria que você soubesse —

por isso vim até aqui. É o motivo principal, pelo menos. Não gostaria de estar em

Washington e encontrá-la assim, de surpresa. Pretendo morar no norte da Virgínia.

Você trabalha por aqui. Com certeza nos encontraríamos num restaurante, ou no

teatro, qualquer dia desses. Não gostaria que fosse assim.”

Imaginei a cena. No Kennedy Center, veria Mark, algumas fileiras adiante,

sussurrando na orelha de sua jovem e linda acompanhante. Senti a dor antiga bater,

uma dor tão forte que chegava a ser física. Ele nunca teve concorrentes. Quando o

conheci, meus sentimentos se concentravam apenas nele. No início, uma vizinha me

dizia, lá no fundo, que isso não era mútuo. Depois de algum tempo, veio a certeza.

“Este foi o *motivo principal*”, ele repetiu, em tom profissional, como um

advogado iniciando sua argumentação. “No entanto, há um assunto que não diz

respeito a nosso relacionamento pessoal.”

Fiquei quieta.

“Uma moça foi assassinada aqui, em Richmond, há uns dois dias. Beryl

Madison...”

Meu ar de espanto o calou por um momento.

“Berger, sócio do escritório, ligou para meu hotel, em D.C., e contou tudo.

Gostaria de falar a respeito...”

“O que você tem a ver com o crime?”, perguntei. “Por acaso a conhecia?”

“Superficialmente. Fomos apresentados em Nova York, no inverno passado.

Nosso escritório de lá cuida de direitos autorais, na área de entretenimento. Beryl

tinha problemas editoriais e procurou Orndorff & Berger para resolver uma disputa

contratual. Eu estava em Nova York, por coincidência, no mesmo dia em que ela

conversou com Sparacino, o advogado encarregado de seu caso. Sparacino acabou

nos convidando para almoçar com ele no Algonquin.”

“Se existe alguma possibilidade de que essa *disputa* tenha relação com o

assassinato, você deveria procurar a polícia em vez de vir conversar comigo”, falei,

furiosa.

“Kay”, ele retrucou, “meu escritório nem sabe que estou aqui, tá? Berger me ligou

ontem para falar de outro assunto. Mencionou a morte de Beryl Madison por acaso,

pediu que eu lesse os jornais locais, tentasse descobrir alguma coisa...”

“Claro. Ou seja, que procurasse descobrir alguma coisa com sua ex...” Senti o

sangue subir ao rosto. Ex *o quê?*

“Não é nada disso.” Ele desviou o olhar. “Estava pensando em você, pensando em

ligar antes de falar com Berger, antes mesmo de saber da morte de Beryl. Cheguei a

pegar no telefone, por duas noites seguidas. Já havia conseguido seu nome, com o

auxílio à lista. Mas não consegui, sei lá. E talvez nunca tivesse ligado, se Berger não

me contasse o que ocorrera. Talvez precisasse de um pretexto, como o caso de

Beryl. Mas não é o que você está pensando...”

Não ouvi nada. Notei, para meu assombro, que desejava ardentemente acreditar

nele. “Caso seu escritório tenha interesse no assassinato, preciso saber o motivo

exato.”

Ele meditou por um momento. “Não sei se posso afirmar que temos um interesse

legítimo no crime. Talvez seja pessoal, ficamos horrorizados. Foi um choque para

quem manteve contato com Beryl em vida. Também posso dizer que ela se

encontrava no meio de uma disputa complicada. Um contrato, que assinara havia uns

oito anos, a prejudicava muito. É meio confuso. Tem a ver com Cary Harper.”

“O escritor?”, perguntei, atônita. “Cary Harper, o romancista?”

“Como você provavelmente já sabe”, Mark disse, “ele não mora longe daqui. Vive

numa mansão do século xviii, chamada Cutler Grove. Fica na beira do rio James, em

Williamsburg.”

Tentei me recordar onde lera a respeito de Harper, autor de um romance que

ganhara o prêmio Pulitzer, uns vinte anos atrás. Um ermitão lendário, que morava

com a irmã. Ou era uma tia? Muito se falara sobre a vida particular de Harper.

Quanto mais ele se recusava a dar entrevistas e fugia dos repórteres, mais cresciam

as especulações.

Acendi um cigarro.

“Esperava que você fosse parar”, ele disse.

“Só se removessem meu lobo frontal.”

“Não disponho de muitas informações. Na adolescência, Beryl manteve um

relacionamento de teor incerto com Harper. Chegou a residir com ele e a irmã. Beryl,

candidata a escritora, era a filha talentosa que Harper nunca teve. Tornou-se sua

protegida. Graças a seus contatos, conseguiu que Beryl publicasse o primeiro

romance, aos vinte e dois anos, uma narrativa quase literária, sob o pseudônimo de

Stratton. Harper aceitou até escrever um comentário para a capa, sobre a nova

escritora que descobrira. Muita gente franziu a testa. Não passava de mais um livro

comercial, e não de literatura. Ninguém ouvira falar em Harper nos últimos anos.”

“E o que isso tem a ver com a tal disputa contratual?”

Mark respondeu indiretamente. “Harper pode ser o maioral para uma jovem à

procura de ídolos, mas não passa de um filho da mãe. Antes que o

livro saísse,

obrigou Beryl a assinar um contrato que a proibia de escrever a respeito dele,

enquanto ele ou a irmã ainda vivessem. Harper é um cinquentão; a irmã, só um

pouco mais velha. Basicamente, o contrato amarrava Beryl pelo resto da vida,

impedindo que escrevesse suas memórias. Como poderia fazer isso, deixando

Harper de fora?”

“Ela daria um jeito”, retruquei. “Mas, sem Harper, o livro não faria sucesso.”

“Exato.”

“Por que ela recorria a pseudônimos? Fazia parte do acordo com Harper?”

“Creio que sim. Calculo que ele pretendia manter Beryl como seu segredo.

Garantiu o sucesso editorial para a moça, mas isolou-a do mundo. O nome Beryl

Madison é praticamente desconhecido, embora seus romances tenham alcançado

grande sucesso de público.”

“Então ela planejava romper o contrato, e por isso procurou Orndorff & Berger?”

Mark bebeu mais um pouco. “Devo lembrá-la de que a moça não era minha

cliente. Desconheço os detalhes. Mas tenho a impressão de que andava insatisfeita;

queria escrever algo que valesse a pena. O restante você já deve saber. Ela falou

que tinha problemas, alguém a ameaçava...”

“Quando contou isso?”

“No inverno passado, na época em que almoçamos juntos. Final de fevereiro,

creio.”

“Prossiga”, falei, intrigada.

“A moça nem imaginava quem a ameaçava. Não posso afirmar, com certeza, se as

ameaças começaram antes ou depois de sua decisão de escrever algo diferente.”

“E como poderia romper o contrato, sem maiores consequências?”

“Não sei se havia um meio”, Mark retrucou. “Sei que Sparacino resolveu informar

Harper que ele não tinha escolha. Se cooperasse, o texto seria inofensivo. Ou seja,

Harper poderia censurar o material até certo ponto. Ou então passaria por malvado,

e Sparacino contaria tudo aos jornalistas, iria para a tv, ao programa *Sixty Minutes*,

poria a boca no mundo. Harper estava num beco sem saída. Claro, poderia processar

Beryl, mas ela não tinha muito dinheiro. O nome dele, sim, valia uma fortuna. Uma

ação na justiça faria com que todos corressem para comprar o livro de Beryl. Harper

seria prejudicado.”

“E se tentasse proibir a publicação?”

“Mais publicidade. E uma ação do gênero custaria milhões.”

“E agora ela está morta.” Esmaguei o cigarro no cinzeiro.

“O livro não foi terminado, presumo. Harper não tem mais motivos para se

preocupar. É aí que pretende chegar, Mark? Dizer que Harper está envolvido no

assassinato?”

“Só estou contando o que sei”, ele disse.

Seus olhos límpidos se fixaram nos meus. Eram tão inacessíveis, às vezes,

lembrei-me pesarosa.

“O que acha?”, ele perguntou.

Não falei o que realmente achava, ou seja, que parecia muito estranho ouvir tudo

aquilo de Mark. Pouco importava se Beryl era sua cliente ou não. Ele conhecia a

ética da profissão, e as informações passadas a um advogado da firma deveriam ser

mantidas em sigilo por todos. Encontrava-se a um passo da negligência, e isso não

combinava com o Mark James cheio de escrúpulos que conhecera. Ficaria menos

surpresa se ele aparecesse tatuado.

“Acho que você deve conversar com Marino, o encarregado dessa investigação”,

respondi. “Caso contrário, serei obrigada a relatar nossa conversa. De um jeito ou de

outro, ele vai incomodar sua firma, fazer perguntas.”

“Claro. Não vejo problema algum.”

Ficamos em silêncio por um momento.

“Como ela era?”, perguntei, limpando a garganta.

“Já disse, só a vi uma vez. Mas era uma moça impressionante.
Dinâmica,

espirituosa. Estava vestindo um conjunto branco deslumbrante, de lã.
Pode-se dizer

que se mantinha meio distante de tudo. Guardava muitos segredos.
Ninguém jamais

chegaria ao fundo de sua mente. E bebia demais. Naquele dia, pelo
menos, bebeu.

Três coquetéis, o que me pareceu excessivo, no meio do dia. Não creio
que fizesse

isso sempre, contudo. Parecia tensa, nervosa. A razão para procurar
Orndorff &

Berger era dolorosa. Sem dúvida a história entre ela e Harper a
perturbava um

bocado.”

“O que ela tomou?”

“Como assim?”

“Os três coquetéis. O que ela pediu?”

Ele franziu o cenho, olhando para a parede da cozinha. “Sei lá, Kay.
Faz alguma

diferença?”

“Não sei se faz alguma diferença ou não”, respondi, pensando no bar
lotado. “Ela

falou sobre as ameaças que recebia? Na sua presença?”

“Sim. Sparacino tocou no assunto. Só sei que começou a receber
telefonemas de

um tipo muito específico. Sempre a mesma voz, de um desconhecido,
segundo o que

ela disse. E aconteceram episódios estranhos — não me recordo dos
detalhes. Já faz

muito tempo.”

“Sabe se ela registrava esses episódios?”, perguntei.

“Não sei.”

“E a moça não tinha ideia de quem a ameaçava, ou do motivo para tanto?”

“Foi a impressão que tive.” Ele colocou a cadeira no lugar. Era quase meia-noite.

Lembrei-me de algo, ao acompanhá-lo até a porta. “Esse Sparacino. Qual é o

primeiro nome dele?”

“Robert”, Mark respondeu.

“Não tem a inicial ‘M’, por acaso?”

“Não.” Ele me olhou, curioso.

“Dirija com cuidado.”

“Boa noite, Kay”, Mark disse, hesitante.

Talvez fosse apenas a minha imaginação, mas por um instante pensei que me

beijaria. Que nada, ele apenas se afastou, descendo agilmente os degraus, e, quando

escutei o barulho do carro que se afastava, eu já estava dentro de casa outra vez.

A manhã seguinte foi tipicamente frenética. Fielding nos informou, na reunião da

equipe, que faríamos cinco autópsias, incluindo a de um cadáver em decomposição

encontrado flutuando no rio, algo que sempre provocava gemidos de desespero.

Richmond enviara dois testes de balística. Completei o primeiro antes de correr para

o fórum de John Marshall, para testemunhar em mais um caso de maníaco homicida

com metralhadora. Depois segui para a faculdade de medicina, onde almocei com os

estudantes que orientava. Sempre tentando afastar o encontro com Mark de minha

mente. Quanto mais tentava não pensar nisso, mais pensava. Ele era cauteloso. E

teimoso. Não combinava com seu jeito entrar em contato comigo, após uma década

e tanto de silêncio.

Só no início da tarde desisti, e liguei para Marino.

“Estava pensando em ligar para você”, ele disse, antes que eu pronunciasse duas

palavras inteiras. “Assim que saísse. Pode me encontrar no escritório de Benton,

daqui a uma hora, ou uma hora e meia?”

“De que se trata?”, eu nem havia explicado o motivo pelo qual lhe telefonara.

“Recebi o relatório sobre Beryl. Achei que gostaria de estar presente.”

Ele desligou, como sempre, sem se despedir.

Na hora marcada segui para a rua East Grace, e estacionei na frente do primeiro

parquímetro que vi, nas proximidades do prédio. Os dez andares do moderno

edifício destacavam-se como um farol, no porto melancólico de lojas de móveis

usados que posavam de antiquários e pequenos restaurantes de comida estrangeira,

cujos pratos “originais” não tinham nada de original. Mendigos

perambulavam pela

calçada esburacada.

Identifiquei-me na recepção que havia no saguão, passei pelo guarda e peguei o

elevador para o quinto andar. No fim do corredor, encontrei a porta de madeira sem

placas. A localização do escritório do fbi em Richmond era um dos segredos mais

bem guardados da cidade, e sua presença, tão discreta e sutil quanto a dos agentes

de terno. Um rapaz, sentado atrás do balcão que tomava metade da sala, olhou para

mim enquanto falava ao telefone. Levou a mão ao bocal e ergueu as sobrancelhas,

em pose de “O que deseja?”. Expliquei o motivo de minha visita, e ele disse para

que eu me sentasse.

A sala de espera era pequena, claramente decorada por homens. Couro grosso

azul-marinho cobrindo móveis estofados, mesa de centro lotada de revistas

esportivas. Nas paredes revestidas de madeira, enfileiravam-se os retratos dos

diretores do fbi, prêmios recebidos, e uma placa dourada com os nomes dos agentes

mortos em ação. A porta externa se abria, de vez em quando, e sujeitos altos,

musculosos, usando ternos e óculos escuros, passavam sem olhar em minha direção.

Benton Wesley provavelmente era tão prussiano quanto os outros, mas com o

passar dos anos conquistara meu respeito. Sob a carapaça de agente havia um ser

humano notável. Era ríspido e enérgico, mesmo quando estava sentado, e sempre

usava calça escura, com camisa branca engomada. A gravata, estreita como mandava

a moda, exibia um nó impecável. Na cintura, o coldre para uma dez milímetros, que

raramente usava no escritório. Fiquei sem ver Wesley por algum tempo, mas ele não

havia mudado em nada. Forte e até belo, de um modo rústico, tinha cabelo

prematuramente grisalho, o que sempre me surpreendia.

“Lamento tê-la feito esperar, Kay”, disse sorridente.

Seu aperto de mão, reconfortante, não continha o menor traço de machismo.

Advogados e policiais apertavam minhas mãos com uma força que poderia fraturar

meus dedos.

“Marino já chegou”, Wesley acrescentou. “Eu precisava repassar alguns detalhes

com ele, antes de conversar com você.”

O agente abriu a porta, e acompanhei-o pelo corredor deserto. Pedindo que eu

esperasse em sua sala, ele se afastou para buscar café.

“O computador finalmente resolveu colaborar na noite passada”, Marino disse.

Recostado na poltrona confortável, examinava um revólver 357, que parecia novinho

em folha.

“Computador? Mas que computador?” Teria esquecido o cigarro? Não, estava no

fundo da bolsa, como sempre.

“Na central. Sai do ar a toda hora. Bem, consegui as cópias dos boletins de

ocorrência, sobre as ameaças. Interessante. Eu acho, pelo menos.”

“De Beryl?”, perguntei.

“Acertou.” Ele colocou a arma sobre a mesa de Wesley, acrescentando: “Bela

arma. Uma sorte danada. Este miserável a ganhou num sorteio, durante a convenção

dos chefes de polícia realizada em Tampa na semana passada. Eu não consigo

ganhar nem no bingo”.

Minha mente divagava. A mesa de Wesley estava coberta de recados, fitas de

vídeo, relatórios e envelopes pardos grossos: material sobre os diversos crimes que

a polícia local encaminhava para sua apreciação. Por trás das vitrines da estante, na

parede lateral, havia armas macabras — espadas, soco-inglês, uma pistola caseira e

uma lança africana —, troféus de caça, presentes de pessoas agradecidas. Uma

fotografia antiga mostrava William Webster cumprimentando Wesley, na frente de um

helicóptero dos Fuzileiros Navais, em Quantico. Nenhum indício de que Wesley

tinha esposa e três filhos. Agentes do fbi, tal qual a maioria dos policiais, ocultavam

zelosamente sua vida pessoal. Mais ainda se conheciam os horrores do mundo de

perto. Wesley montava perfis de suspeitos. Costumava estudar fotografias de

chacinas e depois visitar penitenciárias, onde ficava cara a cara com os Charles

Mansons e Ted Bundys da vida.

Wesley retornou, com dois copinhos descartáveis de café, um para Marino, o

outro para mim. Wesley nunca se esquecia de que eu tomava café preto e precisava

de um cinzeiro ao alcance da mão.

Marino apanhou a pilha de cópias de documentos policiais e começou a folheá-

los.

“Para começar”, disse, “só temos três boletins. O primeiro data de onze de março,

segunda-feira, às nove e meia da manhã. Beryl Madison discou 911 na noite anterior,

solicitando que um policial comparecesse a sua residência, para registrar uma queixa

de ameaça. O chamado, como era de se esperar, não recebeu prioridade máxima,

pois naquela noite as ruas estavam pegando fogo. Só enviaram um guarda para lá na

manhã seguinte. Hã... Jim Reed, na polícia há cinco anos.” Ele ergueu os olhos, em

minha direção.

Balancei a cabeça. Não conhecia Reed.

Marino estudou o boletim. “Reed anotou que a queixosa, Beryl

Madison, estava

muito agitada, e relatou ter recebido um telefonema ameaçador, às oito e quinze da

noite anterior — domingo. A voz masculina, possivelmente de um homem branco,

disse o seguinte: ‘Aposto que anda com saudades de mim, Beryl. Mas estou sempre

vigiando você, embora não possa me ver. Eu a vejo. Pode fugir, mas não vai

conseguir se esconder’. A queixosa informou que o autor da chamada revelou ter

observado a senhorita Madison naquela manhã, quando ela adquiria um jornal na

frente da loja Seven-Eleven. O sujeito descreveu suas roupas, ‘suéter vermelho, sem

sutiã’. Ela confirmou que fora, de carro, até a Seven-Eleven da avenida Rosemount,

por volta das dez da manhã de domingo, e que se vestia do modo descrito.

Estacionara o veículo na frente da loja e adquirira um *Washington Post* na máquina,

sem entrar na loja nem notar a presença de qualquer pessoa na área. O fato de o

elemento conhecer tais detalhes a incomodou muito, pois, em sua opinião, provava

que ele a seguia. Quando perguntada se notara que alguém a seguia, declarou que

não.”

Marino passou para a segunda página, onde se encontrava o trecho confidencial do

relatório, e o resumiu: “Reed conta aqui que a senhorita Madison

relutava em

divulgar detalhes específicos das ameaças feitas pelo elemento.
Quando interrogada,

finalmente revelou que ouvira frases ‘obscenas’, e disse que o sujeito afirmou

imaginá-la sem roupa, o que lhe dava vontade de ‘matar’. Segundo a senhorita

Madison, nesse momento ela desligou o telefone”.

Marino colocou a fotocópia sobre a mesa de Wesley.

“Qual foi o conselho dado a ela pelo policial Reed?”, perguntei.

“O de sempre”, Marino respondeu. “Aconselhou-a a anotar tudo.
Quando

recebesse uma ligação, deveria registrar dia, hora e os diálogos.
Também a alertou

para manter as portas e as janelas fechadas e trancadas, e estudar a possibilidade de

instalar um sistema de alarme. Caso notasse veículos suspeitos,
deveria anotar o

número da placa e chamar a polícia.”

Lembrei-me do que Mark disse sobre seu almoço com Beryl, em fevereiro último.

“Ela falou se o telefonema do dia onze de março havia sido o primeiro?”

Wesley respondeu, consultando o boletim de ocorrência.
“Aparentemente, não.”

Ele passou para outra página. “Reed menciona que ela declarou ter recebido vários

telefonemas agressivos, desde o início do ano, mas só contatou a polícia nesse caso.

Ao que parece, os chamados anteriores eram esporádicos, e menos

específicos do

que o recebido na noite de domingo, dez de março.”

“Beryl tinha certeza de que os telefonemas haviam sido feitos pela mesma

pessoa?”, perguntei a Marino.

“Ela disse a Reed que parecia ser a mesma voz”, respondeu. “Um homem branco,

articulado, de fala mansa. Não era a voz de ninguém conhecido — ou, pelo menos,

foi o que declarou.”

Marino retomou os boletins, passando para o segundo: “Beryl ligou para o policial

Reed na terça-feira à noite, às sete e dezoito. Disse que precisava conversar, e o

policial chegou à sua residência em menos de uma hora, pouco depois das oito.

Novamente, segundo seu relatório, estava muito perturbada. Disse ter recebido outro

telefonema, antes de chamar Reed. Mesma voz, mesmo elemento. As ameaças eram

similares às feitas em dez de março”.

Marino passou a ler o boletim, palavra por palavra: “‘Aposto que sente saudades

de mim, Beryl. Vou procurá-la logo. Sei onde você mora, sei de tudo a seu respeito.

Pode fugir, mas não vai conseguir se esconder’. Depois o sujeito mencionou o carro

novo, o Honda preto, e afirmou que havia quebrado a antena, na noite anterior,

quando o carro se encontrava estacionado na frente da casa. A

queixosa confirmou

que o carro estivera estacionado ali na noite anterior, e que, ao sair, na manhã de

terça, notou a antena danificada, ainda presa ao carro, porém torta, num ângulo

inusitado. Não funcionava mais. O policial examinou o veículo, e confirmou que a

antena havia sido danificada”.

“Quais foram as providências do policial Reed?”, perguntei.

Marino consultou a segunda página e disse: “Aconselhou-a a sempre guardar o

carro dentro da garagem. Ela informou que nunca usava a garagem, pretendia

transformá-la em escritório. Depois ele sugeriu que a moça pedisse aos vizinhos que

prestassem atenção a veículos estranhos na área, ou na frente de sua propriedade, a

qualquer hora. Ela perguntou se deveria adquirir uma arma”.

“E isso é tudo? E quanto aos registros que Reed a aconselhara a manter? Alguma

menção?”

“Não. Ele também anotou o seguinte, na parte confidencial do boletim: ‘A reação

da queixosa à antena quebrada pareceu excessiva. Mostrou-se extremamente irritada,

e a certa altura destratou este policial’.” Marino ergueu os olhos. “Ou seja, Reed

duvidava dela. Talvez pensasse que a própria Beryl tivesse quebrado a antena e

inventado a história dos telefonemas.”

“Ai, meu Deus”, falei, revoltada.

“Espere aí. Tem ideia de quantos pirados ligam diariamente para a polícia,

contando histórias do gênero? As mulheres telefonam sem parar, mostram cortes,

arranhões, denunciam estupros. Algumas inventam tudo. Têm um parafuso solto,

precisam de atenção...”

Eu conhecia bem as doenças imaginárias, os ferimentos provocados pela própria

persona. Todos os Münchausens e os desajustados e os maníacos capazes de cometer

violências terríveis contra si mesmos, e até de desenvolver doenças. Não precisava

de uma aula de Marino.

“Prossiga”, falei apenas. “O que houve em seguida?”

Ele colocou o segundo boletim sobre a mesa de Wesley e começou a ler o

terceiro. “Beryl ligou para Reed mais uma vez, no dia seis de julho, sábado, às onze

e quinze da manhã. Ele passou em sua casa de tarde, às quatro, e percebeu que a

queixosa estava irritada, hostil...”

“Não admira. Esperou cinco horas...”

“Na ocasião”, Marino ignorou meu comentário e seguiu adiante, “a senhorita

Madison declarou que o mesmo elemento telefonara, às onze horas, falando o

seguinte: ‘Ainda sente falta de mim? Calma, Beryl, calma. Procurei por você, ontem

à noite. Não estava em casa. Tinge o cabelo? Espero que não'. A senhorita Madison,

que é loura, tentou dialogar com ele, nesse momento. Suplicou para ser deixada em

paz, perguntou quem era e por que fazia aquilo com ela. Segundo a moça, ele não

respondeu, desligando o telefone em seguida. Ela confirmou a saída, na noite

anterior ao chamado. Quando o policial perguntou aonde fora, ela se mostrou

evasiva, dizendo apenas que estava fora da cidade.”

“E o que o policial Reed fez naquele momento para aliviar o sofrimento da

moça?”, perguntei.

Marino olhou para mim, inexpressivo. “Ele a aconselhou a comprar um cachorro, e

ela disse que era alérgica a cães.”

Wesley abriu uma pasta. “Kay, você está analisando o caso depois de saber que

um crime terrível foi cometido. Mas Reed não poderia saber disso. Tente ver a coisa

pelo lado dele. Uma moça vivendo sozinha, que assume um comportamento

histérico. Reed fez o possível, deu-lhe até seu telefone pessoal. Atende a seus

chamados rapidamente, pelo menos no primeiro caso. Mas a moça se mostra

evasiva, quando ele faz perguntas específicas. Ela não tem provas. Qualquer policial

adotaria uma postura meio cética.”

“Se fosse comigo”, Marino reforçou, “pensaria a mesma coisa. Deduziria que a

moça sentia muita solidão, precisava de atenção, queria confirmar que alguém se

importava com ela, pelo menos um pouquinho. Ou talvez planejasse uma vingança

contra alguém, um ex-namorado que a abandonara, e estivesse preparando o

terreno.”

“Entendi”, falei antes que pudesse me conter. “E, se o namorado ou o marido a

ameaçasse de morte, Beryl acabaria mesmo morta, de um jeito ou de outro.”

“Talvez”, Marino disse, impaciente. “Mas, se fosse o marido — na hipótese de ela

ser casada — pelo menos teríamos um suspeito, e seria possível conseguir uma

ordem do juiz, para manter o miserável a distância.”

“Ordens do gênero não valem o papel em que são escritas”, retruquei, a raiva

rompendo os limites do meu autocontrole. Costumava realizar autópsias em meia

dúzia de mulheres, por ano, todas mortas por maridos ou namorados teoricamente

intimidados por ordens judiciais.

Perguntei a Wesley, depois de um longo silêncio: “Reed sugeriu, em algum

momento, que o telefone fosse grampeado?”.

“Não adiantaria nada”, ele respondeu. “É difícil conseguir autorização para um

grampo. A companhia telefônica exige uma lista imensa de ligações e provas cabais

de que as ameaças realmente ocorreram.”

“Ela não possuía provas cabais?”

Wesley fez que não, lentamente. “Seria preciso um número maior de ligações,

Kay. Muito maior, mesmo. Registros das épocas em que ocorreram. Padrões claros

de repetição. Sem isso, pode dizer adeus ao grampo.”

“Pelo que sabemos”, Marino acrescentou, “Beryl recebia uma ou duas ligações

por mês. E não anotava os dados, como Reed aconselhara. Ou, se marcou tudo, não

encontramos o papel. Não gravou os telefonemas, tampouco.”

“Meu Deus”, murmurei, “alguém está tentando matar a moça, e é preciso convocar

uma sessão extraordinária do Congresso, para levar o caso a sério.”

Wesley não respondeu.

Marino reagiu. “No seu ramo é igual, doutora. Não existe medicina preventiva.

Não passamos de um bando de lixeiros. Pouco podemos fazer antes da ocorrência.

Aí temos um dado concreto. Um cadáver, por exemplo.”

“O comportamento de Beryl era um dado concreto”, respondi. “Veja os boletins.

Ela seguiu as sugestões do policial Reed. Instalou o sistema de alarme. Começou a

estacionar o carro dentro da garagem, embora pretendesse transformá-la em

escritório. A moça perguntou a respeito do revólver, depois saiu para adquiri-lo.

Sempre ligava para Reed *imediatamente* após uma chamada ameaçadora por parte

do assassino. Em outras palavras, ela não esperou horas, ou dias, para acionar a

polícia.”

Wesley espalhou as cópias das cartas enviadas por Beryl, de Key West, os

desenhos da cena do crime e o relatório, assim como uma série de fotos Polaroid, do

jardim, do interior da casa e, finalmente, do corpo, no andar superior. Examinou os

itens em silêncio, o rosto contraído. Demonstrava claramente que chegara a hora de

ir adiante, já havíamos discutido e argumentado o bastante. O que a polícia havia

feito ou deixado de fazer não era importante. Encontrar o assassino, sim.

“Uma coisa me intriga”, Wesley disse. “Falta consistência no *modus operandi*. A

sequência de ameaças indica uma mente psicopata. Alguém capaz de seguir e

atormentar Beryl por meses a fio, embora, aparentemente, só a conhecesse de vista.

Sem dúvida, ele se excitava com a fantasia, com a fase inicial. Estendeu essa parte

ao máximo. Talvez tenha atacado, finalmente, porque ela o frustrou, saindo da

cidade. Pode ter pensado que a moça ia mudar para sempre e a matou no momento

em que retornou.”

“Ela o deixou puto da vida”, Marino comentou.

Wesley continuou a olhar para as fotos. “Vejo muita raiva, e aí está a incoerência

no procedimento. A raiva parece concentrada na pessoa em si. A mutilação do rosto,

especificamente.” Ele apontou para a foto, com o indicador. “O rosto é a pessoa. No

homicídio típico, cometido por um sádico sexual, o rosto da vítima não é tocado. Ela

é despersonalizada, um símbolo. Em certo sentido, para o assassino a vítima não

possui uma face, pois não é ninguém. Quando mutila, escolhe outras partes do

corpo, como os seios, órgãos genitais...” Ele parou, perplexo. “Há elementos

pessoais no assassinato de Beryl. Cortes na face, excesso de golpes. Isso tudo

combina com alguém que ela conhecia. Um sujeito com uma obsessão forte, secreta.

Mas observá-la a distância e segui-la não se encaixam no padrão. São atos próprios

de um assassino desconhecido.”

Marino brincava com o 357 que Wesley ganhara no encontro. Girando o cilindro,

distraidamente, ele disse: “Quer saber minha opinião? Aposto que o louco sofria de

mania de grandeza. Sabe como é, enquanto a pessoa se comportar direitinho, não

sofre nada. Beryl desobedeceu, ao deixar a cidade e colocar uma placa de vende-se

na frente da casa. Acabou a graça. Quem não se comporta, é punido”.

“Em sua opinião, qual é o perfil psicológico do criminoso?”, perguntei a Wesley.

“Branco, vinte a trinta e poucos anos. Inteligente, vindo de um lar desfeito, onde

faltava a figura paterna. Também pode ter sofrido violências na infância. Físicas e

psicológicas. Solitário. Isso não significa que ele mora sozinho, contudo. Pode ser

casado, pois parece eficiente em manter uma imagem social adequada. Leva vida

dupla. Existe um homem, que o mundo vê, e o outro, obscuro. É um compulsivo-

obsessivo, um voyeur.”

“Ora”, Marino disse sarcástico, “isso se aplica a metade dos malucos que eu

conheço.”

Wesley deu de ombros. “Pode ser que eu esteja abrindo muito o leque, Pete.

Ainda não me concentrei no caso. Ele pode ser um frustrado, do tipo que ainda mora

com a mãe, ter antecedentes criminais. Criado em instituições, com várias passagens

por prisões. Ou trabalhar numa empresa de segurança no centro da cidade, e sem

qualquer histórico criminal ou psiquiátrico. Ao que consta, sempre ligava para Beryl

à noite. O único chamado diurno ocorreu num sábado. Ela trabalhava em casa, e lá

permanecia a maior parte do tempo. O sujeito ligava quando era conveniente para

ele, ou quando imaginava encontrá-la em casa. Prefiro achar que trabalhava em

horário comercial, com fins de semana livres.”

“A não ser que tenha telefonado da empresa onde trabalhava”, Marino disse.

“Sempre existe essa possibilidade”, Wesley admitiu.

“E quanto à idade?”, indaguei. “Por que não pode ser mais velho do que

calculou?”

“Seria incomum”, Wesley disse. “Mas tudo é possível.”

Bebericando o café, que já estava frio, contei o que Mark revelara sobre os

problemas contratuais de Beryl e seu relacionamento enigmático com Cary Harper.

Quando terminei, Wesley e Marino me encaravam, curiosos. No mínimo, aquela

visita inesperada do advogado de Chicago, tarde da noite, parecia esquisita. Por

outro lado, surgia um dado novo. Marino e Wesley, provavelmente, e até eu mesma,

antes da noite passada, não pensávamos que pudesse haver uma razão por trás da

morte de Beryl. O motivo mais comum, em homicídios sexuais, é a falta total de

motivo. Os assassinos atacam porque gostam, quando percebem uma boa

oportunidade.

“Um amigo meu trabalha na polícia de Williamsburg”, Marino comentou. “Ele me

contou que Harper é um mau-caráter e vive isolado. Passeia num

Rolls-Royce

antigo, nunca fala com ninguém. Mora em uma mansão enorme, na beira do rio, mas

não recebe visitas. E o sujeito é *velho*, doutora.”

“Nem tanto”, discordei. “Cinquentão. Vive isolado, concordo. Mora só com a

irmã.”

“As chances são remotas”, Wesley disse, e parecia muito tenso. “Mas vamos ver

no que pode dar. Vá em frente, Pete. No mínimo, Harper pode esclarecer quem é o

famoso ‘M’ a quem Beryl escrevia. Obviamente, trata-se de algum conhecido.

Amigo íntimo, ou namorado. Alguém deve saber quem é o tal sujeito por lá. Se

descobirmos, já será um progresso.”

Marino não gostou. “Pelo que ouvi”, disse, “Harper não vai conversar comigo, e

não tenho base para intimá-lo judicialmente. Além disso, não acredito que tenha

atormentado Beryl, apesar do motivo. Se fosse matá-la, teria agido imediatamente, e

pronto. Por que estender o caso por nove, dez meses? E Beryl não reconheceu a voz

dele nos telefonemas.”

“Harper pode ter contratado alguém”, Wesley disse.

“Sei. Neste caso, nós a teríamos encontrado uma semana depois, morta com um

tiro na nuca”, Marino argumentou. “Assassinos profissionais não atormentam suas

vítimas, não telefonam para assustá-las, não as estupram e não usam facas.”

“A maioria, não”, Wesley concordou. “Mas nem temos certeza se houve estupro.

Não havia sêmen.” Ele me olhou de lado, e eu confirmei com a cabeça. “O sujeito

pode ter problemas de ejaculação. Em todo caso, o crime pode ter sido encenado,

para parecer um estupro. Tudo depende de quem foi contratado e qual era o plano

exato. Por exemplo, se Beryl aparecesse morta com um tiro na nuca, no meio de uma

disputa judicial com Harper, a polícia o colocaria em primeiro lugar na lista. Se o

assassino fosse um sádico sexual, um psicopata, então o nome de Harper não viria à

mente dos investigadores.”

Marino desviara os olhos para os livros da estante, com o rosto corado.

Lentamente, fixando os olhos inquietos em mim, ele perguntou: “O que mais sabe a

respeito do tal livro que ela estava escrevendo?”.

“Só o que já contei. Era autobiográfico, e possivelmente desairoso para a

reputação de Harper”, respondi.

“Durante a temporada em Key West, acha que ela estava trabalhando nesse

livro?”

“Presumo que sim. Não dá para saber, com certeza.”

Ele hesitou. “Bem, odeio dizer, mas não encontramos nada do gênero

na casa.”

Até Wesley mostrou-se surpreso. “E o original existente no quarto?”

“Ah, aquilo.” Marino apanhou um cigarro. “Já dei uma olhada. Mais um romance

sobre a Guerra de Secessão, bem meloso. Não tem nada a ver com o livro que a

doutora mencionou.”

“Trazia a data, ou o título?”, perguntei.

“Nada. Ainda não estava pronto, creio. Era desta grossura.” Marino separou os

dedos cerca de dois centímetros. “Havia muitas notas à margem, e mais dez páginas

manuscritas.”

“Acho melhor dar uma olhada mais atenta em sua papelada, disquetes de

computador, para ter certeza de que o original da autobiografia não se encontrava

mesmo por lá”, Wesley disse. “Também precisamos saber quem é seu editor, ou

agente literário. Talvez tenha enviado o original para alguém, antes de voltar de Key

West. Precisamos ter certeza de que ela não trouxe o material de volta para

Richmond. Em caso positivo, no mínimo pode-se dizer que o desaparecimento é

suspeito.”

Consultando o relógio, Wesley afastou a poltrona e desculpou-se: “Tenho outra

reunião em cinco minutos”. E nos conduziu até a saída.

Não consegui me livrar de Marino. Ele insistiu em me acompanhar até o carro.

“Você precisa manter os olhos bem abertos.” Lá vinha ele de novo, a fim de

passar um sermão sobre “segurança nas ruas”, como fizera tantas vezes, no passado.

“Muitas mulheres nem pensam nisso. Vejo quando saem pela rua, sem a menor ideia

de quem possa estar olhando para elas, ou até seguindo seus passos. Quando chegar

no carro, olhe sempre *embaixo* dele, tá? Não acredito que as mulheres nunca pensem

nisso. Se estiver dirigindo pela rua e perceber que alguém a segue, como deve agir?”

Ignorei-o.

“Deve seguir direto para o corpo de bombeiros, entendeu? Sabe por quê? Porque

tem sempre alguém lá, mesmo no Natal, às duas da madrugada. Lembre-se disso.”

Enquanto esperava uma brecha no trânsito, eu procurava a chave do carro. Ao

olhar para o outro lado da rua, notei um retângulo branco odioso sob o limpador de

para-brisa. Teria estourado a hora? Droga.

“Eles estão por toda a parte”, Marino insistiu. “É só prestar atenção, quando volta

para casa, ou quando sai para fazer compras.”

Eu o fuzilei com os olhos, e atravessei a rua correndo.

“Ei”, ele disse quando cheguei ao carro, “não fique brava comigo, tá? Tem sorte

que eu esteja por perto, como um anjo da guarda.”

O tempo se esgotara. Eu havia passado quinze minutos do prazo.

Arranquei a

multa do para-brisa e a guardei no bolso dele.

“Quando você voltar para a delegacia”, falei, “cuide disso, por favor.”

Marino sorria para mim quando parti.

3

Dez quadras adiante, estacionei em outra vaga com parquímetro e
depositei as

duas últimas moedas de que dispunha. Apesar de manter um aviso de
médico-legista

bem visível no painel, os guardas de trânsito não se abalavam. Havia
alguns meses,

um deles teve a pachorra de me multar enquanto eu estava no centro,
trabalhando na

cena de um homicídio, convocada pela própria polícia, no meio da
tarde.

Subi os degraus de cimento com pressa, passei pela porta de vidro e
entrei no

prédio principal da biblioteca pública, onde as pessoas se moviam
silenciosamente

por entre mesas de madeira cobertas de livros. O ambiente silencioso
inspirava hoje

o mesmo respeito que eu sentia na infância. Assim que localizei a
fileira de

máquinas de microfichas, do outro lado do salão, comecei a consultar
o índice de

livros escritos por Beryl Madison, sob os vários pseudônimos, e a
anotar seus

títulos. O último trabalho, um romance histórico passado na época da

Guerra de

Secessão, publicado sob o pseudônimo de Edith Montague, datava de um ano e

meio. Provavelmente irrelevante, e Mark tinha razão, pensei. Nos últimos dez anos,

Beryl publicara seis romances. Jamais ouvira falar neles.

Em seguida, iniciei a pesquisa na imprensa. Nada. Beryl fazia livros. Pelo que eu

estava vendo, não escrevia artigos em revistas nem dava entrevistas. Recortes de

jornais talvez me ajudassem mais. Encontrei resenhas de livros nas edições do *Times*

de Richmond, em anos recentes. Inúteis, pois se referiam à autora pelo pseudônimo.

O assassino de Beryl sabia seu verdadeiro nome.

Telas e mais telas com índices desfilaram à minha frente. “Maberly”, “Macon”, e

finalmente “Madison”. Encontrei um texto curto sobre Beryl, publicado no *Times* de

novembro último:

escritora realiza palestra

A escritora Beryl Stratton Madison dará uma conferência às Filhas da Revolução Americana, nesta

quarta-feira, no hotel Jefferson (esquina da rua Principal com a rua Adams). A senhorita Madison,

descoberta pelo ganhador do prêmio Pulitzer, Cary Harper, é mais conhecida pelos romances históricos

passados durante a Guerra de Secessão. Ela falará sobre “A viabilidade da lenda como veículo para os

fatos”.

Anotei as informações pertinentes, fiquei por ali o tempo necessário para localizar

alguns livros de Beryl e dar uma espiada neles. De volta ao escritório, ocupei-me da

papelada. Não conseguia desviar a atenção do telefone. *Não é da sua conta.*

Conhecia muito bem os limites de minha atuação, e a função da polícia.

As portas do elevador, no final do corredor, se abriram para o pessoal da limpeza.

Eles conversavam em voz alta, a caminho da sala dos faxineiros, logo adiante.

Sempre chegavam por volta das seis e meia. A sra. J. R. McTigue encarregava-se

das inscrições, segundo o jornal, mas não me atenderia, de qualquer modo. O

número publicado pertencia provavelmente ao escritório da entidade, que encerrava

o expediente às cinco.

O telefone tocou só duas vezes, e foi atendido.

Após uma pausa, indaguei: “É a senhora J. R. McTigue?”.

“Sim, isso mesmo. Sou a senhora McTigue.”

Tarde demais. Não me restava alternativa, senão falar com franqueza. “Senhora

McTigue, aqui é a doutora Scarpetta...”

“Doutora o quê?”

“Scarpetta”, repeti. “Trabalho como legista, na investigação da morte de Beryl

Madison...”

“Ah! Claro. Li a respeito. Que horror. Uma moça tão adorável. Não pude

acreditar, quando soube...”

“Fui informada de que ela fez uma palestra na reunião de sua entidade, em

novembro último...”

“Ficamos tão contentes quando ela concordou em comparecer. Sabe, ela não

costumava participar desse tipo de evento.”

A sra. McTigue parecia idosa, e eu já desanimava, calculando ter perdido meu

tempo. Mas ela me surpreendeu.

“Sabe, Beryl compareceu por uma questão de cortesia. Só por isso. Sabe, meu

falecido marido era amigo de Cary Harper, o escritor. Com certeza já ouviu falar

nele. Joe conseguiu tudo, na verdade. Ele sabia o quanto era importante para mim.

Sempre adorei os livros de Beryl.”

“Onde mora, senhora McTigue?”

“No Gardens.”

Chamberlayne Gardens era uma casa de repouso, próxima ao centro. Mais um

marco sombrio em minha vida profissional. Nos últimos anos, tive vários casos do

Gardens, bem como de todas as outras casas para idosos e asilos da cidade.

“Estava pensando em passar por aí, para conversarmos por alguns minutos,

quando fosse voltar para casa”, falei. “Pode ser?”

“Creio que sim. Mas é claro. Suponho que não haja problema algum. Seu nome,

como é, mesmo?”

Repeti meu nome, pausadamente.

“Estou no apartamento trezentos e setenta e oito. Quando chegar ao saguão, pegue

o elevador e salte no terceiro andar.”

O local de residência da sra. McTigue já revelava um bocado a seu respeito.

Chamberlayne Gardens recebia idosos que não precisavam de assistência pública

para sobreviver. O depósito pelo apartamento era substancial, e a mensalidade mais

cara que uma prestação de apartamento. Mas o Gardens, como outros asilos, não

passava de uma prisão. Dourada, adorável. No entanto, ninguém gostava de morar

lá.

No limite oeste do centro, o edifício moderno, de tijolos, era uma mistura

melancólica de hotel e hospital. Estacionei numa vaga para visitante e segui em

direção ao pórtico do que parecia ser a entrada principal. O saguão brilhava, com

quadros de Williamsburg e flores de seda em pesados vasos de cristal. Por cima do

carpete vermelho grosso havia tapetes ao estilo oriental, industrializados. Um

candelabro de latão dava o toque final, no alto. Um senhor

encarquilhado, de bengala

na mão, ocupava o sofá, os olhos distantes sob o boné de tweed inglês.
Uma senhora

decrépita atravessava o saguão, apoiada num andador.

Um rapaz entediado, atrás do vaso que decorava a recepção, não me deu a menor

atenção quando segui para o elevador. As portas se abriram, depois de algum tempo,

e demoraram-se a fechar, como costuma ocorrer nos lugares onde as pessoas

precisam de muito tempo para se movimentar. Subi os três andares, sem companhia,

consultando distraidamente o boletim colado no painel de madeira do elevador.

Avisos de passeios a museus e fazendas locais, datas das reuniões do clube de

bridge, artesanato e pintura, e o prazo máximo para a entrega dos agasalhos

tricotados para o Centro Comunitário Hebraico. Muitos avisos eram antigos. Lares

para idosos, com seus nomes de cemitério, do tipo Shelterling Pines ou

Chamberlayne Gardens, sempre me incomodavam um pouco. Não sabia o que

fazer, quando minha mãe não pudesse mais viver sozinha. Na última vez em que

liguei, ela falou em fazer uma prótese na bacia.

O apartamento da sra. McTigue situava-se na metade do corredor, à esquerda.

Assim que bati, uma senhora enrugada atendeu. Tinha cabelos ralos encaracolados e

amarelos como papel velho. O rosto, cheio de *blush*, contrastava com o cardigã

branco, grande demais para ela. Senti o perfume de água-de-colônia floral e o aroma

de queijo derretido.

“Sou Kay Scarpetta”, falei.

“Foi muita gentileza sua ter vindo”, ela disse, tocando delicadamente minha mão

estendida. “Gostaria de tomar um chá, ou algo mais forte? Pode pedir o que quiser,

que eu tenho. Estou tomando vinho do Porto.”

Ela falou isso enquanto me conduzia à pequena sala de visitas, onde indicou uma

poltrona, para que eu me sentasse. Desligando a televisão, acendeu mais uma

lâmpada. A sala era exagerada, como um cenário da ópera *Aída*. Sobre o tapete

persa desbotado havia diversas peças de mobília pesada, em mogno: cadeiras,

mesinhas, um aparador, estantes de livros, armários de canto cheios de porcelana e

louça. Amontoados nas paredes, vi quadros escuros, cordões de sinos e peças de

latão polido.

Ela voltou trazendo uma pequena bandeja de prata, onde vi um decantador

Waterford com vinho do Porto, dois cálices idênticos e um pratinho com biscoitos

caseiros de queijo. Enchendo os cálices, ela estendeu o prato com guardanapos de

linho bordados, que pareciam velhos e recém-passados. O ritual todo exigiu um bom

tempo. No final, ela se sentou num assento gasto do sofá, onde supunho que passava

a maior parte do dia, assistindo televisão ou lendo. Agradava-lhe receber uma visita,

mesmo que o motivo não fosse exatamente social. Raramente alguém devia aparecer

para vê-la.

“Como mencionei anteriormente, sou legista e trabalho no caso de Beryl

Madison”, expliquei. “Até agora, descobrimos muito pouco sobre ela, ou sobre as

peessoas que a conheciam.”

A sra. McTigue bebericou o Porto, com ar inexpressivo. Acostumara-me tanto a ir

direto ao assunto, no trato com policiais e advogados, que me esquecia da

necessidade de aquecimento característica do resto do mundo. O biscoito, crocante,

estava muito gostoso. Elogiei-o.

“Muito obrigada.” Ela sorriu. “Por favor, sirva-se. Fiz uma porção.”

“Senhora McTigue”, tentei novamente, “era amiga de Beryl Madison, antes de

convidá-la a falar no encontro de seu grupo no outono passado?”

“Sim, claro”, ela respondeu. “Pelo menos indiretamente, e apreciava seus livros.

Adoro romances históricos, sabe? São meus favoritos.”

“Como sabia que ela os escrevia?”, perguntei. “Beryl usava pseudônimos. Não

existe referência a seu nome real na capa, nem nos dados sobre o autor.” Sabia

disso, tendo consultado vários livros de Beryl na biblioteca.

“Tem razão. Suponho que eu seja uma das poucas pessoas a conhecer sua

verdadeira identidade. Por causa de Joe.”

“Seu marido?”

“O senhor Harper e ele eram amigos”, respondeu. “Bem, até onde alguém pode ser

amigo do senhor Harper, claro. Conheceram-se por causa do trabalho de Joe. Foi

assim que tudo começou.”

“E qual era o trabalho de seu marido?”, indaguei, concluindo que minha anfitriã

era muito menos confusa do que eu presumira.

“Construção civil. Quando o senhor Harper comprou Cutler Grove, a casa

precisava de uma bela restauração. Joe passou quase dois anos supervisionando a

reforma.”

Eu deveria ter ligado as coisas desde o início. A construtora McTigue e a

madeireira McTigue eram duas importantes empresas do ramo, em Richmond, com

filiais espalhadas pela região toda.

“Isso faz mais de quinze anos”, prosseguiu a sra. McTigue. “Na época em que Joe

trabalhava em Grove, ele conheceu Beryl, que inspecionava sempre a obra, junto

com o senhor Harper, e acabou vindo morar na casa. Era muito nova.”
Ela parou.

“Lembro-me de Joe ter me contado que o senhor Harper havia adotado uma linda

garota, uma jovem escritora muito talentosa. Creio que ela era órfã.
Uma história

triste, sabe? Não se falava muito no assunto, claro.” Ela devolveu o cálice para a

bandeja, cuidadosamente, e atravessou a sala com calma, aproximando-se da

escrivania. Abriu uma gaveta e retirou um envelope cor creme, tamanho grande.

“Aqui está”, ela disse. Suas mãos tremiam, ao estendê-lo para mim. “A única

fotografia que tenho dela.”

Dentro do envelope havia uma folha branca de papel de carta, dobrada sobre a

foto velha, ligeiramente sobreposta, em preto e branco. Dois homens imponentes,

bronzeados, com trajes esportivos, ladeavam uma adolescente loura formosa. As três

figuras estavam juntas, franzindo os olhos contra o sol ofuscante.

“Este aqui é Joe”, disse a sra. McTigue, apontando para o homem à esquerda da

mocinha, que sem dúvida era Beryl Madison adolescente. As mangas da camisa

cáqui de Joe estavam enroladas até o cotovelo dos braços musculosos, os olhos

protegidos pela aba de um boné da International Harvester. Do lado direito de Beryl

encontrava-se um homem corpulento, de cabelos brancos. Cary

Harper, segundo a

sra. McTigue.

“Tiramos esta foto perto do rio”, contou. “Quando Joe trabalhava na reforma da

casa. O cabelo do senhor Harper já era branco naquela época. Suponho que conheça

a história. Dizem que o cabelo ficou assim enquanto ele escrevia *The jagged corner*,

aos trinta e poucos anos, imagine.”

“Tiraram a foto em Cutler Grove?”

“Sim, em Cutler Grove”, ela respondeu.

A face de Beryl me assombrou. Sábia e compenetrada demais para alguém tão

nova. Sua expressão melancólica indicava perda e tristeza, do tipo que eu me

acostumei a associar a crianças maltratadas e abandonadas.

“Beryl era uma criança na época”, a sra. McTigue disse.

“Suponho que tivesse dezesseis ou dezessete anos.”

“Isso mesmo. Creio que tem razão”, ela concordou, atenta a meus movimentos,

enquanto eu dobrava a folha de papel sobre a foto e a devolvia ao envelope. “Só

encontrei a foto depois da morte de Joe. Acho que foi tirada por um dos empregados

da construtora.”

Guardando novamente o envelope na gaveta, ela se sentou e acrescentou: “Creio

que um dos motivos para o ótimo relacionamento entre Joe e o senhor Harper estava

na capacidade de guardar segredos de Joe. Ele não me contava muitas coisas,

certamente”. Sorrindo desanimada, ela fixou os olhos na parede.

“Pelo menos o senhor Harper contou a seu marido sobre os livros de Beryl,

quando foram publicados”, comentei.

Ela voltou a atenção para mim, novamente, mostrando-se surpresa.

“Bem, nem sei

se Joe algum dia me disse como descobriu isso, doutora Scarpetta. Lindo nome.

Seria espanhol?”

“Italiano.”

“Ah! Deve cozinhar muito bem, então.”

“Gosto muito de cozinhar, sim”, falei, antes de beber um pouco de vinho do Porto.

“Então, pelo que sabe, o senhor Harper falou a seu marido sobre os livros de Beryl.”

“Que coisa!”, ela franziu o cenho. “Muito interessante que tenha dito isso. Nunca

pensei no assunto. Mas, claro, o senhor Harper deve ter contado, algum dia. Bem,

não posso imaginar outro modo para Joe descobrir isso. E ele sabia. Quando *Flag of*

honor foi lançado, ele me deu o livro de presente, no Natal.”

Ela se levantou outra vez. Examinou as estantes, até encontrar um volume grosso,

que passou para mim. “Está autografado”, acrescentou orgulhosa.

Abri o livro e examinei a assinatura de “Emily Stratton”, datada de dezembro, dez

anos atrás.

“Seu livro de estreia”, falei.

“E, provavelmente, um dos poucos que autografou na vida.” A sra. McTigue

exultava. “Creio que Joe conseguiu isso através do senhor Harper. Claro, não

haveria outro modo.”

“Tem outros livros autografados?”

“Dela, não. Bem, tenho todos os romances que Beryl publicou, li um por um, em

geral duas ou três vezes.” Ela hesitou, arregalando os olhos. “Aconteceu mesmo do

jeito que os jornais descreveram?”

“Sim.” Não contei a verdade inteira. A morte de Beryl fora muito mais brutal do

que o noticiado pela imprensa.

Ao se servir de mais um biscoitinho de queijo, ela pareceu, por um momento, a

ponto de chorar.

“Fale sobre novembro passado”, pedi. “Já faz quase um ano desde que Beryl

falou a seu grupo, senhora McTigue. As Filhas da Revolução Americana.”

“Foi em nosso almoço anual com o autor. O ponto culminante das atividades do

ano, quando convidamos um conferencista especial, um autor — em geral, alguém

muito famoso. Era a minha vez de dirigir o comitê, tomar todas as providências,

convidar um escritor. Desde o início, eu queria chamar Beryl, mas deparei-me com

vários obstáculos. Para começar, não fazia a menor ideia de como localizá-la. Seu

telefone não constava na lista, eu não sabia o endereço, jamais poderia imaginar que

residia aqui mesmo, em Richmond. Pedi ajuda a Joe.” Ela hesitou, rindo

nervosamente. “Sabe, suspeito que ele queria ver se eu conseguia resolver o caso

sozinha. E Joe andava sempre tão ocupado! Bem, ele ligou para o senhor Harper,

certa noite, e na manhã seguinte meu telefone tocou. Jamais esquecerei minha

surpresa. Quase perdi a fala, quando ela se identificou.”

O telefone dela. Não me ocorrera que o número pudesse estar fora da lista. Não

se falava nesse detalhe nos relatórios do policial Reed. Será que Marino sabia

disso?

“Ela aceitou o convite, o que me alegrou muito. Depois fez as perguntas de

praxe”, a sra. McTigue disse. “Quantas pessoas esperávamos. Calculei que teríamos

entre duzentas e trezentas. A hora da palestra, quanto tempo deveria falar, esse tipo

de coisa. Beryl foi muito charmosa, elegante. Contida, porém. E diferente. Não

trouxe livros. Os autores sempre trazem seus livros, como deve saber. Para vender

depois, autografados. Beryl disse que não costumava fazer isso.

Também recusou os

honorários. Tudo muito incomum. Uma moça modesta e educada, concluí.”

“Seu grupo era formado apenas por mulheres?”, perguntei.

Ela tentou se lembrar. “Creio que algumas sócias trouxeram os maridos. Mas as

mulheres eram a maioria absoluta. Como sempre.”

Isso eu já esperava. Dificilmente o assassino de Beryl estaria entre seus admiradores na conferência de novembro.

“Sabe se ela aceitava convites do gênero com frequência?”, perguntei.

“Ah, não”, a sra. McTigue respondeu imediatamente. “Sei que não, pelo menos em

nossa região. Se eu soubesse de algo do gênero, teria sido a primeira a ir. Fiquei

com a impressão de que se tratava de uma moça muito recatada, que escrevia por

prazer, e não se preocupava em aparecer. Daí os pseudônimos, creio. Escritores,

quando escondem a identidade, como em seu caso, raramente são vistos em público.

Sem dúvida ela não teria aberto uma exceção, para nós, se não fosse a amizade entre

Joe e o senhor Harper.”

“Percebo que ele faria qualquer coisa para o senhor Harper”, comentei.

“Ora, mas é claro.”

“Chegou a conhecê-lo?”

“Sim.”

“Qual foi a sua impressão?”

“Achei que ele era muito reservado”, disse. “Mas, às vezes, penso que se trata de

um homem muito infeliz, e que talvez se considere melhor do que os outros. Admito

que é uma figura impressionante.” Seu olhar se perdeu novamente no vazio,

embaçado pelas recordações. “E, sem dúvida, meu marido dedicava-se muito a ele.”

“Quando viu o senhor Harper pela última vez?”, perguntei.

“Joe faleceu na primavera passada.”

“E nunca mais estive com o senhor Harper, depois da morte de seu marido?”

Amargurada, ela fez que não com a cabeça e recolheu-se a seu mundo particular,

sobre o qual eu não sabia nada. Tentei imaginar o que poderia ter havido entre Cary

Harper e o sr. McTigue. Negócios escusos? Uma influência nociva sobre o sr.

McTigue, capaz de diminuí-lo como homem, aos olhos da esposa? Talvez Harper

fosse egoísta e rude, apenas.

“Ele tem uma irmã, pelo que sei. Cary Harper mora com ela?”, perguntei.

A sra. McTigue me surpreendeu, cerrando os lábios. Seus olhos se encheram de

lágrimas.

Devolvi o cálice à mesa e peguei minha bolsa.

Ela me acompanhou até a porta.

Insisti, diplomaticamente. “Beryl chegou a se corresponder com a senhora, ou com

seu marido?”

Ela fez que não.

“Conhece algum amigo dela? Seu marido chegou a mencionar o nome de

alguém?”

Novamente, ela balançou a cabeça.

“Ela mencionou algum conhecido cujo nome começasse por ‘M’?”

A sra. McTigue fixou os olhos tristes no corredor deserto, com a mão na porta.

Quando olhou para mim, estava chorosa, distraída. “Sei de ‘P’ e ‘A’, em dois de seus

romances. Espiões da União, creio. Meu Deus. Acho que esqueci o forno ligado.”

Ela piscou diversas vezes, como se a luz a incomodasse. “Apareça quando quiser.”

“Será um prazer.” Toquei seu braço, carinhosamente, agradei e fui embora.

Liguei para minha mãe assim que cheguei em casa, e dessa vez senti alívio ao

ouvir os sermões e alertas costumeiros, ao escutar aquela voz forte, que mostrava

seu amor de modo tão insensato.

“A temperatura caiu muito esta semana. Mais de dez graus, aqui. Vi no noticiário

que está beirando o zero em Richmond. Já nevou aí?”

“Ainda não, mãe. Não nevou. Como vai a bacia?”

“Mais ou menos, como era de se esperar. Estou fazendo uma manta de

crochê,

para que você possa cobrir as pernas no escritório enquanto trabalha.
Lucy

perguntou a seu respeito.”

Eu não falava com minha sobrinha havia semanas.

“Está trabalhando num projeto de ciências, para a escola, neste momento”, minha

mãe prosseguiu. “Um robô falante, veja só. Trouxe-o para casa, outro dia, e

apavorou Sinbad, coitadinho. Ele se escondeu debaixo da cama...”

Sinbad era um gato malvado, vagabundo, traiçoeiro, rajado de cinza e preto, que

começara a seguir minha mãe tenazmente, quando ela fazia compras em Miami

Beach, certa manhã. Sempre que eu a visitava, Sinbad mostrava sua hospitalidade,

empoleirando-se em cima da geladeira, como um abutre, a me vigiar desconfiado.

“Não imagina quem eu encontrei no outro dia”, falei, tentando soar descontraída.

A necessidade de contar a alguém era insuportável. Minha mãe conhecia meu

passado, ou pelo menos boa parte dele. “Lembra-se de Mark James?”

Silêncio.

“Ele estava em Washington, veio me visitar.”

“Claro que eu me lembro dele.”

“Parou para discutir um caso. Sabe, ele é advogado. Hã... em Chicago.” Bati em

retirada, rapidamente. “Tinha uma reunião em D.C.” Quanto mais eu

falava, mais

seu silêncio me condenava, sufocante.

“Sei. Só me lembro que você quase morreu por causa desse sujeito, Katie.”

Quando ela me chamava de Katie, eu me sentia com dez anos outra vez.

4

Uma das vantagens óbvias de ter os laboratórios de medicina legal no mesmo

prédio era não precisar esperar pelos relatórios escritos. Como eu, antes de começar

a redação dos textos, os cientistas geralmente dispunham de muitas informações.

Tendo enviado as amostras do caso Beryl Madison sete dias antes, deveria esperar

várias semanas até que os relatórios chegassem à minha mesa. Joni Hamm, contudo,

já teria algumas conclusões e opiniões a respeito. Terminei os casos daquela manhã

e, sentindo vontade de especular um pouco, subi para o quarto andar, levando a

xícara de café.

O “escritório” de Joni era pouco mais que uma alcova, espremida entre os

laboratórios de análises de amostras e drogas, no final do corredor. Quando entrei,

ela estava sentada numa banquetta, espiando pelas lentes de um microscópio

estereoscópico. O caderno de anotações, próximo ao cotovelo, transbordava de

anotações em caligrafia caprichada.

“Estou atrapalhando?”, perguntei.

“Nem um pouco”, ela disse, erguendo os olhos, distraída.

Puxei uma cadeira.

Joni, bonita e miúda, usava o cabelo preto bem curto, emoldurando seus olhos

grandes, escuros. Fazia doutorado à noite, além de cuidar dos dois filhos pequenos.

Por isso, sempre parecia cansada e um pouco irritada. Como a maioria do pessoal

do laboratório, aliás. Muitos diziam o mesmo a meu respeito.

“Preciso de informações sobre o caso Beryl Madison”, expliquei. “O que

conseguiu identificar?”

“Mais do que esperava, creio.” Ela virou as páginas do caderno. “As amostras

enviadas para análise deixariam qualquer um louco.”

Não me surpreendi. Enviáramos uma série imensa de envelopes e fragmentos. O

corpo ensanguentado de Beryl atraía partículas, como se tivesse cola. As fibras, em

particular, eram mais difíceis de examinar, pois precisaram ser lavadas antes de

passar pelo microscópio de Joni. Cada fibra foi lavada em uma solução detergente,

que por sua vez passou por um banho de ultrassom. Depois da remoção do sangue e

da sujeira, a solução foi filtrada em papel estéril especial, e cada fibra posta entre

duas lâminas de vidro.

Joni repassava suas anotações. “Se eu não conhecesse os fatos”, ela comentou,

“suspeitaria que Beryl Madison foi morta em outro lugar, não em sua própria casa.”

“Impossível”, falei. “Ela morreu no andar de cima, e a polícia chegou logo em

seguida.”

“Sei disso. Vamos começar pelas fibras existentes na casa. Coletamos três tipos,

na palma da mão e nos joelhos ensanguentados. Lã. Duas em tons escuros de

vermelho, uma dourada.”

“Combinam com o tapete oriental existente no corredor do andar superior?”

Lembrei-me das fotografias da cena do crime.

“Sim”, ela disse. “Conferem com as amostras do tapete, trazidas pela polícia. Se

Beryl Madison engatinhou sobre o tapete, isso explica as fibras encontradas. Essa é

a parte mais fácil.”

Joni apanhou uma pilha de pastas de papelão duro, repassando-as até encontrar a

que procurava. Abriu as abas e examinou as séries de lâminas de vidro, enquanto

falava. “Além das fibras de lã mencionadas, encontramos algumas de algodão

branco. Não servem para nada, podem vir de qualquer lugar e possivelmente são do

lençol branco que cobriu o corpo. Também examinei dez outras fibras,

encontradas

nos cabelos, nas áreas cobertas de sangue do pescoço e do peito, bem como nos

fragmentos sob as unhas. Sintéticas.” Ela me encarou. “Não combinam com nenhum

dos exemplares enviados pela polícia para comparação.”

“Não podem ser das roupas, ou das cobertas da cama?”, questionei.

Joni fez que não, e disse: “De modo algum. Parecem estranhas à cena do crime, e,

como foram encontradas no sangue, ou sob as unhas, aumenta a possibilidade de

transferência passiva, do atacante para ela”.

Uma sorte inesperada. Quando Fielding, o médico-legista assistente, conseguiu me

localizar na noite do assassinato de Beryl, eu o instruíra a esperar por mim no

necrotério. Cheguei pouco antes da uma da manhã, e passamos horas a examinar o

corpo de Beryl sob o laser, recolhendo cada partícula e fibra que se destacava.

Deduzira que, em sua maioria, seriam inúteis para a investigação, originárias das

roupas de Beryl ou da casa. A presença de dez fibras diferentes deixadas pelo

atacante era uma surpresa e tanto. Na maioria dos casos, considerava uma bênção

encontrar duas ou três. Muitas vezes, não havia nenhuma. As fibras são difíceis de

enxergar, mesmo com lentes de aumento, e a menor interferência no corpo ou

corrente de ar pode deslocá-las, muito antes que o médico-legista chegue à cena do

crime ou que o cadáver siga para o necrotério.

“Sintéticas? De que tipo?”, perguntei.

“Olefina, acrílico, náilon, polietileno e Dynel. Náilon, na maioria das amostras”,

Joni respondeu. “As cores variam: vermelho, azul, verde, dourado, laranja.

Microscopicamente, não combinam umas com as outras, tampouco.”

Ela distribuiu as amostras no estereoscópio e as examinou.

E explicou: “Longitudinalmente, algumas são estriadas, outras não. A maioria

contém dióxido de titânio, em densidades variadas. Isso significa que algumas são

meio foscas, outras foscas, e poucas brilhantes. Os diâmetros são grosseiros,

sugerindo fibras do tipo usado em carpetes, mas no corte transversal as formas

variam”.

“Dez origens distintas?”, falei.

“Até agora é o que parece”, ela disse. “Definitivamente atípicas. Caso as fibras

tenham sido transferidas pelo atacante, ele carregava uma variedade incomum, em

sua pessoa. Obviamente, as mais grosseiras não provinham de suas roupas, e sim de

carpetes. Mas não combinam com nenhum dos carpetes da casa. Que ele ande por aí

carregado de tantas fibras é curioso também por outro motivo. A gente pega fibras o

dia inteiro, mas elas não permanecem grudadas no corpo. Ao sentar em algum lugar,

a pessoa atrai fibras, que em seguida se despregam, quando ela senta em outro lugar.

Ou o ar as remove.”

Aquilo me deixou perplexa. Joni virou outra página de seu caderno e disse:

“Também examinei o conteúdo do aspirador no microscópio, doutora Scarpetta. Os

fragmentos recolhidos por Marino no tapete oriental são, para dizer o mínimo, muito

intrigantes”. Ela consultou uma lista. “Cinza de cigarro, partículas de papel rosado,

do tipo usado nos selos dos maços de cigarro, contas de vidro minúsculas, caquinhos

de vidro do tipo usado em garrafas de cerveja ou em faróis de carro. Como sempre,

há partículas de insetos e vegetais. E uma bolinha de metal. Além de muito sal.”

“Sal de cozinha?”

“Isso mesmo”, ela disse.

“Tudo isso foi encontrado no tapete oriental?”, perguntei.

“E também na área onde o corpo foi encontrado”, ela explicou. “E fragmentos do

mesmo tipo encontravam-se no cadáver. Sob as unhas e no cabelo.”

Beryl não fumava. Não havia razão para a presença de cinzas ou partículas do

selo de maço de cigarro dentro de sua casa. O sal é associado à comida, e não fazia

sentido haver sal no andar de cima ou no corpo dela.

“Marino trouxe seis amostras diferentes, obtidas com o aspirador. Todas elas do

carpete, ou dos trechos do chão onde havia sangue”, Joni disse.
“Comparamos o

material com as amostras de controle, obtidas nas áreas da casa e nos trechos

acarpetados onde não havia sangue algum, nem sinais de briga — áreas onde a

polícia calcula que o assassino não passou. Essas amostras são muito diferentes. Os

fragmentos que mencionei foram encontrados apenas nas áreas onde se calcula que o

assassino esteve, sugerindo que o material foi transferido dele para a cena do crime

e para o corpo da vítima. As partículas poderiam estar grudadas nos sapatos, nas

roupas, no cabelo. Em todos os locais, em tudo que tocou, havia tais fragmentos.”

“Era o próprio Cascão, então”, falei.

“O material é praticamente invisível a olho nu”, Joni retrucou, séria como de

costume. “Ele provavelmente não tinha ideia de que levava tantos materiais distintos

em sua pessoa.”

Estudei as listas manuscritas. Só dois tipos de casos, em minhas experiências

anteriores, registravam tal abundância de partículas. No primeiro tipo, o corpo era

atirado num aterro, acostamento ou estacionamento revestido com cascalho. No

outro, o corpo seguia de um local para outro, na traseira suja de um

caminhão ou no

chão de um carro. Nenhum deles se aplicava às condições de Beryl.

“Repita a lista, com destaque para as cores”, pedi. “Quais as cores dos fiapos de

carpete e das roupas?”

“As seis fibras de náilon são vermelhas, claras e escuras; azuis, verdes, verde-

amarelado e verde-escuro. Na verdade, o verde-escuro pode ser preto. Todas elas

muito grosseiras, do tipo usado para fazer carpete. Suspeito que uma, pelo menos, se

origine de um veículo, e não de carpete doméstico.”

“Por quê?”

“Por causa dos fragmentos. Por exemplo, as contas de vidro minúsculas são com

frequência associadas à tinta fosforescente empregada em placas de rua, por

exemplo. As esferas de metal costumam aparecer quando analisamos material

aspirado de automóveis. São bolinhas da solda empregada na montagem do veículo.

Não as vemos, mas estão lá. Fragmentos de vidro quebrado existem em qualquer

lugar, especialmente em acostamentos e estacionamentos com brita. A gente os pega

na sola do sapato e os deixa no carro. O mesmo vale para cinzas de cigarro.

Finalmente, temos o sal, o que mais me leva a suspeitar de um automóvel como

origem das partículas. As pessoas vão ao McDonald's. Comem batata

frita dentro do

carro. Aposto que a maioria dos carros desta cidade carrega um pouquinho de sal.”

“Digamos que esteja correta”, argumentei. “Digamos que as fibras sejam de um

carpete de carro. Isso ainda não explica a presença de seis fibras de náilon

diferentes. Não creio que alguém tenha seis tipos de carpete dentro de seu veículo.”

“Difícilmente”, Joni disse. “Mas as fibras podem ter sido transferidas para dentro

do carro dele. Talvez trabalhe em uma profissão em que mantenha contato com

carpetes. Talvez, em sua atividade, entre e saia de carros o dia inteiro.”

“Um lava-rápido?”, perguntei, recordando-me do carro de Beryl. Imaculado, por

dentro e por fora.

Joni pensou na possibilidade. “Pode ser algo do gênero. Se ele trabalha com

lavagem de automóveis, do tipo em que os funcionários entram nos veículos para

limpar o interior e o porta-malas, fica exposto a várias fibras diferentes durante o

dia. Inevitavelmente, algumas se grudarão em seu corpo. Outra possibilidade é que

trabalhe como mecânico de autos.”

Estiquei a mão para pegar o café. “Muito bem. Passemos às quatro fibras

restantes. O que pode me dizer a respeito delas?”

Joni consultou as anotações. “Uma delas é acrílico, uma olefina, uma polietileno e

a outra Dynel. As três primeiras são usadas em carpetes. A fibra de Dynel é

interessante, pois não se vê Dynel com frequência. Ela é empregada em casacos de

pele sintéticos, tapetes felpudos, perucas. Mas essa amostra de Dynel é mais fina;

deve ter vindo de alguma roupa.”

“Foi a única fibra de vestuário encontrada?”

“Tudo indica que sim”, ela respondeu.

“Beryl vestia um conjunto bege...”

“Não era de Dynel”, ela disse. “Pelo menos a calça e o casaco não eram. Mescla

de algodão e poliéster. Talvez a blusa fosse de Dynel, não tenho como comprovar,

pois desapareceu.” Ela apanhou mais uma lâmina na pasta e a prendeu. “Quanto à

fibra laranja mencionada, a única de acrílico, exibe um corte transversal que nunca vi

na vida.”

Traçando um diagrama, mostrou o padrão. Três círculos que se uniam no centro,

lembrando um trevo de três folhas, sem haste. As fibras são fabricadas forçando um

polímero derretido ou dissolvido a passar pelos furos de uma máquina de fiar. Em

consequência, os cortes transversais dos filamentos resultantes, ou seja, das fibras,

possuem a mesma forma dos orifícios da máquina, assim como a pasta

de dentes sai

do tubo com o mesmo formato da boca, num corte transversal. A maioria dos

acrílicos, quando não são redondos, tem forma de amendoim, osso de cachorro,

haltere ou cogumelo.

“Olhe.” Joni moveu-se para o lado, abrindo espaço para mim.

Espiei pelas lentes duplas. A fibra parecia uma fita torcida, com vários tons de

laranja-vivo, pontilhadas por partículas escuras de dióxido de titânio.

“Como pode observar”, ela explicou, “a cor também é meio esquisita. Laranja.

Irregular, com densidade moderada e partículas para atenuar o brilho da fibra.

Mesmo assim, o laranja é uma cor berrante, carnavalesca, pouco comum em

vestimentas ou carpetes. O diâmetro é médio.”

“O que nos permite pensar num carpete”, arrisquei. “Apesar da cor inusitada.”

“Possivelmente.”

Comecei a pensar nos materiais alaranjados que conhecia. “E quanto a coletes de

trânsito?”, perguntei. “São alaranjados, e uma fibra deles combinaria com os

resíduos de veículos identificados.”

“Improvável”, ela retrucou. “A maioria dos coletes de trânsito que conheço é

confeccionada em náilon, e não em acrílico. Em geral, de uma mescla forte, que não

costuma esfiapar. Além disso, capotes e capas usados por policiais ou grupos que

fazem manutenção de ruas são lisos, dificilmente esfiapam, e também são

confeccionados em náilon.” Ela acrescentou, pensativa: “Neles, raramente

encontramos essas partículas que reduzem o brilho — ninguém quer um colete de

trânsito fosco, certo?”.

Recuei, abandonando o estereoscópio. “De qualquer maneira, essa fibra é tão

diferente que pode ser patenteada. Alguém do ramo poderia reconhecê-la, mesmo

que não tenhamos material para comparação.”

“Boa sorte.”

“Já sei. Segredo industrial”, falei. “A indústria têxtil zela por suas patentes, tanto

quanto uma pessoa por sua privacidade.”

Joni esticou os braços e massageou a nuca. “Sempre considereei milagrosa a

colaboração que os federais conseguiram no caso de Wayne Williams”, ela lembrou,

citando o terrível período de vinte e dois meses, em Atlanta, no qual pelo menos

trinta crianças negras foram mortas pelo mesmo *serial killer*. Partículas fibrosas,

encontradas nos cadáveres de doze vítimas, foram relacionadas a residências e

automóveis usados por Williams.

“Talvez seja bom convocar Hanowell para examinar essas fibras. Em

especial, a

cor de laranja”, sugeri.

Roy Hanowell era um agente especial do fbi que estava trabalhando no

Departamento de Análise Microscópica, em Quantico. Ele examinara as fibras no

caso Williams e desde então vivia afogado em pedidos de várias procedências, gente

ansiosa por analisar qualquer coisa, de cashmere a teias de aranha.

“Boa sorte”, Joni repetiu, com o mesmo ar desanimado.

“Pode ligar para ele?”, perguntei.

“Duvido que ele aceite olhar algo que já foi examinado”, ela disse, acrescentando:

“Sabe como são os federais”.

“Então nós duas vamos telefonar”, decidi.

Quando retornei para minha sala, encontrei meia dúzia de recados telefônicos. Um

deles me chamou a atenção. Estava escrito: “Mark. Por favor, ligue para mim assim

que puder”. Em seguida, havia um número de Nova York. Só consegui pensar em

um motivo para a presença dele em Nova York. Uma visita a Sparacino, advogado

de Beryl. Por que Orndorff & Berger se interessava tanto pelo assassinato de Beryl

Madison?

O número pertencia à linha direta de Mark, pois ele atendeu logo no primeiro

toque.

“Quando veio a Nova York pela última vez?”, ele perguntou, como quem não quer

nada.

“Como?”

“Há um voo saindo de Richmond dentro de quatro horas, exatamente. Direto.

Poderia pegá-lo?”

“De que se trata?”, perguntei com a voz pausada, sentindo o coração palpitar.

“Não creio que seja prudente discutir os detalhes pelo telefone, Kay”, ele disse.

“Não creio que seja prudente para mim ir a Nova York, Mark”, devolvi.

“Por favor. É importante. Se não fosse, eu não pediria que viesse.”

“Não dá...”

“Passei a manhã com Sparacino”, ele me interrompeu, enquanto emoções havia

muito reprimidas lutavam para se soltar e mudar minha decisão.

“Alguns fatos novos

surgiram, relacionados com Beryl Madison e seu departamento.”

“Meu departamento?” Eu já não soava tão decidida. “O que poderíamos ter para

conversar sobre o meu departamento?”

“Por favor”, ele insistiu. “Venha, por favor.”

Hesitei.

“Eu encontro você no aeroporto de La Guardia.” A urgência na voz de Mark

cortou minhas tentativas de evasão. “Encontraremos um lugar discreto para

conversar. Já providenciei as reservas. Só precisa pegar a passagem no
balcão do

aeroporto. Reservei um quarto de hotel para você e cuidei de tudo.”

Meu Deus, pensei ao desligar, e logo me vi dentro da sala de Rosie.

“Preciso ir a Nova York esta tarde”, expliquei, num tom que eliminava
maiores

explicações. “Surgiu algo, relacionado ao caso de Beryl Madison, e só
voltarei ao

escritório amanhã, na melhor das hipóteses.” Evitei seu olhar. Embora
minha

secretária não soubesse de nada a respeito de Mark, temia que os
motivos para

minha ida fossem escandalosamente óbvios.

“Vai deixar um telefone para contato?”, Rose perguntou.

“Não.”

Abri a agenda, e comecei a procurar as reuniões que precisaria
cancelar, quando

ela informou: “O pessoal do *Times* ligou hoje. Querem fazer um artigo
a seu

respeito. Um perfil, creio”.

“Nem pensar”, retruquei irritada. “Eles só querem arrancar
informações sobre o

caso de Beryl Madison. Nunca falha. Sempre que eu me recuso a falar
sobre um

crime brutal, todos os repórteres da cidade resolvem, de repente,
perguntar onde fiz

faculdade, se tenho cachorro ou dúvidas quanto à pena de morte, e
qual é a minha

cor, filme, modo de morrer e comida favoritos.”

“Direi que não pode”, ela resmungou, pegando o telefone.

Saí do escritório com tempo apenas para ir até em casa, jogar algumas coisas na

mala e evitar a hora dos congestionamentos. Conforme Mark prometera, a passagem

me aguardava no balcão do aeroporto. Reserva na primeira classe. Em menos de

uma hora, estava instalada numa poltrona, sem vizinhos. Passei a hora seguinte

bebendo Chivas com gelo e tentando ler, enquanto os pensamentos voavam na minha

cabeça como as nuvens no céu crepuscular, para lá da janela oval.

Eu queria ver Mark. Percebi que não se tratava de uma necessidade profissional,

mas sim de uma fraqueza que já julgava superada havia muito tempo. Senti,

alternadamente, aversão e entusiasmo por minha atitude. Não confiava nele, embora

desejasse desesperadamente confiar. *Não é o Mark que conheci um dia, e, mesmo*

que fosse, não poderia esquecer o que fizera comigo. Mas meu coração recusava-

se a ouvir as coisas que minha razão dizia.

Li vinte páginas de um livro escrito por Beryl Madison, com o pseudônimo de

Adair Wilds, sem ter a menor ideia do que lera. Não morro de amores por romances

históricos, e aquele ali, para ser sincera, não merecia nenhum prêmio. Beryl escrevia

bem, a narrativa chegava a ser agradável, mas a história capengava. Não passava de

um livro comercial, escrito a partir de uma fórmula, e não pude deixar de pensar se

ela teria mesmo condições de fazer a literatura a que aspirava, se permanecesse

viva.

A voz do piloto anunciou, subitamente, que pousaríamos dentro de dez minutos.

Lá embaixo a cidade era um painel iluminado, com luzinhas móveis nas avenidas e

luzes vermelhas piscando no alto dos arranha-céus.

Minutos depois tirei a mala do compartimento de bagagem e atravessei o corredor

de desembarque, mergulhando na balbúrdia do La Guardia. Virei, assustada com a

pressão dos dedos em meu cotovelo. Mark estava atrás de mim, sorridente.

“Graças a Deus”, falei aliviada.

“O quê? Pensou que eu fosse um batedor de carteiras?”, ele perguntou secamente.

“Se fosse, não estaria em pé agora”, retruquei.

“Não duvido.” Ele me guiou pelo terminal. “Só trouxe essa maleta?”

“Sim.”

“Ótimo.”

Na saída, pegamos um táxi pilotado por um sique barbudo, de turbante castanho,

cujo nome era Munjar, segundo a identificação grudada no painel. Mark e ele

tiveram de gritar, até que o sujeito conseguisse entender nosso destino.

“Ainda não jantou, espero”, Mark disse.

“Só comi amêndoas torradas...” Encostei nos ombros dele, quando o motorista

passou de uma pista a outra.

“Conheço uma boa *steakhouse* perto do hotel”, Mark disse em voz alta.
“Pensei

em comer lá, pois não sei como andar nessa maldita cidade.”

Chegar ao hotel já bastaria, pensei, enquanto Munjar desfiou um monólogo, sem a

menor cerimônia, sobre sua vinda aos Estados Unidos para se casar, o que planejava

fazer em dezembro, embora ainda não tivesse uma esposa em vista.
Ele nos

informou que estava na praça havia apenas três semanas, e que aprendera a dirigir no

Punjab, onde guiava trator desde os sete anos.

O trânsito estava um tanto lento, mas os táxis amarelos eram daruês alucinados a

rodopiar na escuridão. Quando nos aproximamos do centro, passamos por um fluxo

ininterrupto de pessoas em trajes de gala, a caminho da longa fila no Carnegie Hall.

As luzes fortes, os casacos de pele e os ternos pretos trouxeram de volta antigas

lembranças. Mark e eu adorávamos ir ao teatro, a concertos, à ópera.

O táxi parou no Omni do Central Park, uma impressionante torre iluminada, perto

dos teatros, na esquina da rua 55 com a Sétima Avenida. Mark pegou minha

bagagem, e eu o segui pelo saguão elegante. Ele cuidou do registro e

do envio da

mala para o quarto. Minutos depois, caminhávamos sob o ar gelado da noite. Ainda

bem que eu havia levado o casaco. Fazia muito frio, talvez nevasse. Mais três

quadras e chegamos ao Gallagher's, pesadelo dos bovinos e coronárias, sonho de

todos os apreciadores da carne sangrando. Na frente, a vitrine exibia os cortes,

protegidos pelo vidro, numa profusão de todos os tipos de carne imagináveis.

Aquele era um templo de celebridades. As fotografias autografadas cobriam as

paredes.

O lugar era barulhento, e o barman preparou bebidas fortes para nós. Acendi um

cigarro e olhei em volta. As mesas ficavam próximas umas das outras, algo típico

nos restaurantes de Nova York. Dois executivos conversavam à nossa esquerda,

ninguém ocupava a mesa da direita, um rapaz extremamente atraente e solitário lia o

Times na mesa de trás, enquanto bebia cerveja. Encarei Mark por algum tempo,

tentando ler seu rosto. Seus olhos estavam contraídos, e ele brincava com o gelo do

uísque.

“Por que me chamou aqui, Mark?”, perguntei.

“Talvez eu quisesse apenas jantar com você”, ele disse.

“Sério.”

“É sério. Não está se divertindo?”

“Como posso me divertir, sabendo que uma bomba vai explodir a qualquer momento?”, falei.

Ele desabotoou o paletó. “Vamos pedir primeiro. Depois conversamos.”

Ele sempre fazia isso comigo, antigamente. Chamava-me só para me fazer esperar.

Talvez fosse coisa de advogado. Costumava me deixar louca da vida. E ainda

funcionava direitinho.

“A costela é o carro-chefe da casa”, ele disse, enquanto olhávamos o cardápio.

“Estou pensando em pedir uma, com salada de espinafre. Nada muito complicado.

Mas é a melhor da cidade.”

“Nunca estive aqui?”, perguntei.

“Não. Mas Sparacino sim”, ele respondeu.

“Ele que recomendou esse restaurante? E o hotel também?”, perguntei, sentindo

pontadas paranoicas.

“Claro”, ele respondeu, concentrado na carta de vinhos. “É a rotina do escritório.

Os clientes que chegam se hospedam no Omni, porque é mais conveniente para a empresa.”

“E os clientes jantam aqui, também?”

“Sparacino costuma comer aqui depois do teatro. Por isso recomendou o

restaurante”, Mark explicou.

“E o que mais Sparacino costuma fazer?”, perguntei. “Disse a ele que se

encontraria comigo?”

Ele me encarou, antes de responder. “Não.”

“Como é possível que o escritório pague minha conta, e que Sparacino tenha

recomendado o hotel e o restaurante, sem saber de minha vinda?”

“Ele recomendou o hotel *para mim*, Kay. Eu precisava dormir em algum lugar. E

precisava comer. Sparacino tinha me convidado para sair hoje com ele e mais dois

advogados. Recusei; disse que precisava rever alguns documentos e que

provavelmente comeria um filé por aí. Conhecia alguma *steakhouse* boa? E assim

por diante.”

Comecei a entender, e não sabia se estava nervosa ou constrangida.

Provavelmente, as duas coisas. Orndorff & Berger não pagaram minha viagem. Mark

estava bancando as despesas. O escritório não sabia de nada.

O garçom voltou, Mark pediu. Perdi o apetite.

“Cheguei ontem à noite”, ele disse, retomando sua história. “Sparacino entrou em

contato comigo em Chicago ontem de manhã; disse que precisava me ver

imediatamente. Como já deve ter adivinhado, trata-se de Beryl Madison.” Ele

parecia inquieto.

“E daí?”, provoquei, cada vez mais preocupada.

Ele respirou fundo e disse: “Sparacino sabe de nossa ligação. De nossa...

amizade. Nosso passado...”.

Meu olhar o congelou.

“Kay...”

“Seu filho da mãe.” Empurrei a cadeira e joguei o guardanapo em cima da mesa.

“Kay!”

Mark agarrou meu braço e me obrigou a sentar novamente. Puxei o braço, furiosa,

e permaneci sentada, rígida, a encará-lo. Foi num restaurante de Georgetown, muitos

anos atrás, que eu arrancara a pulseira de ouro, presente de Mark, e a deixara cair na

sopa de mariscos. Comportei-me como uma criança na época. Um dos raros

momentos em minha vida no qual perdi completamente a compostura, dando um

escândalo.

“Olhe”, ele disse, baixando a voz, “não a culpo por pensar desta forma. Mas não é

nada disso. Não estou me aproveitando de nosso relacionamento anterior. Quero que

me ouça, por um minuto, por favor. É tudo muito complicado; tem a ver com coisas

que você desconhece. Procuro o melhor para você, juro. Nem deveria conversar com

você. Se Sparacino ou Berger descobrirem, me botam no olho da rua.”

Não falei nada. Sentia tanta raiva que nem conseguia raciocinar.

Mark inclinou-se para a frente. “Entenda o seguinte. Berger está pegando no pé de

Sparacino. E Sparacino, neste exato momento, está querendo pegar no seu pé.”

“No *meu* pé?”, repeti, atônita. “Nunca vi esse sujeito. Como ele poderia pegar no

meu pé?”

“Como já disse, tem a ver com o caso de Beryl”, Mark insistiu. “Na verdade, ele

é advogado dela desde o início de sua carreira como escritora. Só entrou para nosso

escritório quando abrimos a filial aqui em Nova York. Antes disso trabalhava por

conta própria. Precisávamos de um advogado especialista em direitos autorais.

Sparacino tinha trinta e tantos anos de carreira em Nova York. Conhecia todo

mundo. Trouxe seus clientes. Logo de cara conseguimos um monte de contratos.

Lembra-se de meu primeiro encontro com Beryl, em um almoço no Algonquin?”

Fiz que sim, perdendo a disposição para discutir.

“Foi tudo armação, Kay. Não fui lá por acaso. Berger me mandou.”

“Por quê?”

Depois de olhar para os lados, ele disse: “Porque Berger está preocupado. O

escritório mal chegou a Nova York, e você sabe como é difícil se estabelecer nesta

cidade, formar uma clientela sólida, uma boa reputação. A última

coisa que

precisamos é de um cretino como Sparacino, capaz de jogar o nosso nome na lama”.

Ele ficou quieto, enquanto o garçom se aproximava com a salada e abria

cerimoniosamente uma garrafa de *cabernet sauvignon*. Mark tomou o primeiro gole

obrigatório e autorizou o enchimento das nossas taças.

“Berger já sabia, quando contratou Sparacino, que o sujeito era exuberante,

gostava de agir depressa, com estardalhaço”, Mark prosseguiu.

“Pensou que era só o

jeito dele. Alguns advogados são conservadores, outros gostam de aparecer.

Contudo, Berger e mais uns poucos começaram a perceber, há poucos meses, que

Sparacino era capaz de ir longe demais. Lembra-se de Christie Riggs?”

Demorei um pouco a me lembrar. “Sei. A atriz que se casou com o jogador de

futebol americano?”

Mark fez que sim e disse: “Sparacino manipulou o caso do começo ao fim.

Christie era modelo, iniciante, e gravara alguns comerciais para a televisão, aqui. Há

uns dois anos. Naquela época, Leon Jones estava nas capas de todas as revistas. Os

dois se conheceram numa festa, e um fotógrafo registrou a saída dos dois juntos.

Eles entraram na Maserati de Jones. Em seguida, Christie Riggs apareceu na sala de

espera de Orndorff & Berger. Marcara uma hora com Sparacino”.

“Está me dizendo que Sparacino estava por trás de tudo?”, perguntei, incrédula.

Christie Riggs e Leon Jones casaram-se no ano anterior e se divorciaram seis

meses depois. O relacionamento tumultuado e o divórcio escabroso causaram

sensação, e não saíam do noticiário, em horário nobre.

“Isso mesmo”, Mark disse, bebendo um pouco de vinho.

“Explique melhor.”

“Sparacino escolheu Christie”, ele disse. “Linda moça, inteligente, ambiciosa. Mas

só se destacava por sair com Jones. Sparacino preparou um plano ardiloso. Ela

queria ser conhecida. Queria enriquecer. Só precisava atrair Jones para a teia, e

depois começar a contar na frente das câmeras os detalhes de sua vida pessoal. Ela

disse que apanhava, que ele bebia, era um psicopata, cheirava cocaína e quebrava as

coisas em casa. Como sabe, logo ela e Jones se divorciaram. Christie assinou um

contrato de um milhão de dólares, para escrever um livro.”

“Saber disso me faz sentir uma certa pena de Jones”, murmurei.

“A pior parte é que ele realmente a amava e não percebeu que caía numa

armadilha. Começou a beber demais, acabou na clínica Betty Ford. Desde então,

sumiu de cena. Um dos melhores jogadores dos Estados Unidos afundou, perdeu

tudo, e a culpa é de Sparacino, indiretamente. Jogadas pesadas e vergonhosas como

essa não combinam com nosso estilo. Orndorff & Berger é um escritório de

advocacia antigo, distinto. Quando Berger soube o que seu advogado andava

fazendo, não ficou nada animado.”

“Por que vocês não o despedem, simplesmente?”, perguntei, cutucando a salada.

“Porque não podemos provar nada, por enquanto. Sparacino é muito liso. E

poderoso, principalmente em Nova York. É como agarrar uma serpente. Como largar,

sem levar uma picada? A lista não para aí.” Os olhos de Mark traíam sua raiva.

“Quando se examina o currículo de Sparacino, e os casos em que ele trabalhou

antes, a conclusão é inevitável.”

“Cite outros casos”, pedi, quase odiando a ideia.

“Várias ações duvidosas. Um escritor sensacionalista resolve escrever a biografia

não autorizada de Elvis, John Lennon ou Frank Sinatra, e, quando chega o momento

de publicá-la, a celebridade, ou algum parente, processa o autor. O caso vai parar

nos programas de entrevistas das grandes redes de televisão, na revista *People*. O

livro sai, de qualquer maneira, beneficiado por uma avalanche de publicidade

gratuita. Se todo mundo está brigando por causa do livro, alguma coisa ele tem. Não

provocaria tanta comoção à toa. Suspeitamos que o método de Sparacino é

representar o escritor, e depois agir nos bastidores, oferecendo à ‘vítima’ muito

dinheiro, por baixo do pano, para processar seu cliente. Tudo combinado, e funciona

como um passe de mágica.”

“A gente não pode acreditar em mais ninguém.” Na verdade, eu já achava isso

antes.

A costela chegou. Assim que o garçom se afastou, perguntei: “E como Beryl

Madison acabou envolvida com esse cara?”.

“Graças a Cary Harper”, Mark disse. “Esse é o lado irônico da história. Sparacino

representou Harper por alguns anos. Quando Beryl iniciou a carreira, Harper os

colocou em contato. Sparacino cuidou dela desde o início, combinando as tarefas de

agente, advogado e padrinho. Creio que Beryl era muito vulnerável a senhores

idosos e poderosos. A carreira da moça seguiu sem grandes novidades, até que ela

resolveu escrever sua autobiografia. Aposto que Sparacino sugeriu isso. Seja lá

como for, Harper não publicava nada desde seu Grande Romance Americano: entrou

para a história, e só interessava a alguém como Sparacino se houvesse escândalo.”

Refleti sobre o caso. “Seria possível que Sparacino estivesse armando uma jogada

com eles? Em outras palavras: Beryl resolve romper seu silêncio — e o contrato

com Harper — e Sparacino atua nos dois lados. Sugere a Harper, por baixo do pano,

que ele cause problemas.”

Ele encheu as taças e respondeu: “Sim, aposto que ele estimulou a briga, sem que

Beryl ou Harper percebessem. Como já expliquei, Sparacino age assim mesmo”.

Comemos em silêncio por uns minutos. A Gallagher’s justificava sua reputação.

Dava para cortar a costela com garfo.

Mark falou depois de algum tempo. “O que me revoltou, Kay”, e me encarou, com

o rosto tenso, “no almoço no Algonquin, foi a menção de Beryl às ameaças. Ela

disse que alguém ameaçava matá-la...” Ele hesitou. “Para dizer a verdade,

conhecendo Sparacino como conheço...”

“Você não acreditou nela.” Terminei a frase para ele.

“Não”, Mark confessou. “Não acreditei. Francamente, calculei que se tratava de

outro golpe de publicidade. Suspeitei que Sparacino a convencera a fingir tudo, para

ajudar na venda do livro. Não haveria apenas a disputa com Harper; poderiam usar

também as ameaças de morte. Não dei muito crédito ao que ela disse.” Ele fez uma

pausa. “Mas errei.”

“Sparacino não chegaria a esse ponto”, falei. “Não está sugerindo

que...”

“Acho mais provável que Sparacino tenha provocado Harper, até fazer com que

ele perdesse o controle, ficasse furioso a ponto de contratar alguém para fazer as

ameaças.”

“Se for isso mesmo”, falei calmamente, “ele tem muita coisa a ocultar, no que diz

respeito ao período em que Beryl viveu com ele.”

“É possível”, Mark disse, concentrando-se novamente na refeição.

“Mesmo que

não tenha, conhece Sparacino, sabe como o sujeito age. Verdade ou ficção, não

importa. Quando Sparacino resolve promover um escândalo, acaba conseguindo, e

ninguém se lembra depois dos resultados, só das acusações.”

“E agora ele quer me pegar?”, perguntei, cética. “Não compreendo. Onde é que eu

entro?”

“Simples. Sparacino quer o original do livro de Beryl, Kay. Agora, mais do que

nunca, o livro é quente. Lembre-se do que aconteceu à autora.” Ele olhou para mim.

“Ele acredita que o original foi entregue para você, como prova. E desapareceu.”

Estendi a mão para pegar o molho e perguntei, com toda a calma:

“Por que ele

acredita que o original desapareceu?”.

“Sparacino teve acesso, de algum modo, aos relatórios da polícia”, Mark disse.

“Você já os conhece, certo?”

“Só dados de rotina.”

Ele refrescou minha memória. “No verso há uma lista detalhada do material

recolhido — incluindo os papéis encontrados no chão do quarto e o original existente

sobre a mesa.”

Ai, meu Deus, pensei. Marino *encontrara* um original. Infelizmente, era o livro

errado.

“Ele conversou com o investigador na manhã de hoje”, Mark disse.

“Um tenente

chamado Marino. Ele contou a Sparacino que a polícia não está com o texto. Disse

que as provas foram encaminhadas para os laboratórios no prédio onde você

trabalha. Sugeriu que Sparacino contatasse o médico-legista titular. Em outras

palavras, você.”

“É só *pro forma*”, falei. “A polícia manda todo mundo falar comigo, e eu os

mando de volta para a polícia.”

“Tente convencer Sparacino. Ele alega que o material foi entregue a você, que deu

entrada junto com o corpo de Beryl. E agora está desaparecido. Acusa seu

departamento como responsável.”

“Isso é ridículo.”

“Acha mesmo?” Mark me olhou, intrigado. Aquela conversa mais

parecia um

interrogatório. “Não é verdade que parte do material recolhido como prova vai junto

com o cadáver, e que você o recebe, pessoalmente, e encaminha tudo para os

laboratórios, ou guarda em sua sala?”

Claro que era verdade.

“Você recebeu as provas no caso Beryl?”, perguntou.

“Não recebi o material recolhido na cena do crime, como, por exemplo, os papéis

personais dela”, expliquei, tensa. “A papelada foi entregue pela polícia, e não por

mim, diretamente aos laboratórios. Na verdade, a maior parte das provas

encontradas na casa foi encaminhada para o depósito da polícia.”

Ele repetiu: “Tente convencer Sparacino”.

“Nunca vi o original do livro”, declarei enfaticamente. “Meu departamento não

está com ele agora nem nunca esteve. Pelo que sei, não foi encontrado, e ponto

final.”

“Não foi encontrado? Quer dizer que não estava na casa dela? A polícia não o

localizou?”

“Não. O original encontrado não é o mesmo a que você se refere. Trata-se de

outro, anterior, possivelmente de um livro já publicado, e está incompleto. Tem umas

duzentas páginas, no máximo. A polícia o encontrou no quarto, sobre

a penteadeira.

Marino o recolheu, para exame das impressões digitais. O assassino poderia ter

mexido no material.”

Ele empertigou-se na cadeira.

“Se não o encontraram”, perguntou em voz baixa, “então onde ele foi parar?”

“Não faço a menor ideia”, respondi. “Suponho que possa estar em qualquer lugar.

Talvez tenha sido enviado a alguém, pelo correio.”

“Ela usava computador?”

“Sim.”

“Checaram o disco rígido?”

“O computador dela não possui disco rígido, só dois drives para disquetes”,

expliquei. “Marino está examinando os disquetes. Desconheço seu conteúdo.”

“Não faz sentido”, ele insistiu. “Mesmo que ela tenha enviado o original para

alguém, deveria ter tirado uma cópia antes. Uma cópia que teria ficado na casa.”

“Não faz sentido que Sparacino, seu agente, não tenha uma cópia”, argumentei,

irônica. “Duvido que ele jamais tenha visto o livro. Na verdade, aposto que

Sparacino guardou a primeira versão. Talvez até a versão final.”

“Ele nega isso, e, acredito, por um bom motivo. Pelo que soube a respeito de

Beryl, ela era muito reservada, no que dizia respeito a seus livros, e

não permitia

que ninguém — nem mesmo Sparacino — visse o material, enquanto não terminasse

de escrever. Ela o mantinha informado sobre o andamento do serviço, por meio de

telefonemas, conversas, cartas. Segundo ele, o último contato ocorreu há um mês,

mais ou menos. Ela teria dito que estava ocupada, revisando o texto, e que

apresentaria o livro, pronto para ser publicado, no primeiro dia do ano.”

“Há um mês?”, perguntei, cautelosa. “Ela escreveu para Sparacino?”

“Telefonou.”

“De onde?”

“Sei lá, droga. De Richmond, creio.”

“Foi isso que ele lhe contou?”

Mark refletiu, por um momento. “Não, ele não mencionou o local do chamado.” E,

depois de uma pausa: “Por quê?”.

“Ela passou algum tempo fora da cidade”, respondi, como se isso não fosse

importante. “Só gostaria de saber se Sparacino conhecia o paradeiro dela.”

“A polícia não sabe onde ela esteve?”

“A polícia não sabe de muita coisa.”

“Isso não é resposta.”

“Eu deveria dizer que não está certo discutirmos o caso, Mark. Eu já falei demais,

e não entendo por que você se interessa tanto.”

“Você não sabe se meus motivos são legítimos”, ele disse. “Pensa que a convidei

para jantar, e tomar este vinho, só para extrair algumas informações.”

“Para ser honesta, sim.”

“Estou preocupado, Kay.” Pela tensão em seu rosto — e aquele rosto ainda me

impressionava muito — percebi que estava mesmo. Não conseguia tirar os olhos

dele.

“Sparacino trama alguma coisa”, ele disse. “Não quero que você saia ferida.” Ele

serviu o resto do vinho.

“O que ele pode fazer, Mark?”, perguntei. “Ligar para mim, exigindo um original

que não possuo? E daí?”

“Creio que ele já sabe que você não tem o original”, disse Mark. “O problema é

que isso não importa. Sim, ele quer o livro. E o conseguirá, de um modo ou de outro,

a não ser que esteja perdido. Ele é o executor testamentário de Beryl.”

“Que gracinha”, falei.

“Sei que ele está tramando algo.” Ele falava para si mesmo.

“Mais um golpe publicitário?”, sugeri, soando mais descontrainda do que me

sentia.

Ele bebeu o vinho, sem dizer nada.

“Não imagino o que possa ser”, prossegui. “Não estou envolvida em nada.”

“Eu imagino”, ele disse, sério.

“Então, por favor, me conte”, pedi.

Ele contou. “Título: médico-legista titular recusa-se a divulgar livro polêmico.”

Ri. “Tudo isso é ridículo.”

Ele não riu. “Pense bem. Uma autobiografia controvertida, escrita por uma moça

solitária, que acaba brutalmente assassinada. O original desaparece, e a legista

titular é acusada de roubo. O material sumiu no *necrotério*... Quando o livro sair, vai

ser um tremendo sucesso, e Hollywood disputará os direitos cinematográficos.”

“Não me preocupo”, falei, sem soar muito convincente. “Tudo isso é muito vago,

nem posso imaginar que aconteça.”

“Sparacino se especializou em criar caso à toa, Kay”, ele me alertou. “Só não

quero que você acabe como Leon Jones.” Ele olhou para o lado, à procura do

garçom, mas seus olhos se fixaram na porta da frente. Baixando os olhos

rapidamente, para a costela em seu prato, ele resmungou: “Merda”.

Precisei de toda a minha força de vontade para não virar a cabeça. Não olhei para

cima, nem demonstrei de outro modo ter percebido a aproximação daquele sujeito

imenso.

“Olá, Mark. Imaginei que o encontraria aqui.”

O sujeito, um cinquentão de fala macia, exibia um rosto flácido, porém

implacável, onde se destacavam os olhos azuis miúdos e frios. Corado, ofegava um

pouco, como se o esforço de carregar seu peso excessivo afetasse cada célula do

corpo.

“Tive um impulso de passar por aqui e convidá-lo para tomar um drinque, meu

caro.” Ele desabotoou o casaco de cashmere e virou-se para mim, sorridente,

estendendo a mão. “Creio que ainda não nos conhecemos. Robert Sparacino.”

“Kay Scarpetta”, respondi, espantosamente calma.

5

Conseguimos, não sei como, passar uma hora tomando licor com Sparacino. Foi

horrível. Ele agia como se eu fosse uma desconhecida. Mas sabia muito bem quem

eu era, e seguramente não aparecera ali por acaso. Numa cidade do tamanho de

Nova York, como poderia ter sido apenas uma coincidência?

“Tem certeza de que ele não sabia de minha vinda?”, perguntei.

“Não vejo como poderia saber”, Mark disse.

Senti sua pressa, quando ele me acompanhou até a rua 55. O Carnegie Hall estava

vazio, poucas pessoas passeavam na calçada. Já era quase uma da manhã, e meus

pensamentos inquietos flutuavam no álcool.

Sparacino tornara-se mais animado e cordial a cada Grand Marnier, e no final já

enrolava a língua.

“Ele não perde uma. A gente pensa que está embriagado, e não se lembrará de

uma só palavra na manhã seguinte. Que nada. Está sempre alerta, até quando

dorme.”

“Não está fazendo com que eu me sinta melhor”, falei.

Seguimos direto para o elevador e subimos em silêncio cúmplice, observando as

luzes que piscavam, a cada andar. Nossos pés percorreram, silenciosos, o corredor

acarpetado. Torcia para que minha mala estivesse no quarto, e fiquei aliviada

quando a vi sobre a cama, ao entrar.

“Está aqui perto?”, perguntei.

“Quase do lado.” Seus olhos percorriam o apartamento. “Vai me oferecer uma

saideira?”

“Não trouxe nada...”

“Aqui há um bar completo. Pode acreditar em mim”, ele disse.

Eu precisava tanto de um drinque quanto de um tiro na cabeça.

“O que Sparacino vai fazer?”, perguntei.

O “bar completo” era um frigobar cheio de cerveja, vinho e miniaturas de

destilados.

“Ele nos viu juntos”, acrescentei. “O que pode acontecer agora?”

“Depende do que eu disser a ele”, Mark falou.

Passei-lhe um copo descartável com uísque. “Vou reformular a pergunta. O que

pretende dizer, Mark?”

“Uma mentira.”

Sentei-me na beirada da cama.

Ele puxou uma cadeira e começou a girar lentamente as pedras de gelo da bebida.

Nossos joelhos quase se tocavam.

“Direi que tentava descobrir alguma coisa, através de você”, Mark disse. “Para

ajudá-lo.”

“Ou seja, que estava me usando”, disse, sentindo que meus pensamentos se

embaralhavam, como uma transmissão de rádio problemática. “Que seria capaz de

fazer isso. Por causa de nosso relacionamento passado.”

“Sim.”

“E isso é mentira?”, indaguei, desconfiada.

Ele riu. Quase me esquecera do quanto amava o som de sua risada.

“Não vejo graça nenhuma”, protestei. Fazia calor no apartamento. O uísque me

esquentava. “Se isso é mentira, Mark, então me diga, qual é a verdade?”

“Kay”, ele disse, sempre sorridente, fixando os olhos em mim. “Já lhe contei a

verdade.” Ele ficou em silêncio por um momento. Depois debruçou-se e tocou meu

rosto. Senti medo, pois desejava muito que me beijasse.

Ele recuou. “Por que não fica até amanhã de tarde? Talvez possamos conversar

com Sparacino logo cedo.”

“Não”, recusei. “É exatamente isso o que ele deseja que eu faça.”

“Tudo bem. Como preferir.”

Horas depois, quando Mark saiu, eu permaneci acordada, olhando para o teto,

consciente do vazio a meu lado, na parte já fria da cama. Nos velhos tempos, Mark

nunca passava a noite comigo, e na manhã seguinte eu percorria o apartamento,

recolhendo as peças de roupa, copos sujos, pratos e garrafas de vinho. Limpava os

cinzeiros. Nós dois fumávamos na época. Ficávamos acordados até uma, duas, três

da madrugada, conversando, rindo, brincando, bebendo, fumando. Discutíamos,

também. Eu odiava os debates, que não raro se transformavam em brigas terríveis,

olho por olho, dente por dente. Lei tal contra princípio tal. Sempre esperava que ele

declarasse seu amor por mim. Ele nunca o fez. Na manhã seguinte, só restava a

sensação de vazio que sentia quando era menina, depois do Natal, quando ajudava

minha mãe a jogar fora os papéis de presente amontoados debaixo da árvore.

Não sabia bem o que desejava. Acho que nunca soube. O distanciamento

emocional custava mais caro que a proximidade. Mesmo assim, eu não aprendia.

Nada havia mudado. Caso ele se aproximasse de mim, eu teria deixado de me

comportar sensatamente. O desejo ignora a razão, e a necessidade de intimidade

jamais deixara de existir. Aquelas imagens, distantes de minha mente havia anos,

agora me atormentavam novamente. Seus lábios colados aos meus, a urgência do

desejo, as mãos dele. As lembranças me atormentavam.

Esqueci de pedir que me acordassem e de programar o despertador ao lado da

cama. Mas meu alarme mental, programado para as seis horas, fez com que eu

despertasse na hora desejada. Sentei-me na cama, com uma aparência terrível. Era

assim que eu me sentia. Uma ducha quente e os cabelos bem escovados não

conseguiram disfarçar as olheiras profundas nem o rosto abatido. As luzes do

banheiro revelavam tudo, brutalmente honestas. Liguei para a United Airlines, e às

sete bati na porta de Mark.

“Oi”, ele disse, ao surgir odiosamente lépido e disposto. “Mudou de ideia?”

“Sim”, falei. O perfume familiar de sua água-de-colônia reorganizou meus

pensamentos, soltos como cacos de vidro brilhantes dentro de um caleidoscópio.

“Já sabia”, ele disse.

“E como adivinhou?”, perguntei.

“Você nunca foge de uma boa briga”, ele disse, olhando para mim pelo espelho do

quarto, enquanto ajeitava o nó da gravata.

Mark e eu combinamos uma reunião no escritório de Orndorff & Berger, no início

da tarde. O saguão do escritório era um espaço amplo, desolado. O balcão negro

imenso subia do carpete negro, reluzindo apenas nos detalhes em latão polido. Um

bloco sólido de latão servia de mesa, entre duas poltronas pretas de acrílico. Não

havia mais nenhuma mobília, nem plantas ou quadros. Nada, além de

retorcidas, como estilhaços, a quebrar o vazio da sala.

“Posso ajudá-la?” A recepcionista sorriu automaticamente, das profundezas de

sua cadeira.

Antes que eu pudesse responder, uma porta invisível abriu-se na parede negra,

silenciosamente, e Mark surgiu para apanhar minha bagagem e me conduzir por um

corredor comprido e largo. Passamos por várias portas, que davam para escritórios

espaçosos, com janelas envidraçadas por onde se via Manhattan, cinzenta. Não vi

ninguém. Calculei que estivessem todos almoçando.

“Quem, em nome de Deus, decorou a recepção?”

“A pessoa que nos aguarda”, Mark disse.

O escritório de Sparacino era o dobro dos outros; a mesa, um bloco maciço de

ébano, coberto de pesos de papel de pedras semipreciosas, cercado de estantes de

livros. Não parecia menos intimidador que na noite passada, o advogado dos artistas

e escritores. Vestia um terno caro; John Golti, provavelmente. O lenço vermelho, no

bolso superior, contrastava com o traje escuro. Ele não se levantou quando entramos

e ocupamos as poltronas. Por um momento terrível, nem sequer olhou para nós dois.

“Presumo que estejam a caminho do restaurante, para almoçar”, ele disse

finalmente, erguendo os frios olhos azuis. Os dedos gordos fecharam uma pasta.

“Prometo não abusar de sua boa vontade, doutora Scarpetta. Mark e eu repassamos

alguns detalhes referentes ao caso de minha cliente Beryl Madison. Como advogado

dela, e executor testamentário, tenho exigências muito definidas, e confio que possa

colaborar na concretização dos anseios de minha cliente.”

Não falei nada. Em vão, procurei um cinzeiro.

“Robert precisa dos papéis que pertencem a ela”, Mark disse, mecanicamente.

“Especificamente, os originais do livro que ela estava escrevendo, Kay. Expliquei-

lhe, antes de sua chegada, que o departamento de medicina legal não guarda os

pertences da vítima. Pelo menos, neste caso específico.”

Havíamos ensaiado tudo, durante o café da manhã. Mark deveria “enrolar”

Sparacino antes de minha chegada. Mas começava a suspeitar que a “enrolada” seria

eu.

Encarei Sparacino e disse: “Os itens recebidos por meu departamento constituem

provas, e não incluem os originais mencionados”.

“Está querendo dizer que não tem o original?”, ele perguntou.

“Exatamente.”

“E não sabe onde eles foram parar?”

“Não tenho a menor ideia.”

“Bem, o que está dizendo cria uma série de problemas.”

Seu rosto permaneceu inexpressivo, enquanto abria a pasta para tirar uma

fotocópia do relatório policial sobre Beryl, que logo reconheci.

“De acordo com a polícia, o original foi encontrado na cena do crime”, ele disse.

“Agora, sou informado de que não se trata do original em questão. Pode me ajudar a

entender isso?”

“Algumas páginas de um original foram localizadas”, respondi. “Mas não creio

que pertençam ao livro que procura, senhor Sparacino. Pelo que sei, não fazem parte

de um trabalho atual. Além disso, nunca passaram pelas minhas mãos.”

“Quantas páginas?”, ele perguntou.

“Não cheguei a ver o material”, falei.

“Quem teve acesso a ele?”

“O tenente Marino. Deveria procurá-lo, na verdade”, falei.

“Já fiz isso, e ele me disse que entregou o original para a senhora.”

Não acreditei que Marino tivesse dito aquilo. “Uma falha de comunicação, com

certeza”, retruquei. “Creio que Marino se referia às páginas encaminhadas para o

laboratório, pertencentes a uma obra anterior. Mas o laboratório de análise é um

departamento independente, embora localizado no mesmo prédio que o meu.”

Olhei para Mark. Sua expressão era tensa, e ele transpirava.

O couro rangeu quando Sparacino acomodou-se na poltrona.

“Serei direto, doutora Scarpetta. Não acredito no que está dizendo.”

“Não posso obrigá-lo a crer em nada”, falei calmamente.

“Refleti muito sobre a questão”, ele prosseguiu, também calmamente. “O fato é

que o original não passa de um monte de papel inútil, a não ser que a pessoa saiba o

valor que possui para determinados envolvidos. Sei de pelo menos duas pessoas,

excluindo os editores, que pagariam um alto preço pelo livro que ela escrevia

quando morreu.”

“Isso não me diz respeito”, retruquei. “Meu departamento não está com o original

mencionado. E jamais esteve.”

“Alguém o pegou.” Ele olhou pela janela. “Conheci Beryl melhor do que ninguém.

Estava familiarizado com seus hábitos, doutora Scarpetta. Ela passou muito tempo

fora da cidade e voltou horas antes do assassinato. Duvido muito que não

mantivesse o original ao alcance da mão. No escritório, na pasta, na mala.” Os olhos

azuis fixaram-se em mim. “Ela não possuía cofre em banco, nem poderia guardar o

material em outro lugar. Jamais aceitaria isso, de qualquer forma. Ela o levou

consigo quando saiu da cidade. Trabalhava nele. Obviamente, quando voltou a

Richmond, trouxe o original consigo.”

“Ela passou muito tempo fora da cidade”, repeti. “Tem certeza disso?”

Mark não olhava para mim.

Sparacino reclinou-se na poltrona, cruzando os dedos em cima da barriga enorme.

Ele disse: “Sei que Beryl não estava em casa. Tentei falar com ela durante várias

semanas. Então recebi uma ligação, há cerca de um mês. Não revelou onde se

encontrava, mas disse que estava em segurança, e passou a relatar os progressos na

elaboração do livro, no qual estava trabalhando duro. Para resumir, eu não a forcei a

contar nada. Beryl andava apavorada, e fugiu por causa de um maluco que a

atormentava. Não me importava, realmente, onde poderia estar. Contentei-me em

saber que trabalhava no livro, em segurança, e cumpriria os prazos combinados.

Pode soar duro, mas costumo ser pragmático”.

“Nós não sabemos onde Beryl esteve”, Mark informou. “Infelizmente, Marino não

quis contar.”

A escolha do pronome doeu. “Nós” significava ele e Sparacino.

“Se está esperando que eu diga...”

“É exatamente o que espero”, Sparacino interrompeu. “Descobriremos, mais cedo

ou mais tarde, que ela se escondeu na Carolina do Norte, em Washington, ou no

Texas — merda, em algum lugar. Mas preciso saber disso *agora*.
Afirma que seu

departamento não guardou o original. A polícia também alega que não está com ele,

tampouco. Um modo seguro para chegar ao final desta história é descobrir para onde

ela foi, e começar a procurar lá o original. Talvez alguém a tenha levado ao

aeroporto. Talvez tenha feito amigos no local. Talvez alguém saiba o que aconteceu

com o livro. Por exemplo, ela o levava consigo, ao subir no avião?”

“Esta informação pode ser solicitada ao tenente Marino”, retruquei.
“Não devo

discutir os detalhes do caso com o senhor.”

“Não esperava que o fizesse”, Sparacino disse. “Provavelmente por saber que ela

o levava ao pegar o avião de volta para Richmond. Provavelmente por ter recebido o

original junto com o corpo, em seu departamento. E depois ter permitido que

sumisse.” Ele parou, fixando os olhos frios em mim. “Quanto Cary Harper e a irmã

pagaram para que entregasse o original a eles?”

Mark parecia um cadáver, o rosto pálido sem expressão alguma.

“Diga, quanto? Dez mil? Vinte? Cinquenta?”

“Isso encerra nossa conversa, senhor Sparacino”, eu disse, apanhando a bolsa.

“Não. Creio que não, doutora Scarpetta”, Sparacino insistiu.

Ele examinou a pasta. Como quem não quer nada, jogou algumas folhas de papel

em minha direção.

Senti o sangue sumir do rosto, quando reconheci as fotocópias dos artigos

publicados nos jornais de Richmond havia mais de um ano. A primeira reportagem

era terrivelmente familiar:

médico-legista acusado de furto

Quando Timothy Smathers levou um tiro e morreu, dentro de sua residência, no mês passado, usava um

relógio de ouro e levava US\$ 83 em dinheiro, no bolso da calça, segundo a esposa, testemunha do

homicídio supostamente cometido por um ex-funcionário descontente. A polícia e membros do

esquadrão de resgate, que compareceram à casa dos Smathers, alegam que os valores acompanharam o

corpo, quando este foi enviado para o médico-legista, para autópsia...

Havia outros, e não precisava ler mais nada, para saber do que se

tratava. O caso

Smathers provocara uma onda de publicidade negativa para meu departamento; a

pior de todas.

Passei as fotocópias para as mãos estendidas de Mark. Sparacino me pegara de

jeito, mas eu estava decidida a não ceder.

“Conforme pode notar, ao ler as reportagens”, falei, “houve uma investigação

rigorosa do caso, e meu departamento foi absolvido de qualquer responsabilidade.”

“Sim, mas é claro”, Sparacino disse. “A senhora entregou pessoalmente os valores

em questão, na casa funerária. Depois disso, os valores desapareceram. O problema

está em provar esse fato. A senhora Smathers ainda é de opinião que o departamento

de medicina legal furtou o relógio e o dinheiro do marido. Conversei com ela.”

“O departamento dela foi inocentado, Robert”, Mark interferiu, em tom seco, ao

examinar os artigos. “Mesmo assim, aqui diz que a senhora Smathers recebeu um

cheque, como indenização, no valor dos itens desaparecidos.”

“Correto”, confirmei friamente.

“E o valor sentimental? Ele não tem preço”, Sparacino argumentou. “Mesmo que

pagassem dez vezes o valor, ela continuaria sofrendo.”

Aquilo era uma piada macabra. A sra. Smathers, considerada pela polícia suspeita

de encomendar a morte do marido, casou-se com um viúvo milionário, antes mesmo

que a grama crescesse sobre a sepultura do falecido.

“E, como as reportagens ressaltam”, Sparacino prosseguiu, “seu departamento não

apresentou o recibo capaz de confirmar a entrega dos pertences do senhor Smathers

à funerária. O recibo, supostamente arquivado por seu secretário, sumiu. E o dito

cujo acabou transferido para não sei onde. No final, foi a sua palavra contra a do

peçoal da funerária. Embora o assunto não tenha sido resolvido satisfatoriamente,

ninguém mais se importa.”

“Aonde pretende chegar?”, Mark perguntou, sempre em tom neutro.

Sparacino olhou para Mark, mas logo voltou a atenção para mim. “O caso

Smathers, infelizmente, não é um episódio isolado. O mesmo tipo de acusação

voltou a ser feita em julho, quando seu departamento recebeu o corpo de um idoso

chamado Henry Jackson, falecido por causas naturais. O cadáver deu entrada no

necrotério com cinquenta e dois dólares em dinheiro no bolso. Novamente, ao que

consta, o dinheiro desapareceu, e vocês foram obrigados a emitir um cheque, em

nome do filho do falecido. O filho queixou-se à reportagem de uma emissora local

de televisão. Possuo o videoteipe da entrevista que foi ao ar, se quiser vê-la.”

“Jackson deu entrada com cinquenta e dois dólares no bolso”, respondi, a ponto

de perder a paciência. “O corpo encontrava-se em adiantado estado de decomposição, e o dinheiro tão podre que nem o ladrão mais desesperado teria

coragem de pôr as mãos nele. Não sei o que aconteceu com ele; suponho que tenha

sido incinerado com as roupas igualmente podres e infestadas de vermes.”

“Minha nossa”, Mark resmungou.

“Seu departamento vive tendo problemas, doutora Scarpetta.” Sparacino sorria.

“Todos os departamentos têm problemas”, reagi, e me levantei. “Se deseja

recuperar os pertences de Beryl Madison, dirija-se à polícia.”

“Lamento muito”, Mark disse, quando atravessamos o corredor, a caminho do

elevador. “Não imaginava que o filho da mãe fosse jogar merda no ventilador.

Deveria ter me contado, Kay...”

“Contado?” Encarei-o, incrédula. “Contado o quê?”

“Contado a respeito do sumiço dos valores, da publicidade negativa. Sparacino

adora esse tipo de coisa. Como eu não sabia, caímos numa armadilha. Droga!”

“Eu não lhe contei nada”, falei, erguendo a voz, “porque não era relevante para o

caso de Beryl. Os problemas mencionados por ele não passam de tempestades em

copo d’água. Acontecem com frequência, pois recebemos cadáveres

em péssimas

condições. Policiais e agentes funerários passam o dia recolhendo pertences de

peessoas...”

“Por favor, não fique brava comigo.”

“Não estou brava com você!”

“Bem que eu avisei sobre Sparacino. Estou tentando protegê-la.”

“Acho que não tenho muita certeza quanto ao que você está tentando fazer,

Mark.”

Continuamos a conversar, alterados, enquanto ele tentava parar um táxi. Na rua, o

trânsito engarrafado provocava um alvoroço de buzinas e motores acelerados. Meus

nervos estavam à flor da pele. Um táxi finalmente parou, e Mark abriu a porta de

trás, colocando minha mala no assoalho. Quando entregou algumas notas ao

motorista, depois que eu entrei, percebi qual era a jogada. Mark não me faria

companhia. Deixaria que eu voltasse sozinha para o aeroporto, sem almoçar. Antes

que conseguisse abaixar o vidro da janela, para reclamar, o táxi partiu, com um

solavanco.

Segui em silêncio até o aeroporto de La Guardia, onde seria obrigada a aguardar

três horas pelo voo. Estava faminta, furiosa e desnorteada. Não admitia partir

naquele estado. Descobri uma cadeira desocupada no bar, sentei-me, pedi uma

bebida e acendi o cigarro. Observei a fumaça azulada a se dissipar no ar nebuloso.

Minutos depois, introduzia uma moeda no telefone público.

“Orndorff & Berger”, disse a voz feminina, em tom profissional.

Imaginei o balcão negro e falei: “Mark James, por favor”.

Após uma pausa, a moça disse: “Lamento, deve ser engano”.

“Ele trabalha no escritório de Chicago. Está de passagem por Nova York.

Tivemos uma reunião aí não faz muito tempo”, expliquei.

“Poderia aguardar um momento, por favor?”

Suportei a versão musak de *Baker street*, de Jerry Rafferty, por dois minutos, no

mínimo.

“Lamento”, a telefonista informou, ao retornar. “Não há ninguém aqui com esse

nome, senhora.”

“Ele e eu nos encontramos no saguão, há menos de duas horas”, insisti,

impaciente.

“Verifiquei isso, senhora. Lamento, talvez tenha nos confundido com outro

escritório.”

Praguejando baixinho, bati o telefone. Liguei para o auxílio à lista e pedi o número

de Orndorff & Berger em Chicago. Telefonei para lá, usando o cartão de crédito.

Pretendia deixar um recado para Mark, pedindo que me ligasse assim que pudesse.

Meu sangue gelou quando a recepcionista de Chicago anunciou:
“Lamento,

senhora. Aqui não trabalha nenhum Mark James”.

6

Mark James não constava na lista telefônica de Chicago. Encontrei cinco Mark

James e três M James. Quando cheguei em casa, tentei todos os números, mas só

consegui falar com mulheres ou vozes masculinas desconhecidas. De tão atarantada,

não consegui dormir.

Só na manhã seguinte ocorreu-me contatar Diesner, médico-legista em Chicago.

Mark afirmara conhecê-lo.

Disse a Diesner, presumindo que a abordagem direta seria a mais conveniente,

depois dos cumprimentos habituais: “Estou tentando localizar Mark James,

advogado de Chicago. Creio que o conhece”.

“James...”, Diesner repetiu, pensativo. “Lamento, mas não me recordo, Kay. Ele

disse que é advogado aqui em Chicago?”

“Sim.” Senti meu coração apertado. “Trabalha com Orndorff & Berger.”

“Claro, conheço Orndorff & Berger. Um escritório de advocacia muito conceituado. Mas não me lembro de nenhum Mark James...” Ouvi o som de gaveta

ao ser aberta, e de papéis sendo folheados. Depois de algum tempo, Diesner disse:

“Nada. Não encontrei o nome dele nas páginas amarelas”.

Assim que desliguei, tomei mais uma xícara de café preto e olhei pela janela da

cozinha, para o comedouro dos pássaros, vazio. Naquela manhã cinzenta, a chuva

ameaçava cair. Para limpar minha escrivaninha no escritório, precisaria de uma

retroescavadeira. Era sábado. Segunda-feira seria feriado estadual. O escritório

ficaria deserto. Minha equipe já estava aproveitando o fim de semana prolongado.

Eu iria aproveitar a calma e o silêncio para colocar o serviço em dia. Mas não

conseguia me concentrar. Pensava em Mark, exclusivamente. Era como se ele não

existisse, como se tudo não passasse de imaginação, de pesadelo. Quanto mais

tentava compreender, mais os pensamentos se embaralhavam. O que estava

acontecendo, caramba?

Já entrando em desespero, consultei o auxílio à lista para tentar obter o número do

telefone da casa de Robert Sparacino. Fiquei secretamente aliviada ao saber que o

nome não constava. Seria suicídio ligar para ele. Mark havia mentido para mim.

Disse que trabalhava na Orndorff & Berger, que morava em Chicago e conhecia

Diesner. Nada disso era verdade! Mas eu queria que o telefone tocasse,

queria que

fosse Mark. Lavei e passei roupa, abri uma lata de molho de tomate, fiz almôndegas

e dei uma espiada na correspondência.

O telefone só tocou às cinco da tarde.

“Olá, doutora. É Marino.” A voz, tão familiar, me animou um pouco.
“Não queria

incomodar no final de semana, mas tento localizá-la há dois dias. Só queria saber se

está tudo bem.”

Marino adorava bancar o anjo da guarda.

“Consegui um videotape que acho que você gostaria de ver”, disse.
“Pensei que

estaria em casa e gostaria de saber se posso passar aí. Você tem videocassete?”

Ele sabia que eu tinha. Ele já “passara” em minha casa para ver fitas antes. “Que

tipo de videotape?”, perguntei.

“Interrogatório de um pirado. Passei a manhã inteira falando com ele. Sobre Beryl

Madison.” Ele fez uma pausa. Notei a satisfação na voz, por seu desempenho.

Quanto mais eu conhecia Marino, mais ele se pavoneava. Em parte, eu atribuía

esse fenômeno ao fato de o tenente ter salvo minha vida num episódio horrível, que

nos aproximou, apesar de tantas diferenças.

“Está trabalhando?”, perguntei.

“Ora, estou sempre trabalhando”, ele resmungou.

“Sério.”

“Nada oficial, tá? Saí às quatro, mas minha esposa foi para Jersey, visitar a mãe, e

tenho mais nós para desatar do que num tapete.”

A esposa viajara. Os filhos já eram grandes. Marino não queria voltar para a casa

vazia naquele sábado cinzento, deprimente. Minha própria casa, vazia, também não

me animava. Olhei para a panela com molho, borbulhando no fogão.

“Não pretendia sair, mesmo”, falei. “Passe aqui com o tal videoteipe, e o veremos

juntos. Gosta de espaguete?”

Ele hesitou. “Bem...”

“Com almôndegas. Ia cozinhar o macarrão agora. Come comigo?”

“Tudo bem”, ele disse. “Acho que sim.”

Quando Beryl Madison lavava o carro, costumava ir até o Masterwash, na zona

sul.

Marino descobrira isso visitando todos os lava-rápidos de primeira classe da

cidade. Não havia muitos, uma dúzia no máximo, nos quais o veículo passava

automaticamente pela série de escovas giratórias, enquanto finíssimos jatos de água

com detergente bombardeavam a lataria. Depois de uma rápida passagem pelos jatos

de ar quente, um motorista assumia o volante e o conduzia até o local onde os

funcionários passavam aspirador, cera e líquido para limpar os pneus,

para-choques

e o que mais houvesse. Marino informou que a lavagem “Super Luxo” custava

quinze dólares.

“Dei uma sorte dos diabos”, Marino disse, ao guiar o espaguete para o garfo com

uma colher de sopa. “Como se pode localizar um negócio desses, hein? Os caras

lavam setenta, cem carros por dia. Acha que alguém vai se lembrar de um Honda

preto? Nunca.”

Era o próprio pescador bem-sucedido. Fisgara um peixão. Calculava que ele, ao

receber o relatório preliminar das fibras, na semana anterior, iria percorrer os lava-

rápidos e as lojas de roupas da cidade. Em se tratando de Marino, não ficaria pedra

sobre pedra.

“Acertei na mosca ontem”, ele prosseguiu. “Passei no Masterwash. Estava no fim

da lista, por causa da localização. Calculei que Beryl levaria o carro para algum

lugar na zona oeste. Mas não, ela preferiu a zona sul, e só encontrei um motivo para

tanto. O local oferece serviços de proteção contra ferrugem. Descobri que ela levou

o automóvel lá pouco depois de comprá-lo, em dezembro, e gastou cem paus em

proteção para a lataria e para o chassi. Em seguida, abriu uma conta e entrou na

promoção para clientes fixos. Ganhava dois dólares de desconto a cada lavagem, e a

oferta da semana, grátis.”

“Foi assim que descobriu?”, perguntei. “Graças à promoção?”

“Claro”, disse. “Eles não usam computador. Precisaram examinar os recibos um a

um. Encontraram uma cópia do contrato para clientes fixos. A julgar pelo estado do

carro na garagem, eu imaginava que ela passara pelo lava-rápido pouco antes de

viajar para Key West. Pesquisei também as despesas com cartão de crédito. Achei

uma nota em nome da Masterwash, o serviço antiferrugem de cem dólares. Creio que

pagava em dinheiro, quando se tratava de lavagem, apenas.”

“E nesse lava-rápido o pessoal entra nos carros”, comentei. “Como é o uniforme

deles?”

“Nenhum item cor de laranja que combine com a fibra esquisita encontrada. A

maioria usa jeans e tênis — e todos vestem a camisa azul, com o logotipo da

Masterwash bordado em branco, no bolso. Verifiquei tudo quando estive lá. Nada

que me chamasse a atenção. Só vi fibras de algodão branco nos panos utilizados

para enxugar os carros.”

“Não parece nada promissor”, falei, empurrando o prato. Pelo menos Marino era

um bom de garfo. Meu estômago ainda doía por causa de Nova York.

Não sabia se

lhe contava tudo ou não.

“Em princípio, não”, ele disse. “Mas um sujeito com quem conversei me deixou

com a pulga atrás da orelha.”

Esperei.

“O nome dele é Al Hunt, vinte e oito anos, branco. Suspeitei dele logo de cara,

quando o vi lá, em pé, supervisionando os lavadores. Sei lá, acho que foi intuição.

Ele não combinava com o lugar. Elegante, chique, do tipo que deveria estar usando

terno e pasta de couro. E perguntei a mim mesmo, ‘O que um cara assim faz neste

fim de mundo?’.” Ele parou para limpar o prato com pão de alho. “Dei uma

encostada, e comecei a interrogá-lo. Perguntei a respeito de Beryl, mostrei o retrato

da carteira de motorista. Quis saber se ele se lembrava de tê-la visto por lá, e pimba!

Ele ficou agitado.”

Não pude deixar de pensar que também ficaria agitada se Marino “desse uma

encostada” em mim. Ele provavelmente abordou o pobre coitado com a sutileza de

uma locomotiva.

“E aí?”, perguntei.

“Aí, nós entramos, tomamos café, e começamos a falar do que interessava”,

Marino respondeu. “Al Hunt é um filhinho de papai. Para você ver, ele fez até

faculdade. Formou-se em psicologia, mas foi trabalhar como *enfermeiro* no

Metropolitan por uns dois anos. Dá para acreditar? Perguntei por que trocou o

hospital pelo Masterwash e descobri que o pai dele é o dono do negócio. O pai de

Hunt tem investimentos espalhados pela cidade. Masterwash é apenas um deles.

Possui vários estacionamentos e é o rei dos cortiços da zona norte. Só posso pensar

que Al vem sendo treinado para assumir os negócios do pai, certo?”

A história começava a me interessar.

“Contudo, Al não usa terno, embora tenha toda a pinta. Ou seja, Al não passa de

um fracassado. O velho não confia no taco dele para colocá-lo de terninho, atrás de

uma mesa, dando as cartas. Preferiu deixar o filho checando se a turma encerrou

direito o carro e limpou os para-choques. Percebi, logo de cara, que havia algo

suspeito.” Ele levou o dedo engordurado à cabeça.

“Talvez fosse melhor interrogar o pai, também”, sugeri.

“Certo. Ele vai me dizer que seu herdeiro não passa de um pateta.”

“E como planeja aprofundar a história?”

“Já fiz isso”, ele respondeu. “Veja a fita de vídeo que eu trouxe, doutora. Passei a

manhã inteira com Al Hunt na central. O sujeito fala pelos cotovelos e se mostrou

muito interessado no que aconteceu com Beryl; disse que leu tudo nos jornais...”

“Como ele sabia quem ela era?”, interrompi. “Os jornais e a televisão não

mostraram fotos da moça. Ele reconheceu o nome?”

“Ele declarou que não, que não tinha a menor ideia de quem poderia ser a loira

que costumava ver no lava-rápido, antes de eu mostrar a carteira de motorista dela.

Depois fez a maior cena, fingiu que estava chocado, muito perturbado mesmo. Não

perdia uma palavra minha, queria conversar mais a respeito dela. Interessado demais

por uma suposta desconhecida.” Ele colocou o guardanapo amassado em cima da

mesa. “Acho melhor que você veja por si mesma.”

Passei um café, tirei os pratos sujos da mesa, e fomos para a sala ver o vídeo. O

cenário era familiar. Já o vira antes, em diversas oportunidades. A sala de

interrogatório da polícia era um cubículo, com paredes revestidas de madeira. A

única peça de mobília era uma mesa no meio do piso acarpetado. Perto da porta

havia um interruptor de luz, e só os especialistas ou frequentadores assíduos

saberiam que faltava um parafuso na parte superior. Do outro lado do orifício

minúsculo, uma câmera especial, com lente grande angular, registrava tudo.

Al Hunt não parecia ameaçador à primeira vista. Era claro, com cabelo

louro ralo

e pele pálida. Seria até atraente, não fosse o queixo recuado, que fazia o rosto

desaparecer no pescoço. Usava um casaco de couro castanho e jeans, e tamborilava

nervosamente numa lata de 7-Up, sem tirar os olhos de Marino, que estava sentado

bem à sua frente.

“O que Beryl Madison tinha de tão especial?”, Marino perguntou. “Por que a

notou? Passam muitos carros pelo lava-rápido, diariamente. Lembra-se de todos os

clientes?”

“Lembro-me de muitos, por incrível que pareça”, Hunt respondeu. “Principalmente

dos clientes habituais. Nem sempre guardo o nome deles, mas eu me lembro dos

rostos, pois as pessoas costumam esperar fora do carro, enquanto o pessoal faz a

limpeza interna. Muitos fregueses gostam de acompanhar o serviço, entende? Ficam

de olho no carro, para que a turma não se esqueça de nada. Alguns pegam um pano e

até ajudam um pouco, principalmente quando estão com pressa. Tem gente que não

aguenta ficar parada.”

“Beryl era assim? Gostava de acompanhar o serviço?”

“Não, senhor. Temos alguns bancos, lá. Ela costumava sentar-se num banco. Às

vezes lia um livro ou um jornal. Não prestava muita atenção no

serviço e não se

mostrava muito sociável. Talvez por isso eu a tenha notado.”

“Como assim?”, Marino perguntou.

“Quero dizer que ela emitia sinais. Eu os percebi logo.”

“Sinais?”

“As pessoas emitem vários tipos de sinal”, Hunt explicou. “Eu consigo captá-los,

tenho sensibilidade para isso. Posso dizer muito a respeito de uma pessoa pelos

sinais que ela emite.”

“Estou emitindo sinais agora, Al?”

“Sim, senhor. Todo mundo emite.”

“E que sinais são esses, no meu caso?”

Hunt ficou muito sério quando respondeu: “Vermelho-claro”.

“Como?”, Marino disse, surpreso.

“Eu capto os sinais como cores. Talvez ache isso estranho, mas não é um caso

único. Algumas pessoas percebem as cores irradiadas pelos outros. Eu consigo

perceber isso; são os sinais. No seu caso, vermelho-claro. Um pouco calorosos, mas

também ameaçadores, perigosos. Como um sinal de alerta. Eles sugerem algum tipo

de perigo...”

Marino parou a fita e sorriu malicioso.

“O sujeito é pirado, não é?”

“Na verdade, creio que ele é muito astuto”, falei. “Você é mesmo caloroso e

perigoso.”

“Bobagem, doutora. O sujeito é pancada. Até parece, quando ele fala, que todo

mundo tem um arco-íris em volta do corpo.”

“Existe um fundo de verdade no que ele diz, em termos psicológicos”, retruquei,

com objetividade. “As emoções estão associadas a cores. Isso serve de base

legítima para o uso de cores em locais públicos, hotéis, instituições. O azul, por

exemplo, é associado à depressão. Não vai encontrar muitos quartos azuis em

hospitais psiquiátricos. O vermelho indica violência, raiva, paixão. O preto é

mórbido, sinistro. E você disse que Hunt era diplomado em psicologia.”

Marino irritou-se e acionou o vídeo novamente.

“Presumo que isso tenha a ver com o papel que desempenha”, Hunt disse. “O

senhor é investigador e, nesse momento, precisa da minha cooperação. Não confia

em mim, entretanto, e pode se tornar perigoso se eu esconder algo. Creio que o sinal

de alerta que sinto vem daí. A parte calorosa diz respeito a sua personalidade.

Deseja que as pessoas sintam-se à vontade em sua presença. Próximas. Talvez

queira se aproximar das pessoas. Age de modo duro, mas quer que os outros gostem

do senhor...”

“Tudo bem”, Marino interrompeu. “E quanto a Beryl Madison? Viu as cores dela,

também?”

“Sim, é claro. Isso me chamou a atenção, imediatamente. Ela era diferente, muito

diferente mesmo.”

“Como assim?” A cadeira de Marino estalou, quando ele recostou, cruzando os

braços.

“Muito reservada”, Hunt respondeu. “Captei cores árticas em sua aura. Azul-

claro, amarelo-pálido, como um sol de inverno, e branco, tão frio que era quente

como gelo seco, como se ele fosse queimar quem a tocasse. O branco se destacava.

Muito diferente. Costumo captar tons pastéis na maioria das mulheres. As nuances

femininas combinam com as roupas que usam. Rosa, amarelo, azul-claro e verde,

para senhoras passivas, tranquilas, frágeis. Por vezes, encontro mulheres que emitem

cores fortes, escuras, como vinho, vermelho e marinho. Tipos mais intensos. Em

geral, agressivas, advogadas, médicas ou empresárias, usando roupas nos tons que

citei. Costumam ficar ao lado do carro, com as mãos nos quadris, supervisionando a

limpeza. E não hesitam em apontar manchas no para-brisa ou partes mal lavadas.”

“Gosta desse tipo de mulher?”, Marino perguntou.

Ele hesitou. “Para ser honesto, não.”

Marino riu, e aproximou-se, para dizer: “Claro. Nem eu gosto desse tipo. Também

prefiro as garotas em tons mais suaves”.

Olhei para Marino, o real, fechando a cara.

Fui ignorada. Na tela, ele disse a Hunt: “Fale mais sobre Beryl, sobre as cores que

captou”.

Hunt franziu o cenho, esforçando-se para pensar. “Os tons pastéis que emitia não

eram incomuns, embora eu não os interpretasse como exatamente frágeis. Nem

passivos. As cores eram mais frias, árticas, como já falei. Nada a ver com as flores.

Era como se quisesse manter o mundo afastado dela, para lhe dar mais espaço.”

“Acha que ela era frígida?”

Hunt brincou com a lata de 7-Up. “Não, senhor, creio que não posso dizer isso.

Na verdade, não captei nada do gênero. Distância, foi o que me veio à mente. Senti

que alguém precisaria vencer uma distância imensa para se aproximar dela. Mas, se

conseguisse chegar mais perto, ela o queimaria com sua intensidade. Aí se originam

os sinais brancos e quentes que a destacavam, na minha percepção. Ela era intensa,

muito intensa. Senti sua inteligência e seus problemas. Sérios. Mesmo quando estava

sentada ali no banco, sozinha, sem prestar atenção em ninguém, sua

mente

continuava trabalhando. Era distante e quente como uma estrela branca.”

“Notou que ela era solteira?”

“Não usava aliança”, Hunt respondeu, sem pensar. “Deduzi que era solteira. Não

notei nada no carro que indicasse o contrário.”

“Não compreendo”, Marino falou, parecendo confuso. “O que o carro poderia

revelar?”

“Creio que foi na segunda visita. Enquanto um dos funcionários limpava o interior,

percebi que não havia nenhum item masculino. A sombrinha no chão, por exemplo,

era do tipo fino, azul, que as mulheres sempre carregam. Os homens preferem

guarda-chuvas grandes, com cabo de madeira curva. Havia roupa da lavanderia, no

banco de trás, e só vi itens femininos. Senhoras casadas, em sua maioria, pegam

também a roupa do marido quando vão à lavanderia. Isso sem falar no porta-malas.

Nada de ferramentas, ou cabos de reboque. Nada masculino. Interessante, mas

quando a gente olha para os carros o dia inteiro, aprende a identificar esses detalhes

e a tirar conclusões sobre os motoristas, quase sem se dar conta.”

“Parece que você se deu conta, no caso dela”, Marino disse. “Será que não

passou por sua cabeça convidá-la para sair, Al? Tem certeza de que

não sabia seu

nome, que não notou a etiqueta na roupa, nem um envelope dentro do carro?”

Hunt fez que não com a cabeça. “Não sabia o nome dela. Talvez nem quisesse

saber.”

“Por que não?”

“Sei lá...”, Hunt se mostrava tenso, confuso.

“Sem essa, Al. Pode se abrir comigo. Ei, talvez eu desse uma cantada nela, sabia?

Moça interessante, bonita. Sabe, eu aposto que pensaria nisso, provavelmente teria

olhado o nome na etiqueta e ligado para ela.”

“Bem, eu não fiz nada disso.” Hunt baixou os olhos, concentrando-se nas mãos.

“Não tentei nada.”

“Por que não?”

Silêncio.

Marino disse: “Talvez por ter se aproximado de uma mulher assim antes, que o

chamuscou?”.

Silêncio.

“Ora, isso acontece com qualquer um, Al.”

“Na faculdade”, Hunt respondeu, quase inaudível. “Saí com uma moça. Durante

dois anos. Ela acabou me trocando por um cara da faculdade de medicina. As

mulheres assim... elas procuram tipos certos. Sabe, quando começam a

pensar em

um compromisso mais definitivo.”

“Elas preferem os descolados”, Marino disse, e seu tom de voz era agressivo.

“Advogados, médicos, banqueiros. Não ligam para sujeitos que trabalham num lava-

rápido.”

Hunt ergueu a cabeça. “Eu não trabalhava num lava-rápido.”

“Não importa, Al. Moças esnobes como Beryl Madison nem olham para você,

certo? Aposto que não o teria reconhecido, se o encontrasse na rua, em algum

lugar...”

“Não diga isso.”

“Verdade ou mentira?”

Hunt olhou para os punhos cerrados.

“Então, aposto que você se interessou por Beryl, né?” Marino insistiu, implacável.

“Talvez tenha pensado naquela moça branca e quente o dia inteiro, fantasiando,

imaginando como seria sair com ela, levá-la para jantar, fazer amor com ela. Talvez

só lhe faltasse peito para abordá-la diretamente. Imaginou que a moça o desprezaria,

que o consideraria inferior a ela...”

“Pare com isso! Está me pressionando. Pare! Já chega!”, Hunt gritou, com voz

esganiçada. “Não me encha o saco!”

Marino olhou para ele, do outro lado da mesa, imperturbável.

“Estou falando que nem seu pai, Al?” Marino acendeu um cigarro, enquanto dizia

isso. “O velho acha que o filho é bicha, só porque você não quer ser o rei dos

cortiços que não dá a mínima para a vida ou os sentimentos dos outros.” Ele soltou

uma baforada e falou carinhosamente: “Sei de tudo sobre o senhor Hunt, o velho

ditador. E também sei que ele disse a todos os amigos que você era um frouxo, que

sentia vergonha de ter o sangue dele correndo nas suas veias. Foi quando você

começou a trabalhar como enfermeiro. Encare a verdade. Só aceitou trabalhar na

droga do lava-rápido porque ele ameaçou deserdá-lo se não concordasse”.

“Como você sabe disso? Como descobriu?”, Hunt gaguejou.

“Sei de muitas coisas. Também descobri, se quer saber, que o pessoal do

Metropolitan o considera um enfermeiro de primeira. Muito jeitoso com os

pacientes. Eles lamentaram muito sua saída. Acho que usaram a palavra ‘sensível’,

para descrevê-lo. Talvez sensível demais, o que o faz sofrer, não é, Al? Isso explica

o fato de você não sair com mulheres, de não ter namorada. Sente medo. Beryl o

apavorava, certo?”

Hunt respirou fundo.

“Foi por isso que não pegou o nome dela? Para não sentir a tentação de telefonar,

de tentar alguma coisa?”

“Só a notei, mais nada”, Hunt disse, nervoso. “Realmente, não há mais nada além

do que eu já disse. Não pensei nela do modo como você sugeriu. Só, bem... só a

notei. Mas não fiquei remoendo. Nunca falei com ela, a não ser na última vez...”

Marino apertou a tecla de parada novamente. “Essa é a parte mais importante...”

Fez uma pausa, olhando fixamente para mim. “Ei, está tudo bem com você?”

“Você realmente precisava ser tão brutal?”, falei, emocionada.

“Você não me conhece, para dizer que isso foi brutal”, Marino disse.

“Desculpe. Esqueci que Átila, o Huno, estava em minha sala.”

“Era só um teatro”, ele retrucou, magoado.

“Merece o Oscar.”

“Não seja tão severa, doutora.”

“Você o desmoralizou completamente”, falei.

“Era uma tática, certo? Um modo de fazê-lo falar sem pensar muito. As pessoas

acabam dizendo coisas que não pretendiam dizer.” Ele se voltou para o

videocassete, e falou, ao apertar a tecla: “O interrogatório inteiro valeu pelo que ele

me disse em seguida”.

“Quando foi isso?”, Marino perguntou a Hunt. “A última vez em que ela esteve no

lava-rápido?”

“Não me recordo do dia exato”, Hunt respondeu. “Faz uns dois meses. Sei que foi

numa sexta-feira, no final da manhã. Eu me lembro, porque ia almoçar com o meu

pai naquele dia. Sempre almoço com ele às sextas, para falarmos de negócios.” Ele

estendeu a mão para pegar o 7-Up. “Sempre me arrumo um pouco na sexta. Naquele

dia, pus até gravata.”

“E Beryl chegou, no final da manhã, para mandar lavar o carro”, Marino o

incentivou. “E, naquela ocasião, você a abordou.”

“Na verdade, ela falou comigo primeiro”, Hunt retrucou, como se isso fosse

importante. “O carro estava saindo do boxe, quando ela se aproximou de mim e me

disse que derramara algo no porta-malas. Queria saber se dava para limpar. Ela me

levou até o carro, abriu a tampa e eu vi que o carpete estava encharcado. Pelo jeito,

levava as compras no porta-malas, e uma garrafa de dois litros de suco de laranja se

quebrara. Acho que resolveu lavar o carro naquela hora por causa disso.”

“As compras ainda estavam no porta-malas?”

“Não”, Hunt respondeu.

“Lembra-se das roupas que ela vestia naquele dia?”

Hunt hesitou. “Tênis, óculos escuros. Hã... parecia vir da quadra. Lembro bem

disso, pois nunca a vira daquele jeito. Antes, usava sempre roupas de sair. E vi a

raquete de tênis e outras coisas no porta-malas, que ela tirou, antes de passar pela

máquina. Eu me lembro que ela limpou tudo e passou as coisas para o banco

traseiro.”

Marino tirou um bloco de anotações do bolso do paletó. Virou algumas páginas e

disse: “Será que não foi na segunda semana de julho? No dia doze, sexta-feira?”.

“É bem possível.”

“Lembra-se de mais alguma coisa? O que mais a moça falou?”

“Ela foi quase cordial”, Hunt respondeu. “Disso eu me lembro bem. Talvez

porque eu a ajudei, mandando limpar o porta-malas, embora não fizesse parte da

lavagem. Poderia exigir que levasse o carro para a lavagem especial e pagasse trinta

dólares pelo serviço. Mas resolvi dar uma força. E fiquei por ali, enquanto o pessoal

trabalhava. E olhei para o lado do passageiro. A porta havia sido danificada. Uma

coisa esquisita. Acho que alguém pegou uma chave e riscou um coração e algumas

letras na porta, bem abaixo da maçaneta. Quando perguntei o que havia acontecido,

ela deu a volta e inspecionou a porta. Ficou um tempo parada, olhando. Juro, ficou

branca como cera. Creio que só viu os riscos quando eu chamei sua atenção. Tentei

acalmá-la, dizendo que era normal ficar nervosa quando acontecia algo assim. O

Honda era novinho em folha, sem um arranhão. Valia uns vinte mil dólares. Aí algum

cretino vem e faz uma maldade dessas. Provavelmente algum moleque, sem ter mais

o que fazer.”

“E o que ela disse depois, Al?”, Marino perguntou. “Deu alguma explicação para

o estrago na pintura?”

“Não, senhor. Ela não falou mais nada. Acho que ficou apavorada, começou a

olhar para os lados, muito perturbada. Depois perguntou onde ficava o telefone mais

próximo, e expliquei que havia um telefone público na recepção. Quando terminou

de ligar e saiu, o carro já estava pronto. Ela foi embora.”

Marino parou a fita e a removeu do aparelho. Lembrei-me do café, fui até a

cozinha e servi duas xícaras.

“Ao que parece, isso responde uma de nossas perguntas”, falei, ao retornar.

“Claro”, Marino disse, estendendo o braço para pegar o creme e o açúcar.

“Imagino que Beryl usou o telefone público para contatar o banco, ou talvez a

companhia aérea na qual reservou a passagem. Encontrar o coração riscado na porta

foi a gota d’água. Ela pirou. Do lava-rápido, foi direto ao banco. Descobri onde ela

mantinha uma conta corrente. No dia doze de julho, às dez para a uma da tarde,

Beryl retirou quase dez mil dólares em dinheiro vivo, zerando a conta. Era uma

cliente especial. Não teve problemas.”

“Ela comprou cheques de viagem?”

“Não, por incrível que pareça”, ele disse. “Isso indica que temia mais ser

localizada por alguém do que ser assaltada. Pagou tudo em dinheiro, lá em Keys.

Ninguém precisaria saber seu nome, se não usasse cartões de crédito ou cheques de

viagem.”

“Devia estar aterrorizada”, comentei em voz baixa. “Não imagino alguém

carregando tanto dinheiro na bolsa. Precisa ser maluco ou chegar ao desespero

absoluto.”

Ele acendeu um cigarro. Eu também.

Sacudindo o fósforo, perguntei: “Acredita na possibilidade de alguém ter riscado a

pintura enquanto o carro estava na lavagem?”.

“Fiz a mesma pergunta a Hunt, para ver como ele reagia”, Marino respondeu. “Ele

jurou que ninguém poderia fazer isso durante a lavagem; disse que alguém notaria,

com certeza. Não sei, não. Sabe, a gente esquece cinquenta centavos no painel, num

lava-rápido, e, quando volta, vê que sumiu. Os lavadores roubam; parecem

bandidos. Troco, guarda-chuva, talão de cheque, qualquer coisa, e, quando a gente

pergunta, ninguém viu nada. Hunt poderia ter feito o coração, acho.”

“Ele é meio esquisito”, concordei. “Estranho que tenha notado Beryl com tanta

intensidade. Era apenas mais uma pessoa, no meio de muitas outras que usavam os

serviços diariamente. Quantas vezes ia lá? Uma por mês, se tanto?”

Ele concordou com um movimento de cabeça. “Mas ela se destacava, como se

tivesse um luminoso de néon na testa. Pode ser perfeitamente inocente. Ou não.”

Recordei-me do que Mark afirmara sobre Beryl. Em sua opinião, ela era

“memorável”.

Marino e eu tomamos o café em silêncio, na escuridão que ocupava novamente

meus pensamentos. Mark. Só poderia haver algum engano. Buscava uma explicação

lógica para seu nome não constar na equipe de Orndorff & Berger. Talvez tivessem

se esquecido de colocá-lo na lista, ou o escritório se informatizara recentemente, e o

nome dele constasse no departamento errado. Assim, o nome não apareceu quando a

repcionista pediu a listagem ao computador. Talvez as duas recepcionistas fossem

novatas e não conhecessem muitos advogados. Mas por que seu nome não constava

nem na lista telefônica de Chicago?

“Não quer me contar o que a atormenta?”, Marino disse, finalmente.
“Está tão

estranha desde que cheguei.”

“Ando meio cansada, só isso”, respondi.

“Cascata”, falou, ao beber mais um gole de café.

Quase engasguei com o meu, quando ele disse: “Rose me contou que você andou

viajando. Por acaso conversou com Sparacino, em Nova York?”.

“Quando Rose lhe contou isso?”

“Não interessa. E não fique brava com sua secretária”, pediu. “Ela só falou que

você saiu da cidade. Não contou nada. Nem para onde foi, nem com quem foi falar.

O resto eu descobri por conta própria.”

“Como?”

“Você se entregou”, ele disse. “Não negou, agora, certo? Então, o que foi que

andou conversando com Sparacino?”

“Ele disse que falou com você. Talvez devesse me contar a sua conversa, antes”,

respondi.

“Não teve nada a ver.” Marino apanhou o cigarro no cinzeiro. “Ligou para minha

casa, uma noite. Não me pergunte como ele conseguiu meu nome e número de

telefone. Queria a papelada de Beryl, e eu não estava disposto a entregar nada.

Talvez cooperasse mais, se o sujeito não fosse um bunda-mole. Começou a me dar

ordens, agia como o dono do mundo. Disse que era o executor testamentário e fez

ameaças.”

“E você mandou o miserável para mim”, falei.

Marino me encarou, inexpressivo. “Não. Nem mesmo mencionei seu nome.”

“Tem certeza?”

“Claro que sim. A conversa não durou nem três minutos. E foi como eu disse. Seu

nome não chegou a ser mencionado.”

“E quanto ao original encontrado pela polícia e citado no relatório? Sparacino

perguntou algo a respeito?”

“Perguntou”, Marino disse. “Mas não dei nenhum detalhe, só expliquei que o

material fora encaminhado para análise dos peritos. E avisei que não poderia discutir

os detalhes do caso, como sempre.”

“Não disse que o original encontrado havia sido encaminhado para o meu

departamento?”

“Caramba, claro que não.” Ele me encarou, desconfiado. “Por que diria isso a ele?

Nem é verdade. Mandeí o material para Vander procurar digitais, e fiquei junto dele,

enquanto o analisava. Depois o levei de volta comigo. Está agora com o resto do

material, no depósito da polícia.” Ele parou. “Por quê? O que Sparacino andou

falando?”

Levantei-me para servir mais café. Voltei e contei tudo a Marino.
Quando

terminei, ele me encarava, incrédulo. Algo em seu olhar me
incomodava. Pela

primeira vez, creio, notei que Marino estava com medo.

“O que vai fazer se ele telefonar?”, perguntou.

“Se Mark telefonar?”

“Não. Se os sete anões telefonarem”, Marino respondeu, sarcástico.

“Pedir a ele que explique tudo direitinho. Perguntar se mora mesmo
em Chicago,

pois não há registro algum disso.” Minha frustração aumentava a cada
segundo.

“Não sei, mas tentarei descobrir o que está acontecendo, afinal.”

Marino desviou a vista, contraindo os músculos do rosto.

“Você acha que Mark pode estar envolvido... mancomunado com
Sparacino,

metido em atividades ilegais, crimes”, falei, quase incapaz de traduzir
em palavras

suas suspeitas apavorantes.

Ele acendeu outro cigarro, irritado. “O que mais esperava que eu
pensasse? Não

viu seu ex-Romeu por mais de quinze anos, nem conversou com ele,
nem soube de

seu paradeiro. Como se ele tivesse sido tragado pela terra. De repente,
ele bate à

sua porta. Como pode saber o que o sujeito realmente andou fazendo
nesse período?

Nem faz ideia. Você só tem as palavras dele...”

Paramos de falar quando o telefone tocou. Consultei instintivamente meu relógio

ao ir para a cozinha. Menos de dez horas, e meu coração disparou de medo quando

ergui o fone do gancho.

“Kay?”

“Mark?” Engoli em seco. “Onde está?”

“Em casa. Voltei para Chicago. Acabei de entrar em casa...”

“Tentei falar com você, em Nova York e Chicago, no escritório...”
Gaguejei.

“Liguei do aeroporto.”

Seguiu-se um intervalo ansioso.

“Sabe, não tenho muito tempo para conversar agora. Só liguei para dizer que sinto

muito e saber se estava bem. Depois telefone de novo.”

“Onde está?”, perguntei novamente. “Mark? Mark?”

Só ouvi o sinal de ocupado, e mais nada.

7

No dia seguinte, domingo, nem escutei o despertador. Dormi até dizer chega.

Acordei depois do meio-dia, inquieta e com a cabeça pesada. Saí da cama, sem me

lembrar dos meus sonhos, embora soubesse que não haviam sido agradáveis.

O telefone tocou pouco depois das sete da noite, quando eu picava cebolas e

pimentões para preparar uma omelete que jamais comeria. Minutos depois, eu estava

percorrendo um trecho escuro da rua 64 Leste. No painel, um pedaço de papel

continha as instruções para chegar a Cutler Grove. Minha mente parecia um

programa de computador em *loop*, dando voltas e voltas, processando sempre a

mesma informação. Cary Harper fora assassinado. Uma hora antes, voltara da

taverna de Williamsburg, e alguém o atacara quando saía do carro. Tudo aconteceu

muito depressa. Um homicídio brutal. Como no caso de Beryl Madison, cortaram-lhe

a garganta.

Estava escuro lá fora; nos trechos com neblina os faróis dos carros me ofuscavam,

mesmo baixos. A visibilidade, reduzida a quase zero, fazia com que a rodovia, muito

conhecida, parecesse estranha. Não sabia bem onde estava. Acendia um cigarro,

tensa, quando percebi os faróis que se aproximavam pelo retrovisor. Um carro

escuro, que não identifiquei, chegou bem perto e depois se afastou, mantendo uma

certa distância. E seguiu assim, quilômetro após quilômetro, quer eu acelerasse, quer

reduzisse a velocidade. Quando, finalmente, cheguei ao acesso que procurava e

virei, o carro me seguiu.

A estradinha de terra onde entrei não possuía placas indicativas. Os faróis do

outro carro continuavam fixos no meu para-choque traseiro. O 38

estava em casa.

Não tinha nada para me defender, exceto um spray de pimenta na maleta médica.

Falei “graças a Deus” em voz alta, de tão aliviada, ao ver a mansão surgir na bruma,

depois de uma curva. No acesso semicircular, vi luzes de emergência e veículos

variados. Estacionei, e o carro que me seguia parou logo atrás do meu. Encarei

Marino, espantada, quando ele desceu e ergueu a gola do casaco para proteger a

orelha.

“*Meu Deus do céu*”, falei contrariada. “Não posso acreditar.”

“Nem eu”, ele resmungou, e com passadas largas aproximou-se de meu carro. E

olhou para o círculo de luzes brilhantes, em volta do Rolls-Royce branco antigo,

estacionado próximo à porta dos fundos da mansão. “Merda. Só posso dizer isso.

Merda!”

A polícia estava por toda a parte. Seus rostos desfilaram fantasmagóricos, sob as

luzes artificiais. Os motores roncavam, e as frases fragmentadas vindas dos rádios,

ininteligíveis por causa da estática, pairavam no ar úmido e frio. A fita de isolamento

da cena do crime, presa ao corrimão da escada dos fundos, selava a área, num

retângulo amarelo de horror.

Um policial à paisana, usando casaco de couro marrom, aproximou-se

de nós.

“Doutora Scarpetta?”, indagou. “Sou o detetive Poteat.”

Abri a maleta, para apanhar um par de luvas cirúrgicas e a lanterna.

“Ninguém tocou no corpo”, Poteat informou. “Procedi exatamente conforme as

instruções do doutor Watts.”

O dr. Watts, clínico geral, era um dos quinhentos legistas do estado, e um dos dez

mais imprestáveis. A polícia o convocou, naquela noite, e ele imediatamente me

telefonou. A conduta padrão exigia que o legista titular fosse avisado sempre que

ocorria a morte suspeita ou inesperada de uma personalidade conhecida. A conduta

padrão, no caso do dr. Watts, era fugir de qualquer caso, sempre que possível, para

evitar a papelada e o trabalho. Raramente comparecia à cena do crime, e, realmente,

não havia nem sinal dele ali.

“Cheguei quase ao mesmo tempo que a ambulância”, Poteat explicou. “Garanti

que ninguém mexesse no corpo desnecessariamente. Eles não o viraram, nem

removeram as roupas. Nada. Estava morto, mesmo.”

“Obrigada”, falei, automaticamente.

“A princípio, creio que ele foi golpeado na cabeça. Talvez atingido por um tiro.

Há chumbo de monte espalhado. Logo verá. Não localizamos a arma. Consta que a

vítima chegou por volta das quinze para as sete e estacionou o carro onde ele se

encontra agora. Pelo que concluímos, foi atacado ao sair do veículo.”

O policial olhou para o Rolls-Royce branco. A área em volta estava escura, por

causa das sombras projetadas pelos arbustos de buxo, mais altos e antigos do que

ele.

“A porta do motorista estava aberta, quando chegou?”, perguntei.

“Não, senhora”, Poteat respondeu. “Encontramos as chaves do carro no chão,

como se ele as segurasse na mão quando caiu. Como já disse, não tocamos em nada,

pretendíamos esperar pela doutora, a não ser que o tempo nos obrigasse a agir. Vai

chover.” Ele ergueu os olhos para as nuvens pesadas. “Pode nevar, até. Nenhum

sinal de luta dentro do veículo, nada fora do lugar. Deduzimos que o atacante

esperava por ele, talvez escondido nos arbustos. Só sei que tudo aconteceu muito

depressa, doutora. A irmã não ouviu o disparo da arma. Não escutou nenhum ruído,

declarou.”

Afastei-me dele para conversar com Marino. Abaixei-me para passar pela fita de

isolamento e chegar mais perto do Rolls-Royce, com os olhos fixos no solo, atenta

para cada detalhe em meu caminho. O carro encontrava-se estacionado

paralelamente à calçada, a menos de três metros da escada dos fundos, com a porta

do motorista voltada na direção da casa. Contornei o capô, onde o distintivo famoso

brilhava, parei e apanhei a máquina fotográfica.

Cary Harper estava de costas, a cabeça a poucos centímetros do pneu do carro. O

para-lama branco estava salpicado e manchado de sangue, e o suéter tricotado bege

quase todo tingido de vermelho. O molho de chaves encontrava-se próximo aos

quadris. Sob a luz forte, eu praticamente só via o sangue vermelho, pegajoso.

Nódoas tingiam o cabelo branco. Na face e no crânio havia lacerações, provocadas

por um instrumento contundente, que o atingira com força, a ponto de rasgar o couro

cabeludo. A garganta havia sido cortada de orelha a orelha, quase a ponto de separar

a cabeça do corpo. Por toda a parte, quando eu virava a lanterna, via chumbo de

matar pássaro espalhado, como pequenas contas de estanho. Vi centenas de esferas

no corpo, e em volta dele, e até mesmo algumas espalhadas pelo capô do carro.

O chumbo não havia sido disparado por arma de fogo.

Contornei o trecho, tirando fotografias, depois me agachei e apanhei o termômetro

químico longo, que introduzi cuidadosamente sob o suéter e alojei na axila esquerda.

A temperatura do corpo era de 33,5 graus, e a temperatura ambiente,

de meio grau

abaixo de zero. O corpo esfriava rapidamente, no frio intenso, pois Harper não usava

agasalhos pesados. O rigor já se iniciara nos músculos menores. Calculei que estava

morto há menos de duas horas.

Em seguida, comecei a procurar pistas que não sobreviveriam à viagem até o

necrotério. Fibras, fios de cabelo ou quaisquer outros fragmentos aderidos ao sangue

poderiam esperar. Só itens soltos me preocupavam, e examinei o corpo

minuciosamente, e depois a área em torno dele, quando o facho iluminou algo, perto

do pescoço. Abaixei-me, sem tocar no montinho esverdeado de uma substância que

se parecia muito com massa de modelar. Havia vários chumbinhos grudados na

substância. Quando eu guardava o material cuidadosamente num saco plástico, a

porta dos fundos se abriu, e encarei inadvertidamente uma senhora de olhos

aterrorizados, na parte interna do vestíbulo, ao lado de um policial que portava uma

prancheta metálica.

Os passos próximos pertenciam a Marino e a Poteat. Eles cruzaram o cordão de

isolamento e foram ao encontro do policial com a prancheta. A porta se fechou

silenciosamente.

“Alguém vai ficar com ela?”, perguntei.

“Claro”, o policial respondeu, a respiração formando uma nuvem esbranquiçada.

“A senhorita Harper aguarda a chegada de uma amiga, e disse que vai ficar bem.

Manteremos uma ou duas viaturas nas proximidades, só para garantir que o sujeito

não volte a atacar.”

“O que procuramos?”, Poteat perguntou.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco e encolheu os ombros, por causa do frio.

Flocos de neve do tamanho de moedas começaram a cair, em espiral.

“Mais de uma arma”, expliquei. “Os ferimentos na cabeça e na face resultam de

golpes contundentes.” Apontei com o dedo protegido pela luva ensanguentada.

“Quanto ao chumbo, notem que as esferas não deformaram, e aparentemente

nenhuma delas penetrou no corpo da vítima.”

Marino olhou para o chumbo espalhado, positivamente perplexo.

“Tive a mesma impressão”, Poteat disse, balançando a cabeça.

“Aparentemente,

nenhum tiro foi disparado. Portanto, não devemos procurar uma espingarda, como

prioridade. Queremos uma faca e também uma chave de roda, certo?”

“É possível, mas não obrigatório”, respondi. “Só posso afirmar, por enquanto, que

o pescoço foi cortado com um instrumento afiado, e que o golpearam com algo

contundente.”

“Isso é um tanto vago, doutora”, Poteat reclamou, franzindo a testa.

“Sei que é vago. Temos várias possibilidades”, concordou.

Embora tivesse suspeitas quanto aos grãos de chumbo para matar pássaros, evitei

especulações, por causa de experiências infelizes no passado.
Possibilidades

costumam ser interpretadas ao pé da letra. Em determinada cena de crime, a polícia

deixou passar uma agulha de tricô suja de sangue, na sala da vítima, só porque eu

havia dito que a arma “poderia ser um picador de gelo”.

“A equipe de socorro já pode trabalhar”, anunciei, removendo as luvas.

Harper foi embrulhado num lençol branco limpo e guardado num saco mortuário.

Ao lado de Marino, acompanhei as luzes traseiras da ambulância, que se afastaram

lentamente, até desaparecer na escuridão do acesso vazio. Não ligaram a sirene nem

as luzes superiores — ninguém tinha pressa para transportar defuntos.
A neve caía

com força, e grudava na gente.

“Já vai?”, Marino perguntou.

“O que pretende, me seguir de novo?” Não sorri.

Ele olhou para o Rolls-Royce, dentro do círculo de luzes leitosas no acesso. Os

flocos de neve derretiam quando chegavam à área de pedregulhos manchados com o

sangue de Harper.

“Não a segui”, Marino disse, sério. “Recebi a mensagem pelo rádio, quando já

estava quase em Richmond, de novo.”

“Quase em Richmond, de novo?”, interrompi. “Como assim, de novo?”

“Eu estava aqui”, ele disse, procurando a chave do carro no bolso.

“Descobri que

Harper frequentava a taverna Culpeper’s. Decidi apertá-lo um pouco. Falei com o

sujeito, por cerca de meia hora, até que ele me mandou tomar no rabo. Aí cada um

foi para o seu lado. Segui na direção de Richmond, e, quando faltavam uns vinte

quilômetros para chegar lá, Poteat pediu que divulgassem um alerta e me

informassem do ocorrido. Voltei correndo e, quando reconheci seu carro na estrada,

resolvi acompanhá-la, para evitar que se perdesse.”

“Está dizendo que realmente conversou com Harper, na taverna, essa noite?”,

perguntei, atônita.

“Sim”, ele disse. “Ele saiu e foi atacado cinco minutos depois.”

Aagitado e

inquieto, Marino seguiu na direção do carro. “Vou conversar com Poteat, ver o que

conseguimos descobrir. Estarei de volta de manhã, para examinar a correspondência,

se você não fizer nenhuma objeção.”

Observei-o partir, limpando a neve do cabelo. Já havia desaparecido quando dei

partida no Plymouth. Os limpadores removeram a fina camada de neve, depois

pararam, na metade do para-brisa. O motor do carro tentou funcionar, mas logo

tornou-se o segundo morto daquela noite.

A biblioteca de Harper era uma sala aconchegante, vistosa, decorada com tapetes

persas e antiguidades em madeira de lei. Poderia apostar que o sofá era

Chippendale. Jamais tocara num Chippendale genuíno. Sentar, então, nem pensar. No

forro alto havia ornamentos em gesso no estilo rococó. As paredes estavam cobertas

de livros, em sua maioria encadernados em couro. Na lareira de mármore à minha

frente crepitava um fogo recentemente aceso.

Debruçada, estendi as mãos na direção da chama e retomei o estudo do quadro

em cima da lareira. Retrataba uma bela moça, vestida de branco, num banco

pequeno. Tinha cabelo louro e longo, e as mãos, relaxadas sobre o colo, seguravam

uma escova prateada. Ela tremulava um pouco por causa do calor do fogo. Os cílios

longos se destacavam nos olhos grandes, os lábios úmidos estavam entreabertos, e o

decote do vestido mostrava um colo branco como porcelana, onde os seios ainda não

apontavam. Intrigava-me a exposição tão saliente do quadro quando a irmã de Cary

Harper entrou e fechou a porta, silenciosamente como a abrira.

“Pensei que isso a reanimaria um pouco”, disse, estendendo um cálice de vinho.

Ela deixou a bandeja numa mesinha e sentou-se sobre a almofada de veludo

vermelho de uma poltrona barroca, pondo os pés de lado, como as verdadeiras

damas aprendem a fazer com as damas mais velhas da família.

“Obrigada”, disse, pedindo desculpas novamente.

A bateria de meu carro não estava mais entre nós, e não adiantaria dar uma carga

nela. A polícia pedira um guincho pelo rádio e prometera me levar a Richmond,

assim que terminassem de examinar a cena do crime. Não me restara alternativa.

Não poderia esperar debaixo da neve nem passar uma hora dentro de uma viatura.

Por isso, bati na porta dos fundos da srta. Harper.

Ela bebericava o vinho, olhando distraidamente para o fogo. Como os objetos

requintados que a rodeavam, ela era um serviço perfeito, uma das mulheres mais

elegantes que eu já vira. O cabelo grisalho emoldurava, com suavidade, seu rosto

aristocrático. O rosto era fino, os traços gentis, o corpo esguio perfeito para o suéter

bege e a saia de veludo. Quando olhei para Sterling Harper, a palavra “solteirona”

não me veio à mente.

Permanecemos em silêncio. A neve fustigava as janelas e o vento gemia nos

beirais. Difícil imaginar alguém vivendo sozinha naquela mansão.

“Tem outros parentes?”, perguntei.

“Nenhum vivo”, ela respondeu.

“Lamento muito, senhorita Harper...”

“Claro. Não precisa mais repetir isso, doutora Scarpetta.”

Um anel de esmeralda brilhou à luz da lareira quando ela ergueu o cálice. Seus

olhos se fixaram em mim. Recordo-me do terror que os inundava quando abriu a

porta no momento em que eu examinava o corpo de seu irmão. Agora, mostrava-se

incrivelmente calma.

“Cary já esperava por isso”, ela comentou, subitamente. “Suponho que o *modo*

como aconteceu tenha sido o mais chocante, para mim. Não imaginava que alguém

teria a ousadia de esperá-lo na porta de casa.”

“A senhora não escutou nada?”, perguntei.

“Ouvi o barulho do carro, quando chegou. Depois, mais nada. Como ele não

entrou em casa, abri a porta para verificar. Imediatamente, liguei para a polícia.”

“Ele costumava frequentar outros locais além da taverna Culpeper’s?”, perguntei.

“Não. Nenhum outro local. Costumava ir até Culpeper’s todas as noites. Cansei

de preveni-lo quanto aos perigos daquele lugar, para alguém de sua idade, nesses

tempos modernos. Ele sempre levava bastante dinheiro, e Cary era

especialista em

ofender pessoas. Nunca passava muito tempo lá. Uma hora, no máximo duas. Dizia

que procurava inspiração, misturando-se ao povo. Cary não tinha mais nada a dizer.

Ficou em *The jagged corner*.”

Do romance, que li em Cornell, restaram apenas algumas impressões: o sul,

gótico, pleno de violência, incesto e racismo, visto pela ótica de um jovem escritor

criado numa fazenda na Virgínia. Lembro-me de que aquilo me deprimiu.

“Meu irmão era um desses talentos desafortunados, capazes de escrever apenas

um livro”, a srta. Harper acrescentou.

“Houve muitos grandes escritores como ele”, falei.

“Só viveu o que foi obrigado a viver, quando era jovem”, ela prosseguiu, em seu

tom compassado. “Depois disso, tornou-se um homem vazio, vivendo em desespero

silencioso. Sua obra não passou de uma série de equívocos, romances inacabados

que atirava ao fogo, fechando a cara para as páginas em chamas. Depois ficava

perambulando pela casa, como um touro furioso, até resolver tentar novamente.

Viveu assim, por anos e anos, mais do que eu gosto de me lembrar.”

“Parece muito dura com seu irmão”, comentei em voz baixa.

“Sou muito dura comigo mesma, doutora Scarpetta”, ela disse, ao me encarar.

“Cary e eu saímos da mesma fôrma. A diferença, entre nós, é que não me sentia

inclinada a analisar o que não poderia ser alterado. Ele insistia em escavar sua

natureza, seu passado, as forças que o moldaram. Ganhou o prêmio Pulitzer graças a

isso. Quanto a mim, preferi não lutar contra o que me parecia tão claro.”

“E o que era?”

“A família Harper chegou ao final da linha, estéril e esnobe. Não haverá outros

depois de nós”, ela disse.

O vinho era tinto, comum, seco, com sabor levemente metálico. Quanto tempo

demoraria para a polícia encerrar os levantamentos? Imaginei ter ouvido um ruído de

caminhão, havia algum tempo; talvez o guincho chegando para rebocar meu carro.

“Aceitei o papel que a vida me destinou, de cuidar de meu irmão e conduzir a

família até a extinção”, a srta. Harper falou. “Sentirei falta de Cary, só porque era

meu irmão. Não ficarei aqui sentada mentindo, dizendo o quanto ele era

maravilhoso.” Ela tomou mais um gole de vinho. “Certamente, isso soa muito duro a

seus ouvidos.”

Duro não era a palavra apropriada. “Admiro sua honestidade”, falei.

“Cary tinha imaginação e emoções voláteis. Eu, não. Se não fosse isso, não teria

suportado a situação. Certamente não moraria aqui.”

“Morar nesta casa isolada deve ser difícil”, falei, supondo ser esse o motivo.

“O isolamento não me incomoda”, ela disse.

“O que a incomoda, então, senhorita Harper?”, indaguei, procurando o maço de

cigarro.

“Gostaria de tomar mais um cálice de vinho?”, ela perguntou, e a sombra do fogo

ocultava parte de seu rosto.

“Não, muito obrigada.”

“Gostaria de não ter vindo para esta casa. Nada de bom aconteceu aqui”, ela

disse.

“O que pretende fazer, senhorita Harper?” O vazio em seus olhos gelou meu

sangue. “Vai continuar aqui?”

“Não tenho para onde ir, doutora Scarpetta.”

“Acredito que não encontraria dificuldade em vender Cutler Grove”, comentei,

desviando novamente a atenção para o retrato sobre a lareira. A moça de branco

sorria misteriosa, à luz do fogo, dos segredos que jamais revelaria.

“É difícil abandonar o pulmão de aço, doutora Scarpetta.”

“Como assim?”

“Sou velha demais para uma mudança”, ela explicou. “Velha demais para pensar

na saúde e em novos relacionamentos. O passado respira por mim. É a

minha vida.

Você ainda é jovem, doutora Scarpetta. Um dia saberá como é olhar para trás.

Descobrirá que não pode escapar. Sua história pessoal a prenderá a salas familiares

onde, ironicamente, ocorreram os eventos que a afastaram da sua própria vida.

Encontrará mais conforto na mobília dura das decepções e considerará as pessoas

que a decepcionaram mais amigáveis, com o passar do tempo. E sem se dar conta

correrá para o aconchego da dor da qual fugia antes. É mais fácil. Só posso dizer

isso. É mais fácil.”

“Tem alguma ideia de quem pode ter assassinado seu irmão?”, perguntei

diretamente, tentando mudar de assunto.

Ela não disse nada, apenas olhou fixamente para o fogo.

“E quanto a Beryl?”, insisti.

“Soube que a ameaçaram, por meses a fio, antes de sua morte.”

“Meses a fio?”, repeti.

“Beryl e eu éramos muito unidas.”

“Você sabia das ameaças, então?”

“Sim. Ela me contou que a incomodavam.”

“Ela *contou* isso, senhorita Harper?”

“Claro”, ela disse.

Marino pesquisara as contas telefônicas de Beryl. Não identificara nenhum

interurbano para Williamsburg. E a moça não recebera cartas da srta. Harper nem do

irmão.

“Então manteve contato com ela por todos esses anos?”, falei.

“Um contato muito estreito”, ela respondeu. “Na medida do possível, pelo menos.

Por causa do livro que estava escrevendo e da clara violação do acordo com meu

irmão. Sabe, tudo foi muito penoso. Cary ficou furioso.”

“O senhor Harper sabia o que Beryl estava fazendo? Ela contou tudo a ele?”

“O advogado se encarregou disso.”

“Sparacino?”

“Desconheço os detalhes das conversas entre ele e Cary”, ela disse, e sua

fisionomia se anuviou. “Meu irmão foi informado sobre o livro de Beryl. O bastante

para subir pelas paredes. O advogado instigou o conflito por baixo do pano. Ia de

Beryl a Cary, agindo como se fosse aliado de um ou de outro, dependendo do

interlocutor.”

“Sabe o que aconteceu com o livro? Estaria com Sparacino?”, perguntei,

cautelosamente. “Sabe se vão publicá-lo?”

“Ele ligou para Cary faz alguns dias. Ouvi trechos da conversa, o suficiente para

me certificar de que o original havia desaparecido. Seu departamento foi

mencionado. Cary disse algo sobre o legista titular. A senhora, suponho. Naquela

altura, ele já estava irritado. Concluí que o senhor Sparacino tentava descobrir se

meu irmão possuía o original.”

“E seria possível?” Eu precisava saber.

“Beryl jamais o mostrou a Cary”, ela respondeu, emocionada. “Não faria sentido

algum mostrar o livro a ele, que se opunha ferozmente.”

Permanecemos em silêncio por algum tempo.

Em seguida, perguntei: “Senhorita Harper, o que seu irmão temia tanto?”.

“A vida.”

Esperei, observando-a cuidadosamente. Ela olhava para o fogo outra vez.

“Quanto mais temia a vida, mais fugia dela”, disse com voz estranha. “Viver em

reclusão provoca efeitos curiosos na mente. É capaz de virá-la pelo avesso, acelerar

os pensamentos e ideias a ponto de levá-los a círculos viciosos, onde ricocheteiam

em ângulos absurdos. Acho que Beryl foi a única pessoa que meu irmão amou.

Fixou-se nela. Sentia uma necessidade avassaladora de controlá-la, obrigá-la a

permanecer presa a ele. Quando pensou que ela o traía, que não conseguia mais

exercer seu poder, a loucura chegou a extremos. Sem dúvida, passou a imaginar um

monte de absurdos em relação ao que ela divulgaria a seu respeito.

Sobre nossa

situação aqui.”

Quando ela estendeu novamente o braço para pegar o cálice de vinho, sua mão

tremia. Falava do irmão como se ele estivesse morto havia anos. Sua voz tornava-se

tensa cada vez que o mencionava. O amor profundo pelo irmão continha também

uma muralha de raiva e sofrimento.

“Cary e eu não tínhamos ninguém quando Beryl surgiu”, ela continuou. “Nossos

pais haviam morrido. Só tínhamos um ao outro. Cary era difícil. Um demônio que

escrevia como um anjo. Eu me dispunha a ajudar para que deixasse sua marca no

mundo.”

“Tais sacrifícios, em geral, são acompanhados pelo ressentimento”, arrisquei.

Silêncio. A luz da lareira bruxuleava em seu rosto caprichosamente esculpido.

“Como conheceram Beryl?”, perguntei.

“Ela nos encontrou. Morava em Fresno, na época, com o pai e a madrasta.

Escrevia, era obcecada por literatura.” A srta. Harper não tirava os olhos do fogo.

“Certo dia Cary recebeu uma carta dela, por intermédio da editora. Ainda me lembro

bem. Ela revelava uma imaginação promissora, que precisava se desenvolver. Assim

iniciou-se a correspondência, e meses depois Cary a convidou para nos

visitar.

Mandou-lhe uma passagem. Pouco tempo depois, ele adquiriu esta casa e começou a

restaurá-la. Fez isso por causa dela. Uma jovem introduzira a magia em seu mundo.”

“E sua reação?”

De início, ela não respondeu.

A lenha se moveu no fogo, e as fagulhas pularam.

“As complicações da vida não cessaram depois que ela veio morar conosco,

doutora Scarpetta. Observei o que acontecia entre os dois.”

“Entre seu irmão e Beryl?”

“Não queria aprisioná-la, como ele. Cary, com suas tentativas incessantes de

controlar Beryl e a ter só para si, acabou por afugentar a moça.”

“Seu amor por Beryl era imenso”, comentei.

“Impossível de explicar”, ela disse com a voz tensa. “E muito difícil de lidar.”

Tentei avançar mais. “Seu irmão não queria que mantivesse contato com ela?”

“Não, especialmente nos últimos meses, em função do livro. Cary a renegou. Seu

nome não podia ser pronunciado nesta casa. Ele me proibiu de ter qualquer contato

com Beryl.”

“Mas não adiantou”, falei.

“Não. Mantínhamos contato, de modo muito restrito”, ela disse, com dificuldade.

“Deve ter sido muito doloroso. Afastar-se de alguém a quem se ama tanto.”

Ela desviou os olhos, concentrando-se novamente no fogo.

“Senhorita Harper, quando soube da morte de Beryl?”

Ela não respondeu.

“Alguém telefonou?”

“Ouvi pelo rádio, na manhã seguinte”, murmurou.

Meu Deus, pensei. Que coisa horrível.

Ela não disse mais nada. Seu sofrimento encontrava-se fora do meu alcance, e por

mais que eu pretendesse oferecer uma palavra de consolo, nada poderia dizer.

Permanecemos em silêncio por um longo tempo. Quando finalmente consultei o

relógio, vi que era quase meia-noite.

A casa estava muito quieta — quieta demais, percebi alarmada.

Depois do calor da biblioteca, o hall de entrada parecia frio como uma catedral.

Abri a porta dos fundos e arregalei os olhos de surpresa. Para lá do manto branco da

neve, o acesso era um alvo tapete sólido. Mal dava para ver as marcas dos pneus

deixadas pela polícia. Os desgraçados haviam partido sem me avisar. Meu carro

sumira, rebocado havia muito tempo. Ninguém se lembrara de me chamar. Droga!

Droga! Droga!

Quando retornei à biblioteca, a srta. Harper estava pondo lenha no fogo.

“Pelo jeito, eles me esqueceram aqui”, falei, sabendo que soava contrariada.

“Posso usar seu telefone?”

“Lamento, mas não será possível”, ela respondeu com voz pausada.
“Os telefones

ficaram mudos logo depois que a polícia foi embora. Acontece sempre, quando o

tempo piora.”

Observei-a enquanto atiçava o fogo. Vi a fumaça subindo pela chaminé, e as

fagulhas espalhando-se para os lados.

Eu me esquecera.

Só naquele momento me lembrei.

“Sua amiga...”

Ela atiçou o fogo novamente.

“A polícia informou que uma amiga sua estava a caminho, que passaria a noite

aqui...”

A srta. Harper empertigou-se lentamente e deu meia-volta, o rosto afogueado pelo

calor.

“Isso mesmo, doutora Scarpetta”, ela disse. “Foi muita gentileza sua ter vindo.”

8

A srta. Harper trouxe mais vinho, enquanto o relógio de carrilhão próximo à porta

da biblioteca dava doze badaladas.

“O relógio”, sentiu-se obrigada a explicar, “está dez minutos atrasado.

Sempre

esteve.”

Os telefones da mansão realmente não funcionavam. Verifiquei isso.
Caminhar até

a cidade significava enfrentar dez centímetros de neve, por vários
quilômetros. Não

poderia sair dali.

O irmão estava morto. Beryl estava morta. A srta. Harper estava
sozinha no

mundo. Tomara que fosse só coincidência. Acendi um cigarro e bebi
um pouco de

vinho.

A srta. Harper não teria a força física necessária para matar o irmão e
Beryl. E se

o assassino quisesse matar a srta. Harper também? E se ele voltasse?

Meu 38 estava em casa.

A polícia vigiava a área.

Como? Em trenós?

Notei que a srta. Harper dirigia-se a mim.

“Desculpe”, falei, forçando um sorriso.

“Você não está sentindo frio?”, ela repetiu.

Seu rosto revelava serenidade, enquanto ela olhava para o fogo,
sentada na

poltrona barroca. As chamas altas crepitavam como uma bandeira
fustigada pelo

vento, e as rajadas de vento aleatórias sopravam cinzas para fora da
lareira. Minha

companhia parecia servir de consolo. Estivesse eu em seu lugar, não ia

querer ficar

sozinha tampouco.

“Estou bem”, menti. Sentia frio.

“Posso emprestar-lhe um suéter.”

“Por favor, não se incomode. Estou confortável... mesmo.”

“É quase impossível aquecer esta casa”, prosseguiu. “O pé-direito alto dificulta

isso. Não há isolamento térmico. A gente acaba se acostumando.”

Pensei em minha casa moderna em Richmond, com aquecimento central a gás.

Pensei na cama grande, no colchão firme e no cobertor elétrico. Pensei no pacote de

cigarro no armário, perto da geladeira, e no uísque escocês no bar. Pensei no andar

superior empoeirado, no vento que entrava na mansão de Cutler Grove.

“Dormirei bem aqui. No sofá.”

“Bobagem. A lareira logo vai se apagar.” Ela brincava com um botão do casaco,

sem tirar os olhos do fogo.

“Senhorita Harper”, tentei pela última vez. “Tem alguma ideia de quem pode ter

feito isso? A Beryl ou a seu irmão? Ou saberia dizer o motivo?”

“Pensa que foi o mesmo homem.” Ela disse isso como afirmação, não como

pergunta.

“Imagino que sim.”

“Gostaria de poder dizer algo útil”, ela respondeu. “Talvez já não

importe mais.

Seja lá quem for, está feito, e pronto.”

“Quer que ele escape à punição?”

“Já houve punição em demasia. Nada poderá desfazer o que foi feito.”

“Não acha que Beryl gostaria que ele fosse preso?”

Ela me encarou, arregalando os olhos. “Gostaria que você a tivesse conhecido.”

“Creio que a conheci. De certa forma”, respondi, carinhosamente.

“Não consigo explicar...”

“E nem precisa, senhorita Harper...”

“Tudo poderia ser tão bom...”

Vi seu sofrimento naquele instante. O rosto se contraiu, mas ela logo recuperou o

controle. Não precisava concluir o pensamento. Tudo poderia ser tão bom, agora que

ninguém mais era capaz de separar a srta. Harper e Beryl. Companheiras. Amigas. A

vida é tão vazia, quando se está só, quando não se tem ninguém para amar.

“Lamento”, falei com sinceridade. “Lamento muito, senhorita Harper.”

“Estamos na metade de novembro”, ela disse, desviando o rosto novamente. “Um

pouco cedo para nevar. O degelo será rápido, doutora Scarpetta. Poderá partir no

final da manhã. As pessoas que a esqueceram aqui já terão se lembrado. Foi muito

bom ter vindo.”

Ela parecia saber que eu viria. Tive a impressão de que planejava tudo,

de algum

modo. Mas não seria possível.

“Gostaria de pedir que fizesse uma coisa”, ela pediu.

“O que seria, senhorita Harper?”

“Volte na primavera. Venha até aqui em abril”, ela disse para as
chamas.

“Será um prazer”, respondi.

“Os miosótis estarão floridos. O gramado verde se tingirá de azul,
graças a eles.

Fica tudo tão lindo nessa época. É a minha favorita no ano. Beryl e eu
adorávamos

sair para colher miosótis. Já os estudou de perto? Ou é como a
maioria das pessoas,

e não se detém neles porque são tão pequenos? São tão lindos de
perto. *Tão lindos,*

como se fossem feitos de porcelana e pintados pela mão perfeita de
Deus.

Costumávamos usá-los no cabelo e colocá-los em vasos, espalhados
pela casa,

Beryl e eu. Prometa que voltará em abril. Promete, não é?” Ela se
voltou para mim,

e a emoção em seus olhos doía.

“Sim, sim, é claro”, repeti, e falava sério.

“Costuma comer algo especial no café da manhã?”, ela perguntou ao
se levantar.

“O que tiver, para mim estará ótimo.”

“A geladeira está cheia”, ela comentou estranhamente. “Traga o vinho;
vou levá-la

a seu quarto.”

Sua mão deslizou pelo corrimão, enquanto subia pela escadaria magnífica para

mostrar o quarto de hóspedes. Não havia luzes no teto, só luminárias laterais para

clarear o caminho, e o ar bolorento era frio como o de um porão.

“Meu quarto fica na outra ponta do corredor, três portas para lá, se precisar de

algo”, ela disse e me conduziu a um quarto pequeno.

A mobília era de mogno, marchetado com pau-cetim, e no papel azul-claro da

parede havia várias telas a óleo, mostrando flores e uma vista do rio. A cama com

dossel estava preparada, com uma pilha alta de acolchoados. Uma porta aberta

conduzia ao banheiro. O ar abafado cheirava a pó, como se as janelas nunca fossem

abertas e apenas as memórias se movessem por ali. Com certeza ninguém dormia

naquele quarto havia muitos e muitos anos.

“Encontrará uma camisola de flanela na primeira gaveta. Há toalhas limpas e

outras coisas necessárias no banheiro”, a srta. Harper disse. “Espero que esteja tudo

em ordem.”

“Sim, muito obrigada.” Sorri para agradá-la. “Boa noite.”

Fechei a porta e passei o trinco frágil. A camisola era o único item na gaveta.

Debaixo dela, encontrei um sachê que perdera o perfume havia muito tempo. As

outras gavetas estavam vazias. No banheiro, encontrei uma escova de

dentes ainda

na embalagem de celofane, um tubo minúsculo de pasta de dente, um sabonete de

lavanda, sem uso, e muitas toalhas, como a srta. Harper prometera. A pia estava

seca como giz e, quando abri a torneira dourada, um líquido enferrujado saiu.

Demorou muito até que eu conseguisse água limpa, quente o bastante para lavar o

rosto.

A camisola, velha porém limpa, era azul como os miosótis, mas de um azul

desbotado. Entrei na cama, puxei os acolchoados cheirando a bolor até o queixo e

apaguei a luz. O travesseiro era macio, e senti o toque das plumas quando o ajeitei.

Acordada, sentindo o nariz frio, sentei-me na cama, naquele quarto escuro, para

terminar o vinho. Certamente, havia sido o quarto de Beryl. A casa estava tão

silenciosa que imaginei ouvir o som da neve caindo do lado de fora.

Não me dei conta, mas devo ter cochilado. Quando abri os olhos, senti o coração

disparar, senti medo de me mover. Não conseguia me lembrar do pesadelo. No

início, não tinha certeza de onde estava e se o ruído que escutara era mesmo real. A

torneira do banheiro pingava, as gotas escorriam lentamente pelo ralo. As tábuas do

assoalho, para lá da porta trancada do meu quarto, rangeram de leve novamente.

Minha mente analisou as possibilidades. A queda da temperatura provocava

rangidos na madeira. Ratos. Alguém percorria o corredor lentamente. Apurei os

ouvidos, prendendo a respiração e escutei o ruído suave de passadas. A srta. Harper,

calçando chinelos, concluí. Pelo jeito estava descendo a escada. Virei de um lado

para outro, por cerca de uma hora. Finalmente, decidi acender a luz do quarto e sair

da cama, perdendo a esperança de voltar a dormir. Eram três e meia da madrugada.

Tremendo de frio, na camisola emprestada, vesti o casaco e destranquei a porta.

Percorri o corredor escuro como breu, até reconhecer a silhueta do corrimão da

escada.

A lua iluminava ligeiramente o hall de entrada gelado, passando pelas janelinhas

da porta da frente. A neve cessara, e as estrelas surgiram. Vi os ramos e os arbustos

sob uma capa branca brilhante. Segui para a biblioteca, atraída pela promessa de

calor do fogo crepitante.

A srta. Harper estava sentada no sofá, com uma coberta sobre os ombros. Olhava

para as chamas, com as faces cobertas de lágrimas, que não se deu ao trabalho de

limpar. Tossi discretamente, chamei seu nome, baixinho, para não assustá-la.

Ela não se mexeu.

“Senhorita Harper?”, chamei novamente, mais alto. “Ouvi quando desceu, e...”

Ela estava recostada no sofá, os olhos fixos no fogo. A cabeça pendeu para o lado

quando sentei-me a seu lado e encostei os dedos no pescoço. Estava quente, mas

sem pulso. Deitei-a no tapete e tentei desesperadamente, com respiração boca a

boca e massagem no esterno, forçar seu pulmão a funcionar e fazer seu coração

bater novamente. Não sei por quanto tempo tentei ressuscitá-la. Quando finalmente

desisti, sentia os lábios dormentes e os músculos das costas e do braço trêmulos. Na

verdade, eu tremia dos pés à cabeça.

O telefone continuava mudo. Não poderia chamar ninguém. Não poderia fazer

absolutamente nada. Parei na frente da janela da biblioteca, e abri as cortinas para

olhar, através das lágrimas, para a incrível brancura iluminada pela lua. Não via nada

para lá do rio escuro. De algum modo, consegui recolocar o corpo no sofá e cobri-lo

gentilmente com a coberta, enquanto o fogo se apagava, e a moça do retrato sumia

nas sombras. A morte de Sterling Harper fora uma surpresa e tanto, e me deixara

atônita. Sentei-me no tapete, na frente do sofá, e observei o fogo que se extinguiu.

Não poderia mantê-lo aceso, tampouco. Na verdade, nem tentei.

Não chorei quando meu pai morreu. Depois de vê-lo doente por

muitos anos, eu

me especializara em cauterizar as emoções. Ele ficou na cama, durante a maior parte

da minha infância. Quando finalmente morreu, certa noite, o sofrimento terrível de

minha mãe provocou um distanciamento ainda maior, e foi dessa distância

aparentemente segura que levei à perfeição a arte de observar o naufrágio de minha

família.

Acompanhei a anarquia que explodiu entre minha mãe e minha irmã com uma

objetividade aparentemente impecável. Minha irmã mais nova, Dorothy, era

completamente narcisista e irresponsável desde que nasceu. Silenciosamente,

afastei-me das discussões, gritarias e recriminações, e me refugiei em meu íntimo

para manter a lucidez. Cansada das brigas dentro de casa, passava cada vez mais

tempo com as freiras da escola e me enfurnava na biblioteca, onde logo notei a

precocidade de minha mente, e as recompensas que isso me traria. Destaquei-me nas

ciências e me atraí pela biologia humana. Aos quinze anos, já lia a *Anatomia* de

Gray, que se tornou o item básico de minha educação autodidata. E minha salvação.

Sairia de Miami para cursar a faculdade. Numa era em que as mulheres eram

professoras, secretárias e donas de casa, eu seria médica.

No colegial só tirava dez, jogava tênis e lia, até durante as férias de verão e

feriados, enquanto minha família se digladiava como um bando de veteranos

confederados, num mundo há muito conquistado pelos nortistas. Tinha poucos

amigos e pouco interesse em namorar. Formada em primeiro lugar na turma, ganhei

bolsa integral para estudar em Cornell. Depois, segui para a Faculdade de Medicina

Johns Hopkins e para o curso de direito em Georgetown. Depois disso, voltei à

Hopkins como residente de patologia. Só remotamente tinha consciência do que

estava fazendo. A carreira na qual mergulhei conduziria inevitavelmente à cena

terrível da morte de meu pai. Eu desmontaria a morte, e a remontaria novamente,

milhares de vezes. Dominaria seus códigos e a levaria aos tribunais. Compreenderia

seus meandros mais secretos. Mas nada disso traria meu pai de volta à vida, e a

criança que havia dentro de mim jamais deixou de lamentar sua perda.

As brasas se moveram na lareira, e cochilei um pouco, acordando sobressaltada.

Horas mais tarde, os detalhes de minha prisão começaram a se materializar no

azul frio da manhã. Sentia as pernas e costas doloridas quando me levantei com

dificuldade para chegar até a janela. O sol era um ovo pálido contra o rio cinzento.

Os troncos negros das árvores contrastavam com a neve branca. O fogo se apagara e

duas questões atormentavam meu cérebro febril. A srta. Harper teria falecido se eu

não estivesse ali? Muito conveniente, para ela, morrer quando eu estava na casa. Por

que viera até a biblioteca? Imaginei-a descendo a escada, atijando o fogo e

acomodando-se no sofá. Enquanto olhava para as chamas, o coração simplesmente

parou de bater. Ou teria olhado para o retrato no final?

Acendi todas as luzes. Puxei a poltrona para perto da lareira, subi e tirei o quadro

do gancho. O quadro não parecia tão perturbador de perto, o efeito geral se

desintegrava nas nuances sutis de cor e nas pinceladas delicadas da tinta a óleo. A

poeira se soltou da tela quando desci e coloquei o quadro no chão. Não havia data

nem assinatura, e o retrato não era tão antigo quanto eu presumira. As cores haviam

sido deliberadamente usadas para que parecesse velho, e não havia o menor sinal de

rachaduras na pintura.

Virei o quadro para examinar o fundo. No centro havia um selo dourado, com o

nome de uma firma de molduras em Williamsburg. Tomei nota do nome e subi de

novo na poltrona, devolvendo o quadro à sua posição original. Depois agachei-me na

frente da lareira e delicadamente remexi as cinzas, com um lápis

tirado da minha

bolsa. Por cima da lenha queimada encontrei uma camada fina de cinza branca, que

se desfez como teia de aranha quando a toquei. Sob ela havia uma bola escura, que

parecia de plástico derretido.

“Sem querer ofender, doutora”, Marino disse, ao sair do estacionamento em seu

carro, “mas a senhora está com um ar terrível.”

“Muito agradecida”, murmurei.

“Como já disse, não queria ofendê-la. Aposto que não consegui dormir quase

nada.”

Quando não apareci para realizar a autópsia de Cary Harper, pela manhã, Marino

ligou imediatamente para a polícia de Williamsburg. No meio da manhã, dois

policiais constrangidos apareceram na mansão, as correntes a ranger e marcar a neve

lisa, funda. Depois da sequência deprimente de questões sobre a morte de Sterling

Harper, o corpo foi transportado na ambulância que ia para Richmond e os policiais

me deixaram na central de polícia, em Williamsburg, onde tomei café com roscas

doces enquanto esperava por Marino.

“Eu não teria passado a noite naquela casa de jeito nenhum”, Marino prosseguiu.

“Nem que a temperatura caísse a vinte abaixo de zero. Preferiria congelar a passar a

noite com um defunto...”

“Sabe onde fica a rua Princess?”, interrompi-o.

“O que tem lá?” Seus olhos me examinaram, curiosos, por trás das lentes

espelhadas.

A neve parecia fogo branco, sob o sol, e as ruas se enchiam de lama rapidamente.

“Preciso passar no número 507 da rua Princess”, falei, no tom imperativo de quem

esperava ser levada até lá.

A loja situava-se no final do centro histórico, entre duas outras, na praça

Merchant. No estacionamento recém-limpo da neve, não havia mais do que uma

dúzia de carros, os tetos cobertos de neve. Senti alívio ao perceber que a The

Village Frame Shoppe & Gallery estava aberta.

Marino não fez perguntas quando descí. Ele provavelmente notou que não era o

momento apropriado para fazê-las. Havia apenas um cliente dentro da galeria, um

rapaz de casaco preto, examinando distraidamente algumas pinturas, enquanto uma

moça loura cuidava do caixa atrás do balcão.

“Posso ajudar?”, a loura perguntou, olhando para mim inexpressiva.

“Isso depende. Há quanto tempo trabalha aqui?”, perguntei.

O modo desconfiado com que me encarou fez com que eu me desse conta de que

realmente estava com um ar horrível. Dormira de casaco. Meu cabelo

não vira a cor

do pente. Estendi a mão, para ajeitar uma mecha rebelde, e percebi que havia

perdido um brinco. Identifiquei-me, exibindo a carteirinha de couro preto com meu

distintivo.

“Trabalho aqui há dois anos”, ela disse.

“Estou interessada numa pintura, emoldurada nesta loja, provavelmente antes que

você trabalhasse aqui”, expliquei. “Um retrato que Cary Harper trouxe,

provavelmente.”

“Ai, meu Deus. Ouvi tudo no rádio hoje de manhã. Minha nossa, que coisa

horrível aconteceu com ele.” Ela gaguejava. “Acho melhor conversar com o senhor

Hilgeman.” Dizendo isso, desapareceu nos fundos para buscá-lo.

O sr. Hilgeman era um senhor distinto, usava paletó de tweed e me disse, sem

rodeios: “Cary Harper não vem a esta loja há anos e ninguém aqui o conhece direito,

pelo que sei”.

“Senhor Hilgeman”, falei, “sobre a lareira, na biblioteca de Harper, há um retrato

de uma moça loura. Foi emoldurado em sua loja há vários anos, provavelmente.

Lembra-se dele?”

Não notei nem o mais leve sinal de reconhecimento nos olhos cinzentos que me

examinavam por trás dos óculos de leitura.

“Ao que parece, é muito antiga”, expliquei. “Uma boa imitação, com um

tratamento inusitado do tema. A moça tem nove, dez, no máximo doze anos, mas está

trajada como uma mulher, de branco, sentada num banco pequeno, segurando uma

escova de cabelo.”

Deveria ter tirado uma foto Polaroid do quadro, pensei. Minha máquina estava

dentro da maleta médica, mas a ideia não me passou pela cabeça. Estava distraída

demais.

“Sabe”, o sr. Hilgeman disse, e seus olhos se iluminaram, “creio que me lembro

do quadro, agora. Uma menina bonita, mas estranha. Sim. Muito sugestivo, pelo que

me recordo.”

Não o apressei.

“Já faz uns quinze anos, pelo menos... Deixe-me ver.” Ele levou o indicador aos

lábios. “Não”, disse. “Não fui eu.”

“Não foi o senhor? Não foi o senhor *o quê?*”

“Não fiz a moldura. Deve ter sido Clara. A assistente que trabalhava aqui naquela

época. Creio — não, tenho certeza — que Clara enquadrou a pintura. Um serviço

caro, embora não fosse o caso, sabe. O quadro não era grande coisa. Na verdade”,

ele acrescentou, franzindo a testa, “foi uma de suas tentativas malsucedidas.”

“Suas?”, interrompi. “Refere-se a Clara?”

“Estou falando de Sterling Harper.” Ele me olhou, intrigado. “Ela era artista.” E,

depois de uma pausa: “Isso deve ter acontecido há vários anos, quando ela pintava

bastante. Pelo que sei havia até um ateliê na casa. Nunca estive lá, claro. Mas ela

costumava trazer os quadros para cá, em sua maioria naturezas-mortas e paisagens.

A pintura a que se refere foi o único retrato do qual me recordo”.

“Há quanto tempo ela o pintou?”

“Faz pelo menos quinze anos, como já disse.”

“Alguém posou para ela?”

“Suponho que tenha usado uma fotografia...” Ele franziu o cenho. “Na verdade,

não posso responder sua pergunta. Mas, se alguém posou, não sei quem poderia

ser.”

Não demonstrei minha surpresa. Beryl deveria ter dezesseis ou dezessete anos, e

morava em Cutler Grove. Seria possível que o sr. Hilgeman, e o resto da cidade, não

soubesse disso?

“Uma coisa terrível”, ele lamentou. “Uma família tão talentosa e inteligente. Não

se casaram, não tiveram filhos.”

“E quanto aos amigos?”, perguntei.

“Não conheci nenhum dos dois em pessoa”, ele disse.

E nunca conhecerei, pensei morbidamente.

Marino limpava o para-brisa com uma flanela quando voltei ao estacionamento. A

neve derretida e o sal jogado pelo pessoal da limpeza sujaram e mancharam seu

carro preto novo. Isso o contrariou. Vi um monte de pontas de cigarros na calçada.

Sem a menor cerimônia, ele esvaziara ali o cinzeiro.

“Duas coisas”, comecei a dizer, séria, quando entramos no carro. “Na biblioteca

da mansão há um retrato de uma moça loura, que a senhorita Harper aparentemente

mandou emoldurar nesta loja, faz uns quinze anos.”

“Beryl Madison?” Ele puxou o isqueiro.

“Pode ser muito bem um retrato dela”, confirmei. “Em caso positivo, o retrato a

mostra muito mais nova do que era quando os Harper a conheceram. E o tratamento

do tema é muito peculiar, ao estilo Lolita...”

“Como é?”

“Sexy”, respondi diretamente. “Uma menina, mas retratada de modo sensual.”

“Nossa. Está querendo dizer que Cary Harper era um tarado enrustido?”

“Para começar, o retrato foi pintado pela irmã.”

“Merda”, ele reclamou.

“Em segundo lugar”, prossegui, “fiquei com uma forte impressão de que o dono

da loja de molduras não fazia a menor ideia de que Beryl morava com os Harper.

Nesse caso, estou tentando imaginar como isso foi possível. Ela morou na mansão

por vários *anos*, Marino. A poucos quilômetros da cidade. De uma cidade

pequena.”

Ele olhava fixo para a frente, enquanto dirigia, sem dizer palavra.

“Muito bem”, concedi, “pode ser apenas especulação. Eles eram reclusos. Talvez

Cary Harper tenha feito o possível para esconder Beryl do mundo. Seja lá como for,

a situação me parece pouco saudável. Mas pode não ter relação alguma com suas

mortes.”

“Uma ova”, ele disse, contrariado, “pouco saudável uma ova. Doente, isso sim.

Mesmo que fossem tão reclusos como diz, não faz sentido que todos desconhecessem a presença dela. A não ser que vivesse enjaulada, ou acorrentada

ao pé da cama. Bando de tarados. Odeio tarados. Odeio gente que abusa de

crianças. Sabia?” Ele me olhou de esguelha, novamente. “Realmente, eu odeio.

Estou sentindo aquela sensação de novo.”

“Qual sensação?”

“Acho que o famoso escritor deu um jeito em Beryl”, Marino disse. “Ela pretendia

contar todos os podres dele no livro, o sujeito pirou e foi atrás dela com a faca.”

“E quem o matou?”, perguntei.

“Talvez a própria irmã.”

O assassino de Cary Harper possuía a força necessária para desferir um golpe

capaz de provocar a perda imediata da consciência. Cortar a garganta de alguém

também não combinava com uma mulher. De fato, nunca tive um caso em que a

mulher fizesse isso.

Depois de um longo período de silêncio, Marino perguntou: “A velha senhorita

Harper parecia senil?”.

“Um tanto excêntrica, diria. Mas, senil, não.”

“Louca?”

“Também não.”

“Baseado na maneira como descreveu tudo, não me parece que a reação dela à

morte brutal do irmão tenha sido apropriada”, ele comentou.

“Ela estava em estado de choque, Marino. As pessoas, quando entram em choque,

não reagem de modo apropriado.”

“Acha que ela cometeu suicídio?”

“Isso é possível, certamente”, respondi.

“Encontrou alguma droga no local?”

“Alguns medicamentos comuns, nada letal”, falei.

“Ferimentos?”

“Nenhum visível.”

“E sabe como ela morreu?”, ele perguntou, fixando os olhos em mim, com o rosto

severo.

“Não”, respondi. “Não tenho a menor ideia.”

“Presumo que vá voltar a Cutler Grove”, falei a Marino, quando ele estacionou

atrás do prédio do departamento de medicina legal.

“O que não me anima nem um pouco”, ele resmungou. “Por que não vai para casa

e dorme um pouco?”

“Não se esqueça da máquina de escrever de Cary Harper.”

Marino procurou o isqueiro no bolso.

“O tipo e o modelo, bem como fitas usadas.”

Ele acendeu o cigarro.

“E qualquer papel de carta ou similar existente na casa. Sugiro que colete as

cinzas da lareira pessoalmente. Será extremamente difícil preservá-las...”

“Sem querer ofender, doutora, mas está falando como a minha mãe.”

“Marino”, falei rispidamente, “isso é sério.”

“Eu sei que é sério, tá bom. E você precisa dormir. Com urgência.”

Marino estava frustrado e também precisava dormir.

O salão estava vazio; o piso de cimento, manchado de óleo. Dentro do necrotério,

senti a vibração monótona da eletricidade e dos geradores, que normalmente não

notava durante o expediente. A lufada de ar pestilento soou inusitadamente alta

quando entrei na geladeira.

Os corpos estavam em macas, encostados na parede da esquerda.
Talvez por

cansaço, quando ergui o lençol que cobria Sterling Harper senti
fraquejar os joelhos,

e deixei cair a maleta médica no chão. Recordei-me da beleza de seu
rosto, do terror

nos olhos quando a porta da mansão se abriu e ela espiou, enquanto
eu examinava

seu irmão morto, a mão enluvada brilhando rubra com seu sangue.
Irmão e irmã

estavam presentes. Era só o que eu precisava saber. Cobri-a
cuidadosamente,

ocultando a face imóvel como uma máscara. Por toda parte, vi pés
descalços,

etiquetados.

Notei, distraidamente, a caixa amarela de filme fotográfico, sob a
maca de Sterling

Harper, assim que entrei na sala frigorificada. Mas, apenas quando me
abaixei para

pegar a maleta médica, e a olhei melhor, me dei conta do significado.
Filme Kodak,

trinta e cinco milímetros, vinte e quatro exposições. O filme padrão,
para meu

departamento, era Fuji, e sempre pedíamos trinta e seis exposições. Os
paramédicos

que transportaram o corpo da srta. Harper já haviam deixado o
prédio, horas antes, e

não tirariam fotografias.

Retornei ao corredor. A luz do elevador atraiu a minha atenção e me
dei conta de

que estava parado no segundo andar. Havia mais alguém no prédio. Provavelmente,

tratava-se do guarda de segurança fazendo sua ronda. Mesmo assim, senti um

arrepio na nuca. Pensei novamente na caixa de filme vazia. Apertei a alça da maleta

com força e decidi subir pela escada. No segundo andar, abri a porta lentamente e

apurei os ouvidos, antes de prosseguir. Os escritórios da ala leste estavam vazios,

com as luzes apagadas. Virei à direita no corredor principal, passando pelo auditório

deserto, pela biblioteca e pela sala de Fielding. Não ouvi nada, não vi ninguém. Só

para garantir, decidi chamar a segurança quando chegasse ao meu escritório.

Quando o vi, parei de respirar. Por um momento, terrível, minha mente recusou-se

a funcionar. Silenciosa e meticulosamente, ele examinava as pastas suspensas, na

gaveta que abria em um dos arquivos. A gola do casaco azul cobria as orelhas.

Protegera os olhos com óculos escuros de aviador e as mãos com luvas cirúrgicas.

No ombro musculoso notei a tira de couro que prendia a câmera. Parecia sólido e

duro como mármore, e seria impossível, para mim, fugir sem que me visse. As mãos

enluvadas se imobilizaram, subitamente.

Quando ele respirou, por reflexo ataquei-o com a maleta médica, que girei como

se fosse um martelo olímpico. O impulso a jogou com tanta força, entre as pernas,

que o impacto fez com que os óculos pulassem de sua face. Ele tombou para a

frente, dobrando o corpo em agonia, desequilibrando-se o bastante para que eu o

atingisse com um chute na altura do tornozelo, e o jogasse de bruços no chão. Cair

sobre as lentes da máquina fotográfica não fez com que se sentisse melhor, creio. Só

a câmera serviu de amortecedor para o impacto de suas costelas contra o piso.

Os instrumentos médicos se espalharam, quando esvaziei freneticamente a maleta,

à procura da pequena lata de spray de pimenta que sempre transportava comigo. Ele

gritou quando pulverizei o líquido em seu rosto. Levou a mão aos olhos e rolou no

chão, enquanto eu telefonava pedindo ajuda. Esguichei mais um pouco, por via das

dúvidas, antes da chegada do guarda de segurança. Em seguida, veio a polícia. Meu

hóspede, histérico, pedia pelo amor de Deus para ser levado ao hospital, enquanto

um guarda implacável o algemava com os braços nas costas e o puxava com

rispidez.

Segundo a carteira de motorista, o nome do intruso era Jeb Price, trinta e quatro

anos, morador de Washington, D.C. Na parte traseira da cintura da calça de veludo,

ele portava uma automática Smith & Wesson nove milímetros, com catorze balas no

pente e uma na agulha.

Não me lembro de ter entrado na minha sala e apanhado a chave no quadro, para

sair com o outro carro do departamento. Mas devo ter feito isso, pois estacionei a

perua azul-escura na frente de casa, quando começou a escurecer. Utilizada no

transporte de cadáveres, o veículo era um trambolho, com janelas laterais

discretamente protegidas por cortinas. A parte traseira era revestida com uma

prancha de madeira compensada, que precisávamos remover semanalmente para

limpeza. A perua, mistura de carro da família com carro de defunto, só era mais fácil

de estacionar que um caminhão.

Como um zumbi, subi sem me importar em ouvir os recados na secretária

eletrônica ou desligá-la. O cotovelo e o ombro direitos doíam. Os ossos da mão

doíam. Larguei a roupa em cima de uma cadeira, tomei um banho bem quente e

deitei-me, zonza. Dormi profundamente. A escuridão me engolfava, eu tentava nadar

através das trevas, meu corpo parecia chumbo, e os toques insistentes do telefone

foram cortados abruptamente pela secretária eletrônica.

“... não sei quando vou poder ligar de novo, portanto preste bem atenção. Por

favor, Kay. Soube da morte de Cary Harper...”

Meu coração batia forte quando abri os olhos. A voz aflita de Mark me tirou do

torpor.

“... por favor, fique fora desse caso. Não se envolva. *Por favor.* Telefonarei de

novo, assim que puder...”

Quando finalmente cheguei ao aparelho e tirei o fone do gancho, só ouvi o sinal de

discar. Toquei de novo a mensagem, enterrei a cara no travesseiro e comecei a

chorar.

9

Na manhã seguinte, Marino chegou ao necrotério quando eu iniciava uma incisão

em “Y” no corpo de Cary Harper.

Removi as costelas e retirei os órgãos da cavidade torácica, enquanto Marino

observava tudo em silêncio. A água pingava nas pias, os instrumentos cirúrgicos

tilintavam e retiniam, e do outro lado da sala uma lâmina comprida raspava na pedra

— um assistente afiava a faca. Tínhamos quatro casos naquela manhã, e todas as

mesas de autópsia de aço inoxidável estavam ocupadas.

Como Marino não dizia nada, toquei no assunto.

“O que descobriu a respeito de Jeb Price?”, perguntei.

“Sua ficha não combina com a de um arrombador”, ele respondeu, desviando os

olhos, incomodado. “Nenhuma ocorrência anterior, nenhum mandado de prisão, nada.

Ele se recusa a falar. Se falasse, seria com voz de soprano, depois do que você fez.

Parei na Identificação, antes de vir para cá. Eles estão revelando o filme encontrado

na câmera. Trarei as cópias assim que ficarem prontas.”

“Já deu uma espiada?”

“Nos negativos”, ele respondeu.

“E aí?”, perguntei.

“Fotos do interior da geladeira. Dos corpos de Harper e da irmã”, contou.

Isso eu já esperava. “Não creio que seja repórter de um jornal sensacionalista”,

falei brincando.

“Claro que não.”

Desviei a vista do corpo. Marino não estava de bom humor. Mais preocupado do

que de costume, cortara o rosto duas vezes ao se barbear. Os olhos estavam

vermelhos.

“Os repórteres que conheço não andam com pistolas nove milímetros carregadas

com Glasers”, ele disse. “E costumam choramingar quando são flagrados, pedir uma

moeda para telefonar para o advogado do jornal. O sujeito não era amador. Deve ter

arrombado uma fechadura para entrar. Coisa de profissional. Agiu numa segunda-

feira à tarde, feriado estadual, quando dificilmente haveria alguém no prédio.

Encontramos o carro dele estacionado a umas três quadras dali, no estacionamento

da Farm Fresh. Era alugado e tinha telefone celular. Havia munição e pentes

suficientes para deter um pelotão do Exército. Sem falar na pistola metralhadora

Mac Ten e no colete de Kevlar. Não é um repórter.”

“Não tenho certeza de que se trata de um profissional, contudo”, comentei, ao

trocar a lâmina do bisturi. “Descuidou-se, deixando uma caixa vazia de filme dentro

da geladeira. E, se realmente pretendia agir com segurança, deveria ter entrado às

duas da madrugada, e não em pleno dia.”

“Tem razão. O esquecimento da caixinha do filme foi bobeira”, Marino

concordou. “Mas entendo a entrada naquele horário. E se o pessoal da funerária, ou

do serviço médico, chegasse para entregar um corpo enquanto Price estava lá? No

meio da tarde, poderia fingir que trabalhava no necrotério, se tivesse sangue frio

suficiente. Todavia, se fosse surpreendido às duas da madrugada, não conseguiria

dar uma explicação convincente para sua presença.”

Qualquer que fosse o caso, Jeb Price não brincava em serviço. As balas de

segurança Glaser eram terríveis. Pequenas esferas de chumbo, que se dispersavam

com o impacto, rasgando a carne e os órgãos, como uma tempestade de chumbo

quente. Mac Tens são as armas preferidas de terroristas e chefões do tráfico, custam

um dólar a dúzia na América Central, no Oriente Médio, e em minha cidade natal,

Miami.

“Deveria colocar uma fechadura de segurança na sala frigorificada”, Marino

acrescentou.

“Já chamei o pessoal da manutenção”, falei.

Adiara aquela precaução por alguns anos. O pessoal da funerária e os paramédicos entravam na geladeira, fora do expediente. Os guardas de segurança

precisariam da chave. Os legistas do departamento precisariam da chave. Haveria

reclamações. Haveria problemas. Saco, eu já estava cheia de problemas!

Marino concentrou a atenção no corpo de Harper. Ninguém precisava de autópsia,

nem da opinião de um expert, para saber a causa da morte.

“Ele apresenta fraturas múltiplas no crânio e danos ao cérebro”, expliquei.

“Cortaram a garganta no final, como no caso de Beryl?”

“A veia jugular e a carótida foram seccionadas, mas os órgãos não estão muito

claros”, respondi. “Ele teria morrido de hemorragia em questão de minutos, se

houvesse pressão sanguínea. Em outras palavras, ele não sangrou o suficiente para

morrer disso. Estava morto, ou moribundo, em função dos golpes na cabeça, quando

a garganta foi cortada.”

“Encontrou ferimentos que indicassem tentativas de defesa?”, Marino perguntou.

“Nenhum.” Apontei com o bisturi, para mostrar. Forcei os dedos de Harper, um a

um, para abri-los. “Não há unhas quebradas, cortes ou contusões. Ele não tentou

desviar os golpes.”

“Nunca soube o que o atingiu”, Marino comentou. “Chegou em casa quando já

estava escuro. O sujeito o esperava, provavelmente escondido entre os arbustos.

Harper estacionou e saiu do Rolls-Royce. Trancava a porta no momento em que o

atacante aproximou-se por trás, e o golpeou na cabeça...”

“Há cerca de vinte por cento de estenose nesta artéria”, pensei alto, procurando o

lápis.

“Harper cai, feito um saco de batata, e o maluco continua batendo”, Marino

prosseguiu.

“Trinta por cento na coronária direita.” Anotei os dados numa caixa de luvas

vazia. “Nenhuma sequela de infartos anteriores. Coração saudável, embora um

pouco aumentado. Com alguma calcificação da aorta, aterosclerose moderada.”

“Depois o sujeito corta a garganta de Harper. Provavelmente para ter

certeza de

que está mesmo morto.”

Olhei para cima.

“O assassino queria se certificar de que Harper estava morto”, Marino repetiu.

“Não sei se atribuiria algo tão racional ao atacante”, contestei. “Olhe só para ele,

Marino.” Ergui o couro cabeludo, para descobrir novamente o crânio, rachado como

um ovo cozido demais. Apontando para as fraturas, expliquei: “Ele foi golpeado

pelo menos sete vezes, com tanta força que não sobreviveria a um único golpe.

Depois sua garganta foi cortada. Sem necessidade. Como no caso de Beryl”.

“Certo. Desnecessariamente. Não discuto isso”, ele retrucou. “Só estou dizendo

que o assassino queria garantir que Beryl e Harper estavam mesmo mortos. Quando

o sujeito corta a garganta, pode ir embora com a certeza absoluta de que a vítima

não ressuscitará para contar a história.”

Marino fechou a cara quando comecei a despejar o conteúdo do estômago no

recipiente.

“Não se incomode com isso. Posso contar o que ele comeu, estava sentado bem

na frente do sujeito. Amendoim salgado. E dois martínis”, disse.

Os amendoins nem chegaram a ser digeridos pelo estômago de Harper, quando ele

morreu. Não havia mais nada, exceto um fluido marrom. Senti o cheiro de álcool.

Perguntei a Marino: “O que conseguiu descobrir, na conversa com ele?”.

“Absolutamente nada.”

Eu o encarei, enquanto rotulava o recipiente.

“Esperei na taverna, tomando água tônica com limão”, contou.
“Cheguei por volta

das quinze para as cinco. Às cinco em ponto, Harper entrou.”

“Como sabia que era ele?” Os rins estavam ligeiramente granulados. Coloquei-os

na balança, e anotei seu peso.

“Não tive dificuldade, com aquela cabeleira branca”, Marino explicou.

“Imediatamente como descrito por Poteat. Percebi quem era no instante em que

entrou. Harper sentou-se sozinho e não falou com ninguém. Pediu ‘o de sempre’,

comendo amendoim enquanto esperava, observei-o por algum tempo, depois

aproximei-me, puxei uma cadeira e me apresentei. Ele disse que não poderia ajudar

em nada, e que não queria falar no assunto. Fiz pressão, contei que Beryl recebia

ameaças. Perguntei se sabia disso. Ele ficou irritado, e disse que não.”

“Acha que ele dizia a verdade?” Também gostaria de saber a verdade sobre

Harper e a bebida. Tinha um fígado gordo.

“Difícil saber”, Marino disse, batendo a cinza do cigarro no chão. “Em seguida,

perguntei onde estava na noite do crime, e ele me disse que ficou na taverna, até o

horário de costume, depois voltou para casa. Quando perguntei se a irmã poderia

confirmar, falou que ela havia saído.”

Ergui os olhos, surpresa, com o bisturi na mão, em pleno ar. “Ido aonde?”

“Estava viajando”, disse.

“Ele não falou para onde?”

“Não. Ele disse, literalmente: ‘Problema dela. Não me pergunte’.”
Marino fixou-

se no fígado, que eu fatiava, incomodado. “Meu prato favorito era fígado acebolado.

Acredita nisso? Não conheço um único policial capaz de comer fígado depois de

presenciar uma autópsia...”

A serra Stryker o interrompeu, quando comecei a trabalhar na cabeça. Marino

desistiu, e recuou quando o pó de osso ergueu-se na atmosfera pungente. Mesmo se

chegam em bom estado, cadáveres cheiram muito mal quando são abertos.

Visualmente, a experiência não é nenhuma maravilha. Marino merecia elogios.

Qualquer que fosse o caso, ele sempre acompanhava a autópsia.

O cérebro de Harper estava mole, com marcas irregulares variadas. Houve pouca

hemorragia, revelando que não vivera por muito tempo depois dos ferimentos. Pelo

menos sua morte foi misericordiosamente rápida. Ao contrário de

Beryl, Harper não

teve tempo para registrar o terror, sentir a dor ou pedir que lhe poupassem a vida. O

crime diferia do outro em vários aspectos. Não recebera ameaças, ao que sabíamos.

Não havia sinais de abuso sexual. Morrera espancado, e não esfaqueado, sem que o

assassino levasse itens do vestuário.

“Contei cento e sessenta e oito dólares na carteira”, revelei a Marino. “O relógio

de pulso e o anel estavam presentes, e foram registrados.”

“E quanto à corrente do pescoço?”, ele perguntou.

Não tinha ideia do que estava querendo dizer.

“Ele usava uma corrente de ouro, grossa, com uma medalha. Uma espécie de

escudo, ou brasão”, explicou. “Notei a corrente na taverna.”

“Não veio junto com o corpo, e não me lembro de tê-la visto na cena do crime...”,

eu ia dizer *ontem à noite*. Mas não havia sido *ontem à noite*. Harper falecera no

domingo à noite. Estávamos na terça-feira, já, e eu perdera a noção dos dias. Os dois

últimos pareceram irrealis, e, se não tivesse ouvido a fita com a mensagem de Mark

mais uma vez, naquela manhã, imaginaria que a ligação era irreal também.

“Então pode ser que o assassino a tenha levado. Mais um souvenir”, Marino

disse.

“Não faz sentido”, comentei. “Posso entender o souvenir, no caso de Beryl, se o

crime foi obra de um sujeito perturbado, obcecado por ela. Mas por que levar algo

de Harper?”

“Troféus, talvez”, Marino sugeriu. “Lembranças da caçada. Pode ser um matador

profissional, que gosta de guardar recordações do serviço.”

“Prefiro pensar que um matador contratado seja mais cuidadoso”, objetei.

“Claro, é o que pensa. Assim como pensa que Jeb Price seria mais cuidadoso, e

não largaria uma caixa de filme na geladeira”, ele retrucou, irônico.

Removi as luvas e rotulei os tubos de ensaio e outras amostras recolhidas. Peguei

minha papelada e voltei para meu escritório no andar superior, acompanhada por

Marino.

Rose deixara o jornal da tarde sobre minha mesa. O assassinato de Harper e a

morte súbita da irmã saíram na primeira página, em destaque. A reportagem seguinte

estragou meu dia:

legista titular acusada de “perder” originais polêmicos

Nos créditos constava Nova York como origem do texto. Reportagem da

Associated Press, que contava também como eu “aleijara” um homem chamado Jeb

Price, depois de surpreendê-lo “revistando” meu escritório, na tarde do dia anterior.

As alegações sobre o original saíram de Sparacino, sem dúvida, pensei revoltada.

Quanto a Jeb Price, a fonte era o relatório da polícia, claro. Quando verifiquei os

recados, notei que, em sua maioria, eram de repórteres.

“Checou os disquetes do computador?”, perguntei, jogando o jornal para Marino.

“Sim, claro”, ele disse. “Já olhei tudo.”

“E localizou o tal livro, que está deixando todo mundo agitado?”

Examinando a primeira página, ele disse: “Não”.

“Não estava lá?”, falei, frustrada. “Não estava nos disquetes? Como é possível,

se ela escrevia no computador?”

“Não me pergunte”, ele disse. “Só estou dizendo que verifiquei mais de uma

dezena de disquetes. Não encontrei nada recente neles. O material parece ser mais

antigo. Nada sobre ela mesma, ou sobre Harper. Encontrei algumas cartas antigas,

incluindo duas para Sparacino, tratando de negócios. Não me chamaram a atenção.”

“Talvez tenha guardado os disquetes num lugar seguro, antes de ir para Key

West”, falei.

“Talvez. Mas não os encontramos.”

Naquele momento, Fielding entrou, os braços simiescos apontando pelas mangas

do traje cirúrgico, as mãos musculosas ligeiramente esbranquiçadas pelo talco das

luvas cirúrgicas de látex que usara nos exames. Fielding era uma obra de arte. Só

Deus sabe quantas horas gastava por semana para esculpir seu corpo numa

academia de musculação qualquer. Defendia a teoria de que sua obsessão pelo

corpo era inversamente proporcional à sua obsessão pelo trabalho. Como legista

assistente, revelava certa competência. Mas participava da equipe havia menos de

um ano, e já mostrava sinais de exaustão. Quanto mais se desiludia, mais aumentava

a massa muscular. Calculava em mais dois anos o prazo para que se refugiasse no

mundo mais agradável e lucrativo da patologia hospitalar, ou se tornasse herdeiro do

Incrível Hulk.

“Serei obrigado a aguardar os exames de Sterling Harper”, ele disse, parado ao

lado da minha mesa, inquieto. “O nível de álcool era de apenas um ponto três, e não

há nada revelador no suco gástrico. Nenhum sangramento nem odores diferentes. O

coração está bom, sem sinal de infartos antigos, e as coronárias, desimpedidas.

Cérebro normal. Algo acontecia em seu corpo, porém. O fígado estava inchado, com

cerca de dois quilos e meio, e o baço pesou mais de um quilo, com espessamento da

cápsula. Há comprometimento dos nódulos linfáticos, também.”

“Alguma metástase?”, perguntei.

“Nenhuma, à primeira vista.”

“Apreste as análises microscópicas”, pedi.

Fielding moveu a cabeça e saiu abruptamente.

Marino olhou para mim, inquisidor.

“Pode ser muita coisa”, falei. “Leucemia, linfoma, doenças colágenas — algumas

são benignas, outras não. O baço e os nódulos linfáticos reagem, como parte do

sistema imunológico. Ou seja, o baço está quase sempre ligado a doenças do

sangue. Quanto ao fígado inchado, isso não ajuda muito, em termos de diagnóstico.

Não posso afirmar nada, até verificar as alterações histológicas no microscópio.”

“Poderia falar claro, por favor?” Ele acendeu o cigarro. “Explique, em termos

mais simples, o que o doutor Schwarzenegger descobriu.”

“O sistema imunológico dela reagia a algum problema”, falei. “Ela estava

doente.”

“Doente o bastante para fazer com que ela morresse no sofá?”

“De repente?”, falei. “Duvido muito.”

“E quanto a algum medicamento?”, ele sugeriu. “Sabe, ela pode ter tomado as

pílulas e atirado o frasco no fogo, o que explicaria o plástico derretido que

encontrou na lareira, e o fato de não haver vidros de remédios ou similar na casa. Só

pílulas inofensivas, que se podem comprar sem receita.”

Uma overdose de drogas constava com destaque em minha lista, mas não

precisava me preocupar com isso no momento. Apesar de meus pedidos, apesar das

promessas de que seu caso receberia tratamento prioritário e urgente, os resultados

dos exames toxicológicos demorariam dias, talvez semanas.

Quanto ao irmão, eu havia formulado uma teoria.

“Creio que Cary Harper foi atingido por um porrete caseiro, Marino”, falei.

“Provavelmente um pedaço de cano metálico, cheio de chumbo, para aumentar o

peso. As pontas foram fechadas com uma massa, do tipo de modelar, para conter o

chumbo. Depois de vários golpes, a massa escapou, e as esferas de chumbo se

espalharam.”

Ele bateu a cinza, pensativo. “Não combina com o estilo mercenário do material

que encontramos no carro de Price. Nem com algum plano da senhorita Harper,

tampouco.”

“Presumo que não encontrou chumbo de matar pássaros, nem massa de modelar

ou similar em sua casa, certo?”

Ele balançou a cabeça e disse: “Não”.

*

O telefone não parou de tocar o dia inteiro.

Relatos de minha suposta participação no sumiço do “original

misterioso e

valioso” e narrativas exageradas sobre a “captura de um arrombador” que invadira

minha sala chegaram aos boletins dos serviços noticiosos. Os repórteres tentavam

obter declarações, e alguns vigiavam o estacionamento do prédio ou aguardavam no

saguão, com os microfones e câmeras estendidos como rifles. Um locutor de rádio

particularmente irreverente disse que eu era a única legista do país a usar “luvas de

ouro, e não de borracha”. A situação começava a escapar ao controle, e

rapidamente. Precisava levar o aviso de Mark a sério. Sparacino era bem capaz de

fazer da minha vida um inferno.

Sempre que Thomas Ethridge iv tinha algo em mente, ligava para meu número

direto, em vez de passar por Rose. Não me surpreendi quando telefonou. Senti até

alívio. No fim da tarde, passei em seu escritório. Pela idade, poderia ser meu pai.

Era um homem cuja simpatia juvenil se transformava, com idade, em celebração do

caráter. Ethridge, com seu rosto de Winston Churchill, combinava mais com o

parlamento, ou com uma sala de fumar esfumaçada de charuto. Sempre nos demos

muito bem.

“Golpe publicitário? Acha que alguém vai acreditar nisso, Kay?”, o procurador-

geral perguntou, brincando distraidamente com uma corrente de ouro de relógio, que

saía do colete.

“Tenho a impressão de que não acredita em mim”, falei.

Sua resposta foi apanhar a caneta-tinteiro Mont Blanc grossa, e lentamente

desenroscar a tampa.

“Suponho que ninguém terá a chance de acreditar ou não em mim”, acrescentei

desolada. “Minhas suspeitas não se baseiam em dados concretos, Tom. Se eu fizer

uma acusação dessa natureza para reagir às manobras de Sparacino, ele vai deitar e

rolar.”

“Sente-se isolada, não é, Kay?”

“Sim. E estou, Tom.”

“Situações do gênero adquirem vida própria”, ele brincou. “Nosso problema está

em lidar com elas sem causar mais comoção.”

Esfregando os olhos cansados, por trás dos óculos de tartaruga, ele virou a página

do bloco e começou a fazer mais uma de suas listas, ao estilo Nixon. Riscou uma

linha vertical no centro da página amarela, com as vantagens de um lado e as

desvantagens do outro. Vantagens e desvantagens em relação a quê, eu não sabia.

Depois de encher metade da folha, com uma coluna dramaticamente mais longa do

que a outra, ele encostou na poltrona, olhou para cima e franziu o cenho.

“Kay”, ele disse, “já percebeu que costuma se envolver bem mais nos casos do

que seus antecessores?”

“Não conheci meus antecessores”, respondi.

Ele sorriu. “Não respondeu a minha pergunta, minha cara.”

“Honestamente, nunca pensei muito sobre o assunto.”

“Não esperava que o fizesse”, ele me surpreendeu ao falar. “Não esperava, pois

sei que é extremamente dedicada, Kay. Foi um dos motivos que me levou a apoiar

firmemente sua nomeação. A vantagem é que você não deixa passar nada, sendo

uma ótima patologista forense, além de administradora capacitada. O lado ruim é

que, às vezes, mostra uma certa tendência para se colocar em situações delicadas.

Como no caso dos estrangulamentos, não faz nem um ano. Jamais teriam sido

resolvidos, e outras mulheres poderiam ter morrido, se não fosse por sua atuação.

Mas quase perdeu a vida com isso.”

“Agora, temos esse incidente de ontem.” Ele fez uma pausa, balançou a cabeça e

riu. “Embora, devo confessar, tenha me impressionado. ‘Incapacitado’, foi a palavra

usada no rádio esta manhã. É verdade?”

“Não foi bem assim”, falei, constrangida.

“Sabe quem era ele e o que procurava?”

“Não temos certeza”, falei. “Mas ele entrou na geladeira do necrotério e tirou

fotografias dos corpos de Cary e Sterling Harper. Quando entrei, ele consultava os

arquivos, mas isso não me deu pista alguma.”

“Em ordem alfabética?”

“Ele estava na gaveta ‘M a N’.”

“‘M’ de Madison?”

“Possivelmente”, respondi. “Mas a pasta dela foi para o arquivo com chave, na

outra sala. Não havia nada na gaveta.”

Depois de um longo silêncio, ele apontou para o bloco, com o indicador, e disse:

“Anotei o que sabemos sobre essas mortes recentes. Beryl Madison, Cary Harper,

Sterling Harper. Contêm todos os ingredientes de um livro de mistério, não

concorda? E ainda por cima surge essa intriga a respeito de um original

desaparecido, que supostamente envolve o departamento de medicina legal.

Precisamos esclarecer alguns pontos, Kay. Primeiro, se alguém mais ligar

perguntando sobre o original, pode facilitar sua vida, orientando o eventual

interessado a entrar em contato comigo. Aposto que a consequência imediata será

um processo. Portanto, prepararei minha equipe, para tentar acabar com isso logo no

início. Segundo, meditei muito sobre os problemas, e gostaria que você se portasse

como um iceberg”.

“O que isso significa, exatamente?”, perguntei, confusa.

“Na superfície só aparece uma fração do que existe embaixo”, ele respondeu.

“Não confunda isso com uma atitude evasiva, embora deva se portar assim, em

termos práticos. Evite contatos com a imprensa, fuja o quanto puder do noticiário.”

Ele começou a alisar a corrente do relógio outra vez. “Inversamente proporcional à

sua visibilidade será seu envolvimento ou nível de atuação, se estiver disposta a

colaborar.”

“Meu envolvimento?”, protestei. “Está me dizendo para fazer meu trabalho, só

meu trabalho, e manter o departamento fora do noticiário?”

“Sim e não. Sim, quanto a fazer seu trabalho. Quanto a manter o departamento de

medicina legal fora do noticiário, temo que isso esteja fora de controle.” Ele parou,

cruzando as mãos em cima da mesa. “Conheço Robert Sparacino muito bem.”

“Conhece?”

“Tive o duvidoso prazer de conhecê-lo na faculdade de direito”, ele disse.

Encarei-o, surpresa.

“Columbia, turma de cinquenta e um”, Ethridge explicou. “Um rapaz obeso e

arrogante, com sérios problemas de caráter. E também muito inteligente, teria sido o

primeiro da classe, e chegado a auxiliar do departamento de justiça, se eu não

houvesse atrapalhado.” Ele fez uma pausa. “Fui para Washington, onde tive o raro

privilegio de trabalhar com Hugo Black. Robert permaneceu em Nova York.”

“Ele nunca o perdoou, certo?”, perguntei, começando a desconfiar da verdade.

“Deduzo que, desde então, a rivalidade cresceu. Ele nunca aceitou que você tenha se

formado em primeiro lugar na turma.”

“Sempre manda um cartão de Natal”, Ethridge comentou, secamente. “Feito em

computador, com carimbo no lugar da assinatura, e meu nome vem grafado errado.

Impessoal o suficiente para se tornar um insulto.”

Agora fazia sentido a orientação de Ethridge, para desviar as batalhas contra

Sparacino para a promotoria. “Não imagina que ele tenha me atacado só para atingi-

lo, não é?”, indaguei, relutante.

“Seria possível? Que o original desaparecido não passe de uma desculpa, e ele

saiba disso? Que procure criar dificuldades, para me dar dores de cabeça, e manchar

minha reputação, indiretamente?” Ele sorriu, desanimado. “Difícilmente essa seria

sua única motivação.”

“Mas pode ter servido de incentivo”, comentei. “Ele sabe que uma ação na

justiça, ou qualquer litígio com meu departamento, seria obrigatoriamente tratado

pelo procurador do estado. Pelo que contou, trata-se de um sujeito vingativo.”

Ethridge tamborilava levemente com os dedos, ao me olhar: “Vou contar algo que

ouvi a respeito de Sparacino, quando estudávamos na Columbia. Ele veio de um lar

desfeito, e morava com a mãe, enquanto o pai ausente ganhava uma fortuna em Wall

Street. Ao que consta, o menino visitava o pai em Nova York várias vezes por ano;

era precoce, um leitor voraz deslumbrado com o mundo da literatura. Numa de suas

visitas, conseguiu persuadir o pai a levá-lo ao Algonquin, no dia em que Dorothy

Parker e sua turma costumavam ir lá. Robert, com nove ou dez anos na época, havia

planejado tudo, a crer na história que ouvi, e que ele teria contado a amigos durante

uma bebedeira na Columbia. Ele pretendia aproximar-se da mesa de Dorothy Parker,

estender a mão e dizer: ‘Senhorita Parker, sempre sonhei em encontrá-la’. Quando

chegou perto da mesa, acabou dizendo: ‘Senhorita Parker, sempre sonhei em encoxá-

la’. Ao ouvir isso ela riu, e disse, espirituosa como sempre: ‘Muitos homens

sonharam, mas nenhum tão jovem’. As gargalhadas gerais esmagaram Sparacino,

humilharam-no. Ele nunca se esqueceu do incidente”.

A imagem do gordinho estendendo a mão suada para dizer aquilo era tão patética

que não ri. Caso sofresse uma humilhação na frente de um mito da minha infância,

jamais me esqueceria.

“Contei a história”, Ethridge disse, “para reforçar meu argumento no caso atual,

Kay. Quando Sparacino contou o caso na Columbia, estava bêbado, amargurado, e

jurou vingança. Prometeu mostrar a Dorothy Parker e ao resto da intelectualidade

que deveriam levá-lo a sério. E o que aconteceu?” Ele me encarou, interessado na

reação. “Trata-se de um dos advogados mais poderosos em termos de direitos

autorais. Mantém um relacionamento estreito com editores, agentes, escritores.

Todos o odeiam, em particular, mas consideram imprudente ignorá-lo. Dizem que ele

almoça frequentemente no Algonquin e que insiste em assinar os contratos dos livros

e filmes lá, onde sem dúvida ri, secretamente, para o fantasma de Dorothy Parker.

Acredita que estou forçando uma interpretação?”

“Não. Ninguém precisa ser psicólogo para chegar à mesma conclusão”, falei.

“Então preste atenção no meu conselho”, Ethridge disse, cravando os olhos em

mim. “Deixe Sparacino por minha conta. Evite contatos com ele, se possível. Não

deve subestimá-lo, Kay. Mesmo que pense ter dito pouca coisa, ele sabe ler nas

entrelinhas, é um mestre das inferências, e costuma acertar na mosca. Não sei bem

qual o envolvimento dele com Beryl Madison, com os Harper ou qual é seu

verdadeiro objetivo. Talvez um coquetel de planos desagradáveis. Mas não quero

que descubra mais detalhes a respeito dessas mortes.”

“Já conseguiu um monte”, falei. “O relatório policial sobre Beryl Madison, por

exemplo. E não me pergunte como...”

“Ele é muito ladino”, Ethridge interrompeu. “Mantenha todos os relatórios em

lugar seguro, evite que circulem. Só envie cópias para quem realmente precisa.

Tranque o escritório, aumente a segurança, mantenha todos os arquivos a sete

chaves. Impeça que sua equipe forneça informações sobre esses casos, a não ser

quando tiver certeza absoluta de que a pessoa ligando é realmente quem diz ser.

Sparacino usará cada migalha para obter vantagens. Para ele, tudo não passa de um

jogo. Muita gente pode sair queimada — inclusive você. Isso, para não mencionar os

efeitos sobre os casos, na época do julgamento. Depois de seus golpes publicitários,

precisaremos transferir o julgamento para a Antártica.”

“Ele pode ter previsto que agiria assim”, comentei em voz baixa.

“Imaginado que eu me ofereceria para servir de para-raios? Que pularia dentro do

ringue, em vez de passar o problema para um assistente?”

Fiz que sim.

“É bem possível”, ele respondeu.

Eu tinha certeza. O objetivo de Sparacino não era me prejudicar. Visava atingir

seu antigo rival. Sparacino jamais conseguiria atacar diretamente o procurador-geral

do estado. Nunca passaria dos guardas, dos assistentes, das secretárias. Portanto,

escolheu a mim, e conseguiu o resultado desejado. A ideia de ser usada daquele

modo só me enfurecia ainda mais e repentinamente pensei em Mark. Qual seria seu

papel nessa história?

“Não a culpo por se aborrecer”, Ethridge disse. “Mas será preciso conter seu

orgulho e controlar as emoções, Kay. Preciso de sua ajuda.”

Escutei, silenciosamente.

“O bilhete para o parque de diversões de Sparacino é o original que todos

desejam, garanto. Existe alguma possibilidade de localizá-lo?”

Senti meu rosto esquentar. “Nunca passou pelo meu departamento, Tom...”

“Kay”, ele retrucou com firmeza, “não se trata disso. Muitas coisas não passam

pelo departamento, e o legista chefe consegue encontrá-las. Medicamentos

receitados, queixa de uma dor no peito pouco antes do paciente cair morto,

inesperadamente. Ideias suicidas, reveladas por um membro da família. Você não

tem poderes de polícia, mas está autorizada a investigar. E muitas vezes consegue

detalhes que ninguém revelou antes.”

“Não quero ser uma testemunha comum, Tom.”

“Você é uma testemunha especializada. Claro que não quer ser comum. Seria um

desperdício”, falou.

“E os investigadores conseguem muito mais do que eu, nos interrogatórios”,

completei. “Não esperam que as pessoas digam a verdade.”

“E você espera?”

“O médico da família normalmente espera. Conta com que as pessoas lhe digam a

verdade. Fazem o melhor possível. A maioria dos médicos não espera que o

paciente esteja mentindo.”

“Kay, está generalizando demais”, ele disse.

“Não quero me ver na posição de...”

“Kay, o Código diz que o médico-legista titular deve investigar as causas da

morte, e o modo como esta ocorreu. E depois preparar um relatório escrito. Isso é

muito vago, e lhe dá plenos poderes de investigação. Só não pode prender alguém,

na verdade. Sabe disso. A polícia não vai achar nunca aquele original.

Você é a

pessoa indicada para encontrá-lo.” Ele me encarou, com firmeza. “É *mais*

importante para você, para sua reputação, do que para eles.”

Não poderia evitar aquilo. Ethridge declarara guerra a Sparacino, e eu acabava de

ser recrutada.

“Encontre o original, Kay.” O procurador-geral consultou o relógio. “Conheço

você muito bem. Se tentar, vai pelo menos descobrir o que aconteceu com o

material. Três pessoas já morreram. Inclusive um escritor, vencedor do prêmio

Pulitzer, autor de um de meus livros favoritos. Precisamos esclarecer tudo. O que

conseguir saber a respeito de Sparacino deve ser passado para mim. Você vai

tentar?”

“Sim, senhor”, respondi. “Claro que vou tentar.”

Comecei atormentando os cientistas.

O exame de documentos encontra-se entre os poucos procedimentos científicos

capazes de oferecer respostas imediatas. Palpáveis como papel, visíveis como tinta.

Na quarta-feira à tarde, o chefe da seção, cujo nome era Will, além de Marino e de

mim, já havíamos passado quatro horas examinando o material. O que descobrimos

dava vontade de tomarmos um porre.

Não sabia bem o que esperava. Talvez uma solução simples, como determinar

imediatamente que a srta. Harper queimara o original perdido de Beryl na lareira.

Com isso, concluiríamos que Beryl o entregara à guarda da amiga. E presumiríamos

que o livro continha segredos que a srta. Harper preferia não tornar públicos. Mais

importante, chegaríamos à conclusão de que o original, afinal de contas, não

desaparecera da cena do crime.

Mas a quantidade de resíduos de papel não era compatível com essa possibilidade. Alguns fragmentos escaparam ao fogo, nenhum deles maior que uma

moeda, ou úteis para uma análise sob as lentes com filtro infravermelho dos

instrumentos de comparação. Testes químicos ou procedimentos técnicos não nos

ajudariam a examinar as cinzas esbranquiçadas. Eram tão frágeis que não ousamos

tirá-las da caixa de papelão rasa na qual Marino as recolhera. Fechamos a porta e

desligamos os ventiladores do laboratório, para evitar movimentos no ar.

Estávamos reduzidos a manipular, frustrados e cuidadosos, as cinzas leves, com

pinças, atrás de uma palavra ou outra. Pelo que sabíamos, a srta. Harper queimara

páginas de papel feito com aparas de tecido, datilografado com máquina de fita de

carbono. Confirmamos isso de várias maneiras. O papel produzido

com polpa de

madeira escurece quando incinerado, enquanto o papel de algodão é incrivelmente

limpo, e as cinzas são brancas, como o encontrado na lareira da srta. Harper. Os

raros fragmentos que não queimaram exibiam as características do papel em

questão. Finalmente, o carbono não queima. O calor encolhera as letras

datilografadas até reduzi-las ao corpo sete, aproximadamente. Certas palavras

estavam inteiras; destacavam-se na cinza clara. O resto se fragmentara completamente e se sujara como os papezinhos da sorte em biscoitos chineses que

passaram do ponto.

“c-h-e-g-a”, Will soletrou, os olhos avermelhados por trás dos óculos de armação

preta fora de moda. Seu rosto jovem demonstrava cansaço. Esforçava-se para ser

paciente, como exigia o serviço.

Acrescentei a palavra à página já pela metade de meu bloco de anotações.

“Chegou, chegando, chegada”, ele disse, suspirando. “Pode ser isso.”

“Chegadiça, chegadiço”, pensei em voz alta.

“*Chegadiço?*”, Marino indagou, rabugento. “Mas que diabos quer dizer isso?”

“Intrometido”, respondi.

“Um pouco hermético, para mim”, Will disse, impaciente.

“Talvez um pouco hermético para a maioria das pessoas”, concordei,

sonhando

com o frasco de Advil, guardado no bolso do casaco, atribuindo a dor de cabeça

persistente ao esforço de leitura.

“Minha nossa”, Marino queixou-se. “Palavras, palavras, palavras. Nunca vi tantas

palavras em minha vida. Nunca ouvi metade dessas palavras e nunca senti falta

delas, se quer mesmo saber.”

Ele estava recostado numa cadeira giratória, os pés em cima da mesa, enquanto lia

a transcrição dos trechos decifrados por Will, encontrados na fita da máquina de

Cary Harper. Como não se tratava de fita de carbono, as páginas queimadas pela

srta. Harper não poderiam ter vindo da máquina de escrever do irmão. Pelo jeito, o

romancista trabalhava em um novo romance. Tentara começar de várias maneiras e

desistira. O material analisado por Marino quase não fazia sentido e, quando eu o

examinei, concluí que a inspiração de Harper continuava escassa.

“Duvido que alguém consiga vender essa droga”, Marino disse.

Will terminara outro fragmento de sentença, obtido nas amostras que se desfaziam,

e eu me debrucei para inspecionar.

“Sabe”, Marino prosseguiu, “eles sempre publicam coisas, depois da morte de um

escritor. Em geral, porcarias que o sujeito não queria ver na rua.”

“Sim. Poderiam dar o título *Restos de um banquete literário*”, resmunguei.

“Como é?”

“Não importa. Não há nem dez páginas aqui, Marino”, comentei distraída. “Não

daria um livro.”

“Certo. Então publicariam isso na *Esquire* ou na *Playboy*. Provavelmente vale

alguma coisa”, Marino disse.

“Essa palavra sem dúvida é um nome próprio, de cidade, empresa ou similar”,

Will arriscou, alheio à conversa. “*Co* se inicia por maiúscula.”

“Interessante. Muito interessante”, falei.

“Cuidado para não soprar aqui”, Will alertou, segurando a pinça com firmeza,

como se fosse um bisturi. Manipulava um pedaço de cinza, no qual as letras negras

se destacavam: *bor Co*.

“Companhia, Comarca, Colégio, Correio”, sugeri. Meu sangue começou a correr

novamente, e já me sentia alerta.

“Sim, mas que expressão teria *bor*?”, Marino perguntou, intrigado.

“Ann Arbor?”, Will sugeriu.

“Que tal uma comarca na Virgínia?”, Marino disse.

Não encontramos nenhuma comarca na Virgínia cujo nome terminasse

em *bor*.

“Harbor”, sugeri.

“Muito bem. Seguido de *Co?*”, Will retrucou, cético.

“Pode ser uma empresa. Não sei o quê-Harbor Company”, Marino falou.

Consultei a lista telefônica. Havia cinco empresas com Harbor no nome: Harbor

East, Harbor South, Harbor Village, Harbor Imports e Harbor Square.

“Não me parece o caminho certo”, Marino disse.

Não tivemos mais sorte quando disquei para o auxílio à lista, pedindo nomes de

empresas na área de Williamsburg com Harbor na razão social. Fora um prédio de

apartamentos, não havia mais nada. Em seguida, liguei para o investigador Poteat, na

polícia de Williamsburg e, exceto o mesmo prédio de apartamentos, ele não conhecia

nenhuma outra possibilidade.

“Talvez não adiante concentrar nossa atenção só nisso”, Marino disse, desanimado.

Will ocupava-se da caixa com as cinzas novamente.

Marino espiou, por cima do meu ombro, para a lista de palavras encontradas até

aquele momento.

Você, seu, eu, nós e bem eram as mais comuns. Outras palavras completas poderiam constar de qualquer sentença, como *e, é, era, que, isso, qual, a, em*. Certos termos eram mais específicos, como *cidade, casa, sei, por favor, medo, trabalho, penso e sinto*. Quanto a palavras incompletas, éramos obrigados a adivinhar sua

composição. Algo relacionado a *terrível* aparecia em diversas oportunidades, e não

encontramos outras palavras comuns com *terr* e *ter... vel*. O sentido, claro, nos

escapava. Estaria a pessoa se referindo a terrível, como em “desastre terrível”, ou a

terrivelmente, como em “terrivelmente contrariada”, ou “terrivelmente saudosa”?

Significativamente, encontramos vários fragmentos do nome Sterling, assim como

do nome Cary.

“Tenho quase certeza de que ela queimou sua correspondência pessoal”, deduzi.

“O tipo de papel e os termos empregados conduzem a tal conclusão.”

Will concordou.

“Lembra-se de ter encontrado papel de carta, entre as coisas de Beryl Madison, na

casa dela?”, perguntei a Marino.

“Papel de computador, papel ofício. Só isso. Nada de papel de carta sofisticado e

caro como este aqui”, ele disse.

“A impressora dela usa fita de carbono”, Will alertou, prendendo outro fragmento

com a pinça. “Creio que temos mais um.”

Examinei o material.

Desta vez, só restara um *or C*.

“Beryl possuía uma impressora Lanier, ligada ao computador”, falei a Marino.

“Seria bom descobrir se não havia usado outro tipo, antes.”

“Já revirei seus recibos e notas fiscais”, ele disse.

“De quantos anos para cá?”

“Tudo que encontrei. Cinco, seis anos”, respondeu.

“Mesmo computador?”

“Não”, disse. “Mas a mesma impressora, doutora. Um modelo chamado mil e

seiscentos, com margarida. Sempre usou o mesmo tipo de fita. Não sei o que usava

para escrever antes disso.”

“Entendo.”

“Que bom”, Marino reclamou, coçando a nuca. “Pois eu não entendo droga

nenhuma.”

10

A Academia Nacional do fbi em Quantico, na Virgínia, é um oásis de tijolo e

vidro, no meio de um campo de batalha artificial. Jamais me esquecerei da primeira

temporada que passei lá muitos anos atrás. Dormi e acordei com o som das

semiautomáticas disparadas, e, certa tarde, quando entrei numa trilha errada na pista

de corrida que cruzava o bosque, quase fui atropelada por um tanque de guerra.

Cheguei na sexta-feira de manhã. Benton Wesley marcara a reunião, e Marino

empertigou-se quando a fonte e as bandeiras da Academia apareceram. Acompanhá-

lo me obrigava a dar dois passos para cada um dos seus. Entramos no

saguão amplo

e ensolarado de um prédio novo, tão parecido com um hotel que recebera o apelido

de Quantico Hilton. Depois de deixar a arma na recepção, Marino registrou nossa

presença, e prendemos os crachás de visitantes, enquanto o recepcionista ligava para

Wesley, para confirmar nosso acesso privilegiado.

Um labirinto de divisórias envidraçadas ligava escritórios, salas de aula e

laboratórios, e se podia transitar entre os edifícios sem sair lá fora. Por melhor que

conhecesse o local, sempre acabava perdida. Marino parecia saber para onde ia, de

modo que o segui sem reclamar, observando o desfilar dos estudantes em seus

uniformes coloridos. Camisa vermelha e calça cáqui indicavam policiais. Camisa

cinza com calça preta folgada enfiada em botas reluzentes caracterizava o pessoal

novo do dea. Já os veteranos vestiam preto puro. Agentes novos do fbi, azul e cáqui.

Os membros do Esquadrão de Sequestro, elitistas, usavam branco. Homens e

mulheres em plena forma, impecavelmente trajados. Exalavam um odor de

compostura militar, perceptível como o cheiro de solvente para limpeza de armas

que deixavam ao passar.

Subimos pelo elevador de serviço, e Marino apertou o botão ss (Super Subsolo,

traduziam em tom jocoso). O abrigo antibomba secreto de Hoover ficava a vinte

metros de profundidade, dois andares abaixo do estande de tiro interno. Sempre me

pareceu apropriado que a Academia situasse ali a Unidade de Ciência

Comportamental, mais perto do inferno que do céu. Os nomes mudam. Antes, pelo

que eu soube, os encarregados dos perfis psicológicos eram chamados de agentes

investigadores criminais. O serviço não muda. Sempre haverá psicopatas,

sociopatas, assassinos tarados — ou qualquer outro título que se dê a gente ruim,

que sente prazer em provocar dores indescritíveis nos outros.

Sáímos do elevador e seguimos por um corredor insípido, até entrarmos em uma

sala de espera igual. Wesley surgiu e nos conduziu a uma pequena sala de reuniões,

onde Roy Hanowell nos aguardava sentado à mesa comprida. O especialista em

fibras nunca demonstrava me reconhecer quando nos encontrávamos. E eu fazia

questão de me apresentar, quando ele estendia a mão.

“Claro, claro que me lembro da senhora, doutora Scarpetta. Como tem passado?”,

ele perguntou, como de costume.

Wesley fechou a porta e Marino olhou em volta, fechando a cara ao não encontrar

nenhum cinzeiro. Uma lata vazia de Coca-Cola Diet, no lixo, serviria. Resisti ao

impulso de sacar meu maço. Na Academia se fumava tanto quanto numa unidade de

terapia intensiva.

A camisa branca de Wesley estava amarrotada nas costas, seus olhos revelavam

cansaço e preocupação. Folheou o conteúdo de uma pasta. E foi direto ao assunto.

“Alguma novidade a respeito de Sterling Harper?”, perguntou.

Ao repassar as lâminas com amostras de tecidos, no dia anterior, não cheguei a me

surpreender com o que descobri. Mas os dados histológicos não revelaram a causa

da morte.

“Ela sofria de leucemia crônica”, respondi.

Wesley ergueu os olhos. “Foi a causa da morte?”

“Não. Na verdade, nem sei se ela sabia a respeito da doença”, falei.

“Isso é interessante”, Hanowell comentou. “Alguém pode ter leucemia sem

saber?”

“O quadro da leucemia crônica é ardiloso”, expliquei. “Os sintomas podem ser

sutis, como suores noturnos, cansaço, perda de peso. Por outro lado, a doença pode

ter sido diagnosticada há algum tempo e estar em tratamento. Não estava à beira de

uma crise fatal. Não encontramos infiltrações leucêmicas, nem detectamos infecções

significativas.”

Hanowell parecia surpreso. “Então, como ela morreu?”

“Não sei”, admiti.

“Drogas?”, Wesley perguntou, iniciando suas anotações.

“O laboratório de toxicologia já começou a segunda bateria de testes”, respondi.

“O relatório preliminar mostra um nível alcoólico no sangue de zero, zero, três. Além

disso, havia dextrometorfano, um antitussígeno presente em numerosos calmantes da

tosse, vendidos sem receita. Na cena do crime encontramos um frasco de Robitussin,

no armário do banheiro do andar superior. Pela metade.”

“Então ela não se matou”, Wesley resmungou.

“O frasco inteiro não a mataria”, disse. E acrescentei: “O caso me intriga,

contudo”.

“Pode me manter informado? Avise, se descobrir algo sobre ela”, Wesley pediu.

Virou algumas páginas e passamos para o tópico seguinte da reunião.

“Roy

examinou as fibras do caso Beryl Madison. Gostaríamos de falar a respeito. E

depois, Pete, Kay”, ele ergueu os olhos para nós, “temos um outro assunto para

discutir.”

Wesley não estava nem um pouco contente, e intuí que o motivo que o levou a nos

convocar também não me faria feliz. Hanowell, em contraste, mantinha sua postura

calma de costume. Seus olhos, cabelos e sobrancelhas eram cinzentos. Até o terno

era cinza. Sempre que o via, parecia sonolento e cinza, tão plácido e descolorido que

sentia vontade de tirar sua pressão sanguínea para ver se existia.

“Com uma única exceção”, Hanowell começou, laconicamente, “as fibras enviadas

para exame, doutora Scarpetta, revelam poucas surpresas — nenhum corante

especial, nem cortes transversais notáveis. Concluí que as seis fibras de náilon têm

seis origens distintas, no que concordo com seu perito em Richmond. Quatro delas

combinam com material usado em carpetes de autos.”

“Como descobriu isso?”, Marino perguntou.

“Os revestimentos e carpetes se degradam rapidamente com o calor e a luz do sol,

como pode imaginar”, Hanowell disse. “Se as fibras não são tratadas com corantes

metalizados, capazes de protegê-las contra raios uv, o carpete do carro apodrece ou

descora muito depressa. Usando raios X, consegui detectar traços de metais em

quatro fibras de náilon. Embora não possa afirmar peremptoriamente que a origem

delas seja carpete automotivo, as fibras coincidem com esse revestimento.”

“Alguma chance de vinculá-las a marca e modelo?”, Marino quis saber.

“Nenhuma, infelizmente”, Hanowell retrucou. “A não ser que tenhamos uma fibra

muito especial, com modificações patenteadas, tentar localizar o fabricante é inútil,

especialmente quando se trata de veículos fabricados no Japão. Posso dar um

exemplo. O carpete de um Toyota começa na forma de bolinhas de plástico,

exportadas para o Japão. Lá, elas são desdobradas em fibras, que voltam, para virar

carpete. Depois, o carpete vai para o Japão, para que seja instalado nos carros, na

linha de montagem.”

Ele prosseguiu. Só conseguia me deprimir ainda mais.

“Também temos dores de cabeça com carros fabricados nos Estados Unidos. A

Chrysler, por exemplo, costuma encomendar a mesma cor de carpete a três

fornecedores diferentes. Na metade do ano, contudo, resolve mudar de fornecedores.

Digamos que vocês dois possuam LeBarons 87, pretos, com interior vinho, tenente.

Bem, os fornecedores do carpete cor vinho do seu carro podem ser diferentes do

fornecedor do carpete cor vinho do carro da doutora. Ou seja, o único dado

significativo das fibras examinadas é a variedade. Duas podem vir de carpetes

domésticos. Quatro, de autos. As cores e os cortes transversais variam. Se

acrescentarmos a isso a olefina, o Dynel, as fibras acrílicas, chegamos a uma

miscelânea que considero muito peculiar.”

“Obviamente”, Wesley interrompeu, “o assassino tem uma profissão ou atividade

que o coloca em contato com diversos tipos de carpete. E, quando ele matou Beryl

Madison, usava uma roupa que permitiu a aderência de diversas fibras.”

Lã, veludo e flanela juntavam fiapos, pensei. Mas não encontramos nem lã nem

algodão tingido nos locais por onde passou o assassino.

“E quanto ao Dynel?”, perguntei.

“Costumamos associar o Dynel a itens femininos. Perucas, peles sintéticas”,

Hanowell respondeu.

“Sim, mas não exclusivamente”, falei. “Uma camisa, ou calça de Dynel pode gerar

eletricidade estática suficiente para atrair fibras, como acontece com o poliéster. Isso

pode explicar a razão para ele carregar tantos fiapos.”

“Possivelmente”, Hanowell disse.

“Então, talvez o elemento usasse peruca”, Marino sugeriu. “Sabemos que Beryl

permitiu sua entrada na casa, ou seja, não se sentia ameaçada por ele. A maioria das

mulheres não temeria outra mulher que batesse à porta.”

“Um travesti?”, Wesley perguntou.

“Pode ser”, Marino retrucou. “Alguns são mulheres perfeitas. Chega a dar nojo.

Por vezes, só consigo distinguir um quando estou cara a cara com ele.”

“Se o atacante fosse travesti”, argumentei, “como explicar as fibras aderidas a

ele? Se a origem das fibras é seu local de trabalho, ele não poderia se

vestir de

mulher.”

“A não ser que faça ponto nas ruas”, Marino disse. “Entra e sai de carros a noite

inteira, por exemplo. E, quem sabe, de quartos de motel acarpetados.”

“Então a escolha da vítima não faz sentido”, falei.

“Não, mas a ausência de esperma passa a fazer”, Marino lembrou.

“Travestis

masculinos, bichas, normalmente não estupram mulheres.”

“E normalmente não saem por aí matando mulheres”, falei.

“Falei em uma exceção”, Hanowell retomou sua análise, consultando o relógio.

“Trata-se da fibra acrílica alaranjada que tanto despertou sua curiosidade.” Seus

olhos cinzentos se fixaram em mim, impassíveis.

“A fibra com corte transversal em forma de trevo de três folhas”, falei.

“Isso mesmo”, Hanowell disse, balançando a cabeça. “O formato do corte

transversal é incomum, e visa, como outras trilobuladas, esconder a sujeira e

difundir a luz. Só encontrará essas fibras, pelo que sei, em Plymouths fabricados no

final dos anos 1970 — fibras de náilon, presentes no carpete. Exibem o mesmo

formato de trevo que a fibra encontrada no caso de Beryl Madison.”

“Mas a fibra alaranjada é acrílica”, protestei. “E não náilon.”

“Correto, doutora Scarpetta”, ele concordou. “Estou apenas tentando situá-la, para

explicar as características marcantes dessa fibra. O fato de ser acrílico, e não náilon,

e o fato de fibras de cores fortes, como o laranja, raramente serem usadas em

carpetes automotivos, nos permitem excluir uma série de origens para ela —

inclusive Plymouths fabricados no final dos anos 1970. Ou qualquer outro

automóvel, ao que me consta.”

“Quer dizer que nunca viu uma fibra laranja assim antes?”, Marino perguntou.

“Já vamos chegar aí”, Hanowell disse, hesitante.

Wesley interferiu: “No ano passado, encontramos uma fibra idêntica a esta, em

todos os aspectos, quando Roy foi convocado para examinar fragmentos de um

Boeing 747, sequestrado em Atenas, na Grécia. Com certeza lembram-se do

incidente”, ele disse.

Silêncio.

Até mesmo Marino perdeu a fala, momentaneamente.

Wesley prosseguiu, os olhos fundos de preocupação. “Os sequestradores mataram

dois soldados americanos que estavam a bordo e jogaram seus corpos na pista. Chet

Ramsey, fuzileiro naval de vinte e quatro anos, foi o primeiro a ser jogado pela

janela do avião. A fibra alaranjada aderira ao sangue em sua orelha esquerda.”

“A fibra poderia ter o interior do avião como origem?”, perguntei.

“Acho que não”, Hanowell respondeu. “Comparei a fibra com amostras do

carpete, tecidos de revestimento, cobertores guardados nos compartimentos acima

dos bancos, e não achei nenhuma que combinasse, nem remotamente. Ou a fibra

grudou em Ramsey em outro lugar — o que é pouco provável, pois aderiu ao sangue

fresco — ou, possivelmente, foi resultado de transferência passiva de um dos

terroristas. A única alternativa que posso contemplar é que a fibra tenha como

origem um dos passageiros. Neste caso, o indivíduo precisaria ter tido contato com

ele depois dos ferimentos. De acordo com o relato das testemunhas, nenhum dos

outros passageiros encostou no fuzileiro. Ramsey estava na frente da aeronave, longe

dos outros passageiros. Foi espancado, levou um tiro. Enrolaram o corpo num

cobertor do avião e o atiraram na pista. O cobertor, aliás, era marrom.”

Marino falou primeiro, e mostrou sua contrariedade: “Pode me explicar como um

sequestrador na Grécia pode ter relação com dois escritores assassinados na

Virgínia, caramba?”.

“A fibra vincula pelo menos dois incidentes”, Hanowell retrucou. “O sequestro e a

morte de Beryl Madison. Isso não quer dizer que exista alguma ligação entre os dois

crimes, tenente. Mas a fibra alaranjada é tão rara que nos força a considerar a

possibilidade de que exista algum denominador comum entre os acontecimentos de

Atenas e os crimes que ora investigamos.”

Havia mais do que uma possibilidade. Havia uma certeza. Um denominador

comum. Pessoa, local ou coisa, pensei. Um dos três, e os detalhes começavam a se

materializar em minha cabeça.

Falei: “Jamais conseguiram interrogar os terroristas. Dois deles acabaram

abatidos. Outros dois conseguiram escapar e jamais foram capturados”.

Wesley fez que sim.

“Temos certeza de que *eram* mesmo terroristas, Benton?”, perguntei.

Após uma pausa, ele respondeu: “Não conseguimos vinculá-los a nenhum grupo

terrorista. Mas presumimos que buscavam agredir os Estados Unidos. O avião era

americano, bem como um terço dos passageiros”.

“Como se vestiam os sequestradores?”, perguntei.

“Roupas civis. Calças compridas, camisas abertas, nada incomum.”

“E não encontraram as tais fibras alaranjadas nos corpos dos dois terroristas

mortos?”, perguntei.

“Não sabemos”, Hanowell respondeu. “Eles foram atingidos na pista, e não

conseguimos agir com rapidez suficiente, na hora de reclamar os

corpos, para

mandá-los para cá por via aérea, para exames, junto com os soldados americanos.

Infelizmente, só consegui um relatório sobre fibras das autoridades gregas. Não

examinei as roupas ou fragmentos encontrados nos sequestradores pessoalmente.

Como é óbvio, muita coisa pode ter passado despercebida. Mesmo que houvesse

uma fibra laranja em um dos corpos, isso não nos revelaria sua origem,

necessariamente.”

“Espere aí, o que está querendo dizer?” Marino ergueu a voz. “Que eu devo sair

por aí procurando um sequestrador foragido, que resolveu sair matando gente na

Virgínia?”

“Não podemos eliminar totalmente essa possibilidade, Pete”, Wesley disse. “Por

mais bizarra que pareça.”

“Os quatro sequestradores do avião nunca foram ligados a um grupo terrorista”,

lembrei. “Desconhecemos seus objetivos e suas identidades. Só sabemos que dois

deles eram libaneses — se não me falha a memória — e os dois que escaparam,

possivelmente, gregos. Recordo-me que se comentou, na época, que o alvo seria um

embaixador americano, de férias, que deveria ter viajado com a família naquele

avião.”

“É verdade”, Wesley disse, tenso. “No entanto, quando a embaixada americana em

Paris foi bombardeada, alguns dias antes, os planos para a viagem do embaixador

sofreram mudanças secretas, sem alteração das reservas anteriores.”

Seus olhos cruzaram com os meus, e ele tamborilava com a caneta-tinteiro no

polegar esquerdo.

Wesley acrescentou: “Não excluimos a possibilidade de que os sequestradores

fossem um grupo de extermínio. Profissionais, contratados por alguém”.

“Certo, certo”, Marino disse, impaciente. “E ninguém descarta a possibilidade de

um profissional ter assassinado Beryl Madison e Gary Harper. Sabe, os crimes

podem ter sido encenados, para parecer coisa de maluco.”

“Suponho que se possa começar pesquisando melhor essa fibra alaranjada, em

busca de sua possível origem”, falei. E acrescentei: “E, quem sabe, esteja na hora de

ficar de olho em Sparacino, para verificar se ele não tem alguma ligação com o tal

embaixador, ou outro passageiro daquele voo, que seria o verdadeiro alvo do

ataque”.

Wesley não respondeu.

Marino interessou-se subitamente pelo corte de uma unha, com o canivete.

Hanowell correu a mesa com os olhos, e depois pediu licença, concluindo que não

haveria mais perguntas para ele.

Marino acendeu outro cigarro.

“Se quer saber”, disse, soltando uma baforada monumental, “isso está virando

uma loteria. Nada está batendo com nada. Por que contratar um assassino

internacional para apagar uma moça que escreve romances e um escritor que não

produziu nada nos últimos anos?”

“Não sei”, Wesley disse. “Tudo depende de quem tem os contatos. Droga, tudo

depende de um monte de coisas, Pete. Só podemos seguir as pistas, da melhor

maneira possível. Isso nos leva ao item seguinte da agenda, Jeb Price.”

“Já saiu da cadeia”, Marino disse, automaticamente.

Eu o encarei, incrédula.

“Saiu quando?”, Wesley perguntou.

“Ontem”, Marino respondeu. “Pagou fiança. Cinquenta mil dólares, para ser

exato.”

“Pode me explicar como ele conseguiu fazer isso?”, falei, furiosa por não ter sido

informada previamente.

“Claro que posso, doutora”, ele disse.

Havia três maneiras de conseguir uma fiança, pelo que eu sabia. Na primeira,

alguém se responsabilizava pelo suspeito. Na segunda, deixando dinheiro ou um

imóvel como depósito. A terceira, com um fiador profissional, que cobrava dez por

cento do total e exigia garantias, para evitar que o suspeito fugisse e o deixasse de

mãos abanando. Jeb Price, soube por Marino, optara pela terceira via.

“Gostaria de saber como ele conseguiu fazer isso”, insisti, tirando um cigarro da

bolsa. Puxei para mais perto a lata de Coca, para dividir com Marino.

“Só sei de um jeito. Ele ligou para o advogado, que mandou o dinheiro e pediu

que Lucky cuidasse de tudo”, Marino disse.

“Lucky?”, perguntei.

“Isso mesmo. Lucky Bonding Company, empresa especializada em fianças, na rua

Dezessete, a uma quadra do xadrez, o que é muito conveniente”, Marino respondeu.

“Funciona como uma loja de penhores dos bandidos, administrada por Charlie Luck.

Também conhecida como Hock & Walk. Charlie e eu nos conhecemos há muito

tempo. Batemos papo, contamos piadas quando nos encontramos. Muitas vezes, ele

me conta seus segredos. Em outras ocasiões, fecha o bico. Desta vez não quis falar

nada, infelizmente. Apertei-o ao máximo, mas não consegui o nome do advogado de

Price. Suspeito, porém, que não seja local.”

“Price, obviamente, tem contatos em altas esferas”, falei.

“Obviamente”, Wesley concordou, irritado.

“E ele não contou nada?”

“Tinha o direito de permanecer em silêncio, e pode apostar que ele o exerceu em

sua plenitude”, Marino disse.

“O que descobriram a respeito do arsenal dele?” Wesley tomava notas, novamente. “Pesquisaram no registro de armas?”

Marino respondeu: “A pistola está registrada no nome dele, que tem licença para

porte de arma, emitida há seis anos por um juiz senil, aqui no norte da Virgínia, que

logo depois se aposentou e mudou para o sul. De acordo com os registros do

tribunal, Price é solteiro, trabalhava na capital, em uma empresa que comercializava

ouro e prata, chamada Finklestein, na época da emissão do porte de arma. E

adivinhem? A Finklestein não existe mais”.

“E quanto à sua ficha policial?” Wesley continuou a escrever.

“Nem uma multa. Tem uma bmw oitenta e nove registrada em seu nome, com

endereço de Washington, D.C. Um apartamento, próximo a Dupont Circle, do qual

aparentemente se mudou no inverno passado. A imobiliária localizou o contrato de

locação. Ele consta como autônomo. Ainda estou investigando. Pedirei cópia de sua

declaração de imposto de renda, para ver se recebeu restituição nos últimos cinco

anos.”

“É possível que ele seja detetive particular?”, perguntei.

“Não no distrito de Columbia”, Marino respondeu.

Wesley olhou para mim e disse: “Alguém o contratou. Com que objetivo, ainda

não sabemos. Ele fracassou em sua missão, sem dúvida. Quem estiver por trás do

sujeito, pode tentar novamente. Não quero que se exponha, Kay”.

“Seria óbvio demais dizer que eu também não quero?”

“Explicando melhor”, ele prosseguiu, como um pai preocupado, “quero que você

evite situações em que esteja vulnerável. Por exemplo, não acho uma boa ideia ficar

sozinha no escritório quando o prédio está vazio. Não me refiro apenas aos finais de

semana. Se costuma trabalhar até as seis ou sete da noite, e todo mundo já foi

embora para casa, não deve sair no escuro e pegar o carro no estacionamento.

Melhor sair às cinco, quando todos estão de olhos abertos e ouvidos atentos.”

“Agradeço os conselhos”, falei.

“E, se precisar sair mais tarde, Kay, chame o pessoal da segurança, e peça a

alguém que a escolte até o carro”, Wesley insistiu.

“Ou ligue para mim, caramba”, Marino ofereceu-se, imediatamente. “Tem o

número do meu celular. Se não me localizar, peça uma viatura.”

Claro, pensei. Com sorte, chegaria em casa antes da meia-noite.

“Tome muito cuidado.” Wesley olhou para mim com severidade.

“Deixe as teorias

de lado e lembre-se de que duas pessoas foram assassinadas. O matador está solto

por aí. As características das vítimas e os motivos são suficientemente estranhos

para me convencer de que tudo é possível.”

Suas preocupações retornaram, com insistência, à minha mente, na volta para

casa. Quando tudo é possível, nada é impossível. Um mais um não pode dar três. Ou

pode? A morte de Sterling Harper não se encaixava na mesma equação das mortes

do irmão e de Beryl. Mas, e se acabasse por se encaixar?

“Você disse que a senhorita Harper estava fora da cidade na noite em que Beryl

foi assassinada”, falei a Marino. “Descobriu mais alguma coisa a esse respeito?”

“Nada.”

“Acredita que ela foi de carro, aonde quer que tenha ido?”, perguntei.

“Não. Os Harper só possuíam um carro, o Rolls branco. E o irmão estava com ele

na noite da morte de Beryl.”

“Como sabe disso?”

“Chequei na taverna Culpeper’s. Harper chegou na hora habitual naquela noite.

Foi de carro, como sempre, e saiu por volta das seis e meia.”

Em função dos eventos recentes, duvido que alguém tenha se surpreendido

quando anunciei, na reunião de equipe na segunda-feira, que tiraria uns dias de folga

a partir daquele momento.

Corria que meu encontro com Jeb Price mexera com meus nervos, a ponto de me

obrigar a dar um tempo, descansar, enterrar a cabeça na areia por algum tempo. Não

contei a ninguém para onde ia, pois ainda não sabia. Simplesmente saí, deixando

para trás uma secretária aliviada e uma escrivaninha lotada.

Voltei para casa e passei a manhã inteira ao telefone, ligando para todas as

empresas aéreas que atuavam no aeroporto Byrd, em Richmond, o mais conveniente

para Sterling Harper.

“Sim, eu sei que há uma multa de vinte por cento”, disse ao funcionário da usair

que me atendeu. “Mas o senhor não entendeu bem. Não quero mudar a passagem.

Isso ocorreu faz algumas semanas. Estou tentando descobrir se ela realmente

viagjou.”

“A passagem não era da senhora?”

“Não”, expliquei pela terceira vez. “Foi emitida no nome *dela*.”

“Então ela precisa entrar em contato conosco pessoalmente.”

“Sterling Harper morreu”, expliquei. “Ela não pode entrar em contato com vocês

pessoalmente.”

Pausa atônita.

“Ela morreu de repente, pouco antes de viajar”, expliquei. “Se puder verificar no

computador, por favor...”

E assim por diante. Cheguei ao ponto de recitar as perguntas sem pensar. Na usair

não havia nada. Nem nos computadores da Delta, United, American e Eastern. A

julgar pelos dados existentes nos computadores das empresas, a srta. Harper não

viajara de avião, saindo de Richmond, na última semana de outubro, quando Beryl

Madison havia sido assassinada. A srta. Harper não viajara de carro, tampouco.

Duvidava que tivesse ido de ônibus. Restava o trem.

Um funcionário da Amtrak, chamado John, informou que o computador estava

pifado e que me telefonaria de volta. Desliguei, e alguém tocou a campainha.

Faltava pouco para o meio-dia. O dia estava lindo e luminoso como uma maçã

madura. O sol pintava retângulos brancos na sala, e refletia no para-brisa do sedã

Mazda prateado que estacionara na frente. Desconhecido. O sujeito louro e pálido,

do outro lado do olho mágico, mantinha a cabeça abaixada, e a gola do casaco de

couro erguida até a orelha. Senti o peso do revólver Ruger em minha mão, e guardei-

o no bolso da jaqueta, ao abrir a porta. Só o reconheci quando ficamos cara a cara.

“Doutora Scarpetta?”, ele perguntou, agitado.

Não o convidei para entrar, mantendo sempre a mão direita no bolso, fechada com

força em volta da coronha.

“Por favor, desculpe-me por bater à sua porta assim, de surpresa”, ele disse.

“Telefonei para seu departamento e fui informado de que estava de férias. Procurei

seu nome na lista, mas o telefone estava ocupado. Concluí que a encontraria em

casa. Bem, preciso muito falar com a senhora. Posso entrar?”

Ele parecia ainda mais inofensivo ao vivo do que na fita trazida por Marino.

“De que se trata?”, perguntei, com firmeza.

“Beryl Madison. Queria conversar a respeito dela”, ele disse. “Bem... meu nome é

Al Hunt. Não pretendo abusar de sua boa vontade. Prometo ser breve.”

Recuei, permitindo que ele entrasse. Seu rosto ficou branco como alabastro,

quando sentou-se na sala da minha casa, e seus olhos se fixaram na coronha do

revólver, que apontava no bolso. Sentei-me numa poltrona a uma distância segura.

“Puxa, a senhora está armada?”

“Sim, estou”, respondi.

“Não gosto disso. De armas.”

“Não são muito agradáveis, concordo”, falei.

“Nem um pouco. Uma vez meu pai me levou para caçar veados. Quando eu era

pequeno. Ele acertou uma corça. Ela chorou. A corça chorou, deitou de lado,

gemendo. Nunca consegui atirar em nada.”

“Conheceu Beryl Madison?”, perguntei.

“A polícia — o investigador com quem falei a respeito dela”, ele gaguejou. “Um

tenente. Tenente Marino. Ele foi ao lava-rápido onde trabalho, conversou comigo,

depois me levou para a delegacia. Falamos durante muito tempo. Ela costumava

levar o carro lá para lavar. Foi assim que a conheci.”

Enquanto ele tartamudeava, não pude deixar de pensar nas “cores” que estariam

emanando de mim. Azul-aço? Talvez um pouco de vermelho, pois eu estava

alarmada, embora tentasse disfarçar. Pensei em pedir-lhe que se fosse. Pensei em

chamar a polícia. Mal podia crer que ele estava dentro de minha casa, e talvez a

audácia do rapaz, e minha surpresa, possam explicar por que não tomei qualquer

atitude.

Eu o interrompi. “Senhor Hunt...”

“Por favor, me chame de Al.”

“Tudo bem, Al”, falei. “Por que veio falar comigo? Se tem alguma informação,

por que não procurou o tenente Marino?”

Seu rosto corou, e ele olhou para as mãos, constrangido.

“O que tenho a dizer não se enquadra exatamente como informação

para a polícia.

Pensei que a senhora poderia entender.”

“E por que pensa assim? Não me conhece.”

“A senhora tomou conta de Beryl. Em geral, as mulheres são mais intuitivas, mais

compreensivas do que os homens”, ele disse.

Talvez fosse apenas isso, algo simples. Quem sabe Hunt não tivesse procurado

por mim, acreditando que eu não o humilharia? Encarava-me, com ar magoado,

perdido, quase em pânico.

Ele perguntou: “Já soube de algo com certeza absoluta, doutora Scarpetta, sem ter,

no entanto, qualquer prova para apoiar sua crença?”.

“Não sou clarividente, se é isso que está querendo saber.”

“A senhora fala como uma cientista.”

“Sou cientista.”

“Mas tem sensibilidade”, ele insistiu, os olhos traindo seu desespero.

“Sabe muito

bem do que eu estou falando, não é?”

“Sim”, respondi. “Acho que sei, Al.”

Ele se mostrou aliviado, e respirou fundo. “Eu *sei* coisas, doutora Scarpetta. Sei

quem matou Beryl.”

Não reagi.

“Eu o *conheço*, sei o que ele pensa, sente, e o motivo que o levou ao crime”, ele

disse, emocionado. “Se eu contar, a senhora promete tratar o que eu

disser com

muito cuidado, e levar tudo a sério, e não... Sabe, não quero que corra para a

polícia. Eles não compreenderiam. Entende isso, não é?”

“Tratarei o que me disser com muita consideração”, respondi.

Ele se debruçou no sofá, os olhos luminosos em seu rosto abatido, como se saísse

de um El Greco. Instintivamente, aproximei a mão direita do bolso. Sentia o cabo do

revólver na palma da mão.

“A polícia não entende”, ele disse. “São incapazes de me compreender. Por que

larguei a psicologia, por exemplo. A polícia nunca entenderia isso. Tenho diploma. E

daí? Trabalhei como enfermeiro e agora estou num lava-rápido. Não acha que a

polícia seja capaz de entender isso, não é?”

Não respondi.

“Quando era menino, sonhava em ser psicólogo, assistente social, talvez até

psiquiatra”, ele prosseguiu. “Seria natural para mim. Era o que eu deveria ser, meus

talentos levavam para essas áreas.”

“Mas você não chegou lá”, lembrei-o. “Por quê?”

“Porque eu seria destruído”, ele disse, desviando o olhar. “Trata-se de algo que

não consigo controlar. Simplesmente acontece comigo. Eu me envolvo

completamente com os problemas e idiossincrasias alheios, a ponto de sufocar minha

própria personalidade. Eu me perco. Não me dei conta do quanto isso era sério, até

passar algum tempo na unidade de psiquiatria forense. Para criminosos insanos.

Bem, fazia parte de minha pesquisa, da pesquisa para a tese.” Estava cada vez mais

perturbado. “Jamais me esquecerei. Frankie. Frankie era um esquizofrênico

paranoico. Matou a mãe a pancadas, com um pedaço de pau. Conheci Frankie muito

bem. Ajudei-o a encarar melhor a vida, até aquela tarde de inverno.

“Disse a ele: ‘Frankie, Frankie, o que acontece com você? O que detona tudo?

Lembra-se do que acontece em sua mente, nos seus nervos?’.

“Ele disse que estava sentado na poltrona que sempre ocupava, na frente da

lareira, olhando para as chamas que se extinguíam, quando *eles* começaram a

sussurrar. Murmuravam coisas terríveis, zombavam. Quando a mãe entrou, ela o

olhou como sempre fazia, mas daquela vez ele notou os olhos dela. As vozes se

elevaram tanto que ele não conseguiu mais pensar e, quando percebeu, estava todo

molhado, e ela não tinha mais rosto. Depois as vozes se acalmaram. Não consegui

dormir, por várias noites, depois disso. Sempre que fechava os olhos, via Frankie

chorando, coberto com o sangue da mãe. Eu o compreendia. Compreendia o que ele

havia feito. Com quem quer que eu falasse, e sempre que me

contavam uma história,

eu era afetado do mesmo modo.”

Eu continuei sentada, a imaginação desligada. Só o cientista, o clínico, atuavam.

Escolhera-os, como a uma peça de roupa.

Perguntei: “Sentiu vontade de matar alguém, Al?”.

“Todo mundo sente, às vezes”, ele disse, quando nossos olhares se cruzaram.

“Todo mundo? Acha mesmo?”

“Sim. Qualquer um tem essa capacidade. Sem dúvida.”

“E quem sentiu vontade de matar?”, perguntei.

“Não tenho revólver, nem nada... hum... perigoso”, ele respondeu.
“Pois não

pretendo, nunca, ficar vulnerável a um impulso. Quando a gente é capaz de se

imaginar fazendo algo, quando se pode chegar ao mecanismo por trás do ato, abre-se

uma fresta na porta. Quase todos os eventos ruins que ocorrem neste mundo foram

imaginados antes. Não somos bons ou maus, um ou outro.” Sua voz tremia. “Mesmo

as pessoas classificadas como insanas têm suas próprias razões, para justificar os

atos que cometeram.”

“E qual foi a razão para justificar o que aconteceu com Beryl?”, perguntei.

Meus pensamentos eram precisos, e foram claramente enunciados. Mesmo assim,

por dentro eu me sentia mal, e tentava bloquear as imagens: as

manchas escuras nas

paredes, os ferimentos a faca no peito, os livros enfileirados na estante, aguardando

pacientemente pela leitura.

“A pessoa que fez aquilo a amava”, ele disse.

“Um modo meio brutal de demonstrar um sentimento, não acha?”

“O amor pode ser brutal”, ele disse.

“Você a amava?”

“Éramos muito semelhantes.”

“De que modo?”

“Fora de sincronia.” Ele estudava as mãos, novamente. “Sozinhos, sensitivos,

incompreendidos. Isso fez com que ela se afastasse, mantivesse distância, tornasse

impossível uma aproximação. Não sabia nada a seu respeito — quero dizer, ninguém

me contou nada. Mas eu percebia o ser que havia dentro dela. Intuí que ela tinha

plena consciência de quem era, de seu valor. Mas estava profundamente revoltada

com o preço que pagava por ser diferente. Estava magoada. Não sei o motivo. Algo

a ferira. Por causa disso, eu me preocupava com ela. Queria me aproximar, pois

sabia que era capaz de compreendê-la.”

“E por que não se aproximou, Al?”, perguntei.

“As circunstâncias não eram apropriadas. Talvez, se a encontrasse em outro

lugar”, ele respondeu.

“Fale sobre a pessoa que fez isso a ela, Al”, pedi. “Ele teria se aproximado dela,

se as circunstâncias fossem apropriadas?”

“Não.”

“Não?”

“As circunstâncias nunca seriam apropriadas, pois ele é mal adaptado, e sabe

disso”, Hunt disse.

Sua súbita transformação me desconcertou. Agora ele era o psicólogo. Sua voz

estava mais calma. Concentrou-se profundamente, retorcendo as mãos no colo.

Em seguida, disse: “Falta-lhe amor-próprio, e é incapaz de expressar seus

sentimentos de um modo construtivo. A atração torna-se obsessão, o amor adquire

aspectos patológicos. Quando ama, precisa possuir, pois sente-se inseguro,

desvalorizado, exposto a ameaças. Quando seu amor secreto não é correspondido, a

obsessão cresce. Envolve-se tanto que a capacidade de reagir e funcionar decresce.

É igual às vozes ouvidas por Frankie. Uma força o conduz. Ele perde o controle”.

“Ele é inteligente?”, perguntei.

“Razoavelmente.”

“E quanto à educação?”

“O problema dele está na incapacidade de desempenhar as funções

para as quais

está intelectualmente preparado.”

“Por que ela?”, perguntei. “Por que ele escolheu Beryl Madison?”

“Ela possuía liberdade e fama, e ele não”, Hunt respondeu, com os olhos

vidrados. “Acha que sente atração por ela, mas é algo mais. Ele deseja possuir as

qualidades das quais sente falta. Ele quer possuí-la. Em certo sentido, quer *ser*

Beryl.”

“Afirma, então, que ele *sabia* que Beryl era escritora?”, perguntei.

“Não se pode ocultar muitas coisas dele. De um jeito ou de outro, descobriu que

ela era escritora. Ele sabia tanto a respeito dela, que, ao perceber isso, ela se sentiu

terrivelmente invadida e profundamente amedrontada.”

“Conte-me a respeito daquela noite”, falei. “O que aconteceu na noite em que ela

morreu, Al?”

“Só sei o que li nos jornais.”

“O que concluiu, a partir dos relatos publicados?”, perguntei.

“Ela estava em casa”, disse, com os olhos perdidos na distância.

“Tarde da noite,

quando ele bateu à sua porta. Muito provavelmente, ela o deixou entrar. A certa

altura, pouco antes da meia-noite, ele saiu da casa, e o alarme contra ladrões

disparou. Ela estava morta, a facadas. Houve violência sexual. Foi isso que li.”

“Tem alguma teoria sobre o que pode ter ocorrido?”, perguntei, com delicadeza.

“Especulações, a partir do que leu?”

Ele inclinou-se para a frente, na poltrona, e sua postura modificou-se dramaticamente, outra vez. Seus olhos se encheram de emoção. O lábio inferior

começou a tremer.

“Vejo algumas cenas em minha mente”, ele disse.

“Por exemplo?”

“Coisas que eu não posso dizer à polícia.”

“Não sou a polícia”, falei.

“Eles não compreenderiam. As coisas que sinto e vejo, sem explicação. É como

Frankie.” Ele piscou, para afastar as lágrimas. “Posso ver o que aconteceu, e

entender, mesmo que não conheça os detalhes. Nem preciso dos detalhes. Na

maioria dos casos, é impossível obtê-los. Você sabe por quê, não?

“Porque os Frankies deste mundo tampouco conhecem os detalhes, por isso! É

como um acidente ruim, do qual a gente não se lembra. A consciência volta, como se

a gente acordasse de um pesadelo e olhasse para os destroços. A mãe sem rosto. Ou

Beryl, morta e ensanguentada. Os Frankies *acordam* quando estão correndo, ou

quando um guarda, que não chamou, surge na frente da casa.”

“Acredita que o assassino de Beryl não se recorda exatamente do que houve?”,

perguntei, cuidadosamente.

Ele fez que sim.

“Tem certeza absoluta?”

“O psiquiatra mais competente pode interrogá-lo durante um milhão de anos, e

nunca obterá uma resposta precisa”, Hunt disse. “A verdade jamais será conhecida.

Precisa ser recriada, e, até certo ponto, inferida.”

“Foi o que você fez. Recriou. Inferiu.”

Ele umedeceu o lábio inferior, e respirava com dificuldade. “Quer que eu conte o

que vejo?”

“Sim”, respondi.

“Muito tempo se passou, desde o primeiro contato com ela”, começou. “Ela não

tinha consciência dele, como pessoa, embora pudesse tê-lo conhecido no passado.

Ela o viu, mas não o notou. Sua frustração, sua obsessão, o levou até a porta da casa

dela. Algo detonou o processo, obrigou-o ao confronto.”

“O que foi?”, perguntei. “O que o levou a isso?”

“Não sei.”

“O que sentia, quando decidiu confrontar-se com ela?”

Hunt fechou os olhos e disse: “Raiva. Raiva, por não poder fazer com que as

coisas funcionassem do modo como ele queria”.

“Raiva, por não poder se relacionar com Beryl?”, perguntei.

Ainda de olhos fechados, Hunt balançou a cabeça lentamente, de um

lado para o

outro, e disse: “Não. Talvez existisse isso, perto da superfície. Mas as raízes eram

mais profundas. A raiva existia porque nada funcionava do jeito que ele queria,

desde o início”.

“Quando ele era criança?”, perguntei.

“Sim.”

“Ele sofreu violências?”

“Psicológicas”, Hunt disse.

“Por parte de quem?”

Ainda de olhos fechados, ele respondeu: “Da mãe. Quando matou Beryl, estava

matando a mãe”.

“Já leu livros de psiquiatria forense, Al? Conhece as teorias?”, perguntei.

Ele abriu os olhos e me encarou, como se não tivesse escutado a pergunta.

E prosseguiu, emocionado: “Precisa levar em conta quantas vezes ele imaginou

aquele momento. Não agiu impulsivamente, no sentido de simplesmente entrar na

casa dela, sem premeditar nada. Seu impulso talvez fosse descontrolado, mas os

métodos obedeciam a um plano rigoroso, detalhado. Não poderia permitir que ela se

assustasse e impedisse sua entrada na casa. Chamaria a polícia, daria sua descrição.

E, mesmo que ele não fosse preso, sua máscara cairia, e jamais poderia

se aproximar

dela novamente. Precisava de um plano garantido, sem falhas, algo que não

despertasse suspeitas. Quando apareceu na porta, naquela noite, inspirava confiança.

Ela permitiu sua entrada”.

Em minha mente, via Beryl na porta de casa, mas não via seu rosto, nem a cor do

cabelo; só uma figura indistinta e a lâmina brilhante, quando ele entrou com a arma

que usaria para matá-la.

“Foi então que tudo se deteriorou para ele”, Hunt prosseguiu. “Não se recorda do

que ocorreu em seguida. O pânico da moça, o terror, não foram agradáveis para ele.

Não pensara com detalhes sobre aquela parte do ritual. Quando ela correu, tentando

fugir dele, quando ele viu o pânico em seus olhos, percebeu que ela o rejeitava

profundamente. Percebeu que estava fazendo uma coisa horrível, e seu desprezo por

si mesmo transformou-se em desprezo por ela. Em raiva. Ele perdeu o controle sobre

ela, quando estava reduzido a frangalhos. Aí virou um assassino, um destruidor. Um

selvagem incontrolável, rasgando, cortando, machucando. Os gritos e o sangue eram

terríveis para ele. E, quanto mais atacava e destruía o templo que por tanto tempo

venerara, mais a visão se tornava insuportável.”

Ele me olhou, e não vi ninguém por trás daqueles olhos. Seu rosto não revelava a

menor emoção, quando perguntou: “Pode compreender isso, doutora Scarpetta?”.

“Estou escutando”, foi só o que disse.

“Ele vive em cada um de nós”, Hunt falou.

“Ele sente remorso, Al?”

“Já superou isso. Não creio que possa sentir-se bem, nem que compreenda seu ato

completamente. Suas emoções estão embaralhadas. Em sua mente, ele não a deixou

morrer. Ele fantasia, revive os contatos com ela, imagina que o relacionamento com

ela seja o mais profundo, o mais íntimo, pois ela estava pensando nele quando deu o

último suspiro, e este é o momento de máxima proximidade com outro ser humano.

Em suas fantasias, ele imagina que ela continua a pensar nele depois da morte. Mas

a parte racional está insatisfeita e frustrada. Ninguém pode pertencer totalmente a

outra pessoa, e isso é o que ele começa a descobrir.”

“O que quer dizer?”, perguntei.

“Seu ato não poderia produzir o efeito desejado, de modo algum”, Hunt

respondeu. “Sente-se inseguro quanto à proximidade — assim como nunca teve

certeza da proximidade da mãe. Novamente, a desconfiança. E há outras pessoas,

com motivos mais legítimos do que os motivos dele, para manter um

relacionamento

com Beryl.”

“Quem, por exemplo?”

“A polícia.” Seus olhos fixaram-se em mim. “E a senhora.”

“Por investigarmos seu assassinato?”, perguntei, sentindo um arrepio.

“Sim.”

“E para onde isso nos leva?”, perguntei.

“Cary Harper está morto.”

“Ele matou Harper?”

“Sim.”

“Por quê?”, perguntei, nervosa, acendendo o cigarro.

“O que ele fez a Beryl foi um ato de amor”, Hunt respondeu. “O que fez a Harper,

um ato de ódio. Agora, ele odeia tudo. Qualquer pessoa relacionada a Beryl corre

perigo. Era isso que eu queria dizer ao tenente Marino, à polícia. Mas não adiantaria

nada. Ele... pensaria que eu tenho um parafuso solto.”

“Quem é ele?”, perguntei. “Quem matou Beryl?”

Al Hunt afastou-se, até a outra ponta do sofá, e esfregou o rosto com as mãos.

Quando ergueu a vista, seu rosto estava vermelho.

“Jim Jim”, murmurou.

“Jim Jim?”, perguntei, assombrada.

“Não sei”, disse, perdendo o controle da voz. “Escuto esse nome, na minha

cabeça, ecoando, ecoando...”

Permaneci imóvel.

“Faz muito tempo, no hospital Valhalla”, ele disse.

“No manicômio judiciário?”, perguntei. “Jim Jim era paciente quando trabalhou

lá?”

“Não tenho certeza.” As emoções saltavam em seus olhos, como um temporal.

“Ouço o nome e vejo aquele lugar. Meus pensamentos retornam a lembranças

obscuras. Como se eu fosse sugado por um ralo. Faz tanto tempo. Muita coisa está

bloqueada agora. Jim Jim. Jim Jim. Como um trem passando. O som não para.

Tenho dores de cabeça, por causa do som.”

“Quando foi isso?”, perguntei.

“Faz dez anos”, ele gritou.

Hunt não poderia estar terminando uma tese nessa época, deduzi. Seria pouco

mais que um adolescente.

“Al”, falei, “você não estava fazendo nenhuma pesquisa no manicômio judiciário.

Era paciente do hospital, certo?”

Ele cobriu o rosto com as mãos e chorou. Quando recuperou parcialmente o

controle, recusou-se a prosseguir a conversa. Estava obviamente descontrolado.

Murmurou desculpas, disse que estava atrasado para um compromisso, e

praticamente saiu correndo da casa. Fiz um café, e comecei a andar de

um lado para

o outro, na cozinha, tentando pensar no que deveria fazer em seguida. Quando o

telefone tocou, pulei.

“Kay Scarpetta, por favor.”

“Sou eu mesma.”

“Aqui é John, da Amtrak. Consegui a informação que desejava, senhora,

finalmente. Vamos ver... Sterling Harper tinha uma passagem para o Virginian, no dia

vinte e sete de outubro, com volta para o dia trinta e um. Segundo meu registro, ela

viajou nesse trem, ou pelo menos alguém usou sua passagem. Quer saber os

horários?”

“Sim, por favor”, falei, anotando tudo. “Qual o destino dela?”

Ele respondeu: “Saída de Fredericksburg, com destino a Baltimore”.

Tentei telefonar para Marino. Estava na rua. Ligou de volta para mim à noite, e

também tinha novidades.

“Quer que eu vá até aí?”, perguntei, perplexa.

“Acho que não adianta”, Marino disse. “Não há dúvida quanto ao que ele fez.

Escreveu um bilhete e o pendurou na cueca. Disse que lamentava muito, mas não

estava mais aguentando. Que era demais. Não vi nada de suspeito na cena. Estamos

de partida. E Doc Coleman está aqui, conosco”, disse, referindo-se a um dos legistas

da minha equipe.

Pouco depois de sair de minha casa, Al Hunt seguiu de carro para a casa dele,

uma construção em tijolo, no Ginter Park, onde morava com os pais. Pegou um

bloco de papel e uma caneta no escritório do pai. Desceu a escada que conduzia ao

porão e tirou o fino cinto de couro preto da calça. Tirou a calça, os sapatos e largou

tudo no chão. Quando a mãe desceu, mais tarde, para colocar a roupa suja na

máquina, encontrou o filho único morto na lavanderia, pendurado num cano.

11

A chuva começou a cair depois da meia-noite, e pela manhã o mundo estava

coberto de gelo. Fiquei em casa, no sábado, a conversa com Al Hunt zumbindo na

minha cabeça, rompendo a quietude de meus pensamentos íntimos como o gelo

caindo da janela e se estilhaçando no chão, ao derreter de repente. Sentia culpa.

Como qualquer outro mortal tocado pelo suicídio, abrigava a ilusão de que poderia

ter feito algo para impedi-lo.

Desarvorada, acrescentei seu nome à lista. Quatro pessoas mortas. Dois

homicídios flagrantes, terríveis, e duas mortes incompreensíveis. Os casos se

interligavam, de alguma maneira. Talvez o fiapo alaranjado os unisse. Trabalhei em

casa, no sábado e domingo, pois meu escritório no centro só serviria para me

lembrar de que eu estava de férias, sem responsabilidades no momento — lá, não me

sentiria útil. A rotina prosseguia, sem a minha presença. As pessoas me procuravam

e depois morriam. Colegas respeitados, como o procurador-geral, queriam respostas,

e eu não tinha nenhuma.

Reagi, do único jeito que eu sabia. Sentei-me na frente do computador e relacionei

os detalhes dos casos. Pesquisei em meus livros de referência. E telefonei até dizer

chega.

Só vi Marino novamente na estação da Amtrak da rua Staples Mill, na manhã de

segunda. Passamos por dois trens, que aguardavam passageiros na plataforma. O

vento escuro, invernal, era aquecido pelos motores, e o ar cheirava a diesel.

Embarcamos em nosso trem e retomamos a conversa iniciada dentro da estação.

“O doutor Masterson não se mostrou muito disposto a colaborar”, falei, referindo-

me ao psiquiatra de Hunt, ao depositar no chão, cuidadosamente, a sacola de

compras que levava. “Suspeito, porém, de que se lembra muito mais a respeito de

Hunt do que admitiu.” Por que eu sempre escolhia um lugar onde o descanso para os

pés não funcionava?

Marino bocejou escandalosamente ao baixar o seu descanso, que funcionava

perfeitamente. Não se ofereceu para trocar de lugar comigo. Eu teria concordado.

“Então Hunt tinha dezoito ou dezenove anos quando foi internado”, ele disse.

“Sim. Para tratamento de uma depressão muito intensa.”

“Certo, eu já imaginava.”

“Como assim?”

“Esse tipo vive deprimido.”

“Que *tipo* é esse, Marino?”

“Vamos dizer que a palavra *bicha* me passou pela cabeça mais de uma vez quando

conversei com ele.”

A palavra *bicha* passava pela cabeça de Marino sempre que ele conversava com

alguém meio diferente.

O trem partiu, silencioso como um navio deixando o porto.

“Uma pena que não tenha gravado a conversa”, Marino disse, espreguiçando.

“Com o doutor Masterson?”

“Não, com Hunt. Quando ele passou em sua casa.”

“É discutível, e já não faz diferença”, retruquei, incomodada.

“Não sei. Ao que parece, o sujeito sabia muita coisa. Gostaria muito que ele

ainda estivesse entre nós, por assim dizer.”

As declarações de Hunt, em minha sala, seriam importantes, caso estivesse vivo e

não contasse com álibis inatacáveis. A polícia virou o apartamento de Hunt pelo

avesso. Não encontrou nada capaz de ligar Hunt aos assassinatos de Beryl Madison

e Cary Harper. Além disso, Hunt jantava com os pais num clube de campo na noite

da morte de Beryl. E estava na ópera, quando Harper foi atacado. A polícia checkou

os dois álibis. Os pais de Hunt diziam a verdade.

Balançávamos, chacoalhávamos e roncávamos, no rumo norte. O trem apitava,

piava funesto.

“O caso de Beryl o levou ao limite”, Marino disse. “Se quer minha opinião, ele se

envolveu com o assassino, até pirar, saiu de cena, e se matou antes de desabar

completamente.”

“Acho mais provável que Beryl tenha reaberto uma antiga ferida”, argumentei. “O

caso trouxe à tona sua incapacidade de se relacionar.”

“Parece que ele e o assassino são farinha do mesmo saco. Nenhum dos dois

consegue se relacionar direito com as mulheres. Dois fracassados.”

“Hunt não era violento.”

“Talvez se encaminhasse para esse lado, e não conseguisse mais viver com essa

perspectiva”, Marino disse.

“Não sabemos quem matou Beryl e Harper”, lembrei. “Não sabemos se o

assassino era como ele. Não sabemos de nada, ainda nem temos ideia do motivo. O

assassino pode ser alguém como Jeb Price. Ou um sujeito chamado Jim Jim.”

“Jim Jim uma ova”, ele disse, irônico.

“Não podemos descartar nada a esta altura, Marino.”

“Como preferir. Vai ver Jim Jim saiu do manicômio de Valhalla, e agora é

terrorista meio-período e carrega as fibras cor de laranja na roupa. Não aguento

mais.” Ajeitando-se na poltrona, ele fechou os olhos e resmungou: “Preciso tirar

férias”.

“Eu também”, falei. “Férias de você.”

Na noite anterior Benton Wesley telefonara, para conversar a respeito de Hunt, e

contei-lhe aonde ia e o motivo. Insistiu que seria perigoso ir sozinha. Via terroristas,

Uzis e Glasers por toda a parte. Exigiu que Marino me acompanhasse, e eu não me

importaria, se isso não tivesse causado tantos contratemplos. Não conseguimos outra

passagem para o trem das seis e trinta e cinco da manhã, de modo que Marino fez a

reserva para o das quatro e quarenta e oito. Passei em meu escritório no centro, às

três da madrugada, para apanhar a caixa de isopor que levava agora na sacola.

Sentia um cansaço absurdo, o déficit de sono aumentava brutalmente. Os Jeb Prices

da vida não precisariam me abater. Marino, meu anjo da guarda, daria conta do

recado.

Os outros passageiros cochilavam, com as lâmpadas de leitura apagadas. Em

pouco tempo deslizávamos lentamente por Ashland, e eu pensava nas pessoas que

moravam em casas brancas imaculadas, nas fazendas à margem da ferrovia. Janelas

escuras ainda estavam fechadas, os mastros na frente das casas vazios, a nos saudar

rigidamente. Passamos por estabelecimentos sonolentos — barbearia, papelaria,

banco — e ganhamos velocidade na curva que contornava o campus da faculdade

Randolph-Macon, com seus prédios georgianos e campo de futebol coberto de gelo,

frequentado, naquela madrugada enluarada, apenas por uma fileira de *sleds* de

futebol americano, multicoloridos. Para lá da cidade começava a floresta, e

barrancos de argila vermelha. Recostada na poltrona, hipnotizada pelo balanço do

trem, relaxava cada vez mais, conforme nos afastávamos de Richmond, e sem querer

peguei no sono.

Não sonhei, mas permaneci inconsciente por uma hora, e quando abri os olhos o

dia amanhecia. Passávamos pelo rio Quantico. A água parecia estanho polido,

refletindo a luz nas ondas e redemoinhos, e vi barcos na correnteza.

Pensei em Mark.

Pensei em nossas noites em Nova York e no passado distante.
Perdera o contato

com ele depois da mensagem incompreensível na secretária eletrônica.
Tentava

imaginar o que ele estava fazendo, e sentia medo de saber.

Marino empertigou-se, olhando para mim, meio grogue. Estava na
hora de tomar

café da manhã e fumar, não necessariamente nessa ordem.

O vagão-restaurant estava meio cheio de passageiros em estado de
coma parcial,

do tipo que se pode encontrar em qualquer rodoviária dos Estados
Unidos, sempre

parecendo muito à vontade. Um jovem dormia, ao som da música que
tocava dentro

dos fones de ouvido que tapavam suas orelhas. Uma senhora, com ar
cansado,

embalava um bebê agitado. Um casal de velhos jogava cartas.
Conseguimos uma

mesa vazia, no canto. Acendi um cigarro, enquanto Marino ia buscar
comida. O

único comentário favorável que eu poderia fazer sobre o sanduíche de
presunto e

ovo era que estava quente. O café não estava ruim.

Ele rompeu a embalagem de celofane com os dentes, e olhou para a
sacola de

compras que eu deixara ao lado da poltrona. Ali dentro encontrava-se
a caixa de

isopor que continha amostras de Sterling Harper. Fígado, tubos de
ensaio cheios de

sangue, líquido estomacal. Tudo protegido com gelo seco.

“Quanto tempo leva para descongelar?”, ele perguntou.

“Chegaremos a tempo, desde que não haja atrasos”, falei.

“Por falar em tempo, ele está sobrando para nós. Importa-se de repetir tudo,

principalmente a parte do remédio para tosse? Estava meio sonolento quando você

me disse isso ontem à noite.”

“Sei, tão sonolento quanto está agora.”

“Você não fica cansada?”

“Estou exausta, Marino. Nem sei se vou sobreviver.”

“Acho melhor sobreviver, droga. Pode ter certeza de que eu não vou levar esses

pedaços de cadáver sozinho”, ele disse, levantando a xícara de café.

Expliquei, com a objetividade de um conferencista. “O ingrediente ativo no

supressivo da tosse encontrado no banheiro da senhorita Harper é dextrometorfano,

uma espécie de codeína sintética. Dextrometorfano não mata, a não ser em doses

cavalares. Trata-se de um d-isômero de um composto, cujo nome não vem ao caso,

pois não significa nada para você...”

“Ah, é? Como sabe que significa nada para mim?”

“Três-metóxi-N-metilmorfina.”

“Tem razão. Não significa nada para mim.”

Prossegui: “Existe uma outra droga, o l-isômero do mesmo composto do qual o

dextrometorfano é o d-isômero. Esse 1-isômero é o levometorfano, um narcótico

poderoso, cerca de cinco vezes mais forte que a morfina. A única diferença entre as

duas drogas, nos exames toxicológicos, é que, observadas num aparelho ótico

rotativo chamado polarímetro, o dextrometorfano desvia a luz para a direita, e o

levometorfano desvia a luz para a esquerda”.

“Ou seja, sem esse aparelho, não se pode distinguir as duas drogas”, Marino

concluiu.

“Não nos exames toxicológicos de rotina”, respondi. “O levometorfano se

confunde com o dextrometorfano, pois o composto de origem é o mesmo. A única

diferença perceptível está no desvio da luz em sentidos opostos, do mesmo modo

como d-sacarose e l-sacarose desviam a luz para sentidos diferentes, embora sejam,

estruturalmente, o mesmo dissacarídeo. D-sacarose é açúcar comum. L-sacarose não

tem valor nutritivo para seres humanos.”

“Não sei se entendi direito”, Marino disse, esfregando os olhos. “Como compostos iguais podem ser diferentes?”

“Pense em dextrometorfano e levometorfano como gêmeos idênticos”, falei. “Não

são a mesma pessoa, por assim dizer, mas *parecem* iguaizinhos. Só que um é destro,

e o outro, canhoto. Um é bonzinho, o outro, capaz de matar.

Entendeu?”

“Acho que sim. Bem, quanto levometorfano mataria a senhorita Harper?”

“Trinta miligramas provavelmente dariam conta do recado. Quinze comprimidos

de dois miligramas, em outras palavras”, falei.

“Se ela fizesse isso, o que aconteceria?”

“Adormeceria rapidamente, e morreria.”

“Seria possível, para ela, saber tanto a respeito dessa história de isômeros?”

“Talvez”, respondi. “Sabemos que sofria de câncer, e suspeitamos que desejasse

disfarçar seu suicídio. Isso pode explicar o plástico derretido na lareira, e as cinzas

dos papéis que queimou antes de morrer. É possível, inclusive, que tenha deixado o

frasco com remédio contra tosse no banheiro para nos iludir. Como encontramos o

frasco do medicamento, não me surpreendi ao encontrar sinais de dextrometorfano

em seu exame toxicológico.”

A srta. Harper não tinha parentes vivos, poucos amigos — se é que os tinha — e

não parecia ser do tipo que viajava com frequência. Ao descobrir sua viagem

recente a Baltimore, a primeira coisa que me veio à cabeça foi a Johns Hopkins, uma

das melhores clínicas oncológicas do mundo. Alguns telefonemas confirmaram que a

srta. Harper fazia visitas periódicas ao Hopkins, para tratamento do

sangue e

medula, uma rotina relacionada à doença que ela obviamente ocultava. Quando

descobri quais eram os medicamentos receitados, as peças do quebra-cabeça

subitamente se encaixaram em minha mente. Os laboratórios do meu departamento

não possuíam o polarímetro indispensável aos testes de levometorfano. O dr. Ismail,

do Hopkins, prometera colaborar, se eu levasse as amostras necessárias.

Faltava pouco para as sete horas, e nos aproximamos de Washington, D.C. Os

pântanos que precediam a capital passaram depressa, e logo entramos na cidade. O

memorial Jefferson brilhava, alvo, por entre as árvores. Os prédios de escritórios,

altos, erguiam-se tão próximos à ferrovia que pude ver plantas e luminárias, através

das janelas limpíssimas. O trem mergulhou no solo, como uma toupeira, e se

escondeu na plataforma subterrânea.

Encontramos o dr. Ismail no laboratório de farmacologia da clínica oncológica.

Abri a sacola e coloquei a caixa de isopor sobre sua mesa.

“Trouxe, então, as amostras sobre as quais conversamos?”, ele perguntou,

sorridente.

“Sim”, respondi. “Ainda não descongelaram, espero. Viemos direto da estação

para cá.”

“Se a concentração for razoável, daremos a resposta dentro de um ou dois dias.”

“O que pretende fazer com o material, exatamente?”, Marino perguntou, enquanto

seus olhos passeavam pelo laboratório, que não diferia dos outros laboratórios que

conhecíamos.

“Trata-se de um procedimento simples, na verdade”, o dr. Ismail explicou,

pacientemente. “Em primeiro lugar, faremos um extrato da amostra do líquido

gástrico. É a parte mais trabalhosa e demorada do teste. Em seguida, o extrato será

submetido ao polarímetro, aparelho que mais parece um telescópio. Tem lentes

giratórias, porém. Eu olho pelo visor, e giro as lentes para a direita e para a

esquerda. Se a droga em questão é dextrometorfano, a luz cai para a direita. Isso

significa que a luz, no meu campo de visão, será mais forte quando eu girar as lentes

para a direita. Se for levometorfano, vale o contrário.”

Ele prosseguiu, explicando que o levometorfano é um poderoso anestésico,

receitado quase exclusivamente para doentes terminais de câncer. Como a droga foi

descoberta ali, mantinham uma lista de todos os pacientes do Hopkins que a

utilizaram. O objetivo era determinar o espectro terapêutico. Para nós, interessava

saber que havia um registro detalhado do tratamento da srta. Harper.

“Ela vinha a cada dois meses, para tratamento do sangue e medula, e a cada visita

recebia um suprimento de duzentos comprimidos de dois miligramas”, disse o dr.

Ismail, consultando um livro grosso de registro, meticulosamente.

“Vamos ver... a

última visita aconteceu no dia vinte e oito de outubro. Ainda deveria ter setenta e

cinco a cem comprimidos.”

“Não os encontramos”, falei.

“Uma pena.” Ele ergueu os olhos escuros, pesaroso. “Estava indo tão bem. Era

uma pessoa adorável. Gostava muito de receber sua visita, vinha sempre com a

filha.”

Assim que me recuperei do susto, perguntei: “Filha?”.

“Imaginei que fosse filha dela. Uma moça loura...”

Marino interferiu: “Estava com a senhorita Harper, na última visita, no final de

outubro?”.

O dr. Ismail franziu a sobancelha e disse: “Não. Pelo que eu me lembro, não a vi.

A senhorita Harper veio sozinha”.

“Há quantos anos a senhorita Harper vem aqui?”, perguntei.

“Preciso consultar seu prontuário. Há vários anos, com certeza. Dois, no mínimo.”

“E a filha, a moça loura, sempre a acompanhava?”, perguntei.

“No início, não”, ele contou. “Mas, no ano passado, ela veio com a senhorita

Harper em todas as visitas, exceto na última, em outubro. Era impressionante. Ter

alguém da família sempre disposto a acompanhar um doente grave é muito bom.”

“Onde a senhorita Harper ficava, quando estava aqui?” Marino contraiu os

músculos faciais novamente.

“A maioria dos pacientes se hospeda nos hotéis das proximidades. Mas a

senhorita Harper gostava da área do ancoradouro”, o dr. Ismail informou.

Minhas reações demoraram a acontecer, em função da tensão e da falta de sono.

“Sabe em que hotel?”, Marino insistiu.

“Não. Desconheço...”

Comecei a ver, de repente, as imagens dos fragmentos datilografados, sobre a

cinza clara.

Interrompi o diálogo dos dois. “Posso consultar a lista telefônica, por gentileza?”

Quinze minutos depois, Marino e eu tentávamos conseguir um táxi na rua. O sol

brilhava, mas fazia muito frio.

“Droga”, ele repetiu. “Espero que tenha razão.”

“Logo descobriremos”, falei, tensa.

Nas páginas amarelas encontramos um hotel chamado Harbor Court, *bor Co, bor*

C. As letras minúsculas enegrecidas, nos restos de papel queimado, não me saíam da

cabeça. O hotel destacava-se como um dos mais luxuosos da cidade, e ficava bem

em frente a Harbor Place.

“Sabe o que eu não consigo entender?”, Marino recomeçou, quando outro táxi

passou, sem parar. “Por que se dar ao trabalho? A senhorita Harper suicidou-se,

certo? Por que precisava fazer tanto mistério? Faz sentido, para você?”

“Ela era uma pessoa orgulhosa. Suicídio devia ser, na sua opinião, um ato

vergonhoso. Talvez preferisse que ninguém soubesse. Por isso, resolveu se matar

enquanto eu estava na casa dela.”

“Por quê?”

“Talvez porque não quisesse que seu corpo fosse encontrado depois de uma

semana.” O trânsito estava terrível, e comecei a pensar que teríamos de caminhar até

o hotel.

“E acha que ela sabia mesmo dessa história de isômeros?”

“Creio que sim.”

“Como é possível?”

“Ela procurava uma morte digna, Marino. É possível que estivesse planejando o

suicídio há algum tempo, no caso da leucemia se agravar. Para evitar o seu

sofrimento, e o sofrimento alheio. Levometorfano servia como uma

luva. Na maioria

das vezes, nem é identificado — principalmente se houvesse um remédio para tosse

contendo dextrometorfano na casa.”

“Sério mesmo?” Ele deslumbrou-se quando um táxi nos viu, graças a Deus, e

começou a encostar. “Estou impressionado. Juro mesmo.”

“É trágico.”

“Não sei.” Ele abriu um chiclete e passou a mascá-lo vigorosamente. “Se fosse

eu, também não ia querer acabar num leito de hospital, cheio de tubos no nariz.

Talvez agisse como ela.”

“Ela não se matou por causa do câncer.”

“Sei disso”, ele disse, quando descemos a calçada. “Mas tem a ver. Deve ter. Ela

não permaneceria muito tempo neste mundo, de qualquer maneira. Aí Beryl foi

morta. Em seguida, assassinaram o irmão.” Ele deu de ombros. “Fazer o quê, por

aqui?”

Entramos no táxi e demos o endereço ao motorista. Seguimos sem conversar por

uns dez minutos. O táxi quase parou, entrando num arco pequeno, que conduzia a um

pátio revestido de cerâmica, com canteiros e arbustos. O porteiro, vestindo fraque e

cartola, surgiu imediatamente a meu lado, e fomos escoltados a um saguão

esplêndido, iluminado, em rosa e creme. Tudo parecia novo e limpo, polido, com

flores naturais viçosas sobre os móveis finíssimos. Os funcionários do hotel,

impecáveis, distribuídos pelo local, sem que sua presença fosse ostensiva.

Fomos levados a um escritório bem decorado, onde o gerente elegante conversava

ao telefone. T. M. Bland, a crer na placa de latão reluzente sobre sua mesa, olhou

para nós dois, e rapidamente encerrou a conversa telefônica. Marino não perdeu

tempo em dizer o que queria.

“Nossa lista de hóspedes é confidencial”, o sr. Bland respondeu, sorrindo

atenciosamente.

Marino acomodou-se numa poltrona de couro e acendeu o cigarro, apesar da placa

de por favor, não fume pendurada ostensivamente na parede. Depois puxou a

carteira e mostrou o distintivo.

“Meu nome é Pete Marino”, proclamou laconicamente. “Polícia de Richmond,

departamento de Homicídios. Esta é a doutora Kay Scarpetta, médica-legista titular

do estado da Virgínia. Compreendemos a necessidade de sigilo. Respeitamos seu

hotel, senhor Bland. Contudo, pedimos sua compreensão. Sterling Harper está morta.

O irmão, Cary Harper, está morto. E Beryl Madison também. Cary Harper e Beryl

Madison foram assassinados. Não sabemos ainda o que aconteceu exatamente com a

senhorita Harper. Por isso estamos aqui.”

“Leio jornais, tenente Marino”, o sr. Bland disse, começando a perder a pose.

“Certamente o hotel cooperará com as autoridades, no que for possível.”

“Então confirma que eles se hospedavam aqui?”, Marino disse.

“Cary Harper jamais se hospedou neste hotel.”

“Mas a irmã e Beryl Madison, sim.”

“Correto”, o sr. Bland disse.

“Com que frequência? Qual foi a última vez?”

“Preciso verificar na ficha da senhorita Harper”, o sr. Bland respondeu. “Pode, por

favor, me dar licença, por um minuto?”

Ele nos fez esperar mais de quinze minutos. Voltou com um texto impresso em

computador.

“Como pode ver”, disse, ao sentar-se, “a senhorita Harper e Beryl Madison

estiveram conosco em seis oportunidades no último ano e meio.”

“A cada dois meses, aproximadamente”, pensei alto, examinando as datas no

papel. “Exceto na última semana de agosto, e no final de outubro. Nessas ocasiões, a

senhorita Harper veio sozinha.”

Ele fez que sim.

“Qual era o objetivo das visitas?”, Marino perguntou.

“Negócios, possivelmente. Compras. Passeio. Realmente, não sei dizer.
O hotel

não costuma vigiar os hóspedes.”

“E não costuma se importar com o que os hóspedes fazem, a não ser
quando

aparecem mortos”, Marino disse. “Fale sobre o que andou vendo,
quando as

senhoras em questão se hospedaram aqui.”

O sorriso do sr. Bland desapareceu, e ele apanhou uma esferográfica
dourada que

estava em cima do bloco de anotações, mostrando-se todavia confuso
quanto à sua

utilidade. Enfiou a caneta no bolso da camisa rosa engomada, e
limpou a garganta.

“Só posso falar sobre o que vi”, disse.

“Por favor”, Marino retrucou.

“As duas viajavam separadas. Em geral, a senhorita Harper chegava à
noite, e

Beryl Madison no dia seguinte. Não costumavam deixar o hotel juntas,
tampouco.”

“Como assim?”

“Quero dizer que saíam do hotel em horários diferentes, embora
partissem no

mesmo dia. E não escolhiam o mesmo meio de transporte,
necessariamente. Não

seguiam no mesmo táxi, por exemplo.”

“As duas pegavam o trem?”, perguntei.

“Creio que a senhorita Madison ia de limusine, para o aeroporto”, o sr.
Bland

explicou. “Mas a senhorita Harper preferia viajar de trem.”

“E quanto às acomodações?”, perguntei, estudando o impresso.

“Isso mesmo”, Marino reforçou. “Aqui não tem nada sobre os apartamentos.” Ele

apontou para o texto, com o indicador. “Reservavam um simples ou duplo? Uma

cama ou duas?”

O sr. Bland corou, com as implicações da pergunta. “Elas sempre reservavam uma

suíte dupla, com vista frontal. Eram convidadas do hotel, senhor Marino, e esses

detalhes não estão disponíveis para publicação.”

“Ei, acha que eu tenho cara de repórter?”

“Está dizendo que elas se hospedavam aqui de graça?”, perguntei, confusa.

“Isso mesmo, madame.”

“Importa-se de explicar o motivo?”, Marino disse.

“Assim desejava o senhor Joseph McTigue”, o sr. Bland respondeu.

“Como assim?”, perguntei, ao me debruçar para encará-lo. “O construtor de

Richmond? Refere-se a esse Joseph McTigue?”

“O falecido senhor McTigue foi um dos responsáveis por várias construções nesta

área. Entre seus investimentos, encontrava-se uma parcela substancial de ações do

hotel”, o sr. Bland explicou. “A seu pedido, recebíamos a senhorita Harper. E

continuamos a honrar sua palavra, mesmo depois de seu falecimento.”

Minutos depois eu deixava um dólar para o porteiro, que abria a porta do táxi para

que Marino e eu entrássemos.

“Importa-se em contar quem é esse tal de Joseph McTigue? Tenho o palpite de

que você sabe”, Marino perguntou quando entramos na rua.

“Visitei a esposa dele em Richmond. A senhora que reside em Chamberlayne

Gardens. Já lhe contei.”

“Putá merda.”

“É, também fiquei desconcertada”, concordei.

“E o que acha disso tudo?”

Ainda não achava nada, mas começava a suspeitar.

“Para mim, parece coisa de doido”, Marino prosseguiu. “Para começo de

conversa, esta história da senhorita Harper pegar o trem, enquanto Beryl viajava de

avião, parece esquisita, pois seguiam para o mesmo destino.”

“Não me surpreende”, falei. “Sem dúvida, não podiam viajar juntas, Marino. A

senhorita Harper e Beryl preferiam não correr o risco. Não deveriam manter nenhum

contato, recorda-se? Se Cary Harper apanhava a irmã na estação de trem, Beryl não

conseguiria desaparecer de repente, caso viajasse em companhia da senhorita

Harper.” Fiz uma pausa, ao pensar em algo. “E talvez a senhorita Harper ajudasse

Beryl no livro, passando informações sobre a família Harper.”

Marino espiava pela janela.

“Se quer saber minha opinião, penso que as duas eram lésbicas enrustidas.”

Notei os olhos curiosos do motorista, pelo espelho retrovisor.

“Creio que se amavam, apenas”, falei.

“E talvez tivessem um casinho. Encontravam-se a cada dois meses, em Baltimore,

onde ninguém as conhecia, ou não dava a mínima.”

“Sabe”, Marino insistiu, “talvez explique a fuga de Beryl para Key West. Sendo

homossexual, estaria em casa lá.”

“Sua homofobia é realmente furiosa, além de cansativa, Marino. Deveria tomar

cuidado. As pessoas podem começar a desconfiar de você.”

“Claro”, ele disse, sem achar a mínima graça.

Fiquei quieta.

Ele insistiu: “Bem, isso nos interessa. Quem sabe Beryl arranhou uma namoradinha

quando estava lá.”

“Por que não verifica?”

“Não dá, cara. Não quero ser picado por um mosquito na capital americana da

Aids. E interrogar um bando de bichas não ia me fazer bem.”

“Pedi à polícia da Flórida para verificar os contatos dela na região?”, perguntei,

falando sério.

“Eles fizeram algumas perguntas. Jogo duro. Morriam de medo de comer, de beber

água. Um dos veados do restaurante mencionado por ela está morrendo de Aids,

agora mesmo. Os policiais precisaram usar luvas o tempo inteiro.”

“Durante as entrevistas?”

“É isso aí. E máscaras cirúrgicas, também — pelo menos quando interrogavam o

tal moribundo. Não conseguiram nada que servisse para nós, nenhuma informação

útil.”

“Aposto que não”, comentei. “Sua turma trata as pessoas como leprosos, e ainda

se admira quando elas não querem se abrir.”

“Quer saber o que eu acho? Deviam serrar aquela parte da Flórida e deixar que o

mar levasse embora.”

“Ainda bem que ninguém quer saber o que você acha.”

Inúmeros recados aguardavam resposta, na secretária eletrônica, quando voltei

para casa no fim da tarde.

Torcia para que um deles fosse de Mark. Sentei-me na beirada da cama, para

beber uma taça de vinho, e ouvi, um tanto desanimada, as vozes que saíam da

máquina.

Bertha, a empregada, estava gripada e avisava que não apareceria no dia seguinte.

O procurador-geral queria tomar café da manhã comigo, amanhã, para discutir o

processo aberto pelo espólio de Beryl Madison, contra o estado, por

conta do

original desaparecido. Três repórteres desejam entrevistar-me, e minha mãe

precisava saber se eu preferia presunto ou peru no Natal — um modo não muito

sutil de indagar se poderia contar com minha presença, pelo menos no feriado mais

importante do ano.

Não reconheci a voz seguinte.

“... Você tem lindos cabelos louros. São verdadeiros, ou você tinge, Kay?”

Voltei a fita. Abri, frenética, a gaveta da mesa de cabeceira.

“... São verdadeiros, ou você tinge, Kay? Deixei um presentinho para você, nos

fundos da casa. No alpendre.”

Atônita, segurando o revólver Ruger, voltei a fita mais uma vez. A voz era quase

um sussurro, muito calma e decidida. Homem branco. Não consegui identificar o

sotaque, nem sentir qualquer emotividade no tom. O som dos meus pés na escada

me enervou, e acendi as luzes de todos os cômodos pelos quais passei. O alpendre

dos fundos ficava depois da cozinha, e meu coração batia com força quando espiei

pela janela lateral, que dava para o comedouro dos pássaros. Mal afastei as cortinas,

erguendo o revólver, com o cano apontado para o teto.

A luz do alpendre afastando a escuridão do quintal, mesclando os perfis das

árvores com a escuridão do bosque nos fundos do terreno. A área estava limpa. Não

via nada no alpendre nem nos degraus da cozinha. Envolvi a maçaneta com os dedos

e permaneci imóvel, o coração disparado, ao abrir a tranca.

O arranhar na parte externa da porta foi quase imperceptível, quando a abri, e

quando vi o que estava pendurado na maçaneta externa, bati a porta com tanta força

que as janelas tremeram.

Tirei Marino da cama, a julgar por sua reação.

“Venha para cá agora!”, gritei, ao telefone, a voz uma oitava acima do normal.

“Fique calma”, ele disse com firmeza. “Não abra a porta para ninguém, até eu

chegar. Entendeu bem? Estou a caminho.”

Quatro viaturas se enfileiraram na frente da minha casa, e os policiais vasculharam a escuridão, por entre os arbustos, e entraram no bosque, com seus

longos dedos luminosos.

“A unidade K-9 está a caminho”, Marino disse, colocando o rádio portátil em cima

da mesa da cozinha. “Sério, duvido que encontremos o maluco por perto. Mas

precisamos ter certeza absoluta antes de ir embora.”

Era a primeira vez em que via Marino usando jeans, e ele poderia ter ficado até

elegante, não fosse o par de meias de atletismo e tênis comum, acompanhados de um

agasalho de atletismo justo demais. O cheiro de café quente enchia a cozinha.

Preparei um bule enorme, capaz de atender a metade do quarteirão. Meus olhos não

sossegavam, à procura de algo para fazer.

“Conte tudo outra vez, bem devagar”, Marino disse, acendendo um cigarro.

“Cheguei em casa e comecei a ouvir os recados na secretária eletrônica”, repeti.

“No último, ouvi a voz do sujeito, um jovem, branco. Acho melhor você mesmo

escutar a mensagem. Ele fala sobre o meu cabelo, pergunta se é tingido.” Os olhos

de Marino fixaram-se nas raízes, curiosos. “Depois disse que havia deixado um

presente no alpendre, nos fundos. Espiei pela janela, mas não vi nada. Nem sei o que

esperava ver. Não sei. Alguma coisa horrível, numa caixa. Um presente macabro.

Quando abri a porta, ouvi um ruído, algo raspando na madeira. Estava preso à

maçaneta, do lado de fora.”

Dentro de um saco plástico especial para provas, havia uma corrente de ouro, com

um medalhão estranho.

“Tem certeza de que é o mesmo usado por Harper na taverna?”, perguntei mais

uma vez.

“Claro que sim”, Marino respondeu, com ar tenso. “Sem a menor sombra de

dúvida. Também tenho certeza de onde o medalhão esteve, desde então. O sujeito o

retirou do corpo de Harper, e agora você ganhou um presente de Natal antecipado.

Pelo jeito, o tarado está a fim de você.”

“Por favor”, falei, impaciente.

“Ei. Estou levando isso a sério, o.k.?” Ele não sorriu, ao erguer o envelope, para

examinar a corrente através do plástico. “Como pode ver, o fecho está torto, assim

como o último elo. Parece ter se rompido quando ele o arrancou do pescoço de

Harper. Deve ter sido consertado com alicate. Provavelmente, estava usando o

medalhão. Merda.” Ele bateu a cinza. “Havia algum ferimento no pescoço de Harper,

causado pela corrente, ao ser arrancada?”

“Não havia muito pescoço para examinar”, falei, sombria.

“Já viu um medalhão desse tipo antes?”

“Nunca.”

Parecia um brasão, em ouro dezoito quilates, mas não vi nenhuma inscrição, fora a

data, 1906, no verso.

“Com base nas marcas do joalheiro, estampadas no verso, creio que sua origem é

inglesa”, falei. “As marcas indicam um código internacional e revelam quando o

medalhão foi feito, onde e por quem. Um joalheiro poderia interpretá-las. Sei que

não é italiano...”

“Doutora...”

“Teria setenta e cinco, no verso, para indicar ouro dezoito quilates, quinhentos

para catorze quilates...”

“Doutora...”

“Temos um joalheiro que nos dá consultoria, em Schwarzschild...”

“Ei”, Marino disse, erguendo a voz, “isso não importa, está bem?” Eu falava sem

parar, como uma velha histérica.

“A árvore genealógica inteira do dono do medalhão não vai nos ajudar na coisa

mais importante — o nome do maluco que o deixou pendurado na sua porta.” Seus

olhos se abrandaram um pouco e ele baixou a voz. “O que tem para beber aqui?

Brandy. Tem brandy?”

“Você está em horário de trabalho.”

“Não é para mim”, ele riu. “É para você. Tome um pouco.” Ele indicou uns cinco

centímetros, com o polegar e o indicador. “Depois conversamos.”

Voltei do bar com uma taça bojuda. O brandy queimou na minha garganta e

aqueceu meu sangue instantaneamente. Parei de tremer por dentro. E por fora

também. Marino me olhava, curioso. Sua atenção me lembrou uma série de coisas.

Vestia o mesmo conjunto amarrotado, com o qual viajara de trem na volta de

Baltimore. A calça de malha se enrolara um pouco na cintura e formara bolsas nos

joelhos. Sentia uma compulsão enlouquecedora de lavar o rosto e escovar os dentes.

O couro cabeludo coçava. Sem dúvida, tinha uma aparência terrível.

“O elemento não faz ameaças à toa”, Marino disse, calmamente, enquanto eu

bebia.

“Provavelmente, está só me provocando, porque estou envolvida no caso.

Zombando. Psicopatas costumam provocar quem investiga seus crimes e mandar

lembranças.” Nem eu acreditava nas minhas palavras. Marino, então, nem se fala.

“Manterei uma viatura nas redondezas. Vigiaremos sua casa”, ele disse. “Agora,

entenda as regras. Obedeça sem discutir. Não banque a espertinha.” Ele me encarou.

“Primeiro, não importa qual seja a sua rotina normal. Quero que troque tudo, o

máximo possível. Se costuma fazer supermercado às sextas, na parte da tarde, da

próxima vez vá na quarta, e escolha outra loja. Não entre em casa ou no carro sem

olhar bem em volta. Se vir algo estranho, como um carro desconhecido estacionado

por perto ou qualquer sinal de que alguém entrou em sua casa, fuja correndo. Chame

a polícia. Quando entrar em casa, se sentir algo — basta uma intuição, um arrepio

— saia imediatamente, vá até o telefone mais próximo e ligue para a

polícia. Peça a

um guarda que a acompanhe, até revistar a casa e garantir que está tudo em ordem.”

“Tenho alarme contra ladrões”, falei.

“Beryl também tinha.”

“Ela deixou o filho da mãe entrar.”

“Não cometa o mesmo erro. Tome cuidado com quem bate.”

“O que acha que ele vai fazer? Driblar meu alarme?”, insisti.

“Tudo é possível.”

Lembrei-me de que Wesley dissera a mesma coisa.

“Saia do escritório antes de escurecer, quando o pessoal ainda estiver por perto. O

mesmo vale para a entrada. Se costuma chegar quando ainda está escuro, e o

estacionamento vazio, passe a entrar um pouco mais tarde. Mantenha a secretária

eletrônica ligada. Grave tudo. Se receber outro telefonema, entre em contato comigo

imediatamente. Mais alguns e grampearemos sua linha...”

“Como fizeram com Beryl?” Estava ficando nervosa.

Ele não respondeu.

“Como é, Marino? Meus direitos vão ter de esperar também? Até que seja tarde

demais, porra?”

“Quer que eu fique e durma no sofá esta noite?”, ele perguntou, calmamente.

Encarar a manhã seguinte seria pedir demais. Imaginei Marino de short, camiseta

deixando apontar a barriga imensa, quando seguisse para o banheiro, descalço.

Provavelmente deixaria a tampa da privada levantada.

“Não precisa”, falei.

“Tem porte de arma, certo?”

“Só licença para ter arma em casa. Na rua, não.”

Ele empurrou a cadeira, e decidi: “Conversarei com o juiz Reinhard, amanhã de

manhã. Pedirei o porte”.

Era tudo. Quase meia-noite.

Pouco depois, eu estava sozinha em casa e não conseguia dormir. Tomei mais uma

dose de brandy, e depois outra. Fiquei deitada na cama, olhando para o teto escuro.

Se várias coisas ruins acontecem na vida da gente, as pessoas começam a se

perguntar se você as atraiu, se tem um ímã que atrai problemas ou perigos.

Começava a pensar assim. Talvez Ethridge tivesse razão; eu me envolvia demais nos

casos, e me expunha ao perigo. Já passara por riscos anteriores, que poderiam ter me

mandado ao encontro do Criador.

Quando finalmente consegui apagar, sonhei coisas absurdas. Ethridge fazendo um

buraco no colete com o charuto. Fielding examinando um cadáver, que parecia uma

almofada de alfinetes, pois não encontrava nenhuma artéria com sangue. Marino num

pula-pula, subindo a ladeira, a ponto de cair.

12

Passei o início da manhã em meu quarto, no escuro, observando as sombras e

silhuetas do terreno.

Meu Plymouth ainda não retornara da oficina estadual. Quando olhei para a perua

que o substituíra, pensei se seria difícil, para um homem adulto, esconder-se debaixo

dela, e agarrar meu pé quando eu destrancasse a porta. Não precisaria me matar. Eu

morreria do coração antes. A rua, para lá do carro, estava deserta, as luzes mal a

iluminavam. Abrindo uma fresta na cortina, espiei sem conseguir ver nada. Não

ouvia nada. Nada parecia fora de lugar. Provavelmente nada parecia fora de lugar

quando Cary Harper chegou em casa, voltando da taverna.

Meu café da manhã com o procurador-geral estava marcado para dali a uma hora.

Chegaria atrasada, se não reunisse coragem suficiente para sair pela porta da frente

da minha própria casa, percorrer dez metros de calçada, e entrar no meu carro.

Estudei as sebes e as plantas que protegiam meu gramado, atenta a suas silhuetas

esguias, enquanto o céu clareava paulatinamente. A lua estava redonda e iridescente,

gloriosa em seu brilho matinal. O gramado era um tapete prateado de geada.

Como ele se aproximara das casas, da *minha* casa? Precisava de um meio de

transporte. Pouco se especulava sobre a capacidade de movimentação do assassino.

O tipo de veículo faz parte do perfil de um criminoso, assim como a idade e a raça,

mas ninguém comentou isso, nem mesmo Wesley. Tentei imaginar o motivo, olhando

para a rua deserta. E o comportamento de Wesley, em Quantico, ainda me

incomodava.

Manifestei minhas preocupações a Ethridge, quando tomávamos café da manhã.

“Pode ser, simplesmente, que Wesley tenha preferido não lhe contar tudo”, ele

sugeriu.

“Sempre se mostrou muito aberto no passado.”

“O pessoal do fbi sabe manter a boca fechada, Kay.”

“Wesley se especializa em perfis”, retruquei. “Sempre foi comunicativo,

manifestando abertamente suas opiniões e teorias. Mas, neste caso, recusa-se a falar

tudo. Mal elaborou os perfis. Sua personalidade mudou. Perdeu o senso de humor e

nem me olha nos olhos. Está estranho e muito nervoso.”

Respirei fundo.

Ethridge disse, em seguida: “Ainda se sente isolada, não é, Kay?”.

“Sim, Tom.”

“E um pouco paranoica.”

“Também”, confessei.

“Confia em mim, Kay? Acredita que eu esteja do seu lado e que levo em

consideração seus interesses, da melhor maneira possível?”, ele perguntou.

Fiz que sim, e respirei fundo.

Conversávamos em voz baixa, no salão de refeições do hotel Capitol, um local

preferido pelos políticos e plutocratas. Três mesas adiante sentava-se o senador

Partin, seu rosto mais enrugado do que nunca, a conversar seriamente com um rapaz

cujo rosto eu já vira em algum lugar.

“A maioria de nós se sente isolado e paranoico durante períodos estressantes.

Como se estivéssemos sozinhos no meio do mato.” Os olhos de Ethridge pousaram

em mim, gentis e preocupados.

“Estou sozinha no meio do mato”, falei. “Sinto isso porque é verdade.”

“Entendo as preocupações de Wesley.”

“Mas é claro.”

“O que me preocupa, em você, Kay, é que baseia suas teorias na intuição, age por

instinto. Isso pode ser muito perigoso às vezes.”

“Pode ser, às vezes. Mas também pode ser muito perigoso quando as pessoas

começam a complicar demais as coisas. Assassinatos são, muitas vezes, tragicamente simples.”

“Nem sempre.”

“Quase sempre, Tom.”

“Você não acha que as maquinações de Sparacino estão ligadas a essas mortes?”

o procurador-geral indagou.

“Creio que seria fácil demais permitir que as maquinações dele nos distraíssem.

Suas atitudes, e as atitudes dos criminosos, podem estar correndo em trilhos

paralelos. Ambos são perigosos, mortais até. Mas não coincidem. Eles não agem

pelos mesmos motivos.”

“Não acha que o original perdido seja a ligação?”

“Não sei.”

“E não está mais perto de saber?”

A pergunta fez com que eu me sentisse como uma aluna que se esqueceu da lição

de casa. Gostaria que não a tivesse formulado.

“Não, Tom”, admiti. “Ainda não tenho a menor ideia.”

“Seria possível que Sterling Harper tenha queimado o original na lareira, antes de

morrer?”

“Duvido muito. O especialista em documentação examinou os restos de papel

queimado e os identificou como papel de carta de alta qualidade. Combinam com

papéis de carta, ou o tipo usado por advogados para registrar documentos oficiais.

Difícilmente alguém escreveria um livro naquele papel. É mais provável que a

senhorita Harper tenha queimado cartas e papéis pessoais.”

“Cartas de Beryl Madison?”

“Não podemos descartar essa possibilidade”, respondi, embora já a tivesse

descartado.

“Ou, quem sabe, cartas de Cary Harper?”

“Encontramos uma coleção de papéis pessoais dele na casa”, expliquei.
“Não

havia nenhum sinal de que alguém mexera neles, ou removera uma parte.”

“Se as cartas eram de Beryl Madison, por que a senhorita Harper as queimaria?”

“Não sei”, confessei, sabendo que Ethridge pensava em seu desafeto, Sparacino.

Sparacino agira rapidamente. Tive acesso ao processo ou a suas trinta páginas

iniciais. Sparacino responsabilizava minha pessoa, a polícia e o governo estadual.

Quando liguei para Rose, da última vez, ela me informou que a revista *People*

telefonara. Um dos repórteres fotografara o prédio do departamento, de fora, pois

não passara do saguão. Minha fama crescia. Especializei-me em recusar entrevistas

e sumir do mapa.

“Acredita que se trata de um psicótico, certo?”, Ethridge perguntou, sem rodeios.

Apesar da fibra acrílica alaranjada e seus vínculos com sequestradores,

era o que

eu pensava e disse isso.

Ele baixou os olhos para o desjejum, ainda na metade, e quando os ergueu

surpreendi-me com o que vi. Tristeza, desapontamento. E relutância terrível.

“Kay”, ele falou, “não tenho como tocar nesse assunto de modo mais suave.”

Estendi a mão para pegar um biscoito.

“Você precisa saber. Não importa o que esteja acontecendo ou não, não importa o

que você possa pensar em particular. Precisa saber de uma coisa.”

Decidi fumar, em vez de comer, e puxei o maço de cigarro.

“Tenho um contato. Basta que saiba que ele acompanha as investigações do

Departamento de Justiça...”

“Vai falar de Sparacino”, interrompi.

“Vou falar de Mark James”, ele disse.

Não poderia ter me assustado mais, nem se o procurador-geral tivesse soltado um

palavrão.

Perguntei: “Qual é o problema com Mark?”.

“Acho que *você* deveria responder, Kay.”

“Aonde pretende chegar, exatamente?”

“Vocês dois foram vistos juntos em Nova York, faz algumas semanas. No

Gallagher’s.” Seguiu-se uma pausa tensa e eu disfarcei, ridiculamente: “Não vou lá

há anos”.

Ele olhou para a fumaça que saía do meu cigarro.

“Pelo que me lembro, o filé de lá é ótimo...”

“Chega, Tom”, falei em voz baixa.

“Muitos irlandeses frequentam aquele lugar, e abusam da bebida e das brincadeiras...”

“Já chega, por favor”, pedi, elevando a voz.

O senador Partin nos encarou de sua mesa, ligeiramente curioso, trocou um olhar

breve com Ethridge e depois me encarou por uma fração de segundo. O garçom

surgiu do nada, para servir o café e perguntar se desejávamos mais alguma coisa. Eu

me sentia desconfortavelmente quente.

“Não me enrole, Tom”, falei. “Quem me viu?”

Ele gesticulou, como se aquilo não fosse importante. “Só importa como você o

conheceu.”

“Eu o conheci há muito tempo.”

“Isso não é resposta.”

“Estudamos juntos na faculdade de direito.”

“Eram amigos?”

“Sim.”

“Amantes?”

“Minha nossa, Tom.”

“Lamento, Kay. É muito importante.” Limpando os lábios com o guardanapo, ele

pegou a xícara de café e os olhos percorreram o salão. Ethridge estava pouco à

vontade. “Digamos que vocês dois passaram boa parte da noite juntos, em Nova

York. No hotel Omni.”

Meu rosto pegou fogo.

“Não me importo nem um pouco com sua vida pessoal, Kay. Duvido que alguém

se importe, tampouco. Exceto neste caso. Sabe, eu lamento muito.” Ele limpou a

garganta, e finalmente olhou para mim novamente. “Droga. O amiguinho de Mark,

Sparacino, está sendo investigado pelo Departamento de Justiça...”

“Amiguinho?”

“Isso tudo é muito sério, Kay”, Ethridge prosseguiu. “Não sei como Mark James

era quando o conheceu, mas sei muito bem o que ele se tornou depois. Vi a ficha do

sujeito. Depois que vocês foram vistos juntos, andei investigando. Ele se meteu com

coisas sérias em Tallahassee, há sete anos. Golpes. Fraudes. Crimes pelos quais foi

condenado. Passou um tempo na cadeia. Depois disso, acabou se envolvendo com

Sparacino, que está ligado ao crime organizado, ao que consta.”

Senti o coração apertado por uma morsa, que lhe tirou todo o sangue, e devo ter

empalidecido, pois Ethridge rapidamente passou um copo com água, e esperou

pacientemente que eu me recompusesse. Quando nossos olhos se

cruzaram

novamente, ele prosseguiu, do ponto onde interrompera suas declarações

avassaladoras.

“Mark jamais trabalhou para Orndorff & Berger, Kay. A firma nunca ouviu falar

nele. O que não me surpreende. Mark James jamais poderia exercer a profissão, seu

diploma de advogado foi cassado. Ao que parece, trabalha como assistente pessoal

de Sparacino.”

“E Sparacino trabalha para Orndorff & Berger?”, consegui perguntar.

“Cuida dos direitos autorais e entretenimento. Essa parte é verdadeira”, ele

respondeu.

Não falei nada, lutando para controlar as lágrimas.

“Fique longe dele, Kay”, Ethridge disse, a voz como uma carícia rude, em sua

tentativa de ser gentil. “Pelo amor de Deus, afaste-se desse sujeito. Seja lá o que for

que tenha com ele, rompa.”

“Não tenho nada com ele”, falei, abalada.

“Quando manteve contato com ele pela última vez?”

“Há algumas semanas. Ele ligou. Conversamos por trinta segundos, no máximo.”

Ele balançou a cabeça, como se já esperasse ouvir isso. “É a vida dos paranoicos.

Um dos frutos venenosos da atividade criminal. Duvido que Mark James aprecie

telefonemas longos. Duvido que se aproximasse de você, sem segundas intenções.

Explique-me como foi parar em Nova York, na companhia dele.”

“Ele queria se encontrar comigo. Para me alertar sobre Sparacino”, acrescentei,

envergonhada. “Ou, pelo menos, foi o que disse.”

“E ele a alertou?”

“Sim.”

“O que disse, exatamente?”

“As mesmas coisas que você já mencionou sobre Sparacino.”

“E por que Mark lhe disse tudo isso?”

“Ele alegou que tentava me proteger.”

“Acreditou?”

“Não sei mais no que acreditar”, falei.

“Está apaixonada por esse sujeito?”

Encarei o procurador-geral e meus olhos se endureceram como pedras.

Ele prosseguiu, calmamente: “Preciso saber o quanto você está vulnerável. Por

favor, não pense que eu gosto de fazer isso, Kay”.

“Por favor digo eu. Também não gosto nem um pouco dessa história, Tom.” Não

procurei esconder meu desagrado.

Ethridge removeu o guardanapo do colo, e o dobrou cuidadosa e deliberadamente,

antes de colocá-lo sob o prato.

“Tenho motivos para me preocupar”, disse, com tanta suavidade que precisei me

debruçar para escutá-lo. “Mark James pode lhe fazer um mal terrível, Kay. Tenho

meus motivos para suspeitar que ele está por trás do arrombamento de seu

escritório...”

“Que motivos?”, interrompi, erguendo a voz. “Do que está falando? Que provas

pode ter...” As palavras ficaram presas em minha garganta, pois o senador Partin e

seu jovem acompanhante aproximaram-se de nossa mesa. Nem cheguei a perceber

quando se levantaram e vieram para cá. Podia dizer, por suas expressões, que

interromperam uma conversa séria de propósito.

“John, mas que bom revê-lo”, Ethridge disse, levantando-se da cadeira. “Já

conhece a legista titular, Kay Scarpetta?”

“Claro, claro. Como tem passado, doutora Scarpetta?” O senador apertou minha

mão, sorrindo, os olhos distantes. “Este é meu filho, Scott.”

Notei que Scott não herdara os traços rústicos, quase ásperos do pai, nem o corpo

atarracado. Aquele rapaz era assombrosamente formoso, alto, atlético, o rosto fino

emoldurado por uma coroa de cabelos pretos magníficos. Teria vinte e poucos anos

e a insolência discreta de seu olhar me incomodava. A conversa cordial não atenuou

meu assombro. Também não me senti melhor quando o pai e o filho finalmente nos

deixaram a sós de novo.

“Já o vi antes”, falei a Ethridge, depois que o garçom serviu outra xícara de café.

“Quem? John?”

“Não... não, claro que já conheço bem o senador. Estou falando do filho, Scott.

Seu rosto parece familiar.”

“Provavelmente o viu na televisão”, ele explicou, consultando discretamente o

relógio. “É ator ou tenta ser. Até agora, só conseguiu papéis secundários em

novelas.”

“Oh, meu Deus”, murmurei.

“Talvez algumas pontas em filmes também. Morava na Califórnia, e agora está em

Nova York.”

“Não”, falei, atônita.

Ethridge deixou o café de lado e fixou os olhos calmos em mim.

“Como ele sabia que estávamos tomando café da manhã aqui, Tom?”, perguntei,

fazendo de tudo para manter a voz neutra, conforme as imagens do Gallagher’s

voltavam à minha mente. O rapaz solitário, tomando cerveja numa mesa próxima

àquela ocupada por Mark e por mim.

“Não sei como ele descobriu”, Ethridge respondeu, os olhos brilhando de

satisfação secreta. “Basta dizer que não me surpreende, Kay. O filho de Partin vem

me seguindo há dias.”

“Ele não é seu contato no Departamento de Justiça...”

“Meu Deus, claro que não”, Ethridge disse, enfático.

“Sparacino?”

“Aposto que sim. Isso faz sentido, não é, Kay?”

“Por quê?”

Ele conferiu a conta, dizendo: “Para tomar pé no que está ocorrendo. Para

espionar. Para intimidar”. Ele me encarou. “Pode escolher.”

Scott Partin me chamou a atenção, por ser um rapaz do tipo capaz de se destacar

por seu magnífico isolamento. Eu me lembro de que ele lia o *Times*, tomando

cerveja, melancólico. Só o notei porque pessoas extremamente bonitas, como lindos

arranjos de flores, raramente passam despercebidas.

Senti vontade de contar tudo a Marino, quando descemos de elevador para o

primeiro andar, no prédio do meu departamento, naquela manhã.

“Tenho certeza”, repeti. “Ele estava sentado a duas mesas da nossa, no Gallagher’s.”

“Sozinho?”

“Correto. Tomava cerveja. Não creio que estivesse comendo. Não me lembro”,

falei, quando passamos pelo depósito imenso, cheirando a papelão e pó.

Minha mente e meu coração haviam disparado, tentando situar as mentiras de

Mark. Segundo ele, Sparacino não sabia de minha ida a Nova York, e apenas por

coincidência apareceu na churrascaria. Não podia ser verdade. O filho de Partin fora

enviado para me espionar naquela noite, e isso só poderia acontecer se Sparacino

soubesse onde me encontrar com Mark.

“Bem, podemos ver isso de outro ângulo”, Marino disse, enquanto caminhávamos

pelos subterrâneos empoeirados do meu departamento. “Digamos que um dos meios

de sustento para ele, na Big Apple, seja fazer uns servicinhos de espionagem para

Sparacino, certo? Então, pode ser que Partin tenha sido enviado para vigiar Mark e

não você. Lembre-se, Sparacino recomendou a churrascaria de Nova York a Mark

— ou, pelo menos, foi isso que Mark lhe disse. Portanto, Sparacino já calculava que

Mark jantaria lá, naquela noite. Sparacino manda Partin para a churrascaria, com o

objetivo de vigiar Mark. Partin concorda e espera por ele, tomando cerveja. Vocês

dois entram. A certa altura, ele sai de fininho e liga para Sparacino, dando o serviço.

Bingo! Em seguida, Sparacino aparece.”

Eu queria tanto acreditar nisso.

“Só uma teoria”, Marino acrescentou.

Sabia que não poderia acreditar nela. A verdade, insisti, sem querer disfarçar

nada, era que Mark me traía. Não passava de um criminoso, como Ethridge

afirmara.

“Precisa levar todas as possibilidades em consideração”, Marino concluiu.

“Claro”, resmunguei.

Passamos por mais um corredor estreito e paramos na frente de uma pesada porta

metálica. Encontrei a chave certa e entramos no local onde os especialistas em

armas realizam os testes balísticos em quase todas as armas de fogo portáteis

conhecidas pelo homem. Era um estande de tiro especial, em bloco de cimento e

chumbo. Uma das paredes, cheia de prateleiras, exibia dezenas de revólveres,

pistolas e metralhadoras confiscadas pelos tribunais e enviadas para análise.

Escopetas e rifles pendiam nos ganchos. Na parede do fundo, a placa de aço

reforçada no centro exibia as marcas de milhares e milhares de disparos, realizados

ao longo dos anos. Marino encaminhou-se para um dos cantos, onde manequins e

suas partes — torsos, pernas, quadris e cabeças — estavam empilhados, numa

recordação macabra das covas coletivas de Auschwitz.

“Prefere a cor clara, certo?”, ele perguntou, selecionando um torso de manequim

masculino de pele pálida.

Ignorei-o, abrindo a bolsa para pegar o Ruger de aço inoxidável. A pilha de

plástico fez barulho, enquanto ele escolhia uma cabeça caucasiana, com cabelos e

olhos castanhos pintados. Fixou-a no torso do manequim, que apoiou numa caixa de

papelão encostada na parede de aço, a uns trinta passos de distância.

“Acerte um tiro, e tchau mesmo”, Marino disse.

Municiei o revólver e olhei para Marino, que sacou a pistola nove milímetros da

cintura, nas costas. Ele removeu o pente, examinou-o e o recolocou na posição.

“Feliz Natal”, disse, oferecendo-a a mim, travada, com a coronha em minha

direção.

“Não, muito obrigada”, falei, o mais educadamente possível.

“Cinco tiros, com sua arma, e você está fora do jogo.”

“Se eu errar.”

“Cascata, doutora. Todo mundo erra. Seu problema, com o Ruger, é ter poucos

tiros.”

“Prefiro acertar com a minha do que errar com a sua, que só serve para espalhar

chumbo para todos os lados.”

“Tem muito mais poder de fogo”, ele disse.

“Sei disso. Cinco vezes mais, a quinze metros, mesmo que eu use munição

Silvertips Plus.”

“Isso, e o triplo de tiros”, Marino acrescentou.

Já treinara com nove milímetros antes, e não gostava dessas pistolas. Não

possuíam a precisão do meu 38 especial. Ofereciam menos segurança, pois

costumavam travar. Jamais apreciei a substituição da qualidade pela quantidade.

Melhor treinar e conhecer minha própria arma.

“Só preciso acertar um tiro”, falei, colocando os protetores nos ouvidos.

“Claro. Entre os olhos.”

Firmando o revólver com a mão esquerda, apertei o gatilho repetidamente, e

acertei o manequim. Uma vez na cabeça, três no peito. O quinto tiro pegou no

ombro. Tudo isso aconteceu em poucos segundos. A cabeça e o torso, separados,

caíram da caixa, e bateram na parede do fundo, com um baque surdo.

Sem dizer nada, Marino deixou a nove milímetros em cima da mesa e sacou a 357

do coldre do peito. Percebi que ferira seu orgulho. Sem dúvida, pois ele se dera ao

trabalho de providenciar a automática para mim. Pensou que eu ia gostar.

“Muito obrigada, Marino”, falei.

Carregando seu revólver, ele o ergueu lentamente.

Tentei dizer que apreciava sua gentileza, mas ele não me escutou ou não prestou

atenção.

Recuei, quando ele disparou seis vezes, fazendo com que a cabeça do manequim

dançasse alucinadamente no chão. Recarregando a arma, ele atacou o torso. Quando

terminou, a fumaça de pólvora enchera o ar com seu cheiro acre, e percebi que

jamais desejaria ver Marino bravo de verdade comigo.

“O melhor é acertar o sujeito quando ele está caído”, falei.

“Isso mesmo”, ele disse, removendo o protetor de ouvido. “É o melhor.”

Deslizamos a placa de madeira pelo trilho acima de nossas cabeças e posicionamos um alvo de papel no fundo do estande. Quando acabei com a caixa de

balas, concluindo que ainda era capaz de acertar um muro à queima-roupa, disparei

alguns Silvertips para limpar o cano. Em seguida, peguei um pano com Hoppe

Número 9. O solvente sempre me fazia pensar em Quantico.

“Quer minha opinião?”, Marino disse, enquanto limpava a arma. “Acho melhor

você deixar uma escopeta à mão em casa.”

Não falei nada, guardando o Ruger na caixa.

“Sabe, uma do tipo autocarregável, Remington, calibre doze, cano duplo. É como

acertar o idiota com quinze disparos de trinta e dois — o triplo do que pode fazer,

com três cargas completas. São quarenta e cinco bolas de chumbo. Vai dar e sobrar.”

“Marino”, falei calmamente, “estou bem. Não preciso de um arsenal.”

Ele me encarou, fechando a cara. “Tem alguma ideia do que é acertar um cara, e

ele continuar avançando em cima de você?”

“Não tenho”, respondi.

“Sabe, eu tenho. Quando morava em Nova York, esvaziei a arma num animal,

pirado de pcp. Acertei o filho da mãe quatro vezes no peito, mas ele nem piscou.

Parecia uma história de Stephen King, o cara vinha feito um morto-vivo.”

Achei algumas toalhas de papel no bolso do jaleco e comecei a limpar o óleo e o

solvente das mãos.

“O maluco que caçou Beryl na casa dela, doutora, era igual ao lunático que me

atacou. Não sei qual é a dele, mas nada o deterá quando avançar.”

“O sujeito em Nova York”, eu quis saber, “morreu?”

“Ah, claro. No pronto-socorro. Fomos para o hospital na mesma ambulância. Um

belo passeio.”

“Você foi ferido?”

O rosto de Marino se contraiu quando ele disse: “Não foi nada. Setenta e oito

pontos. Só uns cortes. Nunca me viu sem camisa? O cara tinha uma faca”.

“Que coisa horrível”, murmurei.

“Odeio facas, doutora.”

“Eu também”, concordei.

Fomos embora. Eu me sentia suja de óleo e resíduos de pólvora. Atirar é muito

mais nojento do que a maioria das pessoas imagina.

Marino puxou a carteira enquanto caminhávamos. E me entregou um cartão

branco.

“Mas eu não preenchi o formulário de pedido”, falei, espantada, ao ver a

permissão para porte de arma.

“Eu sei. Mas o juiz Reinhard me devia um favorzinho.”

“Obrigada, Marino”, falei.

Ele sorriu e abriu a porta para mim.

Apesar dos conselhos de Wesley e Marino, e do meu próprio bom senso, fiquei no

prédio até depois de escurecer. O estacionamento estava deserto. Eu havia deixado

muito serviço acumulado, mas uma consulta à agenda me tranquilizou.

Rose reorganizara minha vida, sistematicamente. Reuniões haviam sido

transferidas ou canceladas; as conferências e autópsias passadas a Fielding. O

secretário de Saúde, meu superior imediato, tentara falar comigo, em três ocasiões, e

finalmente perguntou se eu estava doente.

Fielding especializara-se em me substituir. Rose datilografava os relatórios de

autópsias e ditados. Fazia o trabalho dele, na verdade, e não o meu. O sol

continuava a nascer e a se pôr, e o departamento desempenhava suas funções, sem

maiores dramas, porque eu escolhera e treinara bem a equipe. Sabia agora como

Deus se sentira, depois de criar um mundo que passou a pensar que não precisava

mais Dele.

Não voltei direto para casa. Peguei o carro e passei antes em Chamberlayne

Gardens. Encontrei os mesmos avisos defasados na parede do elevador. Subi na

companhia de uma senhora encarquilhada, que não tirou os olhos solitários de mim,

agarrada à bengala como um pássaro a seu poleiro.

Não telefonei avisando a sra. McTigue de minha visita. Quando a porta do 378

finalmente se abriu, depois que bati com força, por muito tempo, ela me olhou

intrigada, de seu refúgio entupido de mobília e som de televisão no último volume.

“Senhora McTigue?” Eu me apresentei novamente, pois não sabia se ela se

recordaria de mim.

A porta se abriu e seu rosto também. “Claro. Mas é claro! Quanta gentileza sua

em me visitar. Entre, por favor.”

Usava um vestido caseiro cor-de-rosa combinando com o chinelo, e, quando a

acompanhei até a sala, ela desligou a televisão e tirou a pequena toalha do sofá,

onde evidentemente se acomodara para comer pão integral, tomar suco e ver o

noticiário vespertino.

“Por favor, me desculpe”, falei. “Interrompi seu lanche.”

“Absolutamente. Eu estava só beliscando alguma coisa. Aceita um refresco?” Ela

ofereceu, imediatamente.

Recusei, polidamente, e me sentei, enquanto ela ajeitava a sala, apressada. Senti

um aperto no coração ao me recordar da minha avó, cujo bom humor se manteve

intacto, mesmo depois que a pele se estragou em torno das orelhas. Jamais me

esquecerei de uma visita a Miami, no verão, pouco antes de sua morte, quando a

leve para fazer compras. O alfinete da “fralda” improvisada com cuecas e

absorvente se abriu, e a fralda desceu até os joelhos, no meio do mercado. Ela

correu para o toalete das senhoras. Rimos tanto que eu quase perdi o controle da

bexiga também.

“É provável que tenhamos neve esta noite”, a sra. McTigue comentou, ao sentar-

se.

“Lá fora está bem úmido”, retruquei, distraída. “E faz muito frio. Talvez neve.”

“Duvido que a neve se acumule, entretanto.”

“Odeio dirigir na neve”, falei, sentindo a mente lotada de coisas pesadas,

desagradáveis.

“Talvez neve no Natal este ano. Não seria ótimo?”

“Seria ótimo.” Procurava em vão por uma máquina de escrever no apartamento.

“Não me lembro do último Natal com neve que tivemos.”

A conversa nervosa tentava ocultar sua inquietação. Sabia que eu estava ali por

algum motivo e que não trazia boas notícias.

“Tem certeza de que não quer tomar alguma coisa? Um cálice de vinho do Porto?”

“Não, obrigada”, falei.

Silêncio.

“Senhora McTigue”, arrisquei. Seus olhos revelavam insegurança e desamparo

infantis. “Posso ver aquela fotografia outra vez? A que me mostrou, em minha visita

anterior?”

Ela piscou várias vezes, o sorriso fino e pálido como uma cicatriz.

“A foto de Beryl Madison”, acrescentei.

“Claro, certamente”, ela disse, e se levantou lentamente, com ar resignado. Foi até

a escrivaninha buscá-la. Medo, e talvez confusão, passaram por seu rosto, quando

me entregou a fotografia. Pedi também para ver o envelope e a folha de papel creme.

Percebi instantaneamente, pelo tato, que se tratava de um papel semelhante.

Quando estudei as marcas-d’água da Crane, claras contra a luz, tive certeza. Olhei

rapidamente para a foto, e naquela altura a sra. McTigue já se mostrava abertamente

surpresa.

“Lamento”, falei. “Deve estar curiosa para saber por que estou fazendo isso.”

Ela não encontrou palavras para se expressar.

“Estou curiosa. A foto parece muito mais antiga que o papel que a protege.”

“É”, ela retrucou, os olhos amedrontados fixos em mim. “Encontrei a foto entre

os papéis de Joe, e a guardei no envelope para que não se estragasse.”

“Costuma usar papel de carta e envelopes assim?”, perguntei, com o máximo de

tato possível.

“Ah, não.” Ela estendeu a mão, pegou o copo de suco e bebeu lentamente. “Era

do meu marido. Mas eu o escolhi, para ele. Um belo papel, para usar no escritório.

Depois de seu falecimento, passei a usar as folhas brancas, de cópia, e os envelopes.

Tenho mais, se quiser ver.”

Não havia outro modo de saber, a não ser inquirindo-a diretamente.

“Senhora McTigue, seu marido tinha máquina de escrever?”

“Mas é claro. Eu a dei para nossa filha, que mora em Falls Church. Sempre preferi

escrever minhas cartas à mão. Não faço mais isso por causa da artrite.”

“Qual o tipo de máquina?”

“Sei lá. Não me lembro. Só posso dizer que era elétrica e nova”, ela

gaguejou.

“Joe trocava de máquina depois de alguns anos. Sabe, mesmo quando os

computadores surgiram, ele continuou a cuidar da correspondência do jeito antigo.

Burt — o gerente da empresa — insistiu para que Joe usasse o computador, mas Joe

sempre preferiu a máquina de escrever.”

“Em casa, ou no escritório?”, perguntei.

“Nos dois locais. Costumava levar serviço para casa e trabalhar até tarde, na

biblioteca.”

“Ele se correspondia com os Harper, senhora McTigue?”

Ela tirou um lenço do bolso do robe e começou a torcê-lo nas mãos.

“Lamento fazer tantas perguntas”, falei, com gentileza.

Ela olhou para as mãos contraídas e não disse nada.

“Por favor”, insisti. “É importante. Caso contrário, eu não perguntaria.”

“É sobre aquela mulher, não é?” O lenço estava rasgando, e ela não ergueu a

cabeça.

“Sterling Harper.”

“Isso mesmo.”

“Por favor, me conte, senhora McTigue.”

“Ela era adorável. Tão graciosa. Uma dama”, a sra. McTigue disse.

“O seu marido se correspondia com a senhorita Harper?”, perguntei.

“Tenho quase certeza que sim.”

“O que a levou a pensar isso?”

“Eu o vi escrevendo cartas, uma ou duas vezes. Sempre dizia que era coisa do

escritório.”

Não falei nada.

“Sim, meu Joe.” Ela sorriu, com os olhos vidrados. “Um verdadeiro cavalheiro.

Sempre beijava a mão das damas. Fazia com que se sentissem verdadeiras rainhas.”

“A senhorita Harper também escrevia para ele?”, perguntei, hesitante, pois não via

graça alguma em cutucar velhas feridas.

“Não que eu saiba.”

“Ele escrevia, mas ela nunca respondia as cartas?”

“Joe adorava escrever cartas. Sempre disse que escreveria um livro algum dia. E

gostava muito de ler também.”

“Entendo por que apreciava tanto Cary Harper, então.”

“O senhor Harper sentia muita frustração, com frequência, e telefonava. Suponho

que o termo seja bloqueio da criatividade. Ele telefonava para Joe, e os dois

conversavam sobre coisas interessantes por horas a fio. Literatura, e o que mais os

interessasse.” O lenço se transformara num monte de papel picado, em seu colo.

“Joe gostava muito de Faulkner, como pode imaginar. E também de Hemingway e

Dostoievsky. Quando começamos a namorar, eu morava em Arlington

e ele aqui.

Escrevia as cartas mais maravilhosas que alguém poderia receber.”

Cartas semelhantes àquelas que escrevera a outro amor na maturidade, pensei.

Cartas como aquelas que escrevera a uma mulher sensacional e solteira, Sterling

Harper. Cartas que ela, uma dama, queimara antes de cometer suicídio, pois não

queria perturbar os sentimentos e lembranças da viúva.

“Encontrou-as, então”, ela disse, com a voz sumida.

“Se encontrei cartas para ela?”

“Sim. As cartas dele.”

“Não.” Foi, talvez, a meia-verdade mais piedosa que já contei. “Não encontramos

nada do gênero, senhora McTigue. A polícia não encontrou nenhuma correspondência de seu marido entre os pertences dos Harper, nem papel de carta

com o timbrado, e muito menos cartas íntimas endereçadas a Sterling Harper.”

Seu rosto desanuviou-se, com a negativa enfática.

“A senhora passava muito tempo com os Harper? Socialmente, por exemplo?”,

perguntei.

“Sim, é claro. Estive com eles duas vezes pelo que me recordo. O senhor Harper

foi a nossa casa para um jantar. E, em determinada ocasião, os Harper e Beryl

Madison passaram a noite conosco.”

Interessante. “Quando eles passaram a noite em sua casa?”

“Poucos meses antes do falecimento de Joe. Creio que tenha sido no Ano-Novo,

um ou dois meses antes da palestra de Beryl para nosso grupo. Na verdade, tenho

certeza, pois a árvore de Natal ainda estava montada. Sim, foi isso mesmo. Adorei

receber a visita.”

“De Beryl?”

“Mas é claro! Adorei. Acho que os três tinham ido a Nova York tratar de

negócios. Uma reunião com o agente de Beryl, provavelmente. Passaram por

Richmond, a caminho da casa deles, e aceitaram o convite para passar a noite

conosco. Quanta gentileza. Quero dizer, os Harper dormiram lá. Beryl morava em

Richmond, sabe. De noite, Joe a levou para casa. E, na manhã seguinte, foi com os

Harper até Williamsburg.”

“O que aconteceu naquela noite?”

“Deixe-me ver... eu me lembro de ter feito pernil de cordeiro. Chegaram tarde do

aeroporto, pois a companhia aérea havia perdido as malas do senhor Harper.”

Fazia quase um ano, pensei. Aconteceu antes de Beryl começar a receber as

ameaças, segundo as informações disponíveis.

“Estavam muito cansados por causa da viagem”, a sra. McTigue prosseguiu. “Mas

Joe se esforçou ao máximo. Era o anfitrião mais charmoso que já conheci.”

A sra. McTigue sabia? Poderia ter percebido, pelo modo como o marido olhava

para a srta. Harper, que ele estava apaixonado por ela?

Lembrei-me do olhar distante de Mark, no fim de nosso namoro. Já fazia tanto

tempo! Quando vi aquele olhar, entendi tudo. Foi instintivo. Compreendi que ele não

pensava mais em mim, mas recusei-me a acreditar que estivesse apaixonado por

outra pessoa, até que ele me contou.

“Kay, lamento”, ele disse quando tomamos café irlandês pela última vez, em nosso

bar favorito de Georgetown. Os floquinhos de neve caíam do céu cinzento em

espiral, e os casais radiantes caminhavam abraçados, em seus casacos de inverno e

cachecóis coloridos tricotados. “Sabe que eu a amo, Kay.”

“Mas não do mesmo jeito que eu o amo”, falei, meu coração atormentado pela dor

mais intensa que já senti.

Ele baixou os olhos. “Nunca pretendi magoar você.”

“Claro que não.”

“Sinto muito. Sinto muito.”

Sentia mesmo. Eu tinha certeza que sim. Mas isso não mudava nada, droga.

Jamais soube o nome dela nem quis saber. Não era a mulher com quem se casou,

mais tarde, a tal de Janet, que morreu. Talvez fosse tudo mentira também.

“... ele estava muito irritado.”

“Quem?”, perguntei, e meus olhos encararam a sra. McTigue novamente.

“O senhor Harper”, ela explicou, estava começando a se mostrar cansada. “Irritou-

se muito com o extravio da bagagem. Felizmente, as malas vieram no voo seguinte.”

Ela fez uma pausa. “Minha nossa. Parece que faz tanto tempo, e no entanto não faz

tanto tempo assim.”

“E quanto a Beryl?”, perguntei. “Do que se recorda, no que diz respeito a ela, na

noite em questão?”

“Todos mortos, agora.” Suas mãos continuavam cruzadas no colo, e seu rosto era

um espelho escuro, vazio. Todos mortos, menos ela; todos os convidados da temível

e deliciosa noite, fantasmas.

“Falemos sobre eles, senhora McTigue. Ainda estão conosco.”

“Tem razão”, ela disse, os olhos molhados de lágrimas.

“Precisamos da ajuda deles, e eles da nossa.”

Ela fez que sim.

“Fale mais sobre aquela noite”, insisti. “Fale sobre Beryl.”

“Beryl quase não falou. Lembro-me de que ela passou muito tempo olhando para

o fogo.”

“O que mais?”

“Aconteceu uma coisa.”

“O quê? O que aconteceu, senhora McTigue?”

“Ela e o senhor Harper pareciam descontentes um com o outro”, ela disse.

“Por quê? Discutiram?”

“Aconteceu depois que o rapaz trouxe a bagagem. O senhor Harper abriu uma das

malas e tirou um envelope contendo papéis. Não sei o que era. Mas ele bebeu

demais.”

“E então, o que houve?”

“Ele trocou palavras duras com a irmã e Beryl. Depois pegou os papéis e os

atirou ao fogo. Ele disse: ‘Eis o que eu penso disso! Lixo, lixo!’. Ou algo do

gênero.”

“Sabe o que ele queimou? Um contrato talvez?”

“Creio que não”, ela disse. “Fiquei com a impressão de que era um texto escrito

por Beryl. As páginas estavam datilografadas, e sua raiva se concentrou nela.”

A autobiografia que Beryl escrevia, pensei. Ou, talvez, um esboço, que a srta.

Harper, Beryl e Sparacino haviam discutido em Nova York, com Cary Harper, cada

vez mais enfurecido e descontrolado.

“Joe se meteu na história”, ela disse, cruzando os dedos, controlando a dor.

“E o que ele fez?”

“Ele a levou para casa. Levou Beryl Madison para a casa dela.” Ela parou,

olhando para mim apavorada. “Foi por isso que tudo aconteceu. Eu sei.”

“Por isso *o que* aconteceu?”

“Por isso eles morreram”, ela disse. “Sei disso. Senti desde o início. Foi uma

sensação pavorosa.”

“Consegue descrevê-la para mim? Pode fazer isso?”

“Por isso eles morreram”, ela repetiu. “Havia ódio demais naquela sala, naquela

noite.”

13

O hospital Valhalla situava-se numa elevação, no mundo sofisticado da comarca

de Albemarle, para onde os vínculos entre meu departamento e a universidade da

Virgínia me levavam várias vezes por ano. Embora já tivesse notado o imponente

edifício de tijolos, numa colina distante, visível da Interestadual, nunca visitara o

hospital quer por motivos pessoais quer profissionais.

O antigo hotel, frequentado por milionários e socialites, faliu durante a Depressão,

e foi comprado por três irmãos psiquiatras. Eles se dedicaram, sistematicamente, à

transformação no Valhalla numa usina freudiana, numa estância psiquiátrica onde as

famílias de posses podiam esconder seus constrangimentos e
embaraços genéticos,

seus velhos senis e garotos mal programados.

Não me surpreendi, realmente, ao saber que Al Hunt fora internado lá
na

adolescência. O que me surpreendeu foi a relutância de seu psiquiatra
em discutir o

caso. Por trás da cordialidade profissional do dr. Warner Masterson,
deparei-me com

uma muralha de evasivas capaz de quebrar as brocas das furadeiras
dos mais

tenazes inquisidores. Percebi que ele não queria falar comigo. Ele
percebeu que não

tinha escolha.

Parei numa das vagas destinadas a visitantes, no estacionamento de
pedrisco, e

entrei no saguão mobiliado no estilo vitoriano, com tapetes orientais e
cortinas

pesadas com sanefas, já um tanto puídas. Antes que eu anunciasse
minha presença

ao recepcionista, uma voz atrás de mim falou:

“Doutora Scarpetta?”

Dei meia-volta, e vi um negro alto, esguio, usando terno azul-marinho
com corte

européu. Seu cabelo começava a branquear. Tinha maçãs do rosto e
testa altas,

aristocráticas.

“Sou Warner Masterson”, disse, sorrindo cordialmente ao estender a
mão.

Quase pensei que já o conhecia, de algum congresso, quando ele me

explicou que

me reconhecera das fotografias nos jornais e do noticiário televisivo. Eu poderia

passar sem essa.

“Vamos até minha sala”, ele sugeriu sorridente. “Espero que a viagem não tenha

sido muito cansativa. Quer tomar alguma coisa? Café? Soda?”

Ele não parou de andar enquanto falava e esforcei-me ao máximo para acompanhar suas passadas largas. Uma parcela significativa da raça humana não faz

ideia do que é ter pernas curtas, e sempre acabo correndo de modo constrangedor,

atrás dos outros, como um carrinho de mão entre trens expressos. O dr. Masterson

chegou ao final de um corredor longo, acarpetado, quando finalmente teve a

delicadeza de olhar para trás. Parou na frente de uma porta, e esperou até que o

alcançasse, antes de me convidar para entrar. Acomodei-me numa poltrona, enquanto

ele se sentava atrás da mesa, e automaticamente enchia um caríssimo cachimbo de

roseira com tabaco.

“Desnecessário dizer, doutora Scarpetta”, principiou o dr. Masterson, com sua voz

contida, lenta, ao abrir uma pasta volumosa, “lamentei profundamente a morte de Al

Hunt.”

“Ela o surpreendeu?”, perguntei.

“Não totalmente.”

“Gostaria de repassar o caso dele”, falei.

Ele hesitou o bastante para que eu cogitasse em lembrá-lo de meus direitos legais

aos registros. Antes disso, porém, ele sorriu novamente, e disse, ao entregá-lo:

“Certamente”.

Abri o envelope pardo e examinei seu conteúdo, enquanto a fumaça azulada do

cachimbo enchia o ar, como madeira aromática sendo queimada. O histórico de Al

Hunt e seu exame inicial eram pura rotina. Gozava de boa saúde, ao ser admitido na

manhã de dez de abril, havia onze anos. Os detalhes do exame de sua condição

mental já davam margem a especulações.

“Estava em estado de catatonia ao ser admitido?”, perguntei.

“Extremamente deprimido, sem reagir a nada”, o dr. Masterson respondeu. “Não

soube nos dizer o motivo de sua presença aqui. Não soube nos dizer nada. Não tinha

energia emocional para responder a nenhuma pergunta. Perceberá, pelo relatório, que

não conseguimos administrar os testes Stanford-Binet, nem o mmpi, e que fomos

obrigados a aguardar um momento mais propício.”

Os resultados haviam sido arquivados. A marca de Al Hunt no teste de inteligência Stanford-Binet era de 130. Falta de inteligência não era seu mal, e disso

eu já sabia. Quanto ao *Minnesota Multiphasic Personality Inventory*, ele não se

enquadrava nos critérios de esquizofrenia ou perturbações mentais com origem

cerebral. De acordo com a avaliação do dr. Masterson, Al Hunt sofria de “alteração

esquizoide da personalidade, com elementos de personalidade limítrofe, que se

manifestaram como ataque psicótico, quando ele cortou os pulsos com uma faca de

churrasco depois de se trancar no banheiro”. Um gesto suicida, no qual os cortes

superficiais eram um grito de socorro e não uma tentativa séria de acabar com a

própria vida. A mãe o levou ao pronto-socorro mais próximo, onde foi suturado e

liberado. Na manhã seguinte o levaram ao Valhalla. Uma entrevista com a sra. Hunt

revelou que o incidente foi provocado por uma “perda de controle” do marido com

Al, durante o jantar.

“Inicialmente”, o dr. Masterson prosseguiu, “Al não participava das terapias

ocupacionais ou de grupo, nem das atividades sociais que promovemos para os

pacientes. A resposta aos medicamentos antidepressivos foi mínima, e durante as

sessões mal conseguíamos fazer com que falasse.”

Como não houve melhora na primeira semana, o dr. Masterson continuou a

explicar, chegaram a pensar em tratamento eletroconvulsivo, ou ect, o

que equivale a

religar o computador, em vez de determinar as causas da falha. Embora, no final, o

resultado possa ser uma reordenação sadia dos processos cerebrais, uma espécie de

realinhamento, os “bugs” que causaram o problema seriam inevitavelmente

esquecidos, e possivelmente perdidos para sempre. Como regra, ect não é um

tratamento aplicado a jovens.

“O ect foi ministrado?”, perguntei, ao não encontrar menção no prontuário.

“Não. Antes que optássemos por ele, na falta de alternativa viável, um pequeno

milagre ocorreu certa manhã durante o psicodrama.”

Ele parou para acender novamente o cachimbo.

“Explique como foi a sessão de psicodrama na qual ocorreu a mudança”, pedi.

“Certos procedimentos são automáticos para induzir o relaxamento, pode-se dizer.

Durante a sessão em questão, os pacientes foram enfileirados, e pedimos que

imitassem flores. Tulipas, narcisos, margaridas, o que lhes viesse à mente. Cada

pessoa assumiria o papel da flor escolhida. Obviamente, pode-se inferir muita coisa,

a partir da seleção do paciente. Al participou de uma atividade, pela primeira vez.

Agitou os braços, e baixou a cabeça.” Ele mostrou, mais parecendo um elefante do

que uma flor. “Quando o terapeuta pediu que dissesse qual era a flor, ele respondeu:

‘Violeta’.” *

Não falei nada, sentindo uma onda crescente de compaixão pelo rapaz cuja vida

recriávamos ali.

“Claro, nossa primeira reação foi presumir que se tratava de uma referência ao

que o pai pensava dele”, o dr. Masterson explicou, limpando os óculos com um

lenço. “Referências duras, zombeteiras, aos trejeitos efeminados do jovem Al, à sua

fragilidade. Mas havia muito mais.” Ele recolocou os óculos, e me encarou, com

firmeza. “Tem noção das associações de cores feitas por Al?”

“Remotamente.”

“Violeta também é uma cor.”

“Correto”, concordei.

“A cor que obtemos ao misturar o azul da depressão com o vermelho da cólera. A

cor das contusões, da dor. A cor de Al. Era a cor que radiava de sua alma, dizia.”

“Trata-se de uma cor passional”, falei. “Muito intensa.”

“Al Hunt era um jovem muito emotivo, doutora Scarpetta. Sabe que ele era

clarividente?”

“Não exatamente”, respondi, pouco à vontade.

“Seu pensamento mágico incluía clarividência, telepatia, superstições.

Desnecessário dizer, essas características surgiam com mais força em momentos de

estresse, quando ele acreditava ter a capacidade de ler o pensamento alheio.”

“E conseguia, mesmo?”

“Era muito intuitivo.” Acendeu o cachimbo outra vez. “Devo admitir que sua

percepção era válida, em muitos casos. Este era um dos problemas de Al. Ele sentia

o que os outros sentiam ou pensavam, e parecia possuir um conhecimento

apriorístico inexplicável das coisas que outros faziam ou haviam feito. A dificuldade

surgiu, como expliquei em nossa conversa telefônica, nas projeções de Al, que iam

longe demais. Ele se perdia nos outros, agitava-se, ficava paranoico, em parte

porque seu ego era muito fraco. Como a água, mostrava uma tendência para adquirir

a forma do recipiente. Para usar um lugar-comum, personalizava o universo.”

“Um modo de ser muito perigoso”, observei.

“Para dizer o mínimo. Ele está morto.”

“Está dizendo que ele se considerava empático?”

“Sem dúvida.”

“Considero isso incoerente com o diagnóstico”, falei. “As pessoas com desajustes

de personalidade em geral não sentem nada pelos outros.”

“Certo, mas o lado mágico de seu pensamento cuidava disso, doutora Scarpetta.

Al atribuía seu desajuste emocional e ocupacional à sua empatia avassaladora com

os outros. Acreditava realmente que percebia e compartilhava a dor dos outros, que

conhecia a mente alheia, como já mencionei. Na verdade, Al Hunt estava isolado

socialmente.”

“A equipe do hospital Metropolitan o descreveu como um enfermeiro muito bom,

no trato com os enfermos, quando trabalhou lá”, lembrei.

“Não me surpreende”, o dr. Masterson argumentou. “Ele era enfermeiro no setor

de convalescentes. Jamais sobreviveria ao contato com os pacientes com

enfermidades crônicas, que necessitavam de longos períodos de internação. Al era

atencioso, desde que não precisasse se envolver demais com a pessoa, desde que

não desenvolvesse um relacionamento profundo com a pessoa.”

“Isso explica por que, apesar do diploma em psicologia, ele não conseguia exercer

a psicoterapia”, conjecturei.

“Exatamente.”

“E quanto ao relacionamento com o pai?”

“Era disfuncional, abusivo”, ele respondeu. “O senhor Hunt era um sujeito duro,

dominador. Sua ideia de educar um filho era espancá-lo até a maturidade. Al

simplesmente não estava emocionalmente capacitado para suportar as pressões, as

provocações, o universo mental do pai que, segundo ele, o prepararia para a vida.

Isso o atirou nos braços da mãe, na qual sua autoimagem tornou-se cada vez mais

confusa. Creio que não haja nenhuma surpresa nisso, para a doutora. Muitos

homossexuais masculinos, doutora Scarpetta, são filhos de brutamontes que guiam

picapes, portam espingardas e colam bandeiras confederadas no para-choques.”

Pensei em Marino. Sabia que tinha um filho crescido. Nunca me ocorrera, até

aquele momento, que Marino jamais falava no filho, que vivia em algum lugar do

oeste.

Perguntei: “Está sugerindo que Al era homossexual?”.

“Estou apenas dizendo que ele era inseguro, que seus sentimentos de inadequação

o prejudicavam muito, a ponto de impedir que reagisse aos estímulos das outras

pessoas, ou seja, que mantivesse relacionamentos íntimos de qualquer natureza. Que

eu saiba, nunca manteve uma relação homossexual.” Seu rosto se manteve

inescrutável, quando ele olhou por cima da minha cabeça, tragando o cachimbo.

“O que aconteceu no psicodrama naquele dia, doutor Masterson? Qual foi o

pequeno milagre de que falou? Sua imitação de violeta? Só isso?”

“Isso rompeu a barreira”, ele disse. “Mas o milagre, se quer saber, foi um diálogo

intenso e volátil que manteve com o pai, que imaginava sentado numa cadeira vazia

no meio da sala. Conforme o diálogo se intensificou, o terapeuta percebeu o que

ocorria, sentou-se na cadeira, assumindo o papel do pai de Al. Naquela altura, Al se

envolvera tanto que parecia em transe. Não distinguia o real do imaginário, e

finalmente soltou toda a sua raiva.”

“Como ela se manifestou? Ele se tornou violento?”

“Começou a chorar descontroladamente”, o dr. Masterson respondeu.

“O que o ‘pai’ disse a ele?”

“Insultou-o, com as palavras de costume, mostrou-se crítico, disse que ele não

valia nada como homem, como ser humano. Al era hipersensível às críticas, doutora

Scarpetta. Isso explicava sua instabilidade, em parte. Ele se achava sensível aos

outros, quando, na verdade, só era sensível a si mesmo.”

“Havia um assistente social encarregado de Al?”, perguntei, continuando a

consultar os relatórios, sem encontrar registros feitos pelos terapeutas.

“Claro.”

“Quem era?” Senti falta de partes do arquivo.

“O terapeuta que acabei de mencionar”, ele retrucou, calmamente.

“O terapeuta do psicodrama?”

Ele fez que sim.

“Ainda trabalha no hospital?”

“Não”, o dr. Masterson disse. “Jim não está mais conosco...”

“Jim?”, interrompi.

Ele começou a remover o tabaco queimado do cachimbo.

“Qual é o sobrenome, e onde ele está agora?”, perguntei.

“Lamento informar que Jim Barnes faleceu em um acidente automobilístico, há

muitos anos.”

“Quantos anos?”

O dr. Masterson começou a limpar os óculos outra vez. “Suponho que há oito ou

nove anos.”

“Como aconteceu e onde?”

“Não me recordo dos detalhes.”

“Uma pena”, falei, como se o assunto não me interessasse mais.

“Devo presumir que considera Al Hunt suspeito no caso que investiga?”

“Há dois casos. Dois homicídios”, falei.

“Muito bem, então. Nos casos.”

“Para ser sincera, doutor Masterson, não cabe a mim decidir quem é suspeito ou

não. Trata-se de um problema da polícia. Meu interesse se restringe a obter

informações sobre Al Hunt, que possam ajudar a confirmar uma propensão anterior

ao suicídio.”

“Existe alguma dúvida quanto a isso, doutora Scarpetta? Ele se enforcou, certo?

Poderia ser outra coisa fora suicídio?”

“Vestia-se de modo estranho. Camisa e short de boxeador”, respondi, preferindo

os fatos. “Atitudes assim levam a especulações.”

“Pensa na possibilidade de autoasfixia erótica?” Ele ergueu a sobrancelha,

surpreso. “Uma morte acidental, ocorrida durante a masturbação?”

“Devo fazer o possível para responder a essa pergunta, caso venha a ser

formulada.”

“Entendo. Por questões relativas ao seguro. No caso da família contestar os

termos do atestado de óbito.”

“Por qualquer razão”, falei.

“Tem realmente alguma dúvida sobre o ocorrido?”, ele perguntou, franzindo o

cenho.

“Não”, respondi. “Penso que ele tirou a própria vida, doutor Masterson. Creio que

era essa a intenção do rapaz, quando ele desceu ao porão, e que possivelmente tirou

a calça quando pegou o cinto. Ele usou o cinto para se enforcar.”

“Muito bem. E talvez eu possa esclarecer outro ponto. Doutora Scarpetta, Al

nunca revelou propensão para a violência. O único indivíduo a quem prejudicou, que

eu saiba, foi ele mesmo.”

Eu acreditava nele. Acreditava também que me escondia muitas coisas, que seus

lapsos de memória e imprecisões eram deliberados. Jim Barnes,

pensei. *Jim Jim.*

“Quanto tempo Al passou internado aqui?”, perguntei, mudando de assunto.

“Quatro meses, acho.”

“Esteve internado na ala do manicômio judiciário?”

“Valhalla não tem ala de manicômio judiciário, exatamente. O setor que chamamos

de Backhall destina-se aos psicóticos, pacientes sofrendo de dt, qualquer interno que

represente perigo para si mesmo. Não recebemos criminosos insanos.”

“E Al algum dia esteve nesse setor?”, perguntei novamente.

“Nunca foi necessário.”

“Agradeço muito a atenção”, falei, ao me levantar. “Se puder me enviar uma

fotocópia desses relatórios, pelo correio, agradeço muito.”

“Providenciarei isso com o maior prazer.” Seu sorriso amplo tomou conta do

rosto, mas ele não me olhou diretamente. “Não hesite em telefonar, se eu puder ser

útil em mais alguma coisa.”

Apesar de algo me incomodar, enquanto eu o seguia pelo longo corredor, até o

saguão, meu instinto mandava que me calasse, e não perguntasse nada sobre Frankie,

nem mencionasse seu nome. Backhall. Para pacientes psicóticos ou com dt. Al Hunt

mencionara entrevistas com pacientes confinados no manicômio judiciário. Seria

tudo produto de sua imaginação ou estado perturbado? Não havia

setor assim no

Valhalla. Mas nada impedia que um paciente chamado Frankie estivesse trancado no

Backhall. Talvez Frankie, mostrando melhoras, passasse depois a uma ala diferente,

enquanto Al estivera internado em Valhalla? Talvez Frankie tivesse imaginado o

assassinato da mãe ou desejado isso?

Frankie matara a mãe com uma acha de lenha. O assassino de Cary Harper

utilizara um cano de metal.

Quando cheguei a meu escritório já estava escuro, os faxineiros haviam terminado

o serviço e partido.

Sentada à mesa, dei meia-volta para trabalhar no terminal do computador. Depois

de vários comandos, a tela âmbar surgiu na minha frente, e logo em seguida consegui

acessar o caso de Jim Barnes. Nove anos antes, no dia vinte e um de abril, ele

sofrera um acidente, sozinho no carro, na comarca de Albemarle. Causa da morte:

“ferimentos na cabeça”. A taxa de álcool no sangue era de dezoito, quase o dobro do

limite legalmente aceito, e ele usara nortriptyline e amitriptyline. Jim Barnes era um

sujeito problemático.

No escritório do analista de computadores que ficava no corredor, a máquina de

microfilme, aquela caixa arcaica, aguardava, como um Buda, consultas

em cima da

mesa. Minhas habilidades audiovisuais jamais se destacaram extraordinariamente.

Após uma busca impaciente no arquivo de microfilmes, encontrei o rolo que

procurava, e consegui, nem sei como, instalá-lo corretamente na máquina. Com as

luzes apagadas, observei o desenrolar interminável das páginas em preto e branco,

meio desfocadas. Meus olhos doíam quando encontrei o caso. O filme estalou

baixinho quando eu centralizei o relatório manuscrito na tela. Segundo a polícia, por

volta das dez e quarenta e cinco da noite, numa sexta-feira, a bmw 1973 de Barnes

seguia no rumo leste, na I-64, em alta velocidade. Quando a roda direita saiu da

pista, ele girou demais o volante, bateu na guia e o carro voou. Avançando o filme,

localizei o relatório médico preliminar. Na parte reservada aos comentários, um

certo dr. Brown anotou que a vítima fora despedida naquela tarde do hospital

Valhalla, onde trabalhava como assistente social. Segundo testemunhas, quando saiu

do Valhalla, por volta das cinco da tarde, naquele dia, estava extremamente agitado e

furioso. Barnes era solteiro e tinha apenas trinta e um anos de idade.

O nome de duas testemunhas constava do relatório médico, indivíduos que o dr.

Brown deve ter entrevistado. Um deles era o dr. Masterson, o outro,

uma funcionária

do hospital, chamada Jeanie Sample.

Muitas vezes, trabalhar num caso de homicídio significa se perder.
Qualquer

caminho que pareça remotamente promissor precisa ser trilhado. Com um pouco de

sorte, talvez uma rua secundária o leve à avenida principal. O que um assistente

social, falecido havia nove anos, poderia ter a ver com os assassinatos recentes de

Beryl Madison e Cary Harper? Todavia, senti a presença de algo, de uma pista, uma

ligação.

Não pretendia abordar a equipe do dr. Masterson, e seria capaz de apostar que ele

já alertara a todos que pudessem saber de algo. Se ligasse, seriam educados — e se

fechariam em copas. Na manhã seguinte, sábado, deixei que meu subconsciente

continuasse a trabalhar no problema, enquanto ligava para o Johns Hopkins

esperando encontrar o dr. Ismail. Ele estava de plantão e confirmou minha teoria. As

amostras retiradas do líquido no estômago de Sterling Harper, assim como seu

sangue, indicavam que ela havia ingerido levometorfano pouco antes de falecer, e o

nível fatal de oito miligramas por litro de sangue era alto demais para uma overdose

acidental. Ela cometera suicídio, e o fizera de modo a dificultar essa conclusão em

circunstâncias normais.

“Ela sabia que dextrometorfano e levometorfano apareceriam como dextrometorfano, apenas, numa análise toxicológica de rotina?”,

perguntei ao dr.

Ismail.

“Não me recordo de ter comentado isso com a senhorita Harper”, ele disse. “Mas

ela se interessava bastante pelos detalhes do tratamento e pela composição dos

medicamentos, doutora Scarpetta. É possível que tenha pesquisado o tema em nossa

biblioteca. Lembro-me que fez várias perguntas quando receitei levometorfanó pela

primeira vez. Isso ocorreu há vários anos. Como se tratava de uma droga

experimental, ela se interessou ou talvez estivesse temerosa...”

Mal consegui manter a atenção concentrada em suas palavras, enquanto ele

explicava e se justificava. Jamais conseguiria provar que a srta. Harper deixara o

frasco com remédio contra tosse onde pudesse ser facilmente encontrado de

propósito. Mas era capaz de apostar que ela havia feito isso mesmo. Resolvera

morrer com dignidade, sem se envergonhar, mas não queria morrer sozinha.

Depois que desliguei, preparei uma xícara de chá e fiquei andando pela cozinha,

parando de vez em quando para apreciar o belo dia claro de dezembro. Sammy, um

dos raros esquilos albinos de Richmond, atacava novamente meu comedouro de

pássaros. Por um momento nos encaramos, sua cara peluda a se mover

freneticamente, enquanto mastigava. As sementes voavam por entre suas patinhas, e

a cauda fofa e clara erguia-se como um ponto de interrogação contra o céu azul. Já o

conhecia do inverno anterior, quando costumava ficar à janela, observando suas

tentativas de pular do galho para o comedouro. Sempre escorregava pelo protetor em

forma de cone, e as patas se agitavam no ar, quando caía. Depois de uma série

notável de tombos no chão duro, Sammy finalmente aprendeu a se segurar. De vez

em quando eu atirava punhados de amendoins para ele, e chegara ao ponto de sentir

certa ansiedade, quando ele sumia por algum tempo. Sempre me regozijava ao revê-

lo, saltitante, para surrupiar a comida dos pássaros.

Sentei-me à mesa, na cozinha, com bloco e caneta ao alcance da mão. Telefonei

para o Valhalla.

“Jeanie Sample, por favor”, pedi, sem me identificar.

“Ela é paciente, senhora?”, perguntou a telefonista, imediatamente.

“Não, é funcionária...” expliquei, solícita. “Acho eu. Não falo com Jeanie há

anos.”

“Um momento, por favor.”

A voz feminina voltou. “Não temos registro de nenhum funcionário com esse

nome.”

Droga. Como era possível? Tentei raciocinar. O número telefônico indicado no

relatório do médico era da região do Valhalla. E se o dr. Brown cometeu um engano?

Nove anos atrás, pensei. Muita coisa pode acontecer em nove anos. A srta. Sample

poderia ter se mudado. Ou se casado.

“Desculpe”, falei. “Sample era seu nome de solteira.”

“Sabe o nome de casada?”

“Minha nossa, que horror. Acho que esqueci...”

“Jean Wilson?”

Fiz uma pausa, mostrando incerteza.

“Temos uma funcionária chamada Jean Wilson”, a voz prosseguiu.
“Ela é

terapeuta ocupacional. Pode aguardar um momento, por favor?” Desta vez, não

demorou nada. “Sim, seu sobrenome é Sample Wilson, senhora. Mas ela não trabalha

aos finais de semana. Voltará só na segunda-feira pela manhã. Gostaria de deixar um

recado?”

“Existe alguma possibilidade de entrar em contato com ela antes disso?”

“Não temos permissão para fornecer os telefones particulares dos funcionários.”

Ela começava a suspeitar de algo. “Se deixar seu nome e telefone, tentarei entrar em

contato com ela e pedir que ligue para a senhora.”

“Lamento, mas não vou ficar neste número por muito tempo.” Pensei

no que fazer,

por um momento, e minha voz soou desapontada quando acrescentei:
“Tentarei outra

vez — quando passar de novo pela cidade. Suponho que possa
escrever para o

Valhalla, para avisar”.

“Sim, senhora, como preferir.”

“E qual é o endereço daí?”

Ela o informou.

“E o nome do marido?”

Pausa. “Skip, creio.”

Muitas vezes, um apelido de Leslie, pensei. “A senhora Skip ou Leslie
Wilson”,

falei, como se anotasse. “Muito agradecida.”

Havia um Leslie Wilson em Charlottesville, segundo o auxílio à lista, e
um L. P.

Wilson, e um L. T. Wilson. Comecei a discar. O sujeito que atendeu,
quando disquei

para L. T. Wilson, disse que “Jeanie” saíra e voltaria para casa dentro
de uma hora.

Já calculava que uma voz desconhecida, a fazer perguntas pelo
telefone,

despertaria suspeitas. Jeanie Wilson ligaria para o dr. Masterson
primeiro, e isso

encerraria o assunto. Contudo, é bem mais difícil bater a porta na cara
de alguém

que aparece inesperadamente, em carne e osso. Especialmente se a
pessoa se

apresenta como médico-legista titular e mostra a identidade para

confirmar.

Jeanie Sample Wilson não aparentava ter mais de trinta anos, ao me receber de

pulôver vermelho e calça jeans. Era uma morena ativa, de olhar cordial, sardas no

nariz e cabelos longos presos em rabo de cavalo. Na sala, que vi pela porta aberta,

dois meninos pequenos assistiam desenhos na televisão sentados no carpete.

“Há quanto tempo trabalha no Valhalla?”, perguntei.

Ela hesitou. “Há uns doze anos.”

Senti tanto alívio que quase suspirei. Jeanie Wilson era funcionária do hospital, e

não somente quando Jim Barnes fora despedido, havia nove anos. Estava lá quando

Al Hunt fora internado, dois anos antes.

A moça permaneceu plantada na porta, firme. Havia apenas um carro no acesso,

além do meu. Pelo jeito, o marido havia saído. Ótimo.

“Investigo os homicídios de Beryl Madison e Cary Harper”, falei.

Seus olhos se arregalaram. “O que quer de mim? Nem os conhecia...”

“Posso entrar?”

“Claro. Desculpe. Faça o favor.”

Sentamo-nos na cozinha pequena, com piso de paviflex, mesa de fórmica e

armários de pinho, impecavelmente limpa. As caixas de sucrilhos se enfileiravam,

ordeiras, em cima da geladeira. Nos balcões, vidros enormes cheios de biscoitos,

arroz e macarrão. A máquina de lavar louça estava ligada, e senti o cheiro de bolo

assando no forno.

Pretendia enfrentar sua hesitação sendo direta. “Senhora Wilson, Al Hunt foi

internado no Valhalla há onze anos. Por algum tempo, foi suspeito dos casos em

questão. Conhecia Beryl Madison.”

“Al Hunt?”, ela repetiu, atônita.

“Lembra-se dele?”

Ela fez que não.

“Disse que trabalha no Valhalla há doze anos?”

“Onze e meio, na verdade.”

“Al Hunt foi paciente lá, há onze anos, como já disse.”

“Não me lembro desse nome...”

“Ele cometeu suicídio na semana passada”, falei.

Ela ficou mais surpresa ainda.

“Conversei com ele, pouco antes de sua morte, senhora Wilson. O assistente

social que cuidou dele faleceu num acidente automobilístico, há nove anos. Jim

Barnes. Preciso de informações a esse respeito.”

O rubor começou a subir pelo pescoço. “Acredita que o suicídio tenha alguma

ligação com Jim?”

Seria impossível responder. “Ao que consta, Jim Barnes foi demitido do Valhalla

horas antes de seu falecimento”, prossegui. “Seu nome — ou, pelo

menos, seu nome

de solteira — foi mencionado no relatório médico, senhora Wilson.”

“Houve... sabe, houve dúvidas”, ela gaguejou. “Sabe, se foi suicídio ou acidente.

Fui interrogada. Um médico, legista, não me recordo bem. Um sujeito me procurou.”

“O doutor Brown?”

“Não me lembro do nome”, ela disse.

“Por que ele queria falar com a senhora?”

“Suponho que tenha me procurado porque eu fui uma das últimas pessoas a ver

Jim em vida. Acho que o legista ligou para o hospital e Betty o passou para mim.”

“Betty?”

“Ela era recepcionista na época.”

“Preciso saber de tudo que ainda se lembra sobre a demissão de Jim Barnes”,

falei, quando ela se levantou para olhar o bolo.

Quando voltou, já se mostrava recomposta. Não parecia mais tão nervosa. Na

verdade, estava furiosa.

Ela disse: “Talvez não seja certo falar coisas ruins a respeito dos mortos, doutora

Scarpetta, mas Jim não era uma boa pessoa. Causou muitos problemas no Valhalla, e

deveria ter sido demitido muito antes”.

“Que tipo de problema ele causou no hospital?”

“Os pacientes reclamavam muito. Bem, com frequência não se pode

acreditar

neles. É difícil saber quando dizem a verdade ou mentem. O doutor Masterson e os

outros terapeutas ouviam queixas, de vez em quando, mas nada foi provado. Até

que, certa manhã, houve uma ocorrência com testemunha. Na manhã daquele dia. Do

dia em que Jim foi demitido e sofreu o acidente.”

“Essa ocorrência foi testemunhada pela senhora?”, perguntei.

“Sim.” Ela olhou para o outro lado, com a boca contraída.

“O que aconteceu?”

“Eu estava passando pelo saguão, procurava o doutor Masterson, para falar

alguma coisa, quando Betty me chamou. Ela trabalhava na recepção, com o pbx,

como eu já contei — Tommy, Clay, parem de fazer barulho!”

A gritaria na sala só aumentou, e alguém mudava os canais da televisão sem

parar.

A sra. Wilson levantou-se, irritada, para cuidar dos filhos. Ouvi o ruído surdo da

mão nos traseiros, e logo acabou a dança dos canais. Os personagens dos desenhos

atiravam uns nos outros, com metralhadoras, a julgar pelo som.

“Onde estávamos?”, ela perguntou, voltando para a cozinha.

“Falávamos de Betty”, lembrei.

“Claro. Ela me chamou, para dizer que a mãe de Jim estava na linha. Ligação

interurbana, que parecia ser urgente. Nunca soube o motivo da ligação. Betty

perguntou se eu poderia localizar Jim, e chamá-lo. Ele estava no psicodrama, que se

realizava no salão de festas. Sabe, o Valhalla tem um salão de festas, que usamos em

diversas atividades. No sábado à noite, festas e bailes. Tem até palco. Antes, o

Valhalla era um hotel. Entrei pelos fundos e, quando vi o que estava acontecendo,

mal pude acreditar.” Os olhos de Jeanie Wilson brilhavam de raiva. Ela começou a

mexer na ponta da toalha. “Fiquei ali parada, olhando. Jim estava de costas para

mim, no palco, com cinco ou seis pacientes. Estavam sentados nas cadeiras, e não

podiam ver o que acontecia com um dos pacientes. Uma moça. Seu nome era Rita.

Tinha no máximo treze anos. Rita fora violentada pelo padrasto. Nunca abria a boca,

perdera a fala com o trauma. Jim a forçava a encenar o estupro.”

“O estupro?”, perguntei, calmamente.

“Aquele filho da puta. Desculpe-me. Mas isso me revolta até hoje.”

“É compreensível.”

“Ele alegou, depois, que não estava fazendo nada de anormal. Aquele cretino era

um mentiroso de marca maior. Negou tudo. Mas eu havia testemunhado. Sabia

exatamente o que ele estava fazendo. Assumi o papel do padrasto e Rita ficou tão

ateorizada que não conseguia se mexer. Permaneceu imóvel na cadeira. Ele se

aproximou, e falou na sua orelha em voz baixa. Rita era muito desenvolvida para

seus treze anos. Ouvi tudo. Jim perguntava: ‘Ele fez assim, Rita?’. E repetia a

pergunta, enquanto a tocava. De modo malicioso, como o padrasto havia feito,

suponho. Saí correndo. Ele não percebeu que eu vira tudo, até que o doutor

Masterson o interrogou, poucos minutos depois.”

Entendi o motivo da recusa do dr. Masterson em discutir o caso de Jim Barnes

comigo. E, provavelmente, a razão para a falta de algumas páginas na pasta de Al

Hunt. Se algo do gênero se tornasse público, embora tivesse ocorrido muito tempo

antes, a reputação do hospital seria prejudicada.

“E havia suspeitas de atitudes similares, por parte de Jim Barnes, em outras

ocasiões?”, perguntei.

“Algumas queixas anteriores sugeriam isso”, Jeanie Wilson respondeu, com os

olhos alertas.

“Sempre moças?”

“Nem sempre.”

“Recebeu reclamações de pacientes masculinos?”

“De um dos rapazes. Sim. Mas ninguém as levou a sério na época. De qualquer

forma, ele tinha problemas sexuais. Fora violentado ou algo assim. O tipo adequado

para os ataques de Jim, pois ninguém acreditaria no pobre rapaz.”

“Lembra-se do nome desse paciente?”

“Minha nossa...” Ela franziu a testa. “Faz tanto tempo.” Permaneceu pensativa.

“Frank... Frankie. É isso aí. Lembro-me de que alguns pacientes o chamavam de

Frankie. Não sei o sobrenome.”

“Qual a idade dele?” Senti o coração disparar.

“Não sei. Dezesete, dezoito anos.”

“E do que mais se recorda a respeito de Frankie?”, perguntei. “É importante.

Muito importante.”

O alarme soou e ela afastou a cadeira para tirar o bolo do forno. Quando estava

em pé, aproveitou para dar uma espiada nos meninos. Voltou de testa franzida.

E disse: “Eu me recordo vagamente de que ele passou algum tempo no Backhall

quando foi admitido. Depois o transferiram para a enfermaria masculina, no segundo

andar, onde ficam os rapazes. Fazia terapia ocupacional comigo”. Ela se esforçava

para pensar, e levou o indicador ao queixo. “Era muito hábil, eu me lembro. Fazia

muitos cintos de couro, peças de latão. E adorava tricotar, o que era curioso. A

maioria dos pacientes masculinos não faz tricô, não quer nem ouvir falar nisso.

Preferem trabalhar com couro, fazer cinzeiros, essas coisas. Ele era criativo e muito

hábil. E se destacava, também, pela organização. Era obcecado com limpeza, sempre

cuidava do local de trabalho, recolhendo restos de couro do chão. Como se a falta

de asseio realmente o incomodasse.” Ela parou, erguendo os olhos para mim.

“E quando ele se queixou de Jim Barnes?”, perguntei.

“Pouco depois que Jim começou a trabalhar no Valhalla.” Ela hesitou, tentando se

lembrar. “Creio que Frankie estava no hospital havia um mês, se tanto, quando disse

algo a respeito de Jim. Creio que contou a outro paciente. Na verdade...”, ela parou,

e as sobrancelhas delicadas se arquearam, “o outro paciente se queixou ao doutor

Masterson.”

“Sabe quem era o outro paciente? O rapaz a quem Frankie se queixou?”

“Não.”

“Poderia ter sido Al Hunt? Disse que trabalhava no Valhalla havia pouco tempo.

Hunt ficou internado na primavera e no verão, há onze anos.”

“Não me lembro de Al Hunt...”

“Eles eram da mesma idade”, acrescentei.

“Isso é curioso.” Seus olhos se encheram de especulações inocentes, ao me

encarar. “Frankie tinha um amigo, outro adolescente. Lembro-me dele. Louro. O

menino era louro, muito tímido, quieto. Não me recordo do nome.”

“Al Hunt era louro”, falei.

Silêncio.

“Ai, meu Deus.”

Insisti. “Ele era quieto, tímido...”

“Ai, meu Deus”, ela repetiu. “Então aposto que era ele! Cometeu suicídio, na

semana passada, é?”

“Sim.”

“Ele falou no Jim com a senhora?”

“Ele falou em alguém chamado Jim Jim.”

“*Jim Jim*”, ela repetiu. “Minha nossa. Sei lá...”

“O que aconteceu a Frankie?”

“Não passou muito tempo lá. Um ou dois meses.”

“Voltou para casa?”, perguntei.

“Imagino que sim”, ela disse. “Aconteceu alguma coisa com a mãe dele. Creio

que morava com o pai. Frankie havia sido abandonado pela mãe quando era nenê.

Ou algo assim. Só me lembro que a situação familiar era difícil. Bem, suponho que

se possa dizer o mesmo sobre todos os pacientes do Valhalla.” Ela suspirou. “Meu

Deus. Isso é demais. Não pensei nele nesses anos todos. Frankie.” E balançou a

cabeca. “O que será que foi feito dele?”

“Não tem ideia?”

“Absolutamente nenhuma.” Ela me encarou, por um longo tempo, e começou a

entender. Pude sentir o medo surgindo em seus olhos. “Duas pessoas assassinadas.

Não acha que Frankie...?”

Não falei nada.

“Ele não era violento. Pelo menos, não enquanto eu trabalhei com ele. Era muito

meigo, na verdade.”

Ela esperou. Eu não respondi.

“Sabe, ele era muito cordial, educado e me observava atentamente. Sempre fazia

tudo que eu pedia.”

“Ele gostava da senhora, então.”

“Ele tricou um cachecol para mim. Acabei de me lembrar. Vermelho, branco e

azul. Tinha me esquecido completamente. O que será que aconteceu com o

cachecol?” Sua voz se perdeu nas lembranças. “Devo ter doado para o Exército da

Salvação ou algo assim. Não sei. Frankie tinha uma espécie de fixação por mim.”

Ela riu, nervosa.

“Senhora Wilson, poderia descrever Frankie?”

“Alto, magro, de cabelos escuros.” Ela fechou os olhos por um instante. “Faz

tanto tempo.” Olhou para mim de novo. “Ele não se destacava. Pelo que me lembro,

não era muito bonito. Sabe, eu me recordaria melhor, se fosse lindo ou

realmente

feio. Acho que era meio comum.”

“O hospital tem fotografias dele nos arquivos?”

“Não.”

Silêncio, novamente. Depois ela me olhou, surpresa.

“Ele gaguejava”, disse devagar, e depois outra vez, mais segura.

“Como?”

“Costumava gaguejar, às vezes. Quando Frankie ficava muito nervoso, ou

excitado, gaguejava.”

Jim Jim.

Al Hunt reproduzira tudo direitinho. Quando Frankie contara a respeito das

tentativas ou atos de Barnes, estaria agitado, nervoso. Poderia ter gaguejado. Sempre

gaguejaria ao mencionar o episódio de Jim Barnes ao amigo Hunt. Jim Jim!

Corri para o telefone público mais próximo, ao sair da casa de Jeanie Wilson.

Marino, o cretino, tinha saído para jogar boliche.

* Em inglês, *pansy*, além de violeta, também significa efeminado. (N. T.)

14

A segunda-feira chegou, entre nuvens que voavam rápidas pelo céu tenebroso,

envolvendo os sopés de Blue Ridge, escondendo o Valhalla. O vento balançava o

carro de Marino, e quando estacionamos no hospital os primeiros

flocos de neve,

minúsculos, aderiram ao para-brisa.

“Merda”, ele reclamou. “Só faltava essa.”

“Não vai se acumular”, falei para consolá-lo, e me encolhi quando os flocos

gelados atingiram meu rosto. Baixamos a cabeça para nos protegermos do vento e

corremos em silêncio no frio, até a entrada principal.

O dr. Masterson nos aguardava no saguão, o rosto duro como pedra por trás do

sorriso forçado. Quando os dois homens se cumprimentaram, com um aperto de mão,

olharam-se como dois gatos inamistosos e não fiz nada para aliviar a tensão, pois

cansara dos joguinhos do psiquiatra. Ele tinha informações das quais precisávamos,

e as forneceria, sem rodeios, em sua totalidade, por força de uma ordem judicial.

Poderia espernear o quanto quisesse. Sem mais delongas, nos conduziu ao escritório

e dessa vez fechou a porta.

“Bem, em que posso ajudá-los?”, perguntou, direto, ao se sentar.

“Mais informações”, falei.

“Claro. Mas, devo confessar, doutora Scarpetta”, ele falou, como se Marino não

estivesse presente, “não consigo entender o que mais eu poderia contar sobre Al

Hunt, para colaborar com suas investigações. Já consultou a ficha dele, e revelei

tudo que me lembrava...”

Marino o cortou. “É, mas estamos aqui para reavivar sua memória”, disse, tirando

o cigarro do bolso. “E não é no Al Hunt que estamos interessados.”

“Não compreendo.”

“Estamos mais interessados no amiguinho dele”, Marino falou.

“Que *amiguinho*?”, o dr. Masterson perguntou, encarando-o friamente.

“Será que o nome Frankie ajuda a refrescar a sua memória?”

O dr. Masterson começou a limpar os óculos, e concluí que era aquela sua

artimanha favorita para ganhar tempo quando precisava pensar.

“Havia um paciente aqui, adolescente, na mesma época de Al Hunt. Seu nome era

Frankie”, Marino acrescentou.

“Lamento, mas não consigo me lembrar.”

“Lamente o quanto quiser, doutor. Mas conte logo quem é Frank.”

“Temos trezentos pacientes aqui no Valhalla, sempre”, ele respondeu.

“Não posso

me lembrar de todos que estiveram aqui, em particular dos que permaneceram pouco

tempo internados.”

“Quer dizer então que o tal de Frankie não ficou muito tempo?”, Marino

perguntou.

O dr. Masterson pegou o cachimbo. Dera um passo em falso, e seus olhos traíam

toda a sua raiva. “Não quero dizer nada, tenente.” Ele começou a encher o cachimbo

de tabaco lentamente. “Mas, se pudesse fornecer mais algumas informações sobre o

paciente em questão, o jovem a quem chama de Frankie, talvez eu possa ajudá-lo.

Sabe de mais alguma coisa, além do fato de ele ser adolescente?”

Interferi. “Aparentemente, Al Hunt tinha um amigo, quando estava internado aqui,

alguém chamado Frankie. Al o mencionou, durante uma conversa comigo.

Acreditamos que o paciente tenha ficado na ala chamada Backhall, logo após sua

admissão, e depois transferido para outro andar, onde travou conhecimento com Al.

Frankie, segundo a descrição, seria alto, moreno, magro. Gostava de tricotar, um

passatempo atípico nos pacientes masculinos, creio.”

“Al Hunt contou tudo isso?”, o dr. Masterson perguntou, sem alterar a voz.

“Frankie também era obsessivamente organizado”, falei, evitando responder.

“Lamento, mas o gosto pelo tricô não costuma chamar a minha atenção”, ele

comentou, acendendo o cachimbo.

“Também se falou numa tendência para gaguejar, quando submetido a pressões”,

falei, controlando minha impaciência.

“Hummm. Talvez sofresse de embaraço fônico, e isso deve ter sido anotado em

seu diagnóstico. Poderíamos começar por aí...”

“Poderíamos começar cortando o papo furado”, Marino disse,

asperamente.

“Realmente, tenente”, o dr. Masterson o encarou, condescendente.

“Sua

hostilidade é gratuita.”

“Sei, e você acha que está com a bola toda, né? Mas posso conseguir uma ordem

do juiz, esfregá-la gratuitamente na sua cara, e levá-lo para a delegacia, preso por

cumplicidade em homicídio. Que tal?” Marino cravou os olhos nele.

“Creio que exagerou na sua atitude impertinente”, ele respondeu, com calma

enervante. “Não admito ameaças, tenente.”

“E eu não aceito ser enrolado”, Marino retrucou.

“Quem é Frankie?”, insistiu.

“Asseguro-lhe que não sei, assim de imediato”, o dr. Masterson respondeu. “Mas,

se puderem esperar alguns minutos, verei o que posso conseguir no computador.”

“Muito agradecida”, falei. “Esperaremos aqui.”

O psiquiatra mal saíra da sala quando Marino falou: “Mas que bunda-mole”.

“Marino”, falei, desanimada.

“Até parece que esta espelunca vive cheia de rapazes. Aposto que setenta e cinco

por cento dos pacientes têm mais de sessenta anos. Sabe, os jovens devem se

destacar, chamar a atenção. Ele sabe muito bem quem é o tal de Frankie, e

provavelmente sabe até o número do sapato do maluco.”

“Talvez.”

“Não tem nada de *talvez* nesta história. Já vi que o babaca está a fim de enrolar a gente.”

“Se você continuar a hostilizá-lo, só vai dificultar as coisas, Marino.”

“Foda-se.” Ele se levantou e foi até a janela, atrás da escrivaninha do dr.

Masterson. Abrindo as cortinas, ele observou a manhã desanimadora. “Fico puto da

vida quando alguém mente para mim. Juro por Deus, ponho ele em cana, se for o

caso. Tem uma coisa nesses médicos de loucos que me deixa puto. Se Jack, o

Estripador, estiver internado aqui, eles nem ligam. Continuam mentindo para a

polícia, botam o animal na cama, e dão sopinha, como se ele fosse o grande herói da

criança.” Ele parou, resmungando contrariado: “Pelo menos parou de nevar”.

Esperei até que ele se acomodasse novamente na poltrona, para dizer: “Creio que

ameaçá-lo de prisão por cumplicidade em homicídio foi um pouco de exagero”.

“Ele pulou na cadeira, não pulou?”

“Dê-lhe uma chance para salvar as aparências, Marino.”

Ele olhou emburrado para a janela fechada, fumando.

“Aposto que, a esta altura, ele já concluiu que é melhor ajudar a gente”, falei.

“É. Mas eu não gosto de ficar aqui brincando de esconde-esconde, enquanto o

Frankie maluquinho está solto na rua, aprontando, pronto para explodir, como se

fosse uma bomba-relógio.”

Pensei na calma de minha casa, na vizinhança tranquila, na corrente de Cary

Harper presa na maçaneta da porta, e na voz que sussurrou na secretária eletrônica

Você tem lindos cabelos louros. São verdadeiros ou você tinge, Kay?
Estranho.

Intrigava-me o significado daquela pergunta. Que diferença faria para ele?

“Se Frankie é o assassino que procuramos”, falei pausadamente, tomando fôlego,

“não posso imaginar nenhuma ligação entre Sparacino e esses homicídios.”

“Isso veremos”, ele resmungou, acendendo outro cigarro, enquanto mantinha os

olhos fixos na porta, contrariado.

“Como assim, veremos?”

“Uma coisa leva a outra, por incrível que pareça”, ele retrucou, enigmático.

“Como é? Que coisa leva aonde, Marino?”

Ele consultou o relógio e soltou uma praga. “Onde ele se meteu, afinal? Foi

almoçar?”

“Tomara que esteja procurando a ficha de Frankie.”

“Tomara.”

“Como é esse negócio de uma coisa leva a outra, Marino?”, perguntei novamente.

“No que anda pensando? Poderia ser mais específico, por favor?”

“Vamos dizer o seguinte”, Marino falou. “Tenho um palpite muito forte que, se não

fosse pelo maldito livro, Beryl ainda estaria escrevendo, e os três continuariam

vivos. Até Hunt estaria vivo também. Provavelmente.”

“Eu não tenho tanta certeza.”

“Claro que não. Você é objetiva demais. Mas eu acho, tá bom?” Ele me encarou,

esfregando a vista cansada e o rosto afogueado. “Tenho uma intuição, tá? Ela me diz

que Sparacino e o livro estão por trás disso tudo. Foi o que ligou o assassino a

Beryl, inicialmente, e depois uma coisa foi levando à outra. Em seguida, o maluco

matou Harper. E depois a senhorita Harper se mata, tomando comprimidos

suficientes para matar um cavalo, para não passar o resto da vida naquele casarão,

sozinha, sofrendo de câncer. Depois Hunt se pendura na viga do porão, meio

pelado.”

A fibra alaranjada, com seu corte transversal em forma de trevo, surgiu em minha

mente, junto com o original de Beryl, Sparacino, Jeb Price, o filho do senador Partin

que morava em Hollywood, a sra. McTigue e Mark. Eram membros e órgãos de um

corpo que eu não conseguia montar de volta. De algum modo inexplicável, eram a

alquimia capaz de conduzir pessoas e eventos distintos até Frankie. Marino tinha

razão. Uma coisa leva a outra. O assassinato nunca surge do vácuo. O mal sempre

vem de algum lugar.

“Tem alguma teoria, a respeito de qual possa ser *exatamente* essa ligação?”

“Não, infelizmente não tenho nenhuma”, ele retrucou, bocejando no exato

momento em que o dr. Masterson entrou na sala e fechou a porta.

Notei, com satisfação, que ele trazia uma pilha de pastas na mão.

“Muito bem”, ele disse friamente, sem encarar qualquer um de nós. “Não

encontrei ninguém chamado Frankie, e portanto presumo que se trate de um apelido.

Sendo assim, selecionei os casos por data de tratamento, idade e raça. Tenho aqui as

fichas de seis rapazes brancos, com exceção da ficha de Al Hunt. Todos estiveram

internados no Valhalla, no período que os interessa. As idades variam entre treze e

vinte e quatro anos.”

“Então que tal deixar a gente dar uma olhada, enquanto você fuma o cachimbo?”

Marino baixou a guarda, mas não muito.

“Prefiro passar apenas o histórico para garantir o sigilo, tenente. Se um deles o

interessar, examinaremos sua ficha em detalhe. Aceita?”

“Aceito”, eu falei, antes que Marino pudesse argumentar.

“O primeiro caso”, começou o dr. Masterson, abrindo a primeira pasta, “é de um

rapaz de dezenove anos, de Highland Park, Illinois, admitido em dezembro de 1978,

com um histórico de abuso de drogas — heroína, mais especificamente.” Ele virou a

página. “Um metro e oitenta e cinco, oitenta quilos, cabelos castanhos, olhos

castanhos. O tratamento durou três meses.”

“Al Hunt só foi internado no mês de abril seguinte”, expliquei ao psiquiatra. “Não

estiveram aqui na mesma época.”

“Sim, acho que tem razão. Deixei de levar em conta esse detalhe. Podemos

descartá-lo, então.” Ele colocou a pasta em cima da mesa, enquanto eu tentava

acalmar Marino, com um olhar severo. Ele estava a ponto de explodir, o rosto

vermelho como um Papai Noel.

Abrindo a segunda pasta, o dr. Masterson prosseguiu: “Temos um rapaz de catorze

anos, loiro, olhos azuis, um metro e oitenta, setenta quilos. Histórico de

distanciamento, alucinações, e foi diagnosticado como esquizofrênico do tipo

desorganizado, hebefrênico”.

“Importa-se em explicar que raio é isso?”, Marino perguntou.

“Uma esquizofrenia típica de adolescentes. Inclui maneirismos bizarros,

incapacidade de relacionamento social e comportamento esquisito.

Por exemplo”,

ele parou para virar a página, “ele saía de casa, a caminho do ponto do ônibus, mas

não aparecia na escola. Em certa ocasião, foi encontrado debaixo de uma árvore,

fazendo desenhos incoerentes no caderno.”

“Certo. E agora ele é um artista famoso e mora em Nova York”, Marino

resmungou, sarcástico. “Seu nome é Frank, Franklin, ou começa com F?”

“Não. Nem de longe.”

“Bem, quem é o próximo?”

“O próximo é um jovem de vinte e dois anos de Delaware. Cabelos ruivos, olhos

cinzentos, um metro e noventa, setenta e cinco quilos. Admitido em março de 1979,

recebeu alta em junho. Segundo o diagnóstico, sofria de síndrome delusória

orgânica. Os fatores adicionais eram epilepsia do lobo temporal e histórico de abuso

de cannabis. As complicações incluíam disforia e tentativa de autocastração, ao

reagir a um trauma.”

“O que quer dizer disforia?”

“Ansiedade, agitação, depressão.”

“Isso aconteceu antes de ele tentar virar soprano?”

O dr. Masterson estava começando a perder as estribeiras e ninguém poderia

culpá-lo.

“Próximo?”, Marino disse, como um sargento autoritário.

“O quarto caso envolve um rapaz de dezoito anos, cabelos pretos, olhos

castanhos, um metro e oitenta e cinco, setenta quilos, admitido em maio de 1979.

Diagnosticado como esquizofrênico, do tipo paranoico. Seu histórico”, ele folheou a

pasta, depois pegou o cachimbo, “inclui raiva e ansiedade difusas, com dúvidas

quanto à identidade sexual, e um temor evidente de ser classificado de homossexual.

A manifestação da psicose aparentemente se deve à abordagem, por um

homossexual, no vestiário masculino...”

“Pode parar por aqui”, Marino o interrompeu, antes que eu pudesse fazê-lo.

“Vamos falar mais sobre esse caso. Quanto tempo ele passou no Valhalla?”

O dr. Masterson acendeu o cachimbo. Examinou a ficha, meticulosamente, antes

de responder: “Dez semanas”.

“Coincide com o período de internação de Hunt”, Marino disse.

“Correto.”

“Então, ele foi abordado no vestiário masculino e perdeu o cabaço? O que

aconteceu depois? Que psicose é essa?”

O dr. Masterson virava as páginas. Ajeitando os óculos, ele respondeu: “Um

episódio alucinatório com delírios de grandeza. Ele acreditava que Deus o mandava

fazer certas coisas”.

“Que coisas eram essas?”, Marino inclinou-se para a frente, na poltrona.

“Não há nada específico nos registros, exceto que ele falava de modo bizarro.”

“E ele era esquizofrênico paranoico?”, Marino perguntou.

“Sim.”

“Poderia definir isso melhor? Quais são os outros sintomas?”

“Em termos clássicos”, o dr. Masterson respondeu, “existem manifestações

típicas, que incluem mania de grandeza, ou alucinações pomposas. Pode haver

frustração invejosa, relações interpessoais extremadas, tendência a discussões

intermináveis e, em alguns casos, violência.”

“De onde ele era?”, perguntei.

“Maryland.”

“Merda”, Marino resmungou. “Morava com os pais?”

“Morava apenas com o pai.”

Falei: “Tem certeza de que era paranoico e não indiferenciado?”.

A distinção era importante. Os esquizofrênicos do tipo indiferenciado costumam

se comportar de modo muito desorganizado. Em geral, não possuem a capacidade de

premeditar crimes e evitar suas consequências. O elemento que procurávamos era

suficientemente organizado para planejar e executar com sucesso seus crimes, e

escapar depois à prisão.

“Tenho certeza absoluta”, o dr. Masterson respondeu. Após uma pausa, ele

acrescentou, calmamente: “O primeiro nome do paciente é Frank. Interessante”. E

depois me passou a pasta. Marino e eu a folheamos rapidamente.

Frank Etham Aims, ou Frank E. Daí o “Frankie”, imaginei. Deixou o Valhalla no

final de julho de 1979, e pouco depois, segundo anotações feitas pelo dr. Masterson

na época, Aims fugiu de sua casa em Maryland.

“Como sabe que ele fugiu de casa?”, Marino perguntou, olhando para o

psiquiatra. “Como sabe o que aconteceu com ele, depois que saiu deste hospício?”

“O pai dele telefonou. Estava muito preocupado”, o dr. Masterson disse.

“E então?”

“Infelizmente, eu não podia fazer mais nada. Nem ninguém. Frank era maior de

idade, tenente.”

“Lembra-se se alguém se referia a ele como ‘Frankie?’”, perguntei.

Ele fez que não.

“E quanto a Jim Barnes? Seria ele o assistente social encarregado de Frank?”,

perguntei.

“Sim”, o dr. Masterson disse, relutante.

“Frank Aims foi abordado por Jim Barnes?”, perguntei.

Ele hesitou. “Houve uma denúncia.”

“De que tipo?”

“Denúncia de natureza sexual, doutora Scarpetta. E, pelo amor de Deus, estou

colaborando ao máximo. Espero que levem isso em consideração.”

“Peraí”, Marino falou. “Estamos levando tudo em consideração, tá legal? Ninguém

vai soltar um release para a imprensa com essa história, entendeu?”

“Então Frank conhecia Al Hunt?”, prossegui.

O dr. Masterson hesitou novamente, e seu rosto contraiu-se. “Sim. Al formulou as

acusações.”

“Na mosca”, Marino murmurou.

“O que quer dizer exatamente com isso? De que maneira Al formulou as

acusações?”, perguntei.

“Ele procurou uma terapeuta”, o dr. Masterson explicou, adotando um tom

defensivo. “Ele também conversou comigo, durante uma de nossas sessões. Frank

foi questionado, mas recusou-se a discutir o assunto. Ficou muito nervoso, bravo, e

se fechou completamente. Eu não poderia fazer nada, tendo somente as declarações

de Al como base. Sem a corroboração de Frank, as acusações não tinham

consistência.”

Marino e eu permanecemos em silêncio.

“Lamento”, o dr. Masterson disse, e já nem tentava esconder seu nervosismo.

“Não posso colaborar, no que diz respeito ao paradeiro de Frank. Não sei de mais

nada. O pai dele entrou em contato comigo pela última vez há uns sete ou oito

anos.”

“E qual foi o motivo para esse contato?”, perguntei.

“O senhor Aims precisava falar comigo.”

“Para quê?”

“Queria saber se eu tinha ideia de onde estava Frank.”

“E tinha?”, Marino indagou.

“Nenhuma”, o dr. Masterson respondeu. “Nunca mais ouvi uma palavra sequer

sobre Frank, lamento.”

“O que o senhor Aims queria pedir, caso mantivesse algum contato com Frank?”,

fiz a pergunta decisiva.

“Ele queria encontrar o filho, e esperava que eu pudesse ajudá-lo. A mãe havia

morrido. A mãe de Frank.”

“Quando ela morreu... E o que aconteceu?”, perguntei.

“Em Freeport, no Maine. Desconheço as circunstâncias específicas.”

“Morte natural?”, perguntei.

“Não”, o dr. Masterson disse, evitando olhar para nós. “Tenho quase certeza de

que não foi morte natural.”

Marino não tardou em localizar a ocorrência. Ligou para a polícia de

Freeport, no

Maine. De acordo com os registros, no final de tarde de 5 de janeiro de 1983, a sra.

Wilma Aims foi espancada até a morte por um “assaltante” que se encontrava dentro

de sua casa, quando ela voltou das compras no supermercado. Tinha quarenta e dois

anos quando faleceu, era uma senhora miúda, com olhos azuis e cabelos louros

tingidos. O caso nunca foi resolvido.

Eu não tinha a menor dúvida sobre a identidade do tal assaltante. Nem Marino.

Ele disse: “Quer dizer, então, que Hunt era mesmo clarividente, né? Sabia que

Frank mataria a mãe. Pois isso aconteceu muito tempo depois da passagem dos dois

malucos pelo hospício”.

Observávamos as estripulias do esquilo Sammy, em volta do comedouro de

pássaros. Quando Marino me deixou em casa, na volta do hospital, eu o convidei

para entrar e tomar um café.

“Tem certeza de que Frank não trabalhou no lava-rápido de Hunt nos últimos

anos?”, perguntei.

“Não me lembro de nenhum Frank, ou Frankie Aims, na lista de empregados”, ele

disse.

“Ele pode muito bem ter trocado de nome.”

“Provavelmente fez isso mesmo, se matou a mãe. Temendo que a polícia o

procurasse.” Marino pegou a xícara de café. “Nosso problema é a falta de uma

descrição recente. Além disso, locais como o Masterwash têm alta rotatividade.

Gente contratada e despedida todos os dias. Os caras trabalham alguns dias, uma

semana, um mês. Tem ideia de quantos rapazes altos, magros e morenos passaram

por lá? Dava para fazer uma lista telefônica.”

Estávamos tão perto, e tão longe. Era de enlouquecer. “As fibras combinam com

um lava-rápido”, falei, frustrada. “Hunt trabalhava no lava-rápido frequentado por

Beryl, e provavelmente conhecia o assassino. Entende o alcance disso, Marino? Hunt

sabia que Frankie matara a mãe, pois Hunt e Frankie devem ter mantido contato,

depois que saíram de Valhalla. Frankie pode ter trabalhado no lava-rápido de Hunt,

recentemente. É possível que Beryl tenha atraído a atenção de Frankie, quando levou

o carro dela para lavar.”

“Eles têm trinta e seis empregados. Só onze não são negros, doutora. E, entre os

onze brancos, há seis mulheres. Restam, então, cinco sujeitos. Três deles são

menores de vinte anos, e portanto teriam oito ou nove anos quando Frankie esteve

em Valhalla. Não se encaixam no perfil. Os outros três também não,

por motivos

diversos.”

“Que motivos diversos?”, perguntei.

“Foram contratados nos últimos meses, e não trabalhavam lá quando Beryl

começou a levar o carro. Sem mencionar que a descrição não bate. Um dos caras é

ruivo, outro era nanico, quase tão baixo quanto você.”

“Obrigada pela parte que me toca.”

“Continuarei a investigar”, disse, desviando a vista do comedouro de pássaros,

quando o esquilo Sammy nos encarou com seus olhos rosados. “E quanto a você?”

“Qual é o problema comigo?”

“Seu pessoal sabe que ainda trabalha no departamento?”, Marino perguntou.

Ele me olhava de modo estranho.

“Está tudo sob controle”, falei.

“Não acredito, doutora.”

“Pode ficar tranquilo.”

“Acho que você está facilitando demais”, Marino insistiu, incapaz de me dar

sossego.

“Ficarei afastada do trabalho mais alguns dias”, expliquei com firmeza. “Preciso

localizar o original de Beryl. Ethridge exige isso. E precisamos saber o que há no

texto. Talvez seja a ligação de que tanto fala.”

“Então lembre-se das precauções necessárias”, ele disse, afastando-se da mesa.

“Estou tomando muito cuidado”, garanti.

“Nenhum sinal dele?”

“Nada”, confirmei. “Nenhum telefonema. Não apareceu. Nada.”

“Bem, gostaria de lembrar que o estilo dele não era ligar para Beryl todos os dias.”

Não precisava que ele me lembrasse. E não queria retomar aquela velha

discussão. “Se ele ligar, direi simplesmente, ‘Alô, *Frankie*, como vão as coisas?’.”

“Ei. Isso não é brincadeira.” Ele parou no vestíbulo, e deu meia-volta. “Você está

brincando, certo?”

“Claro”, sorri, dando um tapinha nas costas dele.

“Falo sério, doutora. Não faça nada do gênero. Se ouvir a voz dele na secretária

eletrônica, não atenda...”

Marino gelou quando abri a porta, os olhos arregalados de terror.

“*Put a merda...*” Ele parou na entrada da casa, sacou o revólver e começou a

procurar, como um louco.

Fiquei assustada demais para falar, olhando para a rua, onde o inverno dava lugar

ao calor infernal.

O ltd de Marino parecia uma fogueira na noite escura. As chamas dançavam,

subiam em direção à lua crescente. Agarrei Marino pela manga, e o puxei para

dentro de casa, bem na hora em que uma sirene soou ao longe, e o tanque de

gasolina explodiu. As janelas da sala se acenderam, quando uma bola de fogo se

ergueu no céu e incendiou os arbustos no quintal.

“Meu Deus”, gritei, quando a luz se apagou.

A silhueta enorme de Marino perambulava pelo carpete, como um touro furioso a

ponto de atacar, enquanto ele gritava pelo rádio.

“Filho da puta! Filho da puta!”

Livre-me de Marino pouco depois que os destroços incinerados de seu querido

carro foram recolhidos, na traseira de um caminhão. Ele insistiu, queria passar a

noite em minha casa. Argumentei que as viaturas estacionadas em frente bastariam.

Ele insistiu para que eu fosse dormir num hotel, mas eu me recusei a sair. Marino

tinha seus destroços para acompanhar, e eu os meus. A rua em frente e o jardim

estavam uma desgraça. O andar de baixo foi tomado por um odor fétido. A caixa de

correspondência, na calçada, parecia um fósforo queimado. Perdi meia dúzia de

arbustos e várias árvores. E, apesar de apreciar a preocupação de Marino, queria

ficar sozinha.

Passava da meia-noite. Eu me despia, à luz de velas, quando o telefone

tocou.

Ouvi a voz de Frankie, como um gás venenoso a entrar em meu quarto,

contaminando o ar que eu respirava, invadindo a intimidade de meu lar, de meu

privilegiado refúgio.

Sentada na beira da cama, fixei os olhos na secretária eletrônica, sentindo a bile

subir à garganta, e o coração disparado dentro do peito.

“... gostaria de ter ficado, para apreciar melhor. Foi impressionante, Kay? Não foi

o máximo? Não gosto quando recebe outros homens na sua casa. Agora você já

sabe. Agora você já sabe.”

A secretária eletrônica parou, e a luz indicativa de existência de mensagem

começou a piscar. Fechando os olhos, comecei a respirar fundo, pausadamente,

enquanto meu coração batia forte, e as sombras criadas pela vela oscilavam

silenciosas na parede. Como uma coisa dessas podia acontecer comigo?

Eu sabia o que devia fazer. A mesma coisa que Beryl Madison havia feito. Talvez

experimentasse o mesmo medo que a invadiu ao sair do lava-rápido, com o coração

riscado na porta. Minhas mãos tremiam violentamente quando abri a gaveta da mesa

de cabeceira, para pegar a lista telefônica. Assim que fiz as reservas, liguei para

Benton Wesley.

“Acho isso imprudente, Kay”, ele disse, acordando no ato. “Não faça isso. De

jeito nenhum. Escute, Kay...”

“Não tenho escolha, Benton. Só queria que alguém soubesse. Pode informar

Marino, se desejar. Mas não interfira. Por favor. O original...”

“Kay...”

“Preciso encontrá-lo. E aposto que está lá.”

“Kay! Não está raciocinando direito!”

“Entenda!” Levantei a voz. “O que devo fazer? Esperar até que o filho da mãe

resolva arrombar minha porta ou explodir meu carro? Se eu ficar aqui, vou acabar

morrendo. Ainda não percebeu isso, Benton?”

“Você tem sistema de alarme. E uma arma. Ele não conseguiria explodir seu carro,

se estivesse dentro. Sabe, Marino ligou. E me contou o que aconteceu. Já

descobriram que alguém encharcou um trapo com gasolina, e o colocou no tanque.

Encontraram as marcas de arrombamento. Ele estourou a tampa do tanque e...”

“Puxa vida, Benton, você não está me ouvindo...”

“Espere. Por favor, me escute, Kay. Providenciarei a cobertura, destacarei alguém

para ficar em sua casa, está bem? Uma de nossas agentes...”

“Boa noite, Benton.”

“Kay!”

Desliguei, e não atendi quando ele ligou, em seguida. Escutei seus protestos na

secretária eletrônica, atordoada. O sangue pulsava no pescoço, enquanto as imagens

voltavam à minha mente. Imagens do carro de Marino, fumegante, enquanto a água

descrevia um arco, do hidrante até os destroços que chiavam, na porta da minha

casa. Quando descobri o corpinho carbonizado no final do acesso, entendi tudo. O

tanque de gasolina do carro de Marino devia ter explodido no exato momento em

que o esquilincho Sammy corria desesperado pelo cabo de força. Apavorado, ele

pulou, para se proteger. Por uma fração de segundo, suas patas tocaram

simultaneamente no transformador aterrado e na linha primária. Vinte mil volts de

eletricidade passaram por seu corpo minúsculo, e o torraram, antes que o fusível

queimasse.

Com a pá, coloquei-o numa caixa de sapato e enterrei-o no jardim, perto das

roseiras. A ideia de ver o corpinho enegrecido, pela manhã, era insuportável.

A luz ainda faltava quando terminei de fazer as malas. Desci, tomei conhaque e

fumei até parar de tremer, com a Ruger no balcão do bar, brilhando sob a luz da

lanterna. Não deitei. Não olhei para os estragos no jardim, quando saí

correndo pela

porta, com a mala batendo na perna, água suja salpicando meu tornozelo, a caminho

do carro. Ao percorrer a rua deserta, não vi um único carro de polícia por perto.

Quando cheguei ao aeroporto, pouco depois da uma da manhã, segui direto para o

toalete feminino e tirei o revólver do bolso. Removi as balas e o guardei na mala.

15

Passei pela plataforma de acesso e desembarquei ao meio-dia no ensolarado

aeroporto internacional de Miami. No saguão, parei para comprar o *Herald* e tomar

um café. Encontrei uma mesa escondida pela palmeira cultivada num vaso, tirei o

casaco e arregacei as mangas. Estava ensopada, o suor escorria pelas costas e

axilas. Os olhos ardiam, por conta da falta de sono, a cabeça doía, e o que descobri,

ao abrir o jornal, não ajudou nada. No canto esquerdo inferior da primeira página

topei com uma fotografia espetacular dos bombeiros apontando as mangueiras para o

carro incendiado de Marino. Acompanhando o formidável espetáculo da água a

jorrar, fumaça densa e árvores pegando fogo no meu jardim, havia a seguinte

reportagem:

carro de polícia explode

Os bombeiros de Richmond lutam contra o incêndio que consumiu o carro de um tenente da divisão de

homicídios, numa rua pacata de um bairro residencial. O Ford ltd estava vazio quando explodiu na noite

passada. Não houve feridos. Suspeita-se de incêndio criminoso.

Pelo menos não havia referência à proprietária da casa onde Marino estacionara o

carro, graças a Deus. Mesmo assim, minha mãe veria a foto e tentaria entrar em

contato comigo. “Gostaria que voltasse a morar em Miami, Kay. Richmond é um

lugar terrível. E o prédio do departamento de medicina legal daqui é novo, e tão

lindo, Kay — parece coisa de cinema”, diria. Estranho, mas minha mãe nunca

pensava que ocorriam mais homicídios, tiroteios, conflitos com traficantes,

explosões de violência racial, estupros e assaltos em meu bairro latino do que na

Virgínia inteira, num ano.

Telefonaria para minha mãe mais tarde. Pedi perdão a Deus, mas não me sentia

em condições de falar com ela, no momento.

Apanhei minhas coisas, apaguei o cigarro e mergulhei na confusão de roupas

tropicais, sacolas das lojas *duty-free* e idiomas estrangeiros que caracterizavam a

área de retirada das bagagens, apertando a bolsa contra o peito para protegê-la.

Só consegui relaxar depois de algumas horas, percorrendo a ponte Seven Mile no

carro alugado. Conforme seguia para o sul, tendo o golfo do México de um lado, e o

Atlântico do outro, tentei me lembrar da última vez em que estivera em Key West.

Nas ocasiões em que Tony e eu visitáramos minha família em Miami, nunca

pensamos nesse passeio. Tinha quase certeza de que fora até lá com Mark pela

última vez.

Sua paixão por praias, mar e sol era recompensada pela natureza. Caso existisse o

favorecimento de uma criatura em detrimento de outra, Mark recebera a dívida.

Nem me lembrava mais do ano, nem do local para onde fomos, na ocasião em que

passamos uma semana com minha família. Só me lembro, com clareza, de seu calção

de banho branco e folgado, e do calor de suas mãos quando segurava as minhas,

durante as caminhadas na areia fria, úmida. Recordo-me da brancura assombrosa de

seus dentes, contrastando com a pele bronzeada, e surpresa e alegria indisfarçável de

seus olhos, enquanto procurava dentes de tubarão e conchas, e eu sorria, protegida

pelo chapéu de aba larga. Mais do que tudo, lembro-me de amar um jovem chamado

Mark James, mais do que acreditava ser possível amar qualquer coisa neste mundo.

O que havia mudado nele? Era difícil para mim acreditar que ele passara para o

lado do inimigo, como julgava Ethridge. Mas não me restava opção senão aceitar

isso. Mark sempre fora mimado. Ele se julgava capaz de tudo, por ser o lindo filho

de um casal maravilhoso. As alegrias do mundo encontravam-se ali para que as

desfrutasse. Mesmo assim, nunca se comportara de modo desonesto. Nem agira com

crueldade. Nem mesmo posso afirmar que era menos condescendente com os menos

afortunados do que consigo mesmo, ou manipulador em relação às pessoas

vulneráveis ao seu charme. Seu único pecado era não ter me amado o bastante. Do

ponto de vista distante de minha maturidade, podia até perdoá-lo por isso. Mas

jamais perdoaria sua desonestidade. Nunca poderia perdoar sua decadência, até se

tornar um homem inferior àquele que eu havia respeitado e adorado. Não poderia

perdoá-lo por não ser mais *Mark*.

Passei o Hospital Naval, na us-1, e acompanhei a linha da costa, em curva suave,

pelo bulevar North Roosevelt. Logo estava mergulhando no labirinto de ruas de Key

West, procurando Duval. O sol pintava as ruas estreitas de branco, e as sombras das

folhagens tropicais agitadas pela brisa dançavam no pavimento. Contra o céu azul

que se estendia até o infinito, palmeiras e mognos imensos estendiam seus ramos

verdejantes sobre lojas e casas, enquanto as primaveras e os hibiscos enfeitavam

calçadas e varandas de vermelho e roxo. Lentamente, cruzei pessoas de sandálias e

short, e um desfile interminável de motocicletas. Havia poucas crianças, e um

número desproporcional de homens.

O La Concha era um Holiday Inn alto, cor-de-rosa, com áreas abertas e plantas

tropicais exuberantes. Não encontrara dificuldades em reservar um apartamento, pois

a temporada mesmo só começava depois da terceira semana de dezembro. Mas, ao

deixar o carro no estacionamento meio vazio, e entrar no saguão quase deserto, não

pude deixar de pensar no que Marino dissera. Jamais vira tantos casais do mesmo

sexo na vida, e estava claro que, debaixo da aparência saudável daquela pequena

ilha na costa, corria um rio de doença. Bastava olhar para qualquer lado e veria

homens morrendo. Não temia pegar hepatite ou Aids, pois aprendera em meu

trabalho, havia muito, a lidar com a questão teórica das doenças endêmicas.

Tampouco me incomodava com homossexuais. Quanto mais envelhecia, mais

acreditava que o amor se apresenta de diversas formas. Não existe um jeito certo ou

errado de amar; só de expressá-lo.

Quando o recepcionista devolveu meu cartão de crédito, pedi que me

mostrasse o

caminho dos elevadores, e subi, meio tonta, para meu apartamento no quinto andar.

Tirei a roupa, fiquei só de calcinha e sutiã, deitei na cama e dormi catorze horas

seguidas.

O dia seguinte apresentou-se glorioso como o dia anterior, e eu saí vestida como

qualquer turista, exceto pelo Ruger carregado na bolsa. Por minha conta, escolhera

uma missão difícil: encontrar, entre os trinta mil habitantes da ilha, dois homens

conhecidos apenas como pj e Walt. Sabia, pelas cartas escritas por Beryl, no final de

agosto, que eram amigos dela, e viviam na mesma pousada onde se hospedara. Não

fazia a menor ideia da localização ou do nome da pousada, mas rezava para que

alguém no Louie's pudesse ajudar.

Caminhei, levando comigo o mapa comprado na loja de lembranças do hotel.

Seguia a Duval, passando por lojas e restaurantes com balcões protegidos por

balaustradas, que lembravam o bairro francês de Nova Orleans. Passei artistas de

rua, com seus quadros, e butiques de plantas exóticas, sedas e chocolates Perugina.

Parei num cruzamento, para observar os vagões amarelos vistosos da Conch Tour

Train que passavam. Comecei a entender por que Beryl Madison não queria mais

sair de Key West. A cada passo, a presença ameaçadora de Frankie se desvanecia

mais e mais. Quando dobrei à esquerda na South Street, ele não passava de uma

lembrança tão remota quanto o tempo chuvoso de Richmond em dezembro.

Louie's era um restaurante de fachada branca, montado numa antiga residência, na

esquina da Vernon com Waddell. O assoalho de madeira brilhava, sem uma única

mancha, e as mesas cobertas de toalhas cor de pêssego estavam impecáveis,

decoradas com flores lindas, viçosas. Segui o garçom até o outro lado do salão com

ar-condicionado, e sentei-me num terraço, onde maravilhei-me com as tonalidades de

azul da água que se encontrava com o céu. Havia palmeiras e vasos pendurados,

com plantas exuberantes que balançavam no ar perfumado pelo mar. O oceano

Atlântico começava praticamente a meus pés, e alguns veleiros coloridos estavam

ancorados a pouca distância. Pedi um rum com tônica, pensei nas cartas de Beryl, e

imaginei se estaria sentada no mesmo lugar onde as redigira.

Clientes ocupavam a maioria das mesas. Eu me sentia deslocada em relação aos

outros, naquela mesa de canto. Quatro degraus, à minha esquerda, conduziam a um

deque amplo, onde um pequeno grupo de moças e rapazes descansavam

descontraídos, de maiô, ao lado do bar. Observei um moço moreno, esguio, de sunga

amarela, jogar a ponta do cigarro na água, e depois se levantar e espreguiçar

languidamente. Ele seguiu até o barman barbudo, para pedir mais uma rodada de

cerveja. O senhor barbudo se movia com a pachorra de quem já se cansara da

atividade.

Bem depois de terminar a salada e uma sopa de mariscos, vi que o grupo de

jovens descia alguns degraus e pulava na água com alarde. Nadavam em direção aos

barcos ancorados. Paguei a conta e aproximei-me do barman. Ele estava reclinado

numa cadeira, sob a cobertura de sapé, lendo um livro.

“O que vai beber?”, perguntou, erguendo-se sem muito entusiasmo, depois de

guardar o livro sob o balcão.

“Será que vocês vendem cigarros aqui?”, perguntei. “Não vi nenhuma máquina lá

dentro.”

“Temos estes aqui”, ele disse, apontando para um expositor com poucas marcas.

Escolhi uma.

Bati o maço no balcão do bar, paguei o absurdo de dois dólares que ele pediu, e

deixei mais cinquenta centavos de gorjeta, que ele recolheu sem entusiasmar-se.

Seus olhos eram verdes, inamistosos, o rosto marcado por muitos anos

de sol, e a

barba negra, por alguns fios brancos. Parecia hostil, calejado. Suspeitei que morava

em Key West havia muito tempo.

“Importa-se se eu fizer uma pergunta?”, falei.

“Acho que não. Aliás, já fez.”

Sorri. “Tem razão. E gostaria de fazer outra. Há quanto tempo trabalha aqui no

Louie’s?”

“Quase cinco anos.” Ele pegou um pano e começou a limpar o balcão.

“Então deve ter conhecido uma moça que vinha muito aqui, conhecida como

Straw”, perguntei, recordando-me que Beryl não utilizara seu nome, e sim o apelido.

“Straw?” Ele repetiu, sem parar de lustrar o balcão.

“Era apelido. Loura, magra, muito bonita, e vinha ao Louie’s quase todas as tardes

no verão passado. Costumava escrever em uma das mesas.”

Ele parou de esfregar e fixou os olhos duros em mim. “Ela é alguma coisa sua?

Amiga?”

“Ela é minha paciente.” Disse a única coisa que não provocaria sua retração e que

não era uma mentira descarada.

“É mesmo?” As sobrancelhas grossas se ergueram. “Paciente, é? Quer dizer que é

médica?”

“Isso mesmo.”

“Bem, agora não pode mais fazer muita coisa por ela, doutora, lamento informar.”

Ele voltou para a cadeira, e recostou, atento.

“Sei disso”, falei. “Sei que está morta.”

“É, fiquei chocado quando soube. A polícia esteve aqui, algum tempo depois,

dando um aperto na gente. Vou lhe dizer a mesma coisa que o pessoal daqui disse.

Ninguém sabe de nada sobre o que aconteceu a Straw. Ela era uma moça discreta,

uma dama. Costumava sentar-se ali.” Ele apontou para uma mesa vazia, não muito

distante daquela que eu ocupara. “Sempre escolhia aquela mesa, e ficava lá,

cuidando da própria vida.”

“Alguém aqui a conhecia bem?”

“Claro.” Ele deu de ombros. “Todo mundo tomava umas e outras com ela.

Gostava de Corona com limão. Mas não posso dizer que o pessoal a conhecia

intimamente. Quero dizer, duvido que alguém possa dizer de onde ela vinha, exceto

que era de um lugar frio.”

“Richmond, na Virgínia”, falei.

“Sabe”, ele prosseguiu, “muita gente passa por aqui. Key West é um lugar do tipo

viva e deixe viver. Não faltam futuros artistas. Straw não era diferente dos outros —

só que a maioria não acaba assassinada. Que merda.” Ele coçou a barba, e balançou

a cabeça de um lado para outro, lentamente. “É difícil de imaginar. Fiquei muito

abalado.”

“Restam muitas questões insolúveis”, falei, acendendo o cigarro.

“Ei, por que você fuma? Pensei que os médicos soubessem que isso faz mal.”

“Trata-se de um vício nojento e pernicioso. Sei disso muito bem. E gostaria que

preparasse um rum com tônica, pois também gosto de beber. Barbancourt, com um

pedacinho de limão, por favor.”

“Quatro anos, oito, qual deles prefere?” Ele desafiava meus conhecimentos de

bebidas finas.

“Vinte e cinco anos, se tiver.”

“Sem chance. O único jeito de conseguir um vinte e cinco anos é nas ilhas.

Gostoso que dá vontade da gente chorar.”

“Então ponha o melhor que tiver aí”, falei.

Ele apontou para uma garrafa na prateleira, que eu conhecia bem, cor de âmbar,

com cinco estrelas no rótulo. Rum Barbancourt, envelhecido quinze anos no barril,

do mesmo tipo que a garrafa que encontramos no armário da cozinha de Beryl.

“Está perfeito”, falei.

Sorrindo, subitamente enérgico, ele se levantou da cadeira, e suas mãos rápidas,

hábeis como as de um malabarista, mediram o líquido haitiano

dourado, sem precisar

de um dosador. Acrescentou um pouco de tônica. Para o *grand finale*, ele cortou

com perfeição uma fatia de limão, que parecia ter sido colhido no pé, naquele

minuto, e a espremeu na bebida, antes de esfregar a casca na borda do copo. Limpou

as mãos na toalha que levava na cintura da calça Levi's desbotada, colocou um

guardanapo sobre o balcão e apresentou sua obra de arte. Sem dúvida, foi o melhor

rum com tônica que tomei na vida. Fiz questão de dizer isso a ele.

“Este é por conta da casa”, ele falou, recusando a nota de dez dólares em minha

mão estendida. “Qualquer médica que fuma e conhece rum merece um drinque.”

Puxando seu maço da parte inferior do balcão, acendeu um cigarro, também.

“Sabe de uma coisa”, ele disse, apagando o fósforo, “ando cansado de ouvir

besteira sobre os males do fumo e de tudo. Entende o que quero dizer? As pessoas

fazem a gente parecer um bandido. Quanto a mim, acho melhor viver e deixar viver.

É o meu lema.”

“Sim, sei exatamente o que quer dizer”, falei, enquanto ele tragava com força,

ansioso.

“Sempre querem condenar a gente por alguma coisa. Pela comida, pela bebida,

pelo namorado.”

“Muitas pessoas são moralistas e implicantes”, falei.

“Amém.”

Sentando-se novamente à sombra da prateleira cheia de bebidas, ele me olhou. Eu

sentia o sol a bater na cabeça. “Então, você era a médica da Straw. O que está

tentando descobrir, posso saber?”

“Muitas ocorrências, anteriores à sua morte, são muito confusas”, expliquei.

“Espero que os amigos dela possam me ajudar a esclarecer alguns detalhes...”

“Espere um pouco”, ele interrompeu, aprumando-se na cadeira. “Você disse que é

médica. Mas que tipo de medicina...”

“Eu a examinei...”

“Quando?”

“Depois que ela morreu.”

“Putá merda. Quer dizer que é papa-defunto?”, ele perguntou, incrédulo.

“Sou patologista forense.”

“Legista?”

“Isso mesmo.”

“Puxa, por essa eu não esperava.” Ele me examinou de alto a baixo. “Nunca teria

adivinhado.”

Fiquei sem saber se aquilo era um elogio ou não.

“Eles sempre mandam — como falou, mesmo? — uma patologista

forense como

você, sabe, para descobrir essas coisas?”

“Ninguém me mandou. Vim por minha própria conta.”

“Por quê?”, ele perguntou, e seus olhos se encheram de suspeitas.

“Veio de muito

longe.”

“Fiquei revoltada com o que aconteceu a ela. Muito.”

“Quer dizer que a polícia não mandou você?”

“A polícia não tem autoridade para me *mandar* a lugar nenhum.”

“Boa”, ele riu. “Gostei dessa.”

Tomei um gole.

“Um bando de grossos. Acham que são os filhos do Rambo.” Ele apagou o

cigarro. “Chegaram aqui usando luvas de borracha. Meu Deus. Como acha que

nossos fregueses reagiram? Falaram com Brent, um dos garçons. Ele está morrendo,

sabe, e o que eles fizeram? Os filhos da mãe colocaram máscaras cirúrgicas, e

ficaram a três metros da cama, como se ele sofresse de tifo, enquanto o

interrogavam. Juro por Deus, se eu soubesse qualquer coisa, sobre o que aconteceu

a Beryl, não diria uma palavra.”

A menção ao nome dela me acertou, como um gancho de esquerda. Quando

nossos olhares se cruzaram, percebi que ele se deu conta da importância do que

acabara de dizer.

“Beryl?”, repeti.

Ele se reclinou na cadeira, em silêncio.

Insisti. “Sabia que o nome dela era Beryl?”

“Como já falei, a polícia entrou aqui fazendo um monte de perguntas, falando

nela.” Desconfortável, ele acendeu outro cigarro, sem conseguir me encarar. Meu

amigo do bar era um péssimo mentiroso.

“Eles falaram com você?”

“Não. Saí de fininho quando percebi o que estava acontecendo.”

“Por quê?”

“Já disse, não gosto da polícia. Tenho um Barracuda desde que era garoto. Está

caindo aos pedaços. Por algum motivo, sempre implicam comigo. Vivem me

multando. Chegam de Ray-ban e escopetas, como se fossem astros de uma série de

tevé.”

“Você já sabia o nome dela quando a polícia esteve aqui”, afirmei calmamente.

“Sabia que ela se chamava Beryl Madison, muito antes da visita da polícia.”

“E daí, se eu soubesse? Grande coisa.”

“Ela não contava o nome para ninguém”, falei energicamente. “Não queria que

ninguém soubesse quem ela era. Não dizia o nome às pessoas. Pagava tudo com

dinheiro vivo, para evitar o uso do cartão de crédito, do talão de cheque, de qualquer

coisa que pudesse identificá-la. Estava aterrorizada. Fugia. Não queria morrer.”

Ele me encarava de olhos arregalados.

“Por favor, conte o que sabe. Por favor. Sei que era amigo dela.”

Ele se levantou, sem dizer nada, e deu a volta no balcão do bar. De costas para

mim, começou a recolher as garrafas vazias e outras coisas deixadas na mesa pelos

jovens.

Tomei meu drinque em silêncio, olhando através dele, para o mar. Ao longe, um

rapaz bronzeado içava uma vela azul-escura, aprontando-se para velejar. As

palmeiras assobiavam sob a brisa, e um labrador preto dançava ao longo da praia,

brincando com as ondas.

“Zulu”, murmurei distraidamente, olhando para o cachorro.

O barman parou de limpar a mesa, e ergueu os olhos para mim. “O que disse?”

“Zulu”, repeti. “Beryl mencionou Zulu e seus gatos numa das cartas. Ela disse que

os animais de rua comiam melhor que muita gente, no Louie’s.”

“Que cartas?”

“Ela escreveu muitas cartas quando estava aqui. Encontramos cópias no quarto

onde foi morta. Disse que as pessoas se transformaram em sua família. Pensava que

este era o lugar mais lindo do mundo. Gostaria que nunca tivesse voltado para

Richmond. Ganharia muito mais, ficando aqui.”

A voz saía como se não fosse minha, e minha visão se enevoava. Sono de menos,

estresse demais e o rum se uniam em meu corpo. O sol parecia secar o pouco

sangue que irrigava meu cérebro.

Quando o barman finalmente retornou a seu posto, sob a cobertura de sapé, falou,

contendo a emoção: “Não sei em que poderia ajudar. Mas acertou, Beryl e eu

éramos amigos”.

Voltei-me para ele, dizendo: “Obrigada. Sempre penso que era amiga dela,

também. Que *sou* amiga dela ainda”.

Ele baixou os olhos, constrangido. Mas deu para perceber que seu rosto se

suavizava.

“A gente não consegue mais distinguir quem é legal de quem não é”, ele

comentou. “Hoje em dia, fica muito difícil, muito mesmo.”

O significado de suas palavras, lentamente, venceu meu cansaço. “Passou alguém

aqui, perguntando por Beryl, que não era legal? Além da polícia? Além de mim?”

Ele abriu uma Coca.

“Passou alguém? Quem?”, repeti, subitamente assustada.

“Não sei o nome do cara.” Ele tomou um gole do refrigerante. “Bem-

apessoado.

Jovem, vinte e poucos anos. Moreno. Roupas finas, óculos elegantes. Parecia ter

saído de um filme. Já faz algumas semanas. Disse que era detetive particular ou algo

assim.”

O filho do senador Partin.

“O sujeito queria saber onde Beryl morou enquanto esteve por aqui”, ele disse.

“E você contou?”

“Que nada, nem falei com ele.”

“*Alguém* contou?”, insisti.

“Difícilmente.”

“Por que, dificilmente? E você, vai me dizer seu nome?”

“Difícilmente, porque ninguém mais sabia, exceto eu e um amigo meu. E direi

meu nome, se me disser o seu.”

“Kay Scarpetta.”

“Prazer em conhecê-la. Meu nome é Peter. Peter Jones. Meus amigos me chamam

de pj.”

pj morava a duas quadras do Louie’s, numa casinha completamente escondida

pela mata tropical. A folhagem era tão densa que cheguei a duvidar se encontraria a

casa de pintura descascada, não fosse o Barracuda estacionado na frente. Bastou

olhar para o carro para entender o motivo das constantes batidas

policiais no

veículo. A coisa parecia um grafite suburbano. Tala larga, aerofólios, traseira

erguida e pintura caseira com as cores e motivos alucinados dos anos 1960.

“Não é uma beleza?”, pj perguntou, acariciando o capô, emocionado.

“É do além”, falei.

“Tenho este carro desde os dezesseis anos.”

“E deve ficar com ele para sempre”, falei com sinceridade, ao me abaixar para

vencer o matagal e segui-lo até a área escura na sombra.

“Não repare”, ele se desculpou, destrancando a porta. “Só tem um quarto extra e o

banheiro em cima. Beryl ficou lá. Qualquer dia desses vou acabar alugando o quarto

de novo. Mas costumo ser muito seletivo, em matéria de inquilinos.”

A sala era um depósito de mobília velha, com sofá e poltrona exageradamente

estofados, e revestidos em tons horríveis de rosa e verde. Várias luminárias, feitas

com objetos estranhos, como conchas e corais, espalhavam-se pelo local. Uma mesa

de centro parecia feita com uma porta antiga de carvalho. Por toda a parte havia

cocos pintados, estrelas-do-mar, jornais, sapatos e latas de cerveja. O ar úmido

cheirava a podridão.

“Como Beryl ficou sabendo que você pretendia alugar o quarto?”, perguntei, ao

me acomodar no sofá.

“No Louie’s”, ele explicou, acendendo várias lâmpadas. “Passou algumas noites

no Ocean Key ao chegar. Um hotel muito bacana na Duval. Ela deve ter percebido

que precisava economizar um pouco, se quisesse passar algum tempo aqui.” Ele

sentou na poltrona exageradamente estofada. “Foi na terceira vez em que apareceu

no Louie’s para almoçar, creio. Pediu uma salada, como sempre, e ficou lá sentada

olhando o mar. Não trabalhou em nenhum texto no começo. Ficava lá, sentada, só

isso. Estranhei sua atitude. Quero dizer, ela passava horas e horas por lá. A tarde

inteira. Finalmente, como já disse, na terceira vez em que ela apareceu no Louie’s,

aproximou-se do bar, encostou no parapeito, e ficou olhando a paisagem. Senti pena

dela, creio.”

“Por quê?”, perguntei.

Ele deu de ombros. “Parecia tão desamparada. Ou deprimida, sei lá. Dava para

notar. Comecei a conversar com ela, portanto. Não foi nada fácil, pode crer.”

“Não era fácil chegar até ela”, concordei.

“Ela evitava muita conversa. Tentei me mostrar cordial, perguntando algo simples,

como ‘É a sua primeira visita?’ ou ‘De onde você é?’. Coisas do gênero. Em geral,

ela nem respondia. Era como se eu nem estivesse ali. Indaguei a respeito de suas

preferências em matéria de bebida. Começamos a conversar sobre os mais diversos

tipos de drinques. Isso a relaxou. Em seguida, ofereci alguns por conta da casa. Os

preferidos dela. Primeiro um Corona com um tico de limão, que a deixou louquinha.

E depois o Barbancourt, como esse que preparei para você. Muito especial,

mesmo.”

“Sem dúvida, você fez com que ela relaxasse bastante”, comentei.

Ele sorriu. “É, você entendeu bem. Servi tudo bem forte. Começamos a jogar

conversa fora, sobre mil coisas, e não demorou para ela perguntar sobre um quarto

para alugar, aqui perto. Foi então que eu falei sobre o quarto vago em minha casa, e

a convidei para conhecê-lo. Poderia passar lá mais tarde, se quisesse. Era domingo,

e sempre saio cedo aos domingos.”

“Ela o procurou naquela mesma noite?”

“O que realmente me surpreendeu. Calculei que ela não apareceria. Mas veio sim,

encontrou o endereço sem problemas. Walt já estava em casa. Costuma ficar na

praça, vendendo suas tralhas, até escurecer. Quando voltava para cá, conversávamos

e tomávamos um drinque, nós três. Logo passamos a sair para a cidade velha e

acabávamos no Sloppy Joe's. Sendo escritora, e coisa e tal, ela delirou, não parava

mais de falar em Hemingway. Era uma figura ímpar, essa moça, pode acreditar.”

“Walt vendia joias de prata”, falei. “Na praça Mallory.”

“Como sabe disso?”, pj perguntou, surpreso.

“Pelas cartas de Beryl”, falei.

Seu olhar se perdeu, por um momento, melancólico.

“Ela também mencionou o Sloppy Joe's. Afeiçoou-se bastante a você e a Walt.”

“Sim, nós três éramos imbatíveis na cerveja.” Ele recolheu uma revista no chão, e

a atirou em cima da mesa de centro.

“Talvez fossem seus únicos amigos.”

“Beryl era demais.” Ele olhou para mim. “Demais. Nunca tinha conhecido alguém

assim antes e provavelmente jamais conhecerei. Quando a gente ultrapassa a

muralha em torno dela, descobre uma figura ímpar. Inteligente pra danar”, ele

repetiu, recostando a cabeça na poltrona com os olhos fixos na pintura descascada

do forro. “Adorava ouvi-la falar. Dizia coisas assim.” Ele estalou os dedos. “De um

jeito que eu nunca poderia, mesmo que passasse anos pensando no assunto. Minha

irmã é igual. Professora em Denver. Ensina inglês. Nunca fui muito rápido com as

palavras. Antes de trabalhar no bar, fiz muitas coisas com as mãos. Construção. Fui

pedreiro, carpinteiro. Aprendi até cerâmica, e quase morri de fome. Vim para cá por

causa de Walt. Imagine, nós nos conhecemos no Mississippi. Numa rodoviária,

acredita? Começamos a conversar, fomos juntos para Louisiana. Meses depois,

viemos para cá. É estranho.” Ele me encarou. “Sabe, já faz quase dez anos. E eu só

tenho esta porcaria de casa.”

“Ainda tem muita vida pela frente, pj”, falei com ternura.

“É.” Ele fechou os olhos, com o rosto virado para o teto.

“Onde está Walt, agora?”

“Lauderdale, pelo que eu soube.”

“Lamento muito”, falei.

“Acontece. O que se vai fazer?”

Permanecemos em silêncio por um momento, até que resolvi arriscar.

“Beryl estava escrevendo um livro, no período que passou aqui.”

“Sim, quando não saía para se divertir, com nós dois, trabalhava no maldito livro.”

“O livro desapareceu”, falei.

Ele não reagiu.

“O tal detetive particular que você mencionou, e outras pessoas também, estão

muito interessados no livro. Já deve saber disso. Aposto que sabe.”

Ele permaneceu em silêncio, de olhos fechados.

“Você não tem motivos para acreditar em mim, pj, mas espero que me escute com

atenção”, prossegui, em voz baixa. “Preciso encontrar o original do

livro que Beryl

estava escrevendo aqui. Creio que não o levou de volta a Richmond, quando saiu de

Key West. Pode me ajudar nisso?”

Abrindo os olhos, ele me encarou. “Com todo o respeito, doutora Scarpetta, caso

eu pudesse, por que deveria? Por que quebraria uma promessa?”

“Prometeu a ela que jamais revelaria onde estava o original?”, perguntei.

“Não importa. Eu perguntei primeiro.”

Respirei fundo, e olhei para o carpete puído, cor de ouro velho, debaixo do meu

pé. Recostei no sofá.

“Não sei de nenhum motivo que justifique a quebra de uma promessa a um amigo,

pj”, falei.

“Droga. Não perguntaria, se não tivesse uma boa razão.”

“Beryl lhe contou sobre ele?”, perguntei.

“Sobre o filho da mãe que costumava ameaçá-la?”

“Sim.”

“Claro. Eu sabia de tudo.” Ele se levantou, subitamente. “Não sei se me

acompanha, mas vou tomar uma cerveja.”

“Aceito”, falei, consciente da importância de valorizar sua hospitalidade, embora

preferisse não beber. Ainda estava tonta do rum.

Retornando da cozinha, ele me passou uma garrafa suada de Corona geladíssima,

com uma rodela de limão na borda. Estava deliciosa.

pj sentou-se e começou a falar novamente. “Straw, quero dizer, Beryl, acho que

posso chamá-la de Beryl, também estava apavorada. Para ser honesto, não me

surpreendi quando soube do ocorrido. Sabe, fiquei revoltado. Mas não surpreso.

Bem que a preveni, e a pedi para ficar. O aluguel que se danasse, poderia ficar de

graça. Walt e eu, bem, pode parecer gozado, mas ela virou uma espécie de irmã para

nós. Aquele filho da mãe me ferrou também.”

“Como é?”, perguntei, surpresa com sua raiva repentina.

“Foi quando Walt partiu. Logo depois que soubemos de tudo. Sei lá. Ele mudou.

Walt mudou. Não posso dizer que a morte dela foi o único motivo. Tínhamos nossas

diferenças. Mas aquilo o abalou. Ele se afastou, não conversava mais. Depois, um

dia, ele partiu. Foi embora e pronto.”

“Quando aconteceu? Faz algumas semanas, depois que a polícia foi ao Louie’s e

contou?”

Ele fez que sim.

“Isso me ferrou também, pj”, falei. “Me ferrou totalmente.”

“O que quer dizer? Como isso ferrou você? No máximo, trouxe alguns probleminhas.”

“Estou vivendo o mesmo pesadelo de Beryl.” Quase não consegui dizer isso.

Ele tomou um gole de cerveja, fixando os olhos em mim.

“Agora mesmo estou fugindo... suponho que pelas mesmas razões que a levaram a

fugir.”

“Cara, você está me fundindo a cuca”, ele disse, sacudindo a cabeça.
“Do que

está falando?”

“Viu a fotografia na primeira página do *Herald* esta manhã?”,
perguntei. “A

fotografia de um carro de polícia incendiado em Richmond?”

“Claro”, respondeu, intrigado. “Sim, eu me lembro.”

“Aconteceu na frente da minha casa, pj. O policial estava na sala,
conversando

comigo, quando o carro foi incendiado. E não foi a primeira coisa
ruim que

aconteceu. Sabe, ele está atrás de mim também.”

“Quem, pelo amor de Deus?”, perguntou, embora eu imaginasse que
ele já sabia.

“O mesmo sujeito que matou Beryl”, falei, com imensa dificuldade. “O
homem

que assassinou o mentor de Beryl, Cary Harper, de quem já deve ter
ouvido falar.”

“Muitas vezes. Merda. Não acredito nisso.”

“Por favor, me ajude, pj.”

“Não sei se posso.” Profundamente incomodado, ele se levantou da
poltrona e

começou a andar pela sala. “Por que o porco está atrás de você?”

“Ele sofre de delusão. Ou delírios invejosos. É um obcecado. Paranoico

esquizofrênico. Odeia qualquer pessoa ligada a Beryl. *Não sei por quê, PJ.* Mas

preciso descobrir quem ele é. Preciso encontrá-lo”, falei.

“Não sei quem é o sujeito. Ou onde pode achá-lo, caramba. Se soubesse, eu

mesmo o pegaria e arrancaria sua cabeça.”

“Preciso do original, pj”, falei.

“E o que a porra do livro tem a ver com tudo isso?”, ele protestou.

Contei-lhe tudo. Falei de Cary Harper e da corrente com medalhão. Dos

telefonemas e das fibras, e da autobiografia que Beryl estava escrevendo. Contei

que me acusavam de tê-la roubado. Revelei o que podia dos casos, sentindo que o

medo aumentava. Jamais, na vida inteira, discutira os detalhes de um caso com

alguém, exceto policiais ou advogados envolvidos. Quando terminei, pj saiu da sala

silenciosamente. Quando voltou, trazia uma mochila do tipo militar que deixou em

meu colo.

“Pronto”, ele disse. “Jurei por Deus que jamais faria isso. Sinto muito, Beryl”, ele

murmurou. “Sinto muito.”

Abri a aba de lona, e retirei com cuidado as quase mil páginas digitadas, cheias de

anotações manuscritas, e quatro disquetes de computador presos por elásticos.

“Ela nos pediu para não entregar a ninguém, se lhe acontecesse algo ruim. Eu

prometi.”

“Muito obrigada, Peter. Deus o abençoe”, falei, e depois fiz meu último pedido.

“Beryl alguma vez falou em alguém chamado ‘M’?”

Ele parou, tenso, e olhou para a cerveja.

“Quem é essa pessoa, você sabe?”

“Mim”, ele disse.

“Não entendo.”

“Ela escrevia cartas para si mesma. ‘Para Mim’”, ele explicou.

“As duas cartas que encontramos”, falei. “Aqueles que estavam no chão do

quarto, quando foi morta, e mencionavam você e Walt, eram endereçadas a ‘M’.”

“Eu sei”, ele disse, fechando os olhos.

“Como sabe?”

“Deduzi isso, quando você falou em Zulu e nos gatos. Sabia que tinha lido as

cartas. Foi quando percebi que você era legal, que não estava me enrolando.”

“Então você leu as cartas também?”, murmurei. “As duas que encontramos eram

fotocópias.”

“Ela queimou tudo”, ele disse, respirando fundo, empertigado.

“Mas não queimou o livro.”

“Não. Ela me disse que não sabia para onde iria em seguida, ou o que faria se ele

ainda estivesse por lá, esperando para pegá-la. Depois telefonaria, dizendo para onde

remeter o livro. Caso eu não recebesse notícias dela, deveria guardá-lo, e jamais

entregar o material para quem quer que fosse. Ela não ligou, sabe. Ela nunca ligou,

porra.” Ele limpou a face, virada para o outro lado. “O livro era sua esperança, sabe.

Sua esperança de viver.” E, com voz embargada, acrescentou: “Ela nunca deixou de

ter esperanças. Achava que tudo acabaria bem”.

“O que ela queimou, exatamente, pj?”

“O diário”, ele respondeu. “Creio que pode chamá-lo assim. Cartas que escrevia

para si mesma. Disse que era sua terapia e que ninguém deveria ver as cartas. Eram

particulares, continham os pensamentos mais íntimos. No dia anterior à sua partida,

ela queimou todas as cartas, menos aquelas duas.”

“As duas que eu vi”, falei num sussurro. “Por quê? Por que ela não queimou as

duas cartas?”

“Porque desejava deixá-las para nós.”

“Como recordação?”

“Isso mesmo”, ele disse, estendendo o braço para pegar a cerveja, depois de

esfregar os olhos para limpar as lágrimas. “Um pouquinho dela, um registro de seus

pensamentos enquanto ficou aqui. No dia anterior à partida, ela queimou o restante,

depois saiu e tirou cópias das duas que sobraram. Guardou as cópias, e nos deu os

originais, disse que isso ia nos *amolgar*, foi a palavra que usou. Nós três

continuaríamos unidos em pensamento, enquanto conservássemos as cartas.”

Antes de sair, virei-me e o abracei, para demonstrar minha gratidão.

Voltei para o hotel, ao crepúsculo. As palmeiras contrastavam com uma faixa de

fogo, no poente. A multidão avançava, barulhenta, pela Duval, a caminho dos bares,

e o ar encantado se enchia de música, risos e luzes. Caminhei com facilidade, leve,

levando a mochila no ombro. Pela primeira vez, em várias semanas, eu me sentia

contente, quase eufórica. Estava totalmente despreparada para o que encontrei em

meu quarto de hotel.

16

Não me recordava de ter deixado as luzes acesas, mas presumi que a faxineira se

esquecera de apagá-las, depois de trocar a roupa de cama e esvaziar os cinzeiros. Já

havia trancado a porta, e cantarolava, quando passei pelo banheiro e me dei conta de

que não estava sozinha.

Mark, sentado perto da janela, deixara uma pasta aberta no chão, ao lado da

poltrona. Naquele instante de hesitação, quando meus pés não sabiam em que

direção seguir, seus olhos cruzaram com os meus, numa súplica muda, enchendo

meu coração de emoção e terror.

Pálido, usando terno de inverno, ele parecia ter chegado do aeroporto naquele

momento. O saco para os ternos estava ao lado da minha cama. Se ele possuísse um

contador Geiger mental, certamente a mochila o faria estalar feito louco. Sparacino o

enviara. Pensei na Ruger, na bolsa, mas sabia que jamais conseguiria apontar uma

arma para Mark James, e apertar o gatilho, se fosse o caso.

“Como consegui entrar aqui?”, perguntei, secamente, paralisada.

“Sou seu marido”, ele disse, tirando a chave do quarto do bolso, para mostrá-la.

“Seu filho da puta”, sibilei, o coração batendo alucinadamente.

Seu rosto ficou lívido. Ele desviou o olhar. “Kay...”

“Meu Deus. Seu filho da puta!”

“Kay. Vim para cá por ordem de Benton Wesley. Por favor.” Ele se levantou.

Eu o observei, silenciosa e atônita, enquanto tirava uma garrafa de bolso de

uísque da mala. Passou por mim, a caminho do bar, e começou a encher os copos

com gelo. Seus movimentos eram lentos e deliberados, como se tentasse evitar ao

máximo que eu me enfurecesse mais ainda. Ele parecia exausto.

“Já comeu?”, perguntou, estendendo o copo.

Sem responder, passei por Mark e larguei a mochila e a bolsa em cima da

cômoda, descuidadamente.

“Estou morrendo de fome”, ele disse, desabotoando o colarinho e removendo a

gravata. “Puxa, acho que troquei umas quatro vezes de avião. Não como nada, fora

amendoim, desde o café da manhã.”

Não falei nada.

“Já pedi o nosso jantar”, prosseguiu, calmamente. “Estará disposta a comer,

quando chegar.”

Aproximando-se da janela, ele olhou para as nuvens cinzentas arroxeadas pelo

crepúsculo que pairavam sobre as ruas da cidade velha de Key West. Mark puxou a

poltrona, tirou os sapatos e apoiou as pernas na cama.

“Quando você estiver pronta para as explicações, me avise”, ele disse, girando o

gelo no copo.

“Não posso acreditar em nada que você me diga, Mark”, respondi friamente.

“Muito justo. Fui contratado para viver contando mentiras. E me tornei um craque

nisso.”

“Sim”, concordei, “tornou-se um craque mesmo. Como me encontrou? Não

acredito que Benton tenha lhe contado. Ele não sabe onde estou hospedada e deve

haver uns cinquenta hotéis nesta ilha, fora as pousadas.”

“Está certo. Sei disso muito bem. Mas bastou um telefonema, para localizá-la”,

ele disse.

Derrotada, sentei-me na cama.

Do bolso do paletó ele tirou um folheto dobrado e o passou para mim.

“Parece

familiar?”

Era o mesmo guia que Marino encontrara no quarto de Beryl. Uma fotocópia fora

incluída no processo. O mesmo guia que eu estudara inúmeras vezes. O mesmo que

consultara, havia duas noites, quando decidi vir para Key West. Um lado listava

restaurantes e locais para visitação e compras. O outro continha um mapa de ruas,

rodeado de anúncios, inclusive o deste hotel, o que me levava a escolhê-lo.

“Benton conseguiu me localizar ontem, depois de várias tentativas”, ele

prosseguiu. “Estava muito preocupado, disse que você havia viajado para cá.

Resolvemos localizá-la, então. Creio que existe uma fotocópia do folheto de Beryl

na pasta do caso. Ele presumiu que você também tirara uma cópia para seu arquivo.

Concluímos que poderia ter usado a sugestão de hospedagem.”

“Onde conseguiu isso?” Entreguei-lhe o folheto.

“No aeroporto. Este era o único hotel que anunciava seus serviços no folheto.

Liguei para cá. Havia uma reserva em seu nome.”

“Tudo bem. Eu daria uma péssima fugitiva.”

“De dar dó.”

“Foi daí mesmo que tirei a ideia, se quer saber”, admiti furiosa.

“Repassei a

papelada de Beryl tantas vezes que me lembrei do folheto. Procurei o anúncio do

Holiday Inn na Duval. Suponho que me chamou a atenção, pois imaginei que

pudesse ter se hospedado aqui, quando chegou a Key West.”

“Ela se hospedou?” Ele levantou o copo.

“Não.”

Quando ele se ergueu para encher os copos, alguém bateu à porta, e meu coração

disparou ao ver que Mark sacava uma pistola nove milímetros do coldre oculto pelo

paletó. Apontando para cima, ele espiou pelo olho mágico, e guardou a arma para

abrir a porta. Nosso jantar havia chegado, e quando Mark pagou a moça, com

dinheiro vivo, ela sorriu e disse: “Muito obrigada, senhor Scarpetta. Espero que

goste do filé”.

“Por que disse que era meu marido?”, perguntei.

“Posso dormir no chão. Mas você não vai ficar sozinha”, ele respondeu,

colocando os pratos cobertos na mesa perto da janela. Abriu a garrafa de vinho, tirou

o paletó e o jogou em cima da cama. Depois deixou a pistola em cima da cômoda,

perto da mochila, ao alcance da mão.

“Um monstroengo, mas talvez seja meu único amigo”, comentou, cortando o filé.

“Por falar nisso, suponho que tenha trazido o 38 provavelmente na mochila.” Ele

olhou para a mochila, em cima da cômoda.

“Está na bolsa para sua informação”, gaguejei, ridícula. “E como pode saber que

eu tenho um 38?”

“Benton me contou. Também disse que conseguiu recentemente um porte de arma,

e presumiu que não iria a lugar nenhum sem seu revólver atualmente.” Ele

experimentou o vinho, dizendo: “Nada mal”.

“E Benton lhe contou o número do meu vestido também?”, perguntei, forçando

meu estômago a comer, apesar de sua relutância.

“Ele não precisava me contar isso. Ainda usa quarenta, e está tão em forma

quanto na época de Georgetown. Melhorou, na verdade.”

“Gostaria imensamente que parasse de se comportar como um cavalheiro filho da

puta, e me diga como descobriu o nome de Benton Wesley, e por que se reúne tantas

vezes com ele para falar a meu respeito.”

“Kay.” Ele baixou o garfo, e me encarou. “Conheço Benton há muito mais tempo

que você. Ainda não entendeu? Preciso anunciar tudo com um luminoso de néon?”

“Sim. Escreva tudo em letras imensas, no céu, Mark. Pois nem sei no que devo

acreditar. Não tenho a menor ideia de quem você é, hoje em dia. Não confio em

você. Na verdade, estou morrendo de medo de você, neste momento.”

Recostando na poltrona, o rosto mais sério do que nunca, ele disse:
“Kay, sinto

muito. Lamento que tenha medo de mim e não confie no que digo. Faz sentido, pois

pouquíssima gente no mundo tem ideia de quem eu sou, e há momentos que nem eu

mesmo sei direito. Não podia contar antes. Mas agora acabou”. Ele fez uma pausa.

“Benton foi meu professor na Academia, muito antes que você o conhecesse.”

“Você é *agente* do fbi?”, perguntei, incrédula.

“Sim.”

“É nada”, falei, agitada. “Mentira!” *Não vou acreditar em você desta vez, droga!*

Levantando-se, sem dizer uma única palavra, ele seguiu até o telefone e discou.

“Venha cá”, ordenou, olhando para mim.

E passou o aparelho.

“Alô?” Reconheci a voz imediatamente.

“Benton?”, perguntei.

“Kay? Está tudo bem?”

“Mark está aqui”, respondi. “Ele me encontrou. Está tudo bem, Benton.”

“Graças a Deus. Você está em boas mãos. Ele vai explicar tudo.”

“Sem dúvida. Obrigada, Benton. Até logo.”

Mark pegou o telefone da minha mão e desligou. Quando voltamos para a mesa,

ele passou muito tempo olhando para mim, antes de falar novamente.

“Deixei de exercer a profissão de advogado quando Janet morreu. Até hoje não

sei bem por que, Kay, mas já não importa. Trabalhei em Detroit, por algum tempo, e

depois comecei a atuar disfarçado. A história de trabalhar em Orndorff & Berger foi

inventada.”

“Não vai me dizer que Sparacino também trabalha para o fbi, não é?”, falei, e

tremia.

“Claro que não”, ele retrucou, desviando o olhar.

“Em que ele está envolvido, Mark?”

“Os crimes menores incluem estelionato contra Beryl Madison, fraude em direitos

autorais de diversos clientes. E, como eu já havia dito, ele a manipulava, jogando-a

contra Cary Harper, para provocar escândalo e conseguir publicidade — como, aliás,

já fizera antes, em várias oportunidades.”

“Então o que me disse em Nova York era verdade?”

“Nem tudo, com certeza. Não poderia contar tudo.”

“Sparacino sabia que eu ia a Nova York?” Aquela dúvida me atormentara por

semanas a fio.

“Sim, eu armei tudo, para obter mais informações, e manipulá-la, para que

conversasse com ele. Sabia que jamais concordaria com um encontro. Portanto,

ofereci-me para entregá-la de bandeja.”

“Meu Deus”, murmurei.

“Pensei que tudo estivesse sob controle. Pensei que não desconfiasse de mim, até

chegarmos ao restaurante. Ali, deduzi que tudo estava indo por água abaixo”, Mark

prosseguiu.

“Por quê?”

“Porque ele havia mandado alguém me seguir. Sabia que o filho de Partin era um

de seus espões. Paga suas contas com isso, nos intervalos das pontas em novelas,

comerciais de tevê e anúncios de cuecas. Obviamente, Sparacino suspeitava de

mim.”

“Por que enviar Partin? Ele não sabia que você reconheceria o rapaz?”

“Sparacino nem desconfiava que eu conhecia Partin”, ele disse. “Bem, interessa é

que, ao ver Partin no restaurante, concluí que Sparacino o enviara para garantir que

eu ia mesmo me encontrar com você, e verificar minhas intenções, assim como ele

mandou o tal de Jeb Price para vasculhar sua sala.”

“Vai me dizer que Jeb Price também era um ator morto de fome?”

“Não. Nós o prendemos em Nova Jersey na semana passada. Ele não vai

incomodar ninguém, por um bom tempo.”

“E suponho que sua amizade com Diesner, em Chicago, também não passava de

mais uma mentira”, falei.

“Conhecia sua fama. Mas nunca havia sido apresentado ao sujeito.”

“E suponho que sua visita a Richmond também não passou de armação, certo?”

Lutava contra as lágrimas.

Enchendo as taças de vinho, ele respondeu: “Eu não estava voltando de carro de

D.C. Chegara de Nova York de avião. Sparacino queria que eu conseguisse algumas

informações. Tudo o que pudesse sobre o assassinato de Beryl”.

Tomei um pouco de vinho e, em silêncio, por um momento, tentei recuperar a

compostura.

Depois perguntei: “Ele está envolvido na morte dela de algum modo, Mark?”.

“No início, isso me preocupou”, ele respondeu. “No mínimo, o joguinho de

Sparacino com Harper fora longe demais. Harper poderia ter perdido o controle e

matado Beryl. Mas Harper foi assassinado, e não consegui nada que ligasse

Sparacino com as mortes. Creio que estava ficando paranoico, por isso queria saber

de tudo sobre a morte de Beryl.”

“Temia que a polícia vasculhasse a papelada dela e descobrisse que havia fraude

no pagamento dos direitos autorais?”, perguntei.

“Talvez. Sei que ele quer o original a qualquer preço. Não há dúvida quanto ao

seu valor. A partir daí, só posso fazer conjecturas.”

“E quanto ao processo, à vingança contra o procurador-geral?”

“Resultava em muita publicidade”, Mark retrucou. “E Sparacino despreza

Ethridge. Adoraria, se pudesse humilhá-lo, ou afastá-lo do cargo.”

“Scott Partin esteve aqui”, informei. “Visitou a cidade, não faz muito tempo e fez

muitas perguntas a respeito de Beryl.”

“Interessante”, ele disse, comendo mais um bocado de filé.

“Há quanto tempo está envolvido com Sparacino?”

“Mais de dois anos.”

“Nossa Senhora”, falei.

“O fbi preparou tudo cuidadosamente. Fui enviado como o advogado Paul Barker,

que procurava emprego, louco para ficar rico depressa. Agi de modo a fazer com

que ele me notasse. Claro, ele checkou tudo e, quando certos detalhes não conferiam,

fui posto contra a parede. Admiti que usava outro nome, que participava do

Programa Federal de Proteção a Testemunhas. É complicado, e difícil de explicar,

mas Sparacino acreditou que eu me metera em atividades ilegais, em Tallahassee,

fora preso, e que os federais, em troca da delação dos outros envolvidos, me

presentearam com uma nova identidade e um passado fictício.”

“Você se envolveu em atividades ilegais?”, perguntei.

“Não.”

“Ethridge acredita que sim”, falei. “Disse que passou algum tempo na cadeia.”

“Não me surpreende, Kay. As autoridades costumam cooperar com o fbi. A ficha

do Mark James que você conheceu é desabonadora. Um advogado que mudou de

lado, perdeu o diploma e passou dois anos na penitenciária.”

“Então a ligação de Sparacino com Orndorff & Berger não passa de uma

fachada?”, perguntei.

“Isso mesmo.”

“Para quê, Mark? Deve haver algo mais, além desses golpes publicitários.”

“Estamos convencidos de que ele lava dinheiro para a máfia, Kay. Dinheiro do

tráfico de drogas. Também desconfiamos de ligações com cassinos que pertencem

ao crime organizado. Há envolvimento de políticos, juízes, outros advogados. A

quadrilha inclui muita gente importante. Conhecemos as operações já faz algum

tempo, mas a situação torna-se delicada quando uma parte do sistema jurídico-

criminal ataca outra. Precisávamos de provas incontestáveis. Por isso fui plantado

no grupo. Quanto mais tempo eu passasse incógnito, melhor. Os três meses iniciais

se tornaram seis, e depois anos.”

“Não compreendo. O escritório é respeitado, Mark.”

“Nova York é o domínio de Sparacino. Ele tem poder. Orndorff & Berger

desconhece a maioria de suas atividades. Nunca trabalhei no escritório. Eles nem

sabem o meu nome.”

“Mas Sparacino sabe”, pressionei. “Já o ouvi se referir a você como Mark.”

“Sim, ele conhece meu nome verdadeiro. Como disse, o fbi organizou tudo

minuciosamente. Criou uma trilha de informações oficiais que tornou irreconhecível

o Mark James com quem você conviveu. E chegou a gostar.” Ele parou, com ar

triste. “Sparacino e eu concordamos que ele se referiria a mim como Mark, na sua

presença. No resto do tempo, eu era Paul. Trabalhei para ele. Por um tempo, morei

com sua família. Era sua cria obediente e leal, ou pelo menos, ele pensava isso.”

“Sei que Orndorff & Berger nunca ouviu falar em você”, confessei. “Telefonei

para Nova York e Chicago, e ninguém sabia de nada a seu respeito. Liguei para

Diesner. Ele não o conhecia, tampouco. Posso ser uma fugitiva incompetente, mas

você, como espião, não se saiu lá muito bem tampouco.”

Ele permaneceu em silêncio, por algum tempo.

Depois disse: “O fbi precisava me acionar, Kay. Quando você entrou em cena,

comecei a correr muitos riscos. Acabei me envolvendo emocionalmente, pois você

estava envolvida. Fui estúpido”.

“Não sei como reagir a isso.”

“Beba seu vinho, e aprecie a lua surgindo em Key West. É a melhor reação.”

“Mas, Mark”, falei, e naquela altura já estava inapelavelmente envolvida por ele,

“há um ponto fundamental, que não consigo entender.”

“Tenho certeza de que há inúmeros pontos que escapam à sua compreensão, e que

pode não chegar a entender nunca, Kay. Temos muitas experiências diferentes na

vida, que não podem ser trocadas numa única noite.”

“Você disse que Sparacino mandou que arrancasse informações de mim. Como ele

sabia que me conhecia? Você lhe contou?”

“Ele falou em seu nome, durante uma conversa sobre o assassinato de Beryl.

Disse que era legista, chefe do departamento na Virgínia. Entrei em pânico. Não

queria que ele a procurasse. Resolvi fazer isso, então.”

“Aprecio o cavalheirismo”, falei, irônica.

“E deveria, mesmo.” Seus olhos se fixaram nos meus. “Contei a ele que costumávamos sair juntos, antes. Pretendia convencê-lo a deixar que eu cuidasse de

você. Consegui.”

“E isso é tudo?”, perguntei.

“Gostaria de pensar que sim, mas temo que tenha confundido meus motivos.”

“Confundido?”

“Creio que a possibilidade de revê-la me seduziu.”

“Foi o que disse antes.”

“Isso não era mentira.”

“E não está mentindo para mim, agora?”

“Juro que não estou mentindo agora”, ele disse.

Repentinamente, eu me dei conta de que ainda usava camisa polo e short. Suava e

meu cabelo estava um horror. Pedi licença, levantei-me da mesa e fui até o banheiro.

Meia hora depois, saí com meu roupão favorito, e Mark dormia profundamente, em

minha cama.

Ele resmungou e abriu os olhos, quando sentei-me a seu lado.

“Sparacino é um sujeito muito perigoso”, falei, lentamente, passando os dedos em

seu cabelo.

“Não resta dúvida”, Mark disse, sonolento.

“Mandou Partin para cá. Não sei como descobriu que Beryl passou uma

temporada aqui.”

“Ela telefonou para Sparacino daqui, Kay. Ele sabia desde o início.”

Balancei a cabeça, pois não me espantava muito com isso. Beryl pode ter chegado

ao ponto de depender de Sparacino no final. Mas deve ter começado a desconfiar de

alguma coisa. Caso contrário, enviaria o original para ele, em vez de entregá-lo a um

barman chamado pj.

“O que ele teria feito se soubesse que você veio para cá?”, perguntei, com calma.

“O que Sparacino faria, ao descobrir que você e eu estamos aqui, neste quarto,

conversando?”

“Subiria pelas paredes de inveja.”

“Sério.”

“Provavelmente nos mataria, se pensasse que poderia escapar impune.”

“E ele poderia escapar, Mark?”

Ele me puxou para perto de si, e disse, no meu ouvido: “Puxa, claro que não”.

Na manhã seguinte, fomos acordados pelo sol, e depois de fazer amor novamente,

dormimos abraçados, até as dez.

Enquanto Mark tomava banho e se barbeava, apreciei o dia. As cores brilhavam

como nunca, magníficas na pequena ilha de Key West. Senti vontade de comprar um

apartamento ali, onde Mark e eu pudéssemos fazer amor pelo resto da vida. Andaria

de bicicleta, pela primeira vez, desde a infância, retomaria as aulas de tênis, e

deixaria de fumar. Faria o máximo para chegar a um bom entendimento com minha

família, e convidaríamos Lucy para nos visitar com frequência. Iria sempre ao

Louie's e adotaria pj como amigo. Observaria o sol dançar sobre o oceano, e rezaria

por uma mulher chamada Beryl Madison, cuja morte medonha dera um novo alento à

minha vida e me ensinara a amar outra vez.

“Isso aqui é o que estou pensando?”, ele perguntou.

“Sim. É exatamente o que você está pensando”, confirmei.

“E onde conseguiu isso, por Deus, Kay?” Mark levantou-se da mesa.

“Ela o entregou a um amigo”, respondi. Em seguida, posicionamos os travesseiros

atrás das costas, deixamos o manuscrito entre nós dois, e contei a Mark minha

conversa com pj.

A manhã cedeu lugar à tarde, mas não saímos dali, exceto para deixar os pratos

sujos no corredor, e trocá-los por sanduíches e petiscos que pedimos ao serviço de

quarto, quando a fome apertou. Passamos horas seguidas sem falar praticamente

nada, virando as páginas da vida de Beryl Madison. O livro era incrível, e mais de

uma vez me levou às lágrimas.

Beryl era o rouxinol no meio da tempestade, um lindo lencinho colorido

pendurado nos ramos de uma vida terrível. A mãe falecera, o pai a substituíra por

uma mulher que tratava Beryl com desprezo. Incapaz de suportar o mundo em que

vivia, ela aprendeu a arte de criar um universo particular, secreto. Escrever tornou-se

uma forma de resistência, um talento ampliado pela privação, como a música para os

cegos, ou as artes plásticas para os surdos. Conseguia criar, com palavras, um

mundo que a gente podia sentir, saborear, tocar.

Seu relacionamento com os Harper era tão intenso quanto doentio. Os três eram

elementos altamente voláteis, formando uma tempestade de indescritível poder

destrutivo, quando passaram a viver juntos naquela mansão de terror, com seu rio de

sonhos intemporais. Cary Harper comprou e restaurou a casa para Beryl, e foi no

quarto do andar superior que ele roubou sua virgindade, certa noite, quando Beryl

tinha apenas dezesseis anos.

Como ela não desceu para tomar o café da manhã no dia seguinte, Sterling Harper

subiu para procurá-la, e encontrou Beryl em posição fetal, chorando. Incapaz de

enfrentar o irmão famoso, que violentara a filha adotiva, a srta. Harper lutou contra

os demônios da casa com as tropas da negação. Nunca disse uma única palavra a

Beryl nem tentou interferir. Apenas fechava a porta de seu quarto e dormia.

Os ataques a Beryl continuaram, semana após semana, diminuindo de intensidade

conforme ela crescia, até que terminaram, com a impotência do ganhador do prêmio

Pulitzer, provocada pelas longas noites de bebedeira e outros

excessos, incluindo

drogas. Quando os rendimentos de seu livro e a herança familiar não puderam mais

sustentar seus vícios, ele se voltou para o amigo, Joseph McTigue, que dedicou sua

atenção e invejável capacidade administrativa às finanças precárias de Harper.

Conseguiu não somente “salvar o autor da bancarrota, como gerar receita suficiente

para que este pudesse comprar uísque de primeira linha, e cocaína, sempre que o

desejasse”.

Segundo Beryl, depois que ela foi embora a srta. Harper pintou o quadro que

estava em cima da lareira, um retrato de uma criança cuja inocência fora roubada,

para, inconscientemente ou não, atormentar Harper pelo resto da vida. Ele passou a

beber mais, escrever menos, e a sofrer de insônia. Passou a frequentar a taverna

Culpeper's, um ritual estimulado pela irmã, que usava as horas disponíveis para

conspirar contra ele, com Beryl, pelo telefone. O golpe final veio com o ato

dramático de desafio, quando Beryl, encorajada por Sparacino, violou o acordo de

manter tudo em segredo.

Foi a maneira que encontrou para recuperar sua vida e, em suas próprias palavras,

“preservar a beleza de minha amiga, Sterling, guardando as lembranças nestas

páginas, como flores do campo”. Beryl começou a escrever o livro pouco depois

que a srta. Harper soube que sofria de câncer. A ligação entre as duas era inviolável;

o amor, imenso.

Naturalmente, havia digressões extensas sobre os livros escritos por Beryl, e suas

fontes de inspiração. Ela incluiu trechos de seus primeiros trabalhos. Suspeito que

isso explica os trechos encontrados em seu quarto após o crime. Era difícil dizer. Era

difícil saber o que acontecia na mente de Beryl. Mas dava para perceber que seu

livro era extraordinário, e suficientemente escandaloso para assustar Cary Harper e

provocar a cobiça de Sparacino.

O que eu não conseguia encontrar, conforme a tarde progredia, era qualquer coisa

capaz de invocar o espectro de Frankie. Não havia menção alguma, no original, do

tormento que lhe custou a vida. Suponho que contemplar isso seria demais, até para

ela. Talvez tudo fosse acabar um dia, em sua opinião.

Estava quase acabando o livro de Beryl, quando Mark, subitamente, apertou meu

braço com força.

“O que foi?”, perguntei, e desviei os olhos do texto, com esforço.

“Kay. Olhe só isso aqui”, ele disse, colocando uma página em cima da outra, que

eu lia.

Era a página de abertura do capítulo 25, uma página que eu já havia lido. Precisei

de algum tempo para ver o que me escapara antes. Tratava-se de uma cópia de alta

qualidade. Mas não era uma página digitada, como todas as outras.

“Pensei que tivesse dito que se tratava da única cópia”, Mark disse, intrigado.

“Mas tudo indicava que era mesmo a única”, falei, surpresa.

“Acredito que ela tenha tirado uma cópia, e trocado esta página na hora de separá-

la do original.”

“É o que parece”, falei. “Mas onde está a cópia, então? Não apareceu em lugar

nenhum.”

“Não tenho a menor ideia.”

“Tem certeza de que Sparacino não a conseguiu?”

“Praticamente. Eu saberia disso. Virei seu escritório pelo avesso mais de uma vez

quando estava fora, e fiz o mesmo em sua casa. Além disso, creio que ele teria

contado para mim, pelo menos enquanto ainda pensava que éramos amigos.”

“Acho melhor visitar pj.”

*

pj estava de folga, descobri. Não o encontrei no Louie's nem em casa. A noite

caía sobre a ilha, quando finalmente o encontrei no Sloppy Joe's, e naquela altura ele

já estava para lá de Bagdá. Agarrei-o no bar e levei-o pela mão até

uma das mesas.

Fiz as apresentações apressadamente. “Este é Mark James, um amigo meu.”

pj o cumprimentou e ergueu a garrafa longneck de cerveja, num brinde

embriagado. Piscou várias vezes, como se tentasse clarear a visão, admirando

ostensivamente meu companheiro atraente. Mark fingiu não perceber nada.

Ergui a voz, para vencer o barulho da multidão e do conjunto, e disse a pj: “É

sobre o livro de Beryl. Sabe se ela tirou uma cópia do original quando estava

aqui?”.

Depois de tomar um gole de cerveja e balançar no ritmo da música, ele

respondeu: “Não sei. Nunca me disse nada a respeito”.

“Mas teria sido possível?”, insisti. “Talvez tenha feito isso, quando mandou copiar

as cartas que deu a vocês.”

Ele deu de ombros, e as gotas de suor rolavam pelas têmporas e pelo rosto

avermelhado. pj estava, além de bêbado, drogado.

Observada por Mark, impassível, tentei novamente: “Bem, ela levou o original do

livro consigo, quando saiu para tirar cópias das cartas?”.

“Igual a Bogie e Bacall...”, pj cantou, num tom rouco de barítono, batendo na

mesa, para acompanhar o ritmo.

“pj!”, gritei.

“Cara”, ele protestou, com os olhos fixos no palco. “É a minha canção favorita.”

Larguei o corpo na cadeira e deixei que pj cantasse sua música favorita. Durante

um breve intervalo na performance, repeti a pergunta, pj esvaziou a garrafa de

cerveja, e depois respondeu, com surpreendente clareza: “Só me lembro de que

Beryl levou a mochila naquele dia, tá? Foi um presente meu, sabe. Para que pudesse

carregar o livro por aí. Ela ia ao Copy Cat, ou outro lugar semelhante. E tenho

certeza de que levou a mochila. É isso aí”. pj pegou um cigarro. “Pode ter tirado

uma cópia, se o livro estava dentro da mochila quando mandou copiar as cartas. Só

sei que ela me deixou o original, aquele que lhe entreguei não sei quando.”

“Ontem”, falei.

“É isso aí, cara. Ontem.” Fechando os olhos, ele começou a batucar na mesa outra

vez.

“Muito obrigada, pj”, falei.

Ele não nos deu muita atenção, quando saímos, abrindo caminho pelo bar, até

escaparmos para o frescor da noite.

“Isso é o que eu chamo de um exercício de futilidade”, Mark disse, quando

começamos a caminhar de volta para o hotel.

“Não sei”, respondi. “Mas faz sentido para mim que Beryl tenha copiado o

original, quando copiou as cartas. Não a imagino deixando o livro para pj, a não ser

que tivesse uma cópia consigo.”

“Depois de conhecê-lo, também não acredito que possa ter feito isso. pj não é

exatamente o que se pode chamar de um sujeito confiável.”

“Na verdade, ele é, Mark. Está só um pouco alto esta noite.”

“Doido é a palavra.”

“Talvez meu aparecimento tenha detonado isso.”

“Se Beryl copiou o livro, e levou a cópia de volta para Richmond”, Mark

continuou, “então o assassino a roubou, seja ele quem for.”

“Frankie”, falei.

“Isso explicaria o ataque contra Cary Harper, em seguida. Nosso amigo Frankie

ficou ciumento, pensar em Harper no quarto de Beryl o deixou louco — mais louco.

O costume de Harper de frequentar a taverna Culpeper’s, todas as noites, está no

livro de Beryl.”

“Sei disso.”

“Frankie pode ter lido a respeito. Sabia, portanto, como encontrá-lo, calculou que

seria aquele o melhor momento para surpreendê-lo.”

“E poderia haver hora mais adequada? O sujeito desce do carro, meio alto, no

escuro, nos cafundós do judas?”, falei.

“Só me surpreende que ele não tenha atacado Sterling Harper também.”

“Talvez pretendesse fazer isso, depois.”

“Talvez.”

“Tem razão. Ele nem teve chance”, Mark disse. “Ela poupou-lhe o esforço.”

Ele segurou minha mão, e ficamos em silêncio, os sapatos raspando na calçada,

enquanto a brisa soprava por entre as árvores. Desejei que aquele momento durasse

para sempre. Temia as verdades que teríamos de enfrentar. Só quando Mark e eu

voltamos ao quarto, e abrimos uma garrafa de vinho, reuni coragem para perguntar.

“E agora, Mark?”

“Washington”, ele disse, virando-se para olhar a paisagem pela janela. “Na

verdade, amanhã farei um relatório oral, e serei reprogramado.” Ele respirou fundo.

“Droga, depois disso, não sei de mais nada.”

“O que quer fazer quando isso acabar?”, perguntei.

“Não sei, Kay. Quem pode adivinhar para onde vão me mandar?” Ele continuou a

olhar para a paisagem noturna. “E sei que você não pretende sair de Richmond.”

“Não posso mudar de Richmond no momento. Meu trabalho é a minha vida,

Mark.”

“Sempre foi a sua vida”, ele disse. “Meu trabalho também é a minha vida. Isso

deixa pouco espaço para o entendimento.”

Suas palavras, sua expressão, partiam meu coração. Sim, ele tinha razão. Quando

tentei falar novamente, as lágrimas correram.

Abraçado a mim, com força, ele dormiu. Soltei-me, com delicadeza, levantei da

cama e fui até a janela, onde me sentei para fumar, a mente repassando

obsessivamente algumas questões, até que a aurora tingiu de rosa o céu.

Tomei uma ducha demorada. A água me acalmou, e revigorou minha disposição.

De robe, refrescada, saí do banheiro e encontrei Mark de pé, pedindo o café da

manhã.

“Vou voltar para Richmond”, anunciei com firmeza, e me sentei a seu lado, na

cama.

Ele franziu a testa. “Péssima ideia, Kay.”

“Encontrei o original, você está indo embora, e não quero ficar aqui sozinha,

esperando por Frankie, Scott Partin, ou até mesmo Sparacino”, expliquei.

“Eles ainda não encontraram Frankie. É arriscado demais. Providenciarei um

esquema de proteção para você aqui”, ele tentou. “Ou em Miami. Será bem melhor.

Poderia ficar com sua família por algum tempo.”

“Não.”

“Mas, Kay...”

“Mark, Frankie já pode ter até saído de Richmond. Talvez só o encontrem daqui a

semanas. Ou nunca, se quer saber. O que devo fazer, passar o resto da vida

escondida na Flórida?”

Deitando-se novamente, ele não respondeu.

Peguei em sua mão. “Não posso permitir que minha vida e meu trabalho sofram

uma ruptura desse tipo, e recuso-me a ser intimidada por qualquer um. Ligarei para

Marino, e providenciarei para que ele me encontre no aeroporto.”

Ele segurou minha mão entre as suas. Olhou dentro de meus olhos, e disse: “Volte

comigo para Washington. Ou passe uma temporada em Quantico, se preferir”.

Fiz que não com a cabeça. “Não vai me acontecer nada, Mark.”

Ele me puxou para mais perto. “Não consigo parar de pensar no que aconteceu a

Beryl.”

Nem eu.

Despedimo-nos com um beijo no aeroporto de Miami. Não olhei para trás,

andando depressa para me afastar logo dele. Só consegui ficar acordada durante a

troca de aviões, em Atlanta. Dormi na poltrona, durante a viagem inteira, esgotada

física e emocionalmente.

Marino me esperava na saída. Pela primeira vez, creio que percebeu meu estado

de espírito, e me seguiu pacientemente, em silêncio, pelo terminal. Os enfeites de

Natal no aeroporto e vitrines das lojas só serviram para aumentar minha depressão.

As festas não me animavam em nada. Não sabia quando nem como Mark e eu nos

veríamos novamente. Para piorar as coisas, quando Marino e eu chegamos ao setor

de bagagens, passamos uma hora vendo as malas a dar voltas e mais voltas, como

num carrossel preguiçoso. Isso deu a Marino a possibilidade de me interrogar,

enquanto eu perdia a paciência. Finalmente, comuniquei o extravio da minha mala.

Depois do tédio do preenchimento dos formulários, peguei o carro e fui para casa,

sempre com Marino atrás de mim.

A noite escura, chuvosa, felizmente escondeu os estragos no jardim, quando

estacionamos na frente do acesso. Marino me contara antes que não haviam

localizado Frankie, na minha ausência. Ele não ia correr riscos. Depois de examinar

a propriedade com a lanterna, em busca de vidros quebrados ou qualquer sinal de

um intruso, ele me levou para dentro de casa, acendendo as luzes de todos os

aposentos, examinando armários e até olhando debaixo das camas.

Estávamos a caminho da cozinha, pensando em passar um café,

quando

reconhecemos o código de emergência no rádio portátil.

“Dois-quinze, dez-trinta-e-três...”

“Merda!”, Marino exclamou, tirando o rádio do bolso do paletó.

Dez-trinta-e-três era o código para pedido de socorro. As mensagens pelo rádio

ricocheteavam como projéteis no ar. Os carros de patrulha respondiam, como jatos

decolando. Um policial se encontrava dentro de uma loja de conveniência, no bairro

em que eu vivia. Pelo jeito, ele havia sido baleado.

“Sete-zero-sete, dez-trinta-e-três”, Marino gritou para a central, avisando que

estava a caminho do local, para dar apoio, e saiu correndo pela porta.

“Minha nossa! Walters! Ele não passa de um menino!” Ele corria, praguejando na

chuva, gritando para mim: “Tranque tudo, doutora. Mandarei alguns policiais para cá

imediatamente!”.

Andei de um lado para outro, na cozinha, e finalmente sentei-me à mesa, para

tomar um uísque sem gelo, enquanto a chuva forte tamborilava no telhado e

fustigava as janelas. Minha mala se perdera, e com ela meu 38, que estava lá dentro.

Esqueci-me de mencionar esse detalhe a Marino, devido à exaustão e confusão

mental. Agitada demais para ir dormir, folheei o livro de Beryl, que por sábia

precaução carregara comigo para dentro do avião, e beberiquei meu uísque,

esperando pela chegada da polícia.

Pouco antes da meia-noite a campainha tocou, fazendo com que eu pulasse da

poltrona.

Espiei pelo olho mágico da porta da frente, esperando ver os policiais que Marino

prometera. Em vez disso, vi um rapaz pálido, com capa escura e uma espécie de

boné de uniforme. Ele parecia sentir frio, e estava ensopado, recurvado para se

proteger da chuva forte, com uma prancheta de metal junto ao peito.

“Quem é?”, perguntei.

“Serviço de Entregas Ômega, do aeroporto Byrd”, ele respondeu.

“Encontramos

sua mala, madame.”

“Graças a Deus”, falei, desativando o alarme e destrancando a porta.

O terror me paralisou, quando ele colocou minha mala no chão, já dentro do

vestíbulo. Eu me lembrei, de repente, que preencheria o formulário de extravio de

bagagem com o endereço do meu escritório, e não com o endereço da minha casa!

17

Uma mecha do cabelo escuro apontava, sob o boné, e ele não me olhou nos olhos,

ao dizer: “Por favor, assine aqui, madame”. Quando estendeu o braço com a

prancheta, as vozes ecoaram alucinadas em minha mente.

“Chegaram tarde do aeroporto, pois a companhia aérea havia perdido as malas do

senhor Harper.”

“Você tem lindos cabelos louros. São verdadeiros, ou você tinge, Kay?”

“Aconteceu depois que o rapaz trouxe a bagagem...”

“Todos mortos, agora.”

“No ano passado, encontramos uma fibra idêntica a esta, em todos os aspectos,

quando Roy foi convocado para examinar fragmentos de um Boeing sete quatro

sete...”

“Aconteceu depois que o rapaz trouxe a bagagem!”

Lentamente, apanhei a caneta e a prancheta das mãos cobertas por luvas de couro

marrom, estendidas em minha direção.

Com um tom de voz que não reconheci, pedi: “Por favor, poderia abrir a mala?

Não posso assinar nada, até ter certeza de que meus pertences estão todos aqui, e

intactos”.

Por um momento o rosto pálido traiu uma certa desorientação. Seus olhos se

arregalaram ligeiramente, quando se fixaram na mala, e eu o atingi com tanta rapidez

que ele não teve nem tempo de erguer as mãos para desviar o golpe. A beira da

prancheta o acertou na garganta. Depois, saí correndo como um

animal.

Cheguei até a sala e ouvi os passos de meu perseguidor. Meu coração queria

estourar as costelas, de tão forte que batia, quando entrei correndo na cozinha. Meus

pés quase escorregaram no piso de paviflex liso, quando contornei o balcão e peguei

o extintor de incêndio na parede perto da geladeira. No momento em que ele entrou

na cozinha, despejei a carga de pó químico sufocante em seu rosto. A faca de lâmina

longa caiu no chão, com um baque surdo, quando ele levou as mãos ao rosto e

engasgou. Tirei uma frigideira de ferro de cima do fogão, ergui-a como se fosse uma

raquete de tênis e desferi um golpe em sua barriga com toda a força. Respirando

fundo, para recobrar o fôlego perdido, ele dobrou o corpo. Ergui a frigideira, para

dar outro golpe, desta vez na cabeça. Errei por pouco, e senti a cartilagem esmagada

pelo fundo chato de ferro. Percebi que havia fraturado seu nariz e provavelmente

quebrado vários dentes. Mas nada disso o deteve. Ele caiu de joelhos, tossindo,

parcialmente cego pelo pó, e agarrou meu tornozelo com uma das mãos, enquanto a

outra tateava em busca da faca. Atirei a frigideira nele, chutei a faca para fora de seu alcance e fugi correndo da cozinha, batendo a nádega na quina da mesa e o

ombro no batente da porta.

Desorientada e soluçando, consegui, apesar de tudo, tirar o Ruger da mala e

posicionar duas balas no tambor. A essa altura, ele já estava quase em cima de mim.

Ouvi o som da chuva, e de sua respiração entrecortada. A faca estava a poucos

centímetros da minha garganta, quando apertei o gatilho pela terceira vez e

finalmente detonei uma das balas. Numa explosão ensurdecadora de gás e chamas,

um Silvertip varou seu abdome, e o atirou para trás, no chão, a quase um metro de

distância. Ele tentou sentar, olhando para mim com seus olhos vidrados no rosto

ensanguentado. Pretendia dizer algo, e ergueu debilmente a faca. Meus ouvidos

zumbiam. Firmei o revólver nas mãos trêmulas e consegui acertar em seu peito, com

o segundo disparo. Senti a mistura do odor acre da pólvora com o doce perfume do

sangue e a luz se apagou dos olhos de Frankie Aims.

Depois eu caí, choramingando, enquanto o vento e a chuva fustigavam a casa com

força, e o sangue de Frankie encharcava o assoalho de carvalho. Meu corpo sacudia,

enquanto eu soluçava e não consegui me mover antes do quinto toque do telefone.

Só consegui dizer: “Marino. Meu Deus do céu, Marino!”.

Só voltei para meu escritório depois que o corpo de Frankie Aims foi liberado no

necrotério, e seu sangue lavado da mesa de aço inoxidável, para que

escorresse pelo

encanamento e se misturasse às águas fétidas dos esgotos da cidade. Não lamentava

tê-lo matado. Lamentava que ele um dia tivesse nascido.

“Pelo jeito”, Marino disse, olhando para mim, por cima da montanha de papéis

que se acumulavam sobre minha mesa, “Frankie chegou a Richmond faz um ano e

pouco, em outubro. Alugou o apartamento onde morava nessa época, na rua Redd.

Poucas semanas depois, conseguiu emprego de entregador de bagagem extraviada. A

Ômega tem um contrato de prestação de serviços com o aeroporto.”

Não falei nada, passando o abridor de cartas por mais um envelope destinado à

cesta de lixo.

“O pessoal que trabalha na Ômega usa carro próprio. E Frankie teve um

probleminha em janeiro passado. O Mercury Lynx oitenta e um que utilizava

quebrou. Estourou a transmissão. O cara não tinha dinheiro para mandar consertar o

carro. Sem carro, perderia o emprego. Então resolveu pedir um favorzinho a Al Hunt,

creio.”

“Os dois mantiveram contato antes disso?”, perguntei, sabendo que soava

cansada, desinteressada.

“Mas é claro”, Marino respondeu. “Não duvido nada. Benton também concorda.”

“Em que baseiam essas conclusões?”

“Para começar”, disse, “Frankie, pelo que descobrimos, morava em Butler, na

Pennsylvania, há um ano e meio. Examinamos as contas telefônicas do senhor Hunt,

o pai, referentes aos últimos cinco anos — vai evitar muita merda se ele for

envolvido, certo? Vimos que os Hunt receberam cinco ligações a cobrar de Butler,

quando Frankie morava na Pennsylvania. No ano anterior houve telefonemas a

cobrar de Dover, no Delaware, e antes disso meia dúzia de chamadas de

Hagerstown, em Maryland.”

“As ligações eram de Frankie?”, perguntei.

“Ainda estamos investigando isso. Mas suspeito que Frankie costumava telefonar

para Al Hunt, de tempos em tempos, e provavelmente contou o que havia feito com

a mãe. Por isso Al sabia de tantas coisas quando conversou com você. Caramba, ele

não era nenhum telepata. Recitava o que ouvira de seu amiguinho pirado. Pelo jeito,

quanto mais Frankie enlouquecia, mais ele se aproximava de Richmond. Depois,

bomba! Há um ano ele se mudou para a cidade, e o resto já entrou para a história.”

“E quanto ao lava-rápido de Hunt?”, perguntei. “Frankie o frequentava regularmente?”

“Segundo dois caras que trabalham lá”, Marino disse, “um elemento,

cuja

descrição confere com a de Frankie, costumava aparecer por lá pelo menos desde

janeiro. Na primeira semana de fevereiro, conforme consta em um recibo encontrado

na casa dele, Frankie mandou recondicionar o motor do Mercury, por quinhentos

dólares, que provavelmente conseguiu com Al Hunt.”

“Sabe se Frankie estava no lava-rápido em uma das ocasiões em que Beryl levou

o carro para ser lavado?”

“Calculo que isso tenha ocorrido. Sabe, ele a viu pela primeira vez quando

entregou a mala de Harper na casa de McTigue, em janeiro último. E então?

Surpresa, ele a vê novamente, poucas semanas depois, quando visita o amigo Al

Hunt no lava-rápido, para pedir um empréstimo. Bingo. Para ele, é como uma

mensagem. Pode tê-la visto novamente no aeroporto — entra e sai muito,

transportando bagagem extraviada, cumprindo outras tarefas. Talvez tenha visto

Beryl pela terceira vez, quando ela foi ao aeroporto pegar o avião para Baltimore,

onde se encontraria com a senhorita Harper.”

“Acredita que Frankie tenha falado a respeito de Beryl com Hunt?”

“Difícil saber. Mas isso não me surpreenderia. Sem dúvida explicaria o suicídio

de Hunt. Ele adivinhou o desfecho — sabia o que seu amiguinho

pirado faria com

Beryl. Logo depois, Harper é assassinado. Hunt provavelmente sentiu-se culpado

como o demônio.”

Ajeitei-me na cadeira, inquieta, revirando a papelada em busca de um carimbo de

data, que estava ao alcance da mão havia um minuto. Sentia dores no corpo inteiro e

pensava seriamente em tirar uma chapa do ombro. Quanto ao meu estado

psicológico, acho que ninguém poderia me ajudar. Sentia que não era mais a mesma.

Nem sabia direito o que sentia, exceto que não conseguia ficar sentada por muito

tempo, quieta. Era impossível relaxar.

Comentei: “O processo mental delirante de Frankie, entre outras coisas, poderia

levá-lo a personalizar os encontros com Beryl, e atribuir a eles um significado

profundo. Viu Beryl na casa de McTigue. Encontrou-a novamente no lava-rápido.

Outra vez, no aeroporto. Isso deve ter detonado o processo”.

“Concordo. E o pirado logo achou que Deus falava com ele, mandando que se

aproximasse daquela linda loura.”

Naquele momento, Rose entrou. Acrescentei o recado telefônico em papel rosa à

pilha com os outros.

“De que cor é o carro dele?” Abri mais um envelope. O carro de Frankie estava

parado na entrada da minha casa. Cheguei a vê-lo, quando a polícia chegou, quando

a área se encheu de luzes vermelhas a piscar. Mas não registrei nada. Quase não me

lembrava dos detalhes.

“Azul-escuro.”

“E ninguém se lembra de ter visto um Mercury Lynx azul perto da casa de Beryl?”

Marino fez que não com a cabeça. “Depois do anoitecer, se mantivesse o farol

apagado, o carro não chamava a atenção.”

“Certo.”

“Quando ele atacou Harper, provavelmente estacionou o carro em algum lugar

discreto, fora da estrada, e seguiu a pé até a mansão.” Ele fez uma pausa. “O

estofamento do banco do motorista está podre.”

“Como é?”, perguntei, erguendo os olhos da carta.

“Ele cobriu o estofamento com um cobertor, que deve ter furtado de um avião.”

“Seria essa a origem da fibra alaranjada?”, indaguei.

“Ainda não recebemos os resultados dos testes. Mas a técnica acredita que sim. O

cobertor possui listras alaranjadas, e Frankie sentou-se em cima dele, quando foi

para a casa de Beryl. Isso explica a história dos terroristas também. Provavelmente

algum passageiro estava usando um cobertor igual ao de Frankie, num voo

internacional. O sujeito troca de avião, e carrega alguns fiapos da fibra laranja para o

outro, que foi sequestrado na Grécia. Pronto! O coitado do fuzileiro naval acaba com

a fibra grudada em seu sangue, depois de ser atacado. Tem ideia de quantas fibras

são transferidas de um avião para outro?”

“Difícil imaginar”, falei, querendo saber por que eu era a vítima preferida de todas

as malas diretas dos Estados Unidos. “E isso provavelmente explica a variedade de

fibras que Frankie carregava em suas roupas. Trabalhava na área de bagagem.

Circulava pelo aeroporto, devia entrar até nos aviões. Quem sabe quantos

fragmentos e fiapos não poderiam grudar em seu uniforme?”

“O pessoal da Ômega usa uniforme”, Marino prosseguiu. “Marrom. São feitos de

Dynel.”

“É mesmo? Interessante.”

“Já deveria saber disso, doutora. Frankie usava uniforme quando você atirou

nele.”

Não me lembrava. Só me lembrava da capa de chuva escura, de seu rosto

ensanguentado, coberto de pó branco do extintor de incêndio.

“Tudo bem”, falei. “Até agora entendi tudo, Marino. Mas não entendo como

Frankie conseguiu o número do telefone de Beryl. Não constava na lista. E como

descobriu que ela voltou de Key West no dia vinte e nove de outubro, e que chegaria

em Richmond à noite? Como descobriu quando eu voltaria também?”

“Pelos computadores”, ele disse. “Todas as informações sobre os passageiros,

incluindo datas dos voos, telefones para contato e endereços constam dos registros

computadorizados. Deduzimos que Frankie mexia nos terminais, quando o pessoal

do atendimento estava distraído ou fora. Talvez no meio da noite, ou de manhã bem

cedo. O aeroporto era a casa dele. Difícil saber o que fazia quando ninguém estava

olhando. Não deviam prestar atenção nele, era quieto, discreto, um sujeito quase

invisível, que se esgueirava por qualquer canto, silencioso como um gato.”

“De acordo com o teste Stanford-Binet”, zombei, batendo o carimbo de data na

almofada ressecada, “ele tinha inteligência acima da média.”

Marino não falou nada.

Resmunguei: “Seu qi se encontrava na faixa superior. Acima de cento e vinte”.

“Claro, claro”, Marino disse, impaciente.

“Só estou comentando.”

“Besteira. Você leva esses testes a sério mesmo?”

“Servem para dar uma ideia razoável do sujeito.”

“Não são nenhuma Bíblia.”

“Não, eu não diria que os testes de qi são iguais à Bíblia”, concordei.

“Talvez seja melhor nem saber quanto daria o meu teste.”

“Deveria fazer um teste de qi, Marino. Nunca é tarde.”

“Espero que seja mais alto do que minha pontuação no boliche. É só o que tenho a

dizer.”

“Difícilmente. A não ser que jogue boliche muito mal.”

“Joguei, da última vez.”

Tirei os óculos e esfreguei os olhos energicamente. Jurava que minha dor de

cabeça não passaria nunca mais.

Marino prosseguiu: “Benton e eu deduzimos que Frankie obteve o telefone de

Beryl no computador e depois passou a monitorar suas reservas. Aposto que

descobriu, pelo computador, que ela viajara de avião para Miami, em julho, ao fugir

por ter descoberto o coração riscado na porta do carro...”.

“Alguma teoria sobre o momento em que ele agiu?”, interrompi, puxando o cesto

de lixo para mais perto.

“Quando viajava para Baltimore, ela deixava o carro no estacionamento do

aeroporto. Seu último encontro com a senhorita Harper ocorreu no início de julho e

menos de uma semana depois Beryl encontrou o coração riscado na porta”, ele

disse.

“Ou seja, ele deve ter riscado o carro no estacionamento do aeroporto.”

“O que acha?”

“Parece muito plausível.”

“Certo.”

“Depois Beryl fugiu para Key West.” Continuei a lidar com a correspondência.

“Frankie continua a checar no computador, atrás da reserva para sua volta. E

descobre a data exata.”

“A noite de vinte e nove de outubro”, Marino disse. “Frank havia planejado tudo.

Moleza. Tinha acesso às bagagens dos passageiros sem problemas. Calculo que

tenha removido a mala de Beryl, antes que fosse colocada na esteira circular.

Precisou apenas olhar as etiquetas e tirar a mala da moça. Pouco depois, ela dava

queixa do extravio da mala de couro.”

Marino nem precisava dizer que Frankie usara o mesmo estratagema, no meu

caso. Ele monitorou minha volta da Flórida. Roubou minha mala. Depois apareceu lá

em casa, e eu o deixei entrar.

O governador enviara um convite para sua festa, na semana passada. Suponho que

Fielding compareceu no meu lugar. O convite foi para o lixo.

Marino relatou minuciosamente as descobertas da polícia no apartamento de

Frankie, na zona norte.

Dentro do quarto encontrava-se a mala de Beryl, contendo a blusa

ensanguentada e as roupas íntimas. Dentro de um baú, que servia de mesa, perto da

cama, havia uma coleção de revistas pornográficas violentas e um saco com esferas

de chumbo pequenas, do tipo usado por Frankie para encher o pedaço de cano com

que esmagara a cabeça de Cary Harper. No mesmo baú foi encontrado um envelope,

contendo outra série de disquetes de computador do livro de Beryl, ainda protegidos

entre duas camadas de papelão, presas com fita adesiva, e a cópia do texto,

incluindo a página de abertura do capítulo 25, que fora trocada quando a separaram

do original que Mark e eu havíamos lido. Segundo a teoria de Benton Wesley,

Frankie sentava-se na cama, para ler o livro, e manipulava as roupas que ela usava

quando foi assassinada. Seria possível. O que eu sabia, com toda a certeza, era que

Beryl não teve a menor chance. Quando Frankie bateu à porta, carregava a mala

sumida, e identificou-se como mensageiro da empresa aérea. Ela pode tê-lo

reconhecido, por causa da noite em que ele entregou a mala de Cary Harper, na casa

de McTigue, mas isso não era motivo de suspeita. Assim como eu não suspeitei de

nada, até depois de ter aberto a porta.

“Se pelo menos ela não o tivesse convidado a entrar”, murmurei. O abridor de

cartas havia desaparecido. Onde estava, droga?

“Não estranho que tivesse aberto a porta”, Marino disse. “Frankie chegou, com ar

profissional, sorrindo e usando o uniforme e o boné da Ômega. Trazia a mala, e

portanto o original também. Ela ficou aliviada. Agradecida. Abriu a porta, desativou

o alarme, e o convidou a entrar...”

“Mas por que ela *ligou novamente o alarme*? Marino, eu também tenho sistema

de proteção contra roubo. Muita gente faz entregas em minha casa. Se o alarme está

ligado quando o pessoal da ups chega, por exemplo, desativo o sistema e abro a

porta. Se confio numa pessoa o bastante para permitir sua entrada, certamente não

vou ativar o alarme, só para ter de desligar e ligar de novo quando o sujeito for

embora.”

“Já trancou as chaves dentro do carro?” Marino olhou para mim, pensativo.

“O que isso tem a ver com o caso?”

“Responda, apenas.”

“Claro que sim.” Encontrei o abridor de cartas. Estava em meu colo.

“Como é possível? Nos modelos novos existem vários dispositivos de segurança,

para impedir que isso ocorra.”

“Certo. E a gente decora todos, faz tudo sem pensar e, quando vê, a porta está

trancada e a chave no contato, balançando.”

“Creio que Beryl agiu por um impulso semelhante”, Marino prosseguiu. “Estava

obcecada com o maldito alarme, instalado depois que começou a receber as

ameaças. Creio que o mantinha ligado o tempo inteiro. Para ela, tornou-se

automático reativar o mecanismo, no minuto em que fechava a porta da frente.” Ele

hesitou, olhando para minha bolsa. “Muito curioso. Ela deixou a arma na cozinha, e

ativou o alarme, depois de deixar o criminoso entrar em sua casa. Isso mostra o

quanto estava mentalmente abalada, o quanto a tensão prejudicava sua capacidade de

raciocínio.”

Ajeitei uma pilha de relatórios toxicológicos e a puxei para o lado. Tirei a pilha

de atestados de óbito da frente. Ao observar a pilha de fitas com ditados, próxima ao

microscópio, senti-me instantaneamente deprimida outra vez.

“Meu Deus”, Marino finalmente queixou-se, “poderia ficar quieta por um

momento até que eu vá embora? Está me deixando louco.”

“É meu primeiro dia de serviço”, ressalttei. “Não posso evitar. Veja só que

bagunça.” Apontei para a mesa. “Até parece que fiquei um ano fora. Levarei um

mês para pôr tudo em dia.”

“Só precisa correr até amanhã, às oito da noite. Aposto que, quando

encerrar o

expediente de amanhã, tudo estará em ordem. Exatamente como era antes.”

“Muito obrigada”, falei, irritada.

“Você tem uma ótima equipe. O pessoal consegue manter o departamento

funcionando direitinho, quando está fora. Então, qual é o problema?”

“Nada.” Acendi um cigarro, e empurrei os papéis, em busca do cinzeiro.

Marino o pegou, na beirada da mesa, e o colocou à minha frente.

“Puxa, até parece que você teme que considerem sua presença desnecessária”, ele

disse.

“Ninguém é indispensável.”

“Claro, eu sei. Sei no que está pensando.”

“Não estou pensando em nada. Só ando um pouco tensa”, falei, apanhando a

agenda na prateleira da estante à esquerda. Rose cancelara todos os compromissos,

até o final da semana seguinte. Depois disso, era Natal. Sentia vontade de chorar,

sem saber o motivo.

Debruçando-se para bater a cinza, Marino perguntou, calmamente:

“Como é o

livro de Beryl, doutora?”.

“De cortar o coração e encher a gente de entusiasmo”, falei, sentindo os olhos

molhados. “É incrível.”

“É, tudo bem. Espero que o publiquem. Será um jeito de mantê-la viva, entende?”

“Entendo perfeitamente.” Respirei fundo. “Mark vai ver o que pode fazer a

respeito. Suponho que haverá necessidade de um novo contrato. Sparacino

seguramente não cuidará mais dos interesses de Beryl.”

“Só se fizer isso lá da penitenciária. Creio que Mark já contou a respeito da

carta.”

“Sim”, confirmei, “já contou.”

Uma das cartas de Sparacino para Beryl, encontradas por Marino na casa, pouco

após a morte da moça, adquiriu novo sentido, quando Mark e eu a vimos, depois de

ler o original do livro:

Achei muito interessante, Beryl, que Joe tenha ajudado Cary a resolver seus problemas financeiros.

Fico mais feliz ainda por ter sido responsável pelo contato inicial entre os dois, quando Cary adquiriu

aquela casa magnífica. Não penso que seja uma atitude estranha. Joe era um dos sujeitos mais

generosos que já tive o prazer de conhecer. Estou louco para saber outros detalhes.

Aquele simples parágrafo dizia muita coisa, muito embora Beryl dificilmente

pudesse perceber isso. Duvido muito que Beryl tivesse alguma ideia quando

mencionou o nome de Joseph McTigue, que pisava em terreno minado. Estava

invadindo a seara das atividades ilícitas de Sparacino, o que incluía várias empresas

fantasmas, fundadas pelo advogado para facilitar a lavagem de dinheiro. Mark

acreditava que McTigue, com seus investimentos de grande porte e inúmeros

imóveis, conhecia as atividades ilegais de Sparacino, e que, finalmente, a assistência

oferecida por McTigue a Harper, no momento de desespero, fora em última análise

interesseira. Pois Sparacino nunca vira o original de Beryl e estava paranoico quanto

às possíveis revelações involuntárias do livro. Quando o original desapareceu, seu

incentivo para localizá-lo era maior do que mera cobiça.

“Ele provavelmente imaginou ter tirado a sorte grande, quando Beryl apareceu

morta”, Marino disse. “Sabe, ela não estaria por perto, para reclamar quando ele

censurasse o livro, tirando qualquer coisa que apontasse para suas atividades

ilegais. Depois poderia vender o material e ganhar uma fortuna. Quem não se

interessaria, depois de toda a publicidade gerada? Não se sabe até onde ele poderia

ir. Provavelmente as fotos dos cadáveres dos Harper seriam publicadas em algum

tabloide sensacionalista...”

“Sparacino nunca pôs as mãos nas fotos tiradas por Jeb Price...”, lembrei. “Graças

a Deus.”

“Claro. Tudo bem. Interessa que, depois de todo o escândalo, até eu sairia

correndo para comprar o livro, apesar de não fazer isso há mais de vinte anos.”

“Uma pena”, murmurei. “Ler é maravilhoso. Deveria experimentar algum dia.”

Ele ergueu os olhos, quando Rose entrou novamente, dessa vez carregando uma

caixa comprida, com um laço vermelho enorme em cima. Perplexa, ela procurou um

local desimpedido para colocar a caixa, desistiu e a deixou em meu colo.

“Mas que diabos...”, murmurei, sentindo um vazio na mente.

Empurrei a cadeira, olhei para o presente inesperado em meu colo, e comecei a

desatar a fita de cetim, enquanto Rose e Marino olhavam, curiosos. Dentro da caixa

havia duas dúzias de rosas vermelhas, que brilhavam como rubis incrustados em

papel verde. Debrucei-me, fechei os olhos e apreciei a fragrância. Depois, abri o

envelope que as acompanhava.

“Quando a coisa fica preta, o negócio é esquiar. Em Aspen, depois do Natal. Dê

um jeito, e vá comigo para lá”, dizia o cartão. “Mark, eu te amo.”



patricia cornwell nasceu em Miami, em 1956, e é uma das escritoras de maior

sucesso nos Estados Unidos. Foi a primeira americana a ganhar o prestigioso

prêmio Galaxy British Book Awards na categoria Romance Policial do Ano

(2008). Sua personagem Kay Scarpetta foi premiada em 1999 com o Sherlock

Award de melhor detetive criado por um autor americano, e é protagonista da

série que inclui Contágio criminoso, Foco inicial e Desumano e degradante.

Post mortem, seu romance de estreia, ganhou o Grande Prêmio Francês de

Literatura Policial. É fundadora do Instituto de Ciência e Medicina Forense de

Virgínia.

Copyright © 1991 by Patricia Cornwell

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Body of Evidence

CAPA Milena Galli

FOTO DE CAPA Mari Juliano

PREPARAÇÃO Ricardo Jensen de Oliveira

REVISÃO Juliane Kaori e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-585-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Table of Contents

Rosto

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

Sobre o autor

Créditos

Document Outline

- [Rosto](#)
- [Prólogo](#)
- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [Sobre o autor](#)
- [Créditos](#)